

INRC *Lidas Campeiras*



Equipe

Prof^a. Flávia Rieth (Coordenadora)

Prof^a. Marília Floôr Kosby

Daniel Vaz Lima

Liza Bilhalva Martins da Silva

Marta Bonow Rodrigues

Pablo Rodrigues Dobke

Prof^a. Claudia Turra Magni (Consultora em Antropologia da Imagem)

Prof^a. Erika Collisson (Consultora em Geografia)

Prof. Fernando Camargo (Consultor em História)

INRC *Lidas Campeiras*

O Inventário Nacional de Referências Culturais - *Lidas Campeiras* na Região de Bagé foi realizado por equipe de antropólogos, historiadores e geógrafos da Universidade Federal de Pelotas, por intermédio do curso de Bacharelado em Antropologia, conforme solicitação e recursos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no âmbito do PAC das Cidades Históricas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS – LIDAS
CAMPEIRAS NA REGIÃO DE BAGÉ

Relatório Final



Ministério da
Cultura



Pelotas, maio de 2013

Equipe:

Profª. Flávia Rieth (Coordenadora), Profª. Marília Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Rodrigues Dobke, Daniel Vaz Lima.

Consultores:

Profª. Claudia Turra Magni (consultora em Imagem), Profª. Erika Collisson (Consultora em Geografia), Prof. Fernando Camargo (Consultor em História).

Colaboradores:

Vanessa Duarte, Camile Vergara, Cristiano Lemes da Silva, Fabíola Mattos Pereira, Thais Pedrotti, Tiago Lemões, Profª Karen Mello (FURG).

Catálogo na Publicação:
Maria Fernanda Monte Borges
CRB -10/1011

R563i Rieth, Flávia
Inventário Nacional de Referências Culturais - lidas campeiras na
região de Bagé/RS / Flávia Rieth , Marília Floôr Kosby ; Organizadores
Liza Bilhalva Martins da Silva...[et al.]. – Pelotas : Complexo Criativo
Flor de Tuna, 2013.
v.1

ISBN: 978-85-66739-02-2

1. Antropologia 2. Patrimônio cultural 3. Lidas campeiras I. Kosby,
Marília Floôr, II. Silva, Liza Bilhalva Martins da (org.) III. Título

CDD 306

SUMÁRIO

VOLUME I

Apresentação.....	01 a 03
F10. Ficha Sítio – Região de Bagé / Pampa Sul- Rio-Grandense	01 a 29
F11. Fichas Localidades	
F11. 1. Bagé (Sede, Palmas, Estrada Bagé-Aceguá, Estrada do Quebracho)	01 a 12
F11. 2. Pelotas (Fragata, Estrada da Barbuda, IFSUL / CAVG).....	01 a 15
F11. 3. Aceguá (Sede, Corredor Brasil-Uruguai, Espantoso, Vila da Lata, Minuano).....	01 a 12
F11. 4. Hulha Negra (Mei'Água)	01 a 09
F11. 5. Arroio Grande (Sede, Bretanhas, Palmas, Capão das Pombas)	01 a 11
F11. 6. Piratini (Sede)	01 a 10
F11. 7. Herval (Boa Vista)	01 a 10
Anexo	
A Pampa sul-rio-grandense e a pecuária (Fernando Camargo)	01 a 02
F1. A1. Bibliografia	01 a 24
F 60. Ficha Identificação Ofícios e Modos de fazer	
F60.1. Pastoreio.....	01 a 39
F60.2. Lida Caseira.....	01 a 22
F60.3 Esquila.....	01 a 19
F60.4. Doma.....	01 a 35
F60.5. Ofício do Guasqueiro.....	01 a 19
F60.6. Aramador.....	01 a 20
F60.7.Tropeada.....	01 a 25
20. 2. Ficha Celebrações: Marcação.....	01 a 18

Apresentação

A presente iniciativa de pesquisa atende a uma demanda da Prefeitura Municipal de Bagé/RS, financiada e acompanhando a metodologia do INRC- Inventário Nacional de Referências Culturais / IPHAN, acolhida pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), por intermédio do curso de Bacharelado em Antropologia, visando a documentação, a produção de conhecimento e o reconhecimento das lidas na pecuária, enquanto referência na estruturação da *cultura campeira*. A primeira fase do inventário visa realizar levantamento de dados bibliográficos e etnográficos sobre as relações sociais entre homens, animais e utensílios envolvidos na produção pecuária na região do pampa sul-rio-grandense, e sua consecutiva documentação e indicação como patrimônio imaterial brasileiro.

A denominação *pampa*, aqui, não será configurada somente conforme delimitações geográficas e biológicas, mas será referida a partir dos agenciamentos de relações que se estabelecem entre paisagens, mulheres, homens, animais, ofícios e utensílios, na configuração de um modo de vida “campeiro” (sua construção, abandono, transformações e perpetuação).

Os “viventes” que significam e experienciam esse modo de vida “campeiro” são pessoas que vivenciam ou já vivenciaram os trabalhos realizados na empresa da pecuária extensiva com o intuito de criar, manter e reproduzir rebanhos de gado ovino, equino e bovino, no extremo meridional da América do Sul – realidade que mescla as fronteiras político-geográficas entre o estado do Rio Grande do Sul e os países vizinhos, Argentina e Uruguai (Leal, 1989; 1992a; 1992b; 1997; Kosby & Rieth et al, 2011). Ondina Leal discute a constituição acadêmica e sócio-antropológica do “Sul” como um território de significados de uma realidade social específica, de um sistema de valores e de uma determinada área social. Para Leal (1997), “os limites desta área cultural etnografada e etnografável, frequentemente nominada o Sul, numa estratégica imprecisão retórica, não coincidem com os limites políticos do estado Rio Grande do Sul ou mesmo os da nação Brasil.” O Pampa se estende pelos territórios do Uruguai e

da Argentina, fronteira que se expande - compondo *culturas de fronteira* (Hartmann, 2011) - e se inventa, na relação entre humanos – animais-objetos e ofícios. (Latour)

Dentre as inúmeras atividades que podem ser abarcadas pelo que se conhece por “lida campeira”, estão os ofícios de *esquila* (que fazem a tosa dos ovinos), *doma*, tropeirismo, lida caseira (manutenção doméstica e cotidiana da propriedade rural), *pastoreio* (lida com rebanhos), *feitura de aramados*, *ofício do guasqueiro* (fazedor de artefatos e utensílios em couro) que vivem ou viveram praticando trabalhos relacionados à pecuária. Esses ofícios, citados assim, como especialidades de determinados trabalhadores, são, no entanto, abarcados pelo saber de um único (e múltiplo) agente, o “campeiro”, aquele que conhece e sabe fazer um pouco de cada uma das lidas.

Acontece que tais ofícios e seus sabedores compartilham territórios de existência (Goldman, 2006) de um modo de vida que traz como motor de sua descrição/invenção a própria ruína – encarada aqui não como um ponto final, mas como o conjunto de transformações que o mundo da pecuária sofre desde seus primeiros sinais de instauração na porção mais meridional do Brasil e seus lindeiros.

Ao pensar as culturas como patrimônio, a partir do que sugere Gonçalves (2004), atenta-se para a ideia de comunicação entre o passado e o presente, o cosmo e a sociedade, o indivíduo e o grupo social, e entre a história, a memória e a experiência, considerando, portanto, as dimensões da ressonância, da materialidade e da subjetividade postas na relação entre humanos, objetos e animais nas práticas campeiras. (Latour, 1994)

A ressonância nos remete aos significados dos fatos para além da atividade consciente e deliberada de indivíduos ou grupos, tratando do reconhecimento da particularidade de tal identificação. A ênfase na materialidade dialoga com o conceito antropológico de cultura, no intuito de indissociar os aspectos materiais e imateriais do patrimônio cultural de modo a perceber a agência dos objetos na lida, bem como as potencialidades simbólicas de sua plasticidade. De outra parte, tais fatos não se constituem somente como emblemas exteriores ao indivíduo, trazendo a dimensão do patrimônio como constitutiva dos sujeitos, nos permitindo pensar as lidas campeiras como semantizadoras da cultura em que homens, animais e objetos estão em relação.

Desta forma, a proposta de inventariar a pecuária como referência cultural do pampa, privilegia a relação cultura/natureza, mais especificamente a relação dos humanos com os animais, para pensar a configuração desta paisagem que também compreende a experiência e é formada pela interação entre agentes (Wagner, 2010).

O Relatório Final do INRC das lidas campeira na região de Bagé compõem-se de três volumes, subdivididos da seguinte forma:

Volume I - apresentamos as fichas do Sítio e Localidades – Bagé, Aceguá, Hulha Negra, Arroio Grande, Herval, Pelotas, Piratini –; a ficha do Levantamento Bibliográfico com 166 títulos e 78 matérias de jornais; as fichas dos sete Ofícios indicados; a ficha das Celebrações onde registramos a marcação, sociabilidade associada à lida com os rebanhos;

Volume II – apresentamos a fichas dos 69 Contatos, interlocutores deste Inventário, e as fichas dos Questionários;

Volume III – apresentamos as fichas do anexo audiovisual e a apresentação de 300 fotos repertoriando as lidas campeiras no contexto das relações entre homens, mulheres, animais, objetos, ofícios e paisagens do pampa sul-rio-grandense.

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO SÍTIO		CÓDIGO DA FICHA				
		RS	Região de Bagé/RS e seu entorno	BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS PIRATINI/RS	2012	F10
UF	sítio	Loc.	ANO	FICHA	NO.	

1. LOCALIZAÇÃO

DENOMINAÇÃO DO SÍTIO		REGIÃO DE BAGÉ
OUTRAS DENOMINAÇÕES		Pampa Sul-Rio-Grandense Antigos Caminhos das Tropas
ESTADO		Rio Grande do Sul
MUNICÍPIOS		Bagé, Aceguá, Hulha Negra, Arroio Grande, Herval, Pelotas, Piratini.
DISTRITOS OU SUBDISTRITOS		Bagé – Sede, Estrada do Quebracho, Vila da Lata, Palmas Aceguá - Sede, Corredor Brasil-Uruguai, Minuano do Aceguá, Vila da Lata, Espantoso Hulha Negra – Mei'Água Arroio Grande – Sede, Bretanhas, Palma, Capão das Pombas Herval – Boa Vista Pelotas – Bairro Fragata, Estrada da Barbuda, IFSUL - CAVG/Arco-Íris Piratini – Sede e Quinto Distrito
LOCALIDADES INVENTARIADAS	NO SÍTIO	Bagé, Aceguá, Hulha Negra
	NO ENTORNO	Arroio Grande, Herval, Pelotas, Piratini

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	--	-------------	------------	----------



Imagem 1: Campos de Aceguá – Localidade Minuano. Acervo INRC – Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS.



Imagem 2: Serra de Palmas. Acervo INRC – Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS.

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	--	-------------	------------	----------



Imagem 3: Marcos de fronteira Brasil-Uruguai. Acervo INRC – Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS.



Imagem 4: Farol da Ponta Alegre. Entrada da Lagoa Mirim, Município de Arroio Grande. Foto de Adriano Machado, www.popa.com.br

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	RS	Região de Bagé/RS e seu entorno	BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS	2012	F10	1



Imagem 5: Farol Cristóvão Pereira. Costa leste da Lagoa dos Patos, entre Porto Alegre e Rio Grande. Foto de Geraldo Knipping, em www.popa.com.br

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS.

SÍNTESE

A lida campeira é um conjunto de ofícios e modos de fazer que constitui o trabalho na pecuária extensiva no bioma pampa, área onde está situada a região de Bagé, município do estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Entende-se por pecuária extensiva a criação, para fins lucrativos, de rebanhos de gado bovino, equino, ovino e, em menor escala, caprino, em propriedades rurais de pequena, média e grande extensão.

O inventário das Lidas Campeiras na Região de Bagé, a partir de pesquisa etnográfica e bibliográfica, selecionou como referências culturais sobre esse tema os seguintes ofícios: o pastoreio (ofício do peão campeiro), a feitura de aramados (ofício do aramador ou alambrador), a doma (ofício do domador), a esquila dos ovinos (ofício do esquilador), a feitura de artefatos em couro cru (ofício do guasqueiro), a tropeada (ofício do tropeiro) e as lidas caseiras (com vacas leiteiras, carneadas, atividades na cozinha e demais serviços feitos perto da casa da propriedade).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	RS	Região de Bagé/RS e seu entorno	BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS	2012	F10	1
-------------------------------	----	---------------------------------	---	------	-----	---

4. DESCRIÇÃO DO SÍTIO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA .

4.1. LOCALIZAÇÃO

O sítio da pesquisa se delimita como Região de Bagé, considerando os processos de emancipação dos municípios de Aceguá, em 2000, Candiota e Hulha Negra, em 1992, que alteraram as fronteiras políticas da cidade. Bagé faz divisa com os municípios de Dom Pedrito, Hulha Negra, Caçapava do Sul, Pinheiro Machado, Candiota e Lavras do Sul.

A região encontra-se localizada no Pampa Sul-Rio-Grandense que se caracteriza pela diversidade de paisagem e flora, estendendo-se por 63% do território do Estado do Rio Grande do Sul – o que corresponde a 2% do território brasileiro - dividido em cinco unidades de relevo do Rio Grande do Sul definidas por Suertegaray e Fujimoto (2004), quais sejam: Planalto Sulriograndense, Planícies e terras baixas costeiras, Depressão Periférica, Cuesta de Haedo e Planalto Arenito Basáltico. Bagé contempla a paisagem de campos naturais, região core do Pampa, com predomínio de vegetação rasteiras e gramíneas.

O entorno do sítio é composto pelas cidades de Herval, Piratini, Arroio Grande e Pelotas, localizadas no Pampa, com economia voltada para a pecuária extensiva, onde o homem é o grande semantizador da cultura (LEAL, 1997). O Pampa se estende pelos territórios do Uruguai e da Argentina, fronteira que se expande, compondo culturas de fronteira (HARTMANN, 2011).

Pode-se dizer que a integração da região se deu a partir das tropeadas, ligando a região em um mesmo ciclo no vai e vem das gadeiras que em um primeiro momento cruzavam das Missões até Montevidéu, passando por Bagé, Hulha Negra, Aceguá; hoje esse caminho pode ser percebido no trajeto da RS 153, onde notadamente muitos postos de paragem destas tropas ainda permanecem erigidos, os currais de pedra que serviram de estacionamento ainda são perceptíveis, sejam em sua forma inteiramente preservada ou na ruína deste símbolo do tropeirismo missioneiro.

Outra rota que merece atenção por ter este vínculo com a integração regional é a hoje nomeada BR 293, antigo Caminho das Tropas, ou, Estrada Real. Nela o gado que vinha de Bagé em direção às charqueadas de Pelotas passava por cidades como Pinheiro Machado (antiga Cacimbinhas), Hulha Negra, Candiota, Pedras Altas, Piratini, Cerrito até chegar à tablada de Pelotas onde este gado seria vendido e remanejado até seu destino final.

Outra característica desse caminho era a conexão com outras regiões, que mais ao sul faziam e ainda fazem, parte da rede de criação bovina, tais como: Arroio Grande, Pedro Osório, Herval e Jaguarão.

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	---	-------------	------------	----------

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Conforme publicação da EMBRAPA (2009), o Bioma Pampa compreende área de clima temperado – marcado por passagens de frentes polares e temperaturas negativas no inverno -, apresenta uma diversidade grande de paisagens e flora que se estende da Patagônia Argentina, ao sul, até as encostas do Planalto Sul Brasileiro, no Rio Grande do Sul, correspondendo a uma área de 700.000 km² compartilhada entre Argentina, Uruguai e Brasil (IBGE, 2004). No Brasil, o Bioma Pampa ocupa área de 178.243 km², restrita ao Rio Grande do Sul, equivalendo a cerca de 63% do território deste estado e 2% do território brasileiro.

O Bioma Pampa é encontrado nas cinco unidades de relevo do Rio Grande do Sul definidas por Suertegaray e Fujimoto (2004), quais sejam: Planalto Sulriograndense, Planícies e terras baixas costeiras, Depressão Periférica, Cuesta de Haedo e Planalto Arenito Basáltico.

A unidade Planícies e terras baixas costeiras corresponde a uma extensa planície arenosa litorânea, composta por inúmeras lagoas, banhados e campos de restingas onde localiza-se a sede do município de Pelotas, as margens de Laguna dos Patos e Arroio Grande próxima à Lagoa Mirim. Nas terras baixas, tem-se campos com capões e banhados.

A unidade Planalto Sulriograndense abrange as encostas leste das serras do Herval e dos Tapes (localização zona rural do município de Pelotas), que se constituem em área de transição entre as terras baixas costeiras, e o planalto propriamente dito. As encostas apresentam relevo com ondulações acentuadas, alternando paisagens de cobertura de florestas estacional semidecidual, caracterizadas pela perda das folhas nos meses de outono e inverno, e campos nativos. No planalto propriamente dito a paisagem é de morros e serras de rochas cristalinas (granitos, gnaisses, migmatitos) e de formações rochosas de arenito cobertas de campos em solos rasos com ocorrência de capões de mata e muitos afloramentos rochosos, como no Distrito das Palmas, ao norte do município de Bagé, no limite com o município de Caçapava do Sul.

Já a porção da Depressão Periférica que se estende para sul até Bagé e Aceguá é a área considerada a mais característica do Bioma Pampa com coxilhas, pequenas elevações, cobertas por vegetação campestre. É a região do bioma com menor cobertura de florestas. Apresenta campos, banhados e campos de várzea nas proximidades dos rios, onde se encontram algumas espécies arbóreas em matas ciliares e capões, como os espinilho, corticeiras e palmares de butiá. Apresenta predominância de gramíneas que conformam a paisagem dos campos sulinos. É considerada a área core do Bioma Pampa no Brasil.

O Ministério do Meio Ambiente define o Bioma Pampa da seguinte forma:

As paisagens naturais do Pampa são variadas, de serras a planícies, de morros rupestres a coxilhas. O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. As paisagens naturais do Pampa se caracterizam pelo predomínio dos campos nativos, mas há também a presença de matas ciliares, matas de encosta, matas de pau-ferro, formações arbustivas, butiazais, banhados, afloramentos rochosos, etc. Por ser um conjunto de ecossistemas muito antigos, o Pampa apresenta flora e fauna próprias e grande biodiversidade, ainda não completamente descrita pela ciência. Estimativas indicam valores em torno de 3000 espécies de plantas, com notável diversidade de gramíneas, são mais de 450 espécies (capim-forquilha, grama-tapete, flechilhas, barbas-de-bode, cabelos-de-porco, dentre outras). Nas áreas de campo natural, também se destacam as espécies de compostas e de leguminosas (150 espécies) como a babosa-do-campo, o amendoim-nativo e o trevo-nativo. Nas áreas de afloramentos rochosos podem ser encontradas muitas espécies de cactáceas. Entre as várias espécies vegetais típicas do Pampa vale destacar o Algarrobo (*Prosopis algorobilla*) e o Nhandavaí (*Acacia farnesiana*) arbusto cujos remanescentes podem ser encontrados apenas no Parque Estadual do Espinilho, no município de Barra do Quaraí. A fauna é expressiva, com quase 500 espécies de aves, dentre elas a ema (*Rhea americana*), o perdigão (*Rynchotus rufescens*), a perdiz (*Nothura maculosa*), o quero-quero (*Vanellus chilensis*), o caminheiro-de-espora (*Anthus correndera*), o joão-de-barro (*Furnarius rufus*), o sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*) e o pica-pau do campo (*Colaptes campestris*).

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	--	-------------	------------	----------

Também ocorrem mais de 100 espécies de mamíferos terrestres, incluindo o veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o graxaim (*Pseudalopex gymnocercus*), o zorrilho (*Conepatus chinga*), o furão (*Galictis cuja*), o tatu-mulita (*Dasylops hybridus*), o preá (*Cavia aperea*) e várias espécies de tuco-tucos (*Ctenomys sp.*). O Pampa abriga um ecossistema muito rico, com muitas espécies endêmicas tais como: Tuco-tuco (*Ctenomys flamarioni*), o beija-flor-de-barba-azul (*Helimaster furcifer*); o sapinho-de-barriga-vermelha (*Melanophryniscus atroluteus*) e algumas ameaçadas de extinção tais como: o veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), o caboclinho-de-barriga-verde (*Sporophila hypoxantha*) e o picapauzinho-chorão (*Picoides mixtus*) (Brasil, 2003).

Trata-se de um patrimônio natural, genético e cultural de importância nacional e global. Também é no Pampa que fica a maior parte do aquífero Guarani.

Desde a colonização ibérica, a pecuária extensiva sobre os campos nativos tem sido a principal atividade econômica da região; além de proporcionar resultados econômicos importantes, tem permitido a conservação dos campos.

Entretanto, a progressiva introdução e expansão das monoculturas e das pastagens com espécies exóticas têm levado a uma rápida degradação e descaracterização das paisagens naturais do Pampa. Estimativas de perda de hábitat dão conta de que em 2002 restavam 41,32% e em 2008 restavam apenas 36,03% da vegetação nativa do bioma Pampa (CSR/IBAMA, 2010).

A perda de biodiversidade compromete o potencial de desenvolvimento sustentável da região, seja perda de espécies de valor forrageiro, alimentar, ornamental e medicinal, seja pelo comprometimento dos serviços ambientais proporcionados pela vegetação campestre, como o controle da erosão do solo e o sequestro de carbono que atenua as mudanças climáticas, por exemplo.

Em relação às áreas naturais protegidas no Brasil o Pampa é o bioma que menor tem representatividade no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), representando apenas 0,4% da área continental brasileira protegida por unidades de conservação. A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), da qual o Brasil é signatário, em suas metas para 2020, prevê a proteção de pelo menos 17% de áreas terrestres representativas da heterogeneidade de cada bioma.

As “Áreas Prioritárias para Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira”, atualizadas em 2007, resultaram na identificação de 105 áreas do bioma Pampa, destas, 41 (um total de 34.292 km2) foram consideradas de importância biológica extremamente alta.

Estes números contrastam com apenas 3,3% de proteção em unidades de conservação (2,4% de uso sustentável e 0,9% de proteção integral), com grande lacuna de representação das principais fisionomias de vegetação nativa e de espécies ameaçadas de extinção da fauna e da flora. A criação de unidades de conservação, a recuperação de áreas degradadas e a criação de mosaicos e corredores ecológicos foram identificadas como as ações prioritárias para a conservação, juntamente com a fiscalização e educação ambiental.

O fomento às atividades econômicas de uso sustentável é outro elemento essencial para assegurar a conservação do Pampa. A diversificação da produção rural a valorização da pecuária com manejo do campo nativo, juntamente com o planejamento regional, o zoneamento ecológico-econômico e o respeito aos limites ecossistêmicos são o caminho para assegurar a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento econômico e social.

Cerca de 25% da superfície terrestre abrange regiões cuja fisionomia se caracteriza pela cobertura vegetal como predomínio dos campos – no entanto, estes ecossistemas estão entre os menos protegidos em todo o planeta.

Na América do Sul, os campos e pampas se estendem por uma área de aproximadamente 750 mil km2, compartilhada por Brasil, Uruguai e Argentina.

O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. Em sua paisagem predominam os campos, entremeados por capões de mata, matas ciliares e banhados.

A estrutura da vegetação dos campos – se comparada à das florestas e das savanas – é mais simples e menos exuberante, mas não menos relevante do ponto de vista da biodiversidade e dos serviços ambientais. Ao contrário: os campos têm uma importante contribuição no sequestro de carbono e no controle da erosão, além de serem fonte de variabilidade genética para diversas espécies que estão na base de nossa cadeia alimentar. (<http://www.mma.gov.br/biomas/pampa>).

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	---	-------------	------------	----------

4.3. MARCOS EDIFICADOS

PROPRIEDADE RURAL DE CRIAÇÃO DE REBANHOS

A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado bovino, ovino e equino. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas: os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007). Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e também por agricultura, em meados do século XIX passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escrava ou assalariada e com uma arquitetura contando com sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (RAHMEIER, 2007; LUCCAS, 1997). Em geral, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não será a base econômica principal. Dessa forma, propriedades menores anteriormente também chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem “indígena” que significa plantação (SAINT-HILAIRE, 1987) ou por designações locais, utilizadas até a atualidade, como “campo” e “sítio”. A estância atual corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde se mantém os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou invernadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém, devido ao seu tamanho podem não ser consideradas como estâncias.

RANCHO

Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé e a taquara (tipo de bambu) eram cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e janelas (sem vidros) as paredes eram preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresentava uma espessura aproximada de 50 cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustentava as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim (LESSA, 1986; VAZ MATTOS, 2003). O chão é de terra batida e podem haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundos e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986). Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados, até fins do século XVIII e início do XIX, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas, portanto predominavam as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana (ISABELLE, 1983; LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 1978). Na Vila da Lata, comunidade quilombola, observou-se a existência de ranchos como moradia. A utilização das casas de torrão como galpão ou cozinha é também uma forma de celebração da tradição. Nestes termos, em Aceguá, a programação dos festejos do Dia 20 de Setembro, da Semana Farroupilha, envolve a construção de ranchos pelos peões. E, conforme Vaz Mattos (2003), na localidade de Olhos D’Água em Bagé, até 1940 havia a predominância dos ranchos.

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	--	-------------	------------	----------

MANGUEIRA DE PEDRAS

As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Não há comprovação da origem histórica dessas edificações, porém sabe-se que eram utilizadas pelos tropeiros (homens que levam o gado de um local a outro) para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (vigiar os animais). Acredita-se que as mangueiras não eram usadas para prender o gado com fins de manuseio como curar, medicar, contar e marcar. Esses serviços eram, em geral, feitos nos rodeios, atividade que consiste em juntar os animais no campo, somente com o auxílio do cavalo, sem o uso de cercas ou similares. O formato circular da mangueira propõe-se a evitar arestas ou cantos que poderiam levar o animal a se “embretar”, ficando sem saída e atirando-se contra as paredes (JACQUES, 2008). A entrada da mangueira é chamada de porteira. Nela eram colocadas duas “tronqueiras”, que são objetos verticais de pedra ou madeira postos um em frente ao outro com perfurações em que eram encaixadas e dispostas varas (madeiras retas) atravessando a porteira evitando a fuga dos animais. Essas construções são bastante encontradas nas rotas ou Caminhos das Tropas que iam em direção às antigas charqueadas e, posteriormente, aos matadouros e frigoríficos.

CHARQUEADA

“Ali, onde os bois eram martirizados e os homens eram os magarefes, as pessoas passavam ao longe, buscando evitar o próprio ar, empestado pelo cheiro de sangue e resíduos putrefatos dos animais abatidos.” (A Poética da Charqueada - Mário Mattos, In: LEITE, 2011).

As charqueadas, ou saladeiros, caracterizavam-se por serem propriedades onde ocorria o abate do gado bovino e a industrialização de produtos de origem animal, primordialmente do charque (carne salgada). O conhecimento da salga não era uma novidade para conservação das carnes na região meridional do Brasil nos séculos XVII e XVIII, porém apenas na década de 1780 ocorre o início da produção do charque em larga escala e, ao longo do século XIX, as técnicas são aperfeiçoadas para o aproveitamento máximo dos derivados bovinos (MAESTRI, 1984). O processo de salgar e secar a carne aumentava o rendimento por animal abatido, diminuindo o desperdício das sobras decorrente do consumo *in natura*, já que, à época, não havia possibilidades de conservação de carnes frescas por longos períodos. Além da fabricação do charque, outros subprodutos bovinos como couro, sebos, graxas, ossos e chifres também eram extraídos, processados e destinados ao consumo local ou à exportação (GUTIERREZ, 2012; ROSA, 2012).

Pelotas, com sua paisagem entrecortada por águas, propicia o surgimento das charqueadas em fins do século XVIII, e é ao longo do XIX que o núcleo saladeril torna-se o alicerce da economia local e o responsável pela consolidação do regime de produção escravista no Rio Grande do Sul. Cerne dessa indústria, o Sítio Charqueador Pelotense abrange propriedades instaladas nas proximidades da união do Arroio Pelotas com o Canal São Gonçalo as quais se constituem em faixas de terras compridas e estreitas subdivididas em poteiros, hortas, pomares, olarias e o terreno ribeirinho. A casa (sede da propriedade), os varais para secagem e os galpões de manufatura da carne salgada, dos sebos e dos couros ficavam junto aos canais e arroios, extremamente necessários para despejar os dejetos e para escoar a produção, além de serem as vias usadas para importar escravos, sal e outras mercadorias. O trânsito principal das embarcações ocorria entre o canal São Gonçalo, a Laguna dos Patos e o porto de Rio Grande. Instalada em uma região com importantes acessos fluviais, Pelotas tomava para si a primazia da indústria saladeril rio-grandense (GUTIERREZ, 2001, 2010; MAESTRI, 1984; OGNIBENI, 2005; PESSI, 2008; ROSA, 2011, 2012).

Os rebanhos que abasteciam as charqueadas eram oriundos de estâncias gaúchas e Uruguaias ou eram criados no próprio núcleo saladeril, uma vez que muitos estabelecimentos possuíam extensões de campo para esse fim e o gado era levado aos abatedouros por peões de tropa, trabalhadores campeiros comumente descritos como “índios” (AL-ALAM, 2008; PALERMO, 2009; ROSA, 2012). Dessa forma o mercado alavancado pela indústria saladeril envolvia trabalhadores livres e escravos que desempenhavam as mais diversas atividades; peões campeiros, tropeiros, charqueadores para as mais variadas tarefas dentro da fábrica, entre outros, envolviam-se direta ou indiretamente com as charqueadas. Havia, também, toda uma gama de atividades domésticas destinadas às mulheres, sendo a grande

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	--	-------------	------------	----------

maioria realizada por escravas que atuavam como mucamas, amas-de-leite, costureiras, parteiras, cozinheiras, nos serviços de limpeza e de agricultura das propriedades (DALLA VECHIA, 1994; GUTIERREZ, 2009, 2010).

Sabe-se, pois, que desde o seu surgimento os saladeiros sofreram uma série de inovações com o objetivo de obter um maior rendimento das carcaças. Levando-se em conta as transformações funcionais e tecnológicas ocorridas, as charqueadas podem ser classificadas em: charqueadas antigas, em transição e modernas (MARQUES, 1990). Ainda que o charque constituísse uma forma de melhor rendimento da carne bovina, as primeiras indústrias, datadas da última vintena do século XVIII, operavam de forma artesanal e com grande desperdício de sobras. Nesse período inicial – charqueadas antigas – os animais eram provavelmente abatidos a céu aberto, carneados no chão de terra ou sobre couros e a carne era extraída e salgada a seco e então levada para os varais. Esses primeiros estabelecimentos não contavam com trabalhadores especializados, os mesmos operadores abatiam, carneavam, salgavam a carne e preparavam o couro, além de desempenharem outras atividades, todas sendo realizadas em um ambiente extremamente simples. Apenas com o passar do tempo e da intensificação da produção do charque e subprodutos bovinos tanto para o mercado interno quanto para exportação tem-se a divisão e especialização das tarefas. O cenário da indústria saladeril transformou-se lentamente durante o século XIX; enquanto algumas fábricas tornaram-se tecnologicamente mais sofisticadas, outras mantiveram um funcionamento mais rudimentar (MAESTRI, 1984; MARQUES, 1990; ROSA, 2012).

Toda a fabricação do charque insidia em um trabalho especialmente insalubre, pois a lida envolvia o abate de animais muitas vezes violentos, o uso de instrumentos de corte, como facas e machados, a manipulação de água, sebos e graxas ferventes e o manuseio do sal nas carnes. O serviço completo nas charqueadas industriais era realizado por mão-de-obra escrava especializada e, para tanto, a maioria do plantel escravo, cerca de 80% do total, era constituído de homens, considerados mais resistentes às rudes tarefas de charquear (GUTIERREZ, 2010; ROSA, 2012). Apesar dessa preferência, há relatos sobre as escravas mulheres cumprindo trabalhos dentro da fábrica, como, por exemplo, o minucioso processo de ferver as gorduras bovinas derivadas da medula e dos miolos dos animais (DEBRET, 1835 *apud* MAGALHÃES, 2000).

No auge de sua produção, que abrangia os meses mais quentes e secos do ano, em torno de 2.000 escravos trabalhavam com aproximadamente 1.200 animais ao dia. A manufatura do charque bovino abrangia os meses de novembro a maio, pois era necessário que as mantas de carne salgadas fossem plenamente secas nos varais. Durante o período de entressafra, os trabalhadores escravizados eram remanejados para serviços nas olarias ou para produção agrícola, para construção civil e para trabalhos no meio urbano. A importância do escravo africano para manutenção das elites charqueadoras estava justamente na forma de regime político-econômico da época, pois somente serviços escravizados sem a opção da escolha submetiam-se a atividades saladeris de tamanha brutalidade; mesmo as

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	--	-------------	------------	----------

peças mais pobres deixavam de aceitar os serviços impostos por essa indústria, em meio a um ambiente desagradável e totalmente desfavorável para a saúde (CARDOSO, 1977; GUTIERREZ, 2010; MAESTRI, 1984; ROSA, 2011, 2012).

A partir de 1850, os saladeiros pelotenses suplantaram os sistemas de produção artesanal e na década de 1860, observa-se o auge da indústria charqueadora acompanhada do crescimento e da modernização do núcleo urbano (ROSA, 2012). Nos últimos trinta anos oitocentistas, lentamente inicia-se uma crise nesse setor atribuída à falta de mão-de-obra resultante de vários fatores envolvendo o fim da escravidão. Bagé, anteriormente centro fornecedor de rebanhos para as fábricas de Pelotas, em fins do século XIX e início do XX torna-se o núcleo charqueador rio-grandense. É um período de relevância econômica das regiões limítrofes entre Brasil, Uruguai e Argentina em que há investimentos destes dois últimos em ferrovias prolongadas até a fronteira brasileira e, principalmente, há incentivos à livre navegação dos rios, resultados do envolvimento político e comercial dos três países, uma consequência paulatina do fim das guerras por independência. Essa abertura entre as nações impulsionou Bagé a intensificar a produção de gado e a estabelecer charqueadas na região. Boa parte dos rebanhos era criado no próprio local, evitando o desgaste sofrido nas tropeadas; contudo, comercializava-se gado com os países vizinhos, legalmente ou através de contrabando. A produção escoava principalmente através das estradas de ferro, via porto de Rio Grande. O município de Bagé firmase, então, como o polo saladeril gaúcho da época, atuando com mão-de-obra assalariada, trabalho em série, utilização de máquinas mais modernas no processo de fabricação do charque e buscando um aproveitamento ainda maior dos subprodutos derivados do bovino (CESAR, 1978; LEITE, 2011; SOARES, 2006). A forma de operação desse sistema está muito mais próxima a dos abatedouros e frigoríficos atuais. O fim das charqueadas ocorre na década de 1950, quando passam a ser adaptadas para que a carne salgada seja substituída pela carne frigorificada (LEITE, 2011). Ainda que a indústria saladeril, em especial a da Pelotas oitocentista, não expresse o mesmo poderio exaltado pela história do açúcar no nordeste brasileiro ou do café no sudeste, o charque foi base mantenedora dos trabalhadores servis em plantações e engenhos do Brasil durante praticamente todo o século XIX (BUENO, 2011), sendo um dos principais alimentos dos escravos no Brasil e em países que adotavam esse regime de trabalho: escravos produzindo para escravos, pela manutenção da economia elitista brasileira.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

5.1. RESUMO

A MISSÃO DA CRIAÇÃO: A SÍNTESE DE UMA REGIÃO ATRAVÉS DA TRADIÇÃO CAMPEIRA

Por Pablo Dobke

A região do pampa sul-rio-grandense, não é de hoje que se faz conhecida como um grande criatório de bovinos, estes, desde os primeiros marcos históricos que sabemos estão anexados não só ao trabalho rural da região, assim como no modo de vida de seus habitantes, primeiramente os índios, que caçavam o gado chimarrão extraindo principalmente o couro e a carne, em seguida, com a criação das estâncias, este gado acabou por ser confinado, a ter um dono; desde então o rebanho parou de ser alçado para ser criado e cuidado, para que com o tempo fosse vendido.

Neste sentido, a metade do século XIX foi de extrema relevância para tais ações, pois os cercamentos tornaram-se mais efetivos ao longo da campanha, fazendo com que o trabalho rude da estância tomasse uma forma mais racional no que toca a lida com o gado, pois este, já não era mais o bravio chimarrão de outros tempos, vinha se acostumando aos espaços de confinamento em internadas, a bretes e a currais; até mesmo o homem acabou por se transformar, o antes índio caçador se transformou no peão, o homem campeiro, nosso conhecido gaúcho.

Como principal companheiro e indispensável para a mão de obra na estância, o cavalo foi introduzido nessas terras

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	--	-------------	------------	----------

juntamente com o gado vacum e em simbiose com o indígena que aqui vivia, formou um exímio cavaleiro, característica que até hoje denota o homem campeiro.

Desde então a associação entre homem, animal e localidade passou a formar uma rede de acontecimentos que tem como características o trabalho, a criação e a movimentação dos animais. Neste sentido é que procuramos orientar este texto, salientando a importância das características citadas anteriormente para assim sintetizar a região a qual nos detemos.

Partindo da cidade de Bagé é que vamos pontuar os aspectos que permeiam o pampa e seu modo de vida, fazendo um pequeno panorama desde a criação do gado bovino, ovino e equino até o seu transporte pelos caminhos das tropas que levavam as charqueadas e posteriormente até os frigoríficos, em suma, o trabalho campeiro praticado desde Bagé, estendendo as cidades vizinhas, assim como ao país vizinho, Uruguai.

Não há dúvida acerca do notável destaque de Bagé e região no que compreende o criatório animal, estes inseridos pelos espanhóis e posteriormente pelos jesuítas no século XVII, para servir de alimento nas missões. A região da campanha sul-riograndense destacou-se já a partir deste período pelo fluxo mercantil que o terreno plano e sem obstáculos naturais proporcionara tanto para o transporte legal das tropas e mercadorias gerenciadas pela Companhia de Jesus, como para o rentável contrabando, característica até hoje notada na localidade de Aceguá.

Devido a este movimento comercial, principalmente no que tange a pecuária, ao longo do caminho que vinha das missões até a fronteira com o Uruguai, pode-se perceber até os dias de hoje os currais de pedra que permeiam as rodovias 293 e 153, estes marcos edificadas são símbolos do intenso movimento que por anos se fez através das tropeadas que tanto traziam o gado das missões como o transportavam até os abatedouros, principalmente na cidade de Pelotas; as charqueadas que floresceram ao longo do século XIX na dita cidade foram o principal destino da gaderia de corte que se criava na região de Bagé, assim Bagé se destacava como criatório, adaptando-se ao desenvolvimento genético, enquanto Pelotas destacava-se no abate e produção da carne salgada.

Com o passar do tempo (iniciando com a chegada dos primeiros rebanhos, passando pela caça do gado selvagem com os indígenas, confinamento do mesmo rebanho por parte dos jesuítas com mão de obra indígena e posteriormente mestiça, cercamentos das estâncias e criação da propriedade privada; era das charqueadas e por fim, os frigoríficos), a região de Bagé provou ter o aporte necessário para a prática da pecuária extensiva, não apenas pela vastidão de suas pradarias ou pela preocupação com a qualidade da carne destes rebanhos – visto que os criadores de Bagé foram pioneiros no Brasil naquilo que tange a propriedade de uma boa genética na qualidade da carne – mas sim, por praticar um ótimo trabalho que perdura de tempos ancestrais até os dias de hoje, mesmo que a prática em si se renove (como é o caso do sistema rotativo de criação de bovinos).

A região de Bagé mantém fortes laços arraigados a sua tradição campeira, seja nas estâncias tradicionais ou nos modernos haras que se dedicam a criação do cavalo crioulo; o homem ainda mantém o contato diário com o animal na mesma terra que viu toda essa cultura nascer, por isso, não é de se estranhar que ao passar pelos caminhos que adentram a esta região se encontre homem, animal e terra, em simbiose completa, seja no trabalho, montado em seu cavalo apartando o gado, ajudando uma vaca a dar cria, ou, no simples gesto de admirar o horizonte que parece não ter fim no pampa.

A PECUÁRIA NA FORMAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Por Odilon Leston Júnior

A formação do estado do Rio Grande do Sul assenta-se na relação conflituosa entre os impérios português e espanhol na disputa por território e domínio político e econômico (ZANOTELLI et al, 2003). Tal ocupação territorial teve início através dos padres jesuítas que, vindos do Paraguai, instalaram-se na margem leste do Rio Uruguai com o objetivo primordial de catequizar grupos indígenas que habitavam os territórios sulinos. Inicialmente logrando em seus intentos, os jesuítas fundaram, a partir de 1626, aldeias e povoados chamados missões ou reduções. O conjunto de povoados de maior importância histórica foram os Sete Povos das Missões. Ademais, foram os jesuítas que introduziram a criação de animais no Rio Grande do Sul: ovinos, eqüinos e principalmente bovinos. Junto com a pecuária e valendo-se do trabalho indígena, desenvolveram também a agricultura e a extração da erva-mate.

Ainda no século XVII, as missões começaram a ser invadidas por bandeirantes – homens vindos de São Paulo, que atacavam as aldeias com a finalidade de aprisionar os índios para vendê-los como escravos. Em função destes

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	--	-------------	------------	----------

sucedidos ataques, as missões entraram em decadência. Em 1750, pelo Tratado de Madri, Portugal e Espanha determinaram que a população dos Sete Povos deveria deixar a área, que ficaria para os portugueses. Embora tal tratado tenha sido anulado em 1761, e os índios missionários tenham obtido o direito de permanecer na região, as sucessivas guerras causaram a destruição dos Sete Povos. Os rebanhos espalharam-se pelo campo aberto reproduzindo-se livremente, tornando-se um gado selvagem (MOREIRA, 1999).

Este gado cresceu livre durante décadas. Inicialmente milhares de cabeças de gado vacum eram sacrificados apenas para a retirada e venda do couro.

Em 1634, mil e quinhentas cabeças de gado foram introduzidas e distribuídas entre os povos da margem esquerda do rio Uruguai. Quando essas comunidades missionárias recuaram para a outra margem do rio, em razão dos ataques dos paulistas escravizadores, os animais foram transferidos para a margem meridional do rio Jacuí, onde se desenvolveram, formando as vacarias do mar. Nos anos 1700, quando a vacaria do mar começou a esgotar-se, devido à extração de gado, vaqueiros dos sete povos, introduziram milhares de animais nos campos de cima da serra, formando a vacaria dos pinhais (MAESTRI, 2006)

Em 1737, para garantir os interesses dos portugueses instalados na região, foi construído o forte Jesus-Maria-José, junto ao canal que liga laguna dos Patos ao oceano Atlântico. Ao lado do forte formou-se uma povoação que deu origem a atual cidade de Rio Grande. O domínio português se expandiu pelas áreas vizinhas, que no seu conjunto eram chamadas de Continente de Rio Grande de São Pedro, primeira denominação do atual estado do Rio Grande do Sul. Neste mesmo período, desenvolveu-se a mineração em Minas Gerais, o que atraiu milhares de pessoas para a região e formou um mercado de consumo para os produtos da pecuária sul-rio-grandense: couro, carne, leite e animais para transporte. Em consequência, a atividade de caça foi sendo substituída pela criação de gado, pois os animais passaram a ser reunidos em locais destinados a tal finalidade: as estâncias (Idem, 1999).

Assim, estimulada pelo mercado do Sudeste do país, principalmente de Minas Gerais, desenvolveu-se a pecuária no Rio Grande do Sul. Portugueses, paulistas e catarinenses ganhavam do governo grandes extensões de campo, onde instalavam suas fazendas de criação de gado. Com o tempo, as áreas campestres, principalmente as da Campanha, ficaram povoadas de fazendeiros.

A partir de 1780 notamos uma modificação na utilização do gado vacum. Inicialmente, na província de São Pedro, as charqueadas na região de Pelotas, e a carne começa a ganhar considerável valor comercial. Porém, durante anos o couro continuou com grande valor monetário. As vacarias geralmente vindas da região da campanha traziam o gado para ser vendido na região de Pelotas.

Um ano após a chegada da família real Portuguesa ao Brasil, ocorre a primeira divisão administrativa da província de São Pedro. Em 1809 a região fica dividida em quatro localidades: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio e Porto Alegre. A seguir, mapa onde podemos visualizar a divisão territorial da então capitania (item 7).

Em meados do Século XIX, para delimitar as propriedades, iniciou-se o uso do arame farpado e alambreado. Desta forma o dono da estância conseguia controlar seus peões e impedir o uso de sua propriedade por gaúchos nômades, geralmente tropeiros sem a posse da terra, que habitavam na região. Estes gaúchos sem nacionalidade definida transitavam facilmente entre os atuais territórios brasileiro, uruguaio e argentino, e tinham como principal atividade retirar o couro do gado vacum e vendê-lo no mercado informal, na região de domínio português e para a metrópole hispânica. O modelo de transação econômica praticado por estes gaúchos era possível porque havia gado selvagem em abundância nessa região, ao mesmo tempo, era considerado ilegal porque os animais soltos pelos campos eram de propriedade real – tanto da coroa portuguesa quanto espanhola.

As estâncias pertencentes a proprietários portugueses iniciaram a domesticação do gado da região. Entretanto, não existia tratamento para a saúde dos animais. A partir do século XX notamos uma drástica diferença no tratamento da saúde do gado, com evidente melhora. A qualidade da carne e a genética destes animais tornam-se referência no país e a carne bovina produzida nas pradarias pampeanas é exportada para inúmeros países.

A região de Bagé é conhecida pela criação de gado bovino de corte de significativa qualidade, com melhoramento genético dos animais. Começam na região exposições de gado, ovinos e eqüinos. O cavalo, principal instrumento de trabalho fundamental para a produção pecuária, era utilizado para arrebanhar o gado vacum. Já a criação de ovelhas, além de suprir a demanda doméstica de carne da propriedade, através da venda anual de lã, ajudava a cobrir as despesas de manutenção da propriedade – com o advento da lã sintética, a criação de gado ovino diminuiu

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	RS	Região de Bagé/RS e seu entorno	BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS	2012	F10	1
-------------------------------	----	---------------------------------	---	------	-----	---

expressivamente, passando a atender nichos específicos do mercado de carne e a demanda da produção artesanal de artefatos de lã.

A integração da região se deu a partir das tropeadas, ligando a região em um mesmo ciclo no vai e vem das gadarias que em um primeiro momento cruzavam das Missões até Montevidéu, passando por Bagé, Hulha Negra, Aceguá; hoje esse caminho pode ser percebido no trajeto da RS 153, onde notadamente muitos postos de paragem destas tropas ainda permanecem erigidos, os currais de pedra que serviram de estacionamento ainda são perceptíveis, sejam em sua forma inteiramente preservada ou na ruína deste símbolo do tropeirismo missioneiro.

Outra rota que merece atenção por ter este vínculo com a integração regional é a hoje nomeada BR 293, antigo Caminho das Tropas, ou, Estrada Real. Nela o gado que vinha de Bagé em direção às charqueadas de Pelotas passava por cidades como Pinheiro Machado (antiga Cacimbinhas), Hulha Negra, Candiota, Pedras Altas, Piratini, Cerrito até chegar a tablada de Pelotas onde este gado seria vendido e remanejado até seu destino final.

Outra característica desse caminho, era a conexão com outras regiões, que mais ao sul faziam e ainda fazem, parte da rede de criação bovina, tais como: Arroio Grande, Pedro Osório, Herval e Jaguarão.

A criação de gado de corte e a exposição destes animais geram milhões de divisas, estas duas atividades são majoritariamente vinculadas a grandes e médias propriedades rurais. No entanto, o ponto de partida para este estudo seja a região de Bagé, a paisagem cultural que se configura a partir da produção pecuária, sua origem, manutenção e perpetuação, extrapola tais limites geográficos e políticos, transitando suas fronteiras pelos territórios que abrange a chamada cultura pampeana. Assim sendo, tal área cultural perpassa tanto o sul do Rio Grande do Sul quanto países vizinhos, como Argentina e Uruguai.

Ondina Fachel Leal discute a constituição acadêmica e sócio-antropológica do “Sul” como um território de significados de uma realidade social específica, de um sistema de valores e de uma determinada área social. Para Leal (1997), “os limites dessas área cultural etnografada e etnografável, freqüentemente nominada o Sul, numa estratégica imprecisão retórica, não coincidem com os limites políticos do estado Rio Grande do Sul ou mesmo os da nação Brasil.”

5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
SÉC. XVII - 1626	Fundação dos <u>Sete Povos das Missões</u> .
Início séc. XVIII	Concessão de sesmaria ocupação do Rio Grande do Sul
Séc. XVIII - 1750	Tratado de Madri.
Séc. XVIII	Consumo dos produtos da pecuária em razão do ciclo minerador nas Gerais.
Séc. XIX - 1809	Primeira divisão administrativa da Província de São Pedro: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre.
Séc. XVIII e XIX	Instalação das estâncias e de charqueadas em Pelotas e Bagé.
Séc. XIX	Introdução do arame para cercamento das propriedades.
Séc. XX	Investimento no melhoramento genético dos rebanhos, incremento na importação e exportação da carne bovina.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	RS	Região de Bagé/RS e seu entorno	BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS	2012	F10	1
-------------------------------	----	---------------------------------	--	------	-----	---

6. PERFIL SOCIOECONÔMICO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

6.1. POPULAÇÃO

TABELA: População dos Municípios.

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO (hab.)				
	TOTAL	URBANA	%	RURAL	%
PELOTAS	328.275 hab.	306.193 hab.	93%	22.082 hab.	07%
BAGÉ	116.794 hab.	97.765 hab.	84%	19.029 hab.	16%
PIRATINÍ	19.841 hab.	11.570 hab.	58%	8.271 hab.	42%
ARROIO GRANDE	18.470 hab.	16.085 hab.	87%	2.385 hab.	13%
HERVAL	6.753 hab.	4.519 hab.	67%	2.234 hab.	33%
HULHA NEGRA	6.043 hab.	2.909 hab.	48%	3.134 hab.	52%
ACEGUÁ	4.394 hab.	1.059 hab.	23%	3.335 hab.	77%

Fonte: IBGE (Censo demográfico 2010).

A População total dos Municípios estudados, segundo o Censo Populacional do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2010 está, em sua maioria, concentrada nos centros urbanos totalizando uma média de 88% da população total desses Municípios. Seguindo em ordem decrescente, o município com maior população e com maior concentração urbana é Pelotas com 328.275 habitantes concentrando 93% da sua população na área urbana. O segundo município mais populoso é Bagé com 116.794 habitantes e concentra 84% da sua população na área urbana. Hulha Negra e Aceguá são os Municípios que ainda mantêm maior concentração da população no meio rural sendo que Hulha Negra tem 52% habitando a área rural. Aceguá é o Município menos populoso com 4.349 habitantes, no entanto é aonde se concentra o maior número de habitantes no meio rural equivalendo a 77% do total.

6.2. QUALIDADE DE VIDA

TABELA: Índice de Desenvolvimento HUMANO MUNICIPAL (IDH-M).

MUNICÍPIO	QUALIDADE DE VIDA (IDH-2000)
PELOTAS	0,816
BAGÉ	0,802
HULHA NEGRA	0,761
ARROIO GRANDE	0,758
PIRATINÍ	0,756
HERVAL	0,754
ACEGUÁ	-

Fonte: PNUD

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	RS	Região de Bagé/RS e seu entorno	BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS	2012	F10	1
-------------------------------	----	---------------------------------	---	------	-----	---

Em 2003 foi divulgado no Brasil o segundo Atlas de desenvolvimento Humano de todos os municípios brasileiros. O IDH Municipal (IDH-M) baseia-se nos microdados dos censos 1991 e 2000 do IBGE. O PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) classifica o desenvolvimento de uma determinada região da seguinte maneira: Região com baixo desenvolvimento é aquela que apresenta um IDH menor que 0,500; médio desenvolvimento a região que compreende o IDH entre 0,500 e 0,800; alto desenvolvimento a região com IDH acima de 0,800. Assim, os Municípios em questão apresentam, de acordo com o IDH, uma qualidade de vida entre média e alta, onde os municípios com IDH médio são Arroio Grande, Herval, Hulha Negra e Piratini. Dois Municípios apresentam IDH alto que são Pelotas (0,816) e Bagé (0,802). Pelotas tem o IDH maior que Rio Grande do Sul (0,814) e Brasil (0,766). Bagé tem o IDH maior que o do Brasil. A estrutura administrativa de Aceguá tem como marco inicial 01 de Janeiro de 2001, portanto este não faz parte da análise do IDH – M DE 2000 que tem como base dados do censo de 1991 e 2000 do IBGE.

6.3. TRABALHO E RENDA FAMILIAR

RENDA FAMILIAR

TABELA: ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO - RENDA

MUNICÍPIO	IDH-RENDA
PELOTAS	0,748
BAGÉ	0,722
ARROIO GRANDE	0,676
HULHA NEGRA	0,665
PIRATINI	0,650
HERVAL	0,638
ACEGUÁ	-

FONTE: PNUD

O índice de desenvolvimento Humano – Renda (IDH- Renda) é medida através do PIB per capita que é a soma dos bens produzidos num determinado lugar pela sua população. De acordo com o IDH 2000 o padrão de vida da população dos municípios estudados é considerado médio (entre 0,500 e 0,800) sendo que o município com melhor padrão de vida é Pelotas com IDH de 0,748 que esta acima da média do Brasil (0,766) e abaixo da média do Rio Grande do Sul (0,814). Bagé vem em segundo com 0,722. Em seguida Arroio Grande, Hulha Negra, Piratini e, por ultimo, está Herval. A estrutura administrativa de Aceguá tem como marco inicial 01 de Janeiro de 2001 portanto, este não faz parte da análise do IDH-renda.

TRABALHO

TABELA: População Ocupada em estabelecimentos Agropecuários

MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO	%
Aceguá	2.128 pessoas	48%
Hulha Negra	2.417 pessoas	40%
Herval	2.488 pessoas	37%
Piratini	7.028 pessoas	35%
Arroio Grande	3.372 pessoas	13%
Bagé	3.326 pessoas	03%
Pelotas	11.444 pessoas	03%

Fonte: IBGE (Censo Agropecuário de 2006 e Censo Demográfico de 2010)

O IBGE define estabelecimento agropecuário como a unidade de produção que se dedica, de maneira total ou parcial, a atividades agropecuárias, florestais e aquícolas, subordinada a um único dono (Produtor ou Administrador),

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	RS	Região de Bagé/RS e seu entorno	BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS	2012	F10	1
-------------------------------	----	---------------------------------	---	------	-----	---

independente do tamanho, forma jurídica e localização (área Rural ou Urbana) cujo objetivo é a produção para subsistência ou comércio. De acordo com o censo agropecuário 2006, 32 203 pessoas do total dos municípios estão ocupados em estabelecimentos agropecuários equivalendo a 6, 43%. Salienta-se que o Censo agropecuário divulgou os dados em 2007 e o censo demográfico divulgou em 2011. Assim pode existir incompatibilidade nos dados quando se analisa o percentual de pessoas ocupadas em relação ao total da população. No entanto, acredita-se que essa diferença não tenha sido expressiva. O que se pode apreender com esses dados é que nos municípios com maior população, que são Pelotas e Bagé, é inexpressivo (03% da população total) o numero de pessoas em estabelecimentos agropecuários. Nos demais municípios essa proporcionalidade aumenta sendo que em Aceguá onde existe maior concentração da população no meio rural, o pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários equivale a 48% da população total.

6.4. EDUCAÇÃO

TABELA: Índice de Desenvolvimento Humano – Educação.

MUNICÍPIO	IDH-EDUCAÇÃO
Pelotas	0,922
Bagé	0,898
Arroio Grande	0,856
Hulha Negra	0,856
Herval	0,843
Piratini	0,838
Aceguá	-

FONTE: PNUD

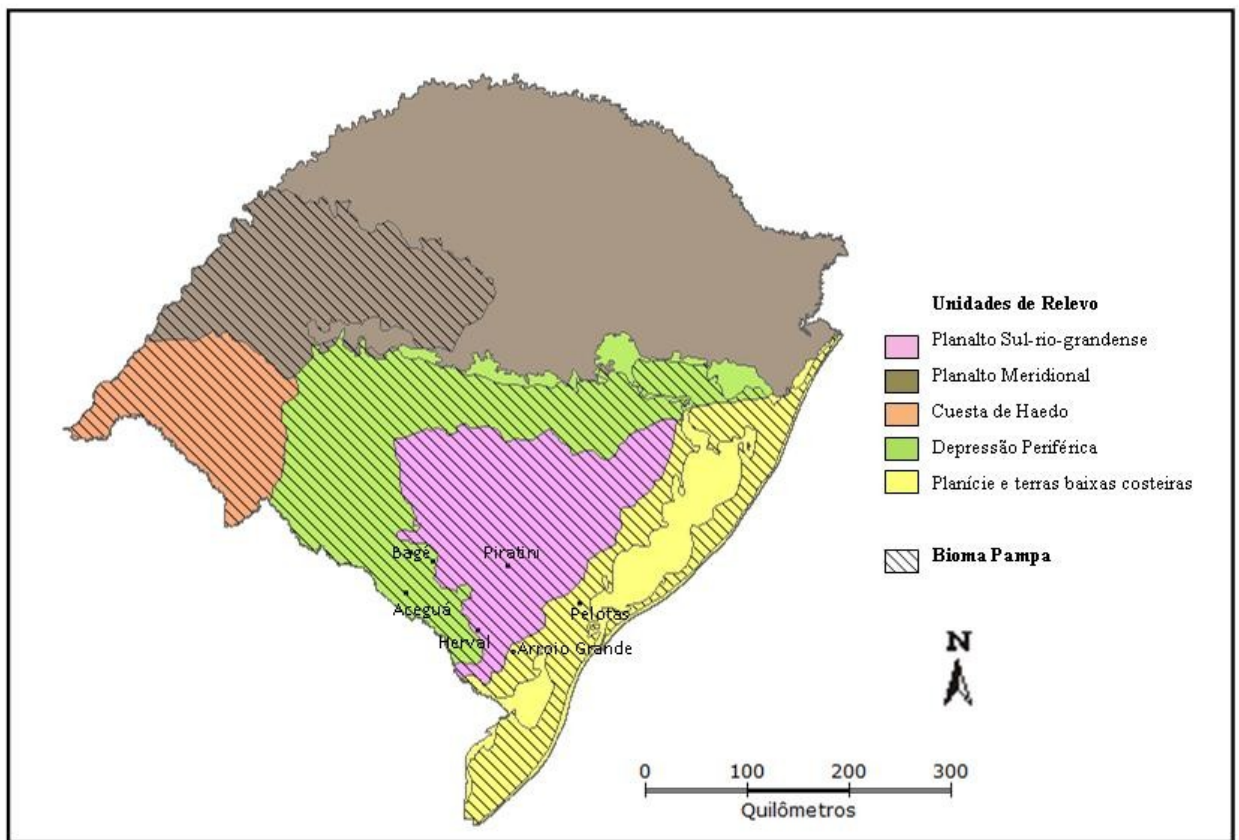
O IDH mede a qualidade do sistema educacional de uma região através do acesso ao conhecimento. Essa medida se dá através da média de anos de educação recebidos por adultos (pessoas a partir de 25 anos de idade) e a expectativa de anos de escolaridade que as crianças têm ao iniciar a vida escolar. De acordo com o IDH-Educação (IDH-E) do ano de 2000 os municípios em questão tem um índice de educação alto sendo o município de Pelotas o mais alto IDH-E com 0,922, seguido por Bagé com 0,898. Hulha Negra e Arroio Grande se igualam com o mesmo IDH-E sendo ambos com 0,856. Os quatro tem IDH-E maior que a média dos municípios brasileiros (0,849) e somente Pelotas tem um Índice maior que o do Rio Grande do Sul (0,904). Herval e Piratini têm os menores índices. Como já foi salientado anteriormente o município de Aceguá se emancipou de Bagé em 2001 e por isso não está na análise do IDH.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	RS	Região de Bagé/RS e seu entorno	BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS	2012	F10	1
-------------------------------	----	---------------------------------	---	------	-----	---

7. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	--	-------------	------------	----------

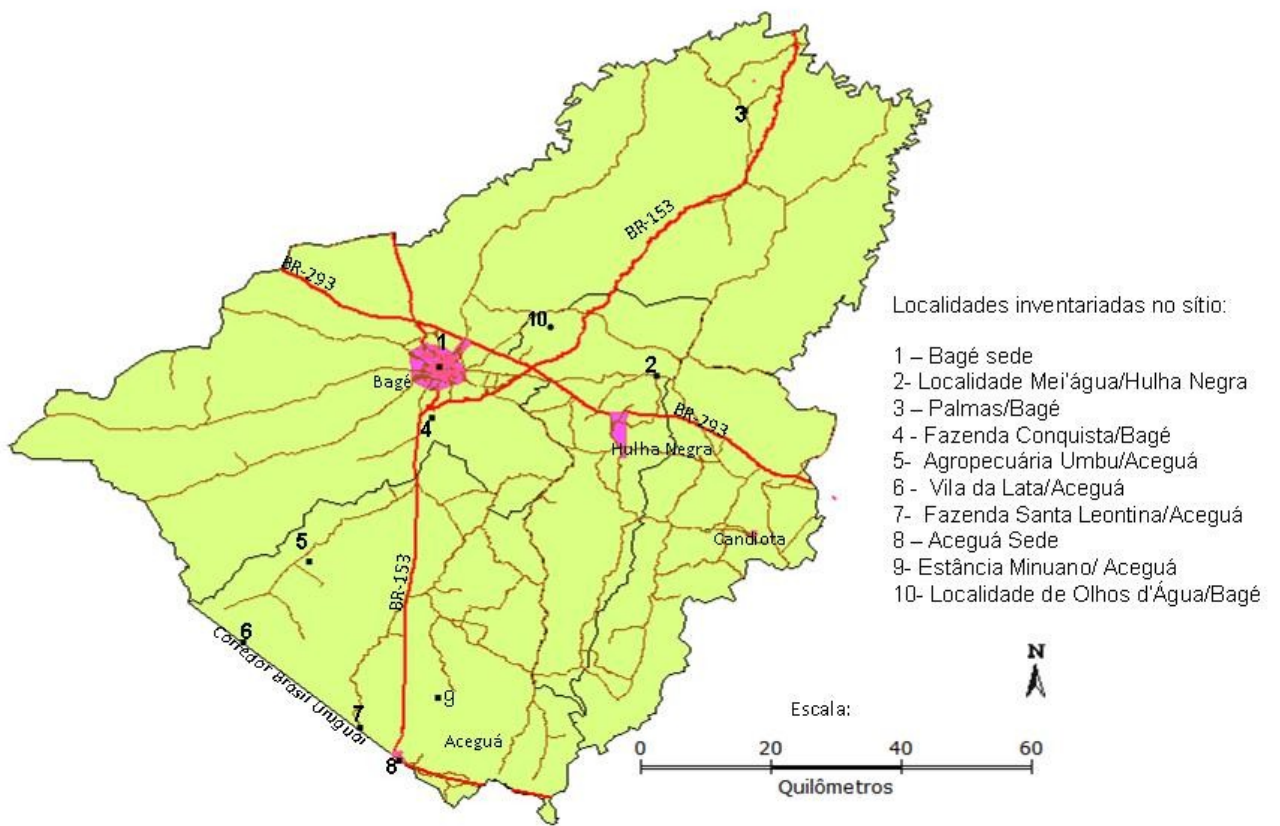
Bioma Pampa



Fonte: Prof^a. Dr^a. Erika Collischonn (Laboratório de Geografia Física Aplicada – ICH/UFPel).

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	--	-------------	------------	----------

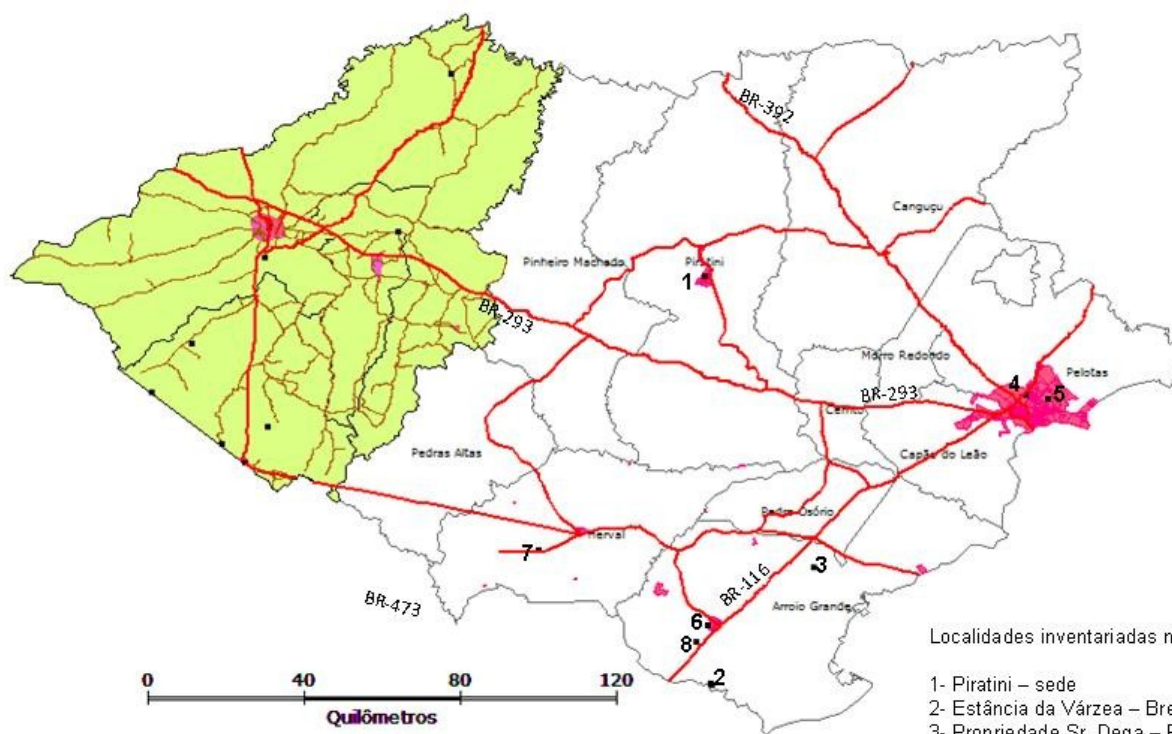
Sítio – Região de Bagé



Fonte: Prof^a. Dr^a. Erika Collischonn (Laboratório de Geografia Física Aplicada – ICH/UFPel).

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	--	-------------	------------	----------

Sítio e entorno

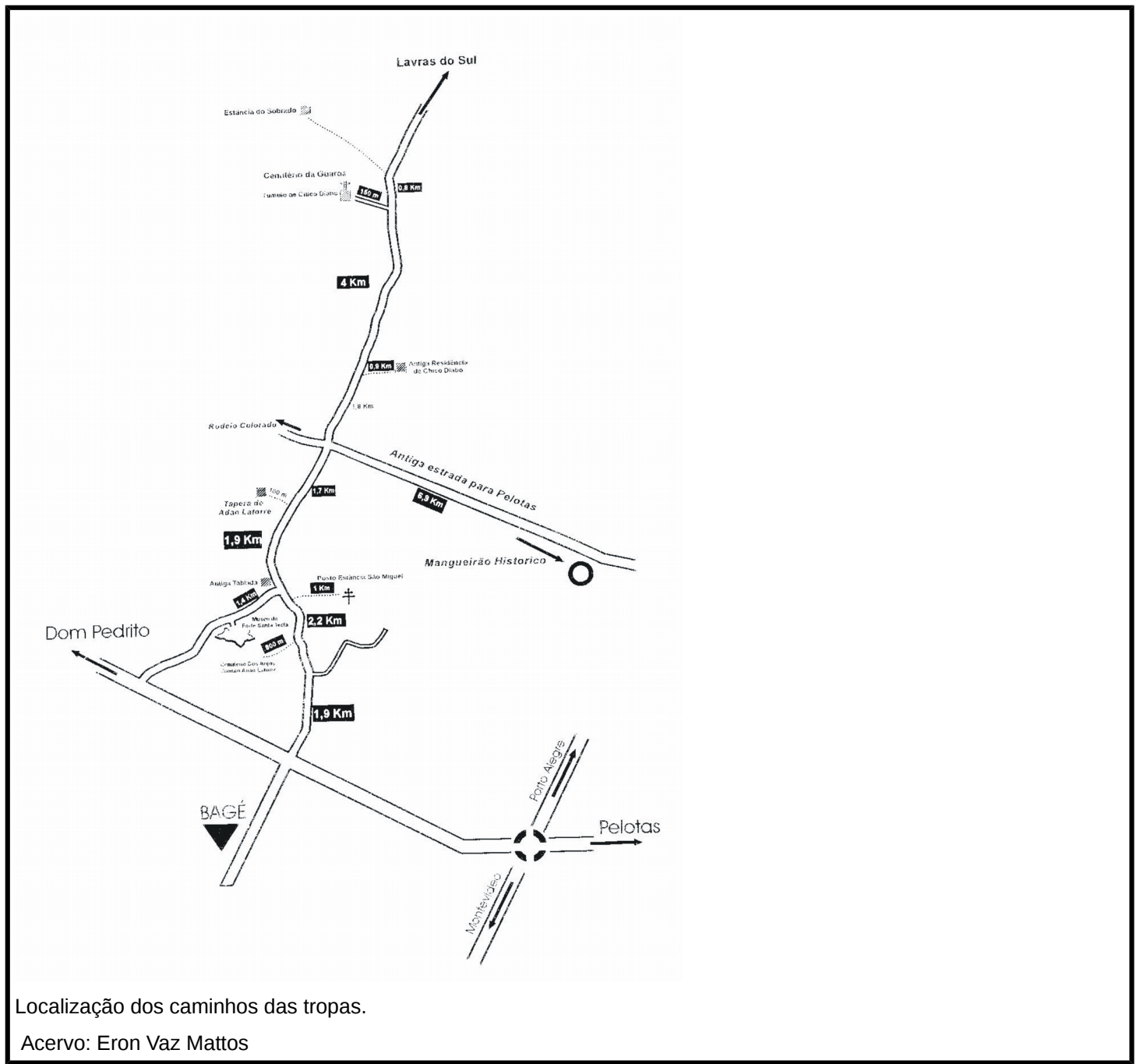


Localidades inventariadas no entorno :

- 1- Piratini – sede
- 2- Estância da Várzea – Bretanhas – Arroio Grande
- 3- Propriedade Sr. Dega – Palma – Arroio Grande
- 4- El Paisano – estrada da Barbuda – Bairro Três Vendas - Pelotas
- 5- CAVG – Sede de Pelotas
- 6- Arroio Grande – Sede
- 7- Boa Vista – Herval
- 8- Propriedade Dona Ivaniva – Local. Capão das Pombas – Arroio Grande

Fonte: Prof^a. Dr^a. Erika Collischonn (Laboratório de Geografia Física Aplicada – ICH/UFPel)

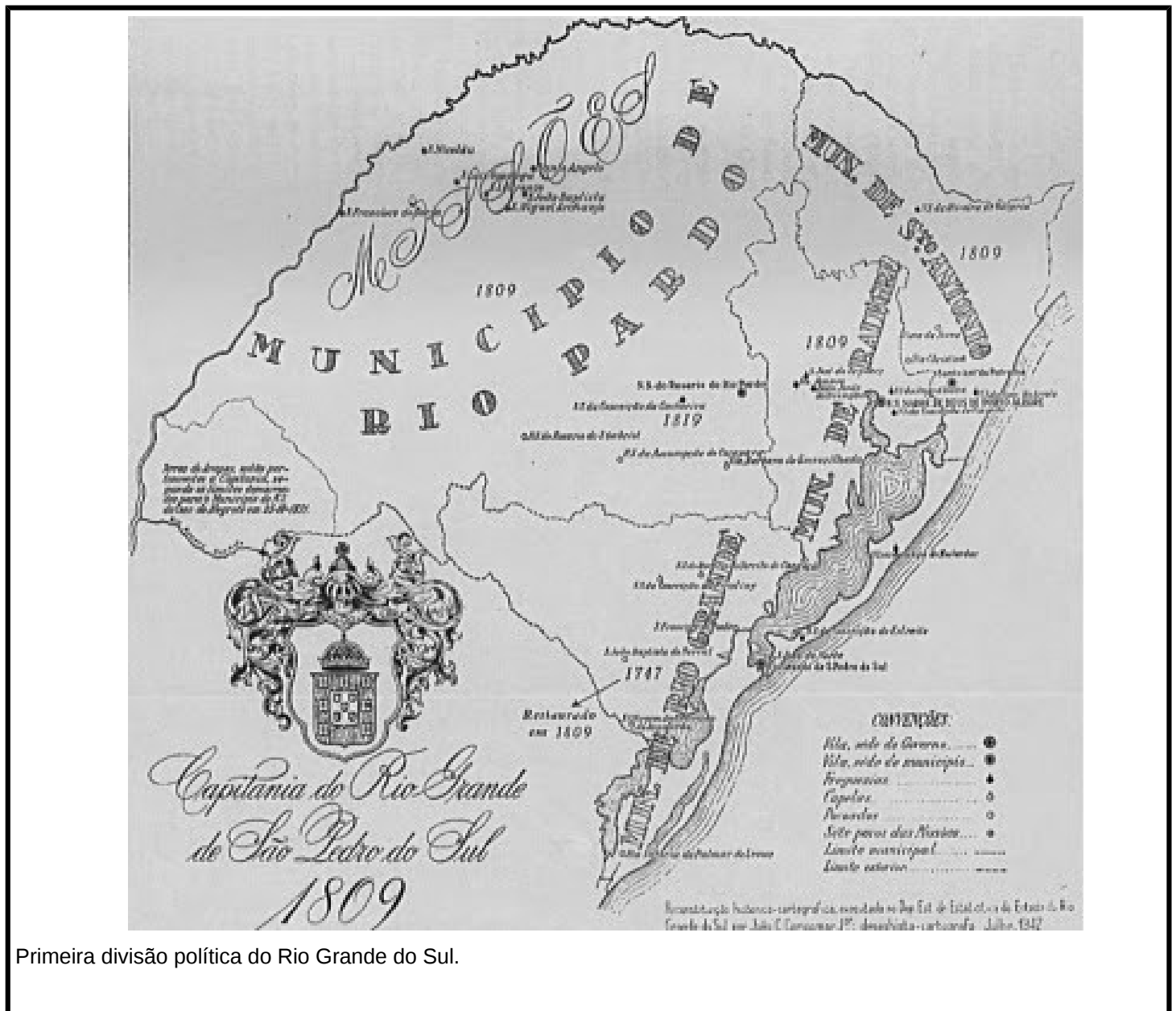
<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	--	-------------	------------	----------



Localização dos caminhos das tropas.

Acervo: Eron Vaz Mattos

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	---	-------------	------------	----------



Primeira divisão política do Rio Grande do Sul.

8. LEGISLAÇÃO

<p>INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO E PLANEJAMENTO AMBIENTAL E PATRIMONIAL</p> <p>Segundo Freire (2005), com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, constituiu-se a política de preservação e salvaguarda do patrimônio no Brasil por intermédio do tombamento (ato institucional aplicado, que protege os bens culturais materiais da descaracterização cultural). Em um primeiro momento, tal ação estatal teve como foco o salvamento emergencial dos bens relacionados ao período colonial, aos grandes personagens históricos e as obras de arte. Neste sentido, representativos desta noção de nacionalidade, encontramos no Rio Grande do Sul: o</p>
--

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	--	-------------	------------	----------

tombamento das Ruínas da Redução Jesuítico-Guarani de São Miguel Arcanjo (1938); Igreja Matriz de São Pedro, em Rio Grande (1938) e a Matriz da Nossa Senhora da Conceição em Viamão (1938); O Forte D. Pedro II, em Caçapava do Sul (1938); as casas dos líderes da Guerra dos Farrapos Bento Gonçalves (1940) e Garibaldi (1941) em Piratini, e David Canabarro, em Santana do Livramento (1953); a Rua da Ladeira em Rio Pardo (1955); O Obelisco Republicano em Pelotas (1955), O Teatro Sete de Abril (1972) e as três casas na Praça Coronel Pedro Osório (1977) todos em Pelotas.

Esta visão de Patrimônio Cultural Brasileiro se altera em 1960 com a inclusão dos sítios arqueológicos considerados bens patrimoniais, protegidos pela lei número 3924/61. Na década de 1970 ocorreu uma ampliação institucional da área de Patrimônio com a criação de políticas específicas de preservação do patrimônio em estados e municípios, a partir da Lei Federal de Tombamento. Freire (2005, p.12).

Tal expressividade de ações de tombamento em Piratini reflete a ampliação desta rede institucional de preservação do patrimônio legitimando a representação da cidade como Capital Farroupilha. Nestes termos, a ação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE) tombou os seguintes bens: Antiga Cadeia (18/11/1986), Antiga Casa de Fazenda (18/11/1986), Antiga Casa Fabião (21/11/1986), Antiga Farmácia Caridade (20/11/1986), Antiga Moradia de Egydio Rosa (21/11/1986), Antigo Teatro Municipal (Sete de Abril) (20/11/1986), Casa Comercial dos Fabião (21/11/1986), Casa de Camarinha (20/11/1986), Casa do Comendador Fabião (20/11/1986), Casa de Gomes de Freitas (21/11/1986), Casa de Vicente Lucas de Oliveira (21/11/1986), Prédio no Logradouro Pe. Reinaldo Wist (Geminado com o Teatro) (20/11/1986), Ponte do Império (01/08/1984), Prédio da Rua Bento Gonçalves (Casa de Darwin Lucas) (21/11/1986), Sobrado da Dorada (21/11/1986).

Da mesma maneira, em Arroio Grande, por iniciativa do município e acompanhando a ideia de patrimônio a partir dos feitos históricos do Rio Grande do Sul, considerando seus personagens e revoluções, propõe o registro de um obelisco e de uma tapera localizados no lugar onde nasceu o Barão de Mauá e de um marco de fronteira situado nas margens da estrada para Pelotas, homenageando uma batalha da Revolução Farroupilha. (Lei 586, de 14.1.1966)

A partir dos anos 80, a noção de patrimônio se altera no sentido de representar a diversidade cultural brasileira, bem como se vincula ao tombamento de bens edificados o patrimônio imaterial. Neste sentido, observa-se o tombamento dos conjuntos urbanos com maior densidade de população em uma região expressivamente rural que são as ações em Pelotas e Bagé, considerando o sítio da pesquisa. Citam-se, ainda, as ações com relação ao registro do patrimônio imaterial: INRC a produção dos doces Tradicionais Pelotenses, Porongos e Missões.

A diversidade dessas ações de patrimônio, em tais cidades, expressa uma ampliação das políticas de preservação das várias esferas do estado (municipal, estadual e federal) bem como as alterações na noção de patrimônio. Embora nos últimos anos, com a implementação das diretrizes da Lei 10.257/2001 (Estatuto da Cidade) os municípios tenham avançando, dentre outros aspectos, no estabelecimento de diretrizes voltadas às questões patrimoniais, incluindo a instituição de Áreas de Interesse Cultural e outros mecanismos de gestão do patrimônio, é importante destacar que ainda são praticamente inexistentes políticas de preservação voltadas ao patrimônio existente áreas rurais.

9. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

9.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

Respondido no item 9.2 (itens a serem aprofundados) – Relações entre pecuária e agricultura; envelhecimento; masculinização no campo; ausência de políticas públicas voltadas para o campo; diminuição da oferta de emprego e mão-de-obra; cultura de fronteira; investigações arqueológicas associadas aos antigos Caminhos das Tropas.

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	--	-------------	------------	----------

9.2. RECOMENDAÇÕES

Recomendações

Com relação à pesquisa do INRC- Lidas Campeiras

O Inventário das Lidas Campeiras buscou retratar o pampa sul-rio-grandense, na sua diversidade, nesse sentido o contexto da investigação acompanha as redes de produção e comercialização dos rebanhos de bovinos, ovinos e equinos em um território que abrange o sítio e o seu entorno, dos campos naturais ao litoral. Em que a paisagem da pecuária se associa à da agricultura, com áreas de colônias e assentamentos, tal perspectiva se insere nas transformações / invenções econômicas / culturais presentes nas narrativas sobre agricultura como uma prática predatória por ocupar e revolver a terra em área de pecuária por excelência. Esta associação entre pecuária e agricultura está aparece em narrações, no repertório alimentar e na diversidade da paisagem, entre outros aspectos que devem ser aprofundados. Discussão que diversifica a forma de retratar a paisagem consagrada do pampa como estância e tapera.

A discussão das fronteiras políticas e culturais entre países lindeiros – Brasil, Uruguai e Argentina - que compartilham de um mesmo modo de vida campeira, é dimensão que se impõem. Neste ponto, sobre as trocas na fronteira, considerando a fronteira do Aceguá, observa-se, especialmente, a existência dos Quileros, do contrabando, dimensão que também se evidenciou, a qual assume importância tendo em vista a associação entre gaúcho e contrabandista.

Deter-se e aprofundar o dado do envelhecimento da população que permanece no campo, situação ocasionada pela saída dos jovens para estudar na cidade. Tal deslocamento se caracteriza como familiar, pois dependendo da idade dos jovens/crianças, elas são acompanhadas pela mãe que também busca emprego na cidade. No início da entrevista com Sônia, Eliezer caracteriza a localidade da Meia'Água como sendo todos "da família"; atualmente restam somente três proprietários aparentados. As narrativas do esvaziamento do campo remetem à reflexão da sociabilidade no campo: da não ocorrência das carreiras, dos bolichos, dos bailes, das visitas aos vizinhos que agora moram na cidade.

Da mesma forma, o dado da masculinização do campo, com a diminuição de emprego na zona rural para as mulheres que vão buscar colocação no mercado de trabalho em área urbana também deve ser aprofundado. Neste ponto, Flávia Blanco comenta a falta de políticas públicas principalmente de educação e de saúde como fatores de expulsão dos jovens do campo, ocasionando o êxodo familiar em direção à cidade.

Nas festas de marcação (F20-2) isso se evidencia. Atualmente, o caráter utilitário de marcar, capar e assinalar os animais tem se sobressaído em relação à festa. Além do esvaziamento do campo, o envelhecimento da população e a escassez de mão-de-obra residente nas propriedades rurais, contribuem para que o serviço da marcação seja feito da forma mais prática e salubre possível. Há relatos de jerras em que o serviço é feito pelo proprietário e alguns empregados, a marca é aquecida em fogo a gás, ou a marca pode ser com produto químico, a frio, e a castração é feita com bordizo. Quando se realizam as festas de marcações, estes eventos têm um caráter mais simbólico do que prático, sendo uma celebração do rebanho e de seu dono.

Outro ponto abrange as narrativas sobre a dificuldade da manutenção de trabalhadores no campo, como consequência de fatores diversos (além dos já mencionados), quais sejam, os desconfortos provocados entre peões e proprietários devido aos acordos de trabalho promovidos pelas Leis Trabalhistas, a falta de incentivo ao ofício, a introdução de técnicas não-dominadas pelos peões, a baixa remuneração dos trabalhadores rurais, entre outros elementos, culminam na desvalorização do ofício do campeiro, nos âmbitos social, econômico e político.

As narrativas sobre as mangueiras de pedra, construções em ruínas em todo sítio etnografado em paisagem que abrangia os antigos Caminhos das Tropas, mostram a importância dessas edificações na memória das pessoas ligadas, de alguma forma, às lidas campeiras no pampa sul-rio-grandense. Os Caminhos das Tropas eram as vias por onde seguiam os comerciantes ou tropeiros de rebanhos e as carretas com mercadorias para venda nas cidades e nas propriedades rurais. Essas atividades são lembradas nas narrativas sobre o campo. Algumas propriedades mantêm essas mangueiras de pedra como segmento das atuais, feitas de madeira; porém não foi localizada nenhuma que estivesse íntegra ou totalmente conservada. Observa-se, assim, a necessidade de um aprofundamento multidisciplinar envolvendo as mangueiras de pedra e, conseqüentemente, os Caminhos das Tropas, tendo como ponto de partida

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e seu entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2012</p>	<p>F10</p>	<p>1</p>
--------------------------------------	-----------	--	--	-------------	------------	----------

estudos arqueológicos e antropológicos.

Quanto às ações de salvaguarda

Com relação às edificações relacionadas às lidas campeiras, observamos a representatividade do tombamento do Sítio Charqueador Pelotense, já inscrito no plano diretor da cidade como área de interesse cultural. As charqueadas eram estabelecimentos onde ocorria o abate do gado e a industrialização de seus derivados, sendo o charque o principal produto. Pelotas, com seus diversos cursos d'água, proporciona o surgimento das charqueadas a partir de 1780 e durante o século XIX o núcleo saladeril pelotense torna-se a base da economia local e o responsável pela firmação do regime de produção escravista no Rio Grande do Sul. As águas eram importantes para o escoamento dos dejetos provenientes dessa indústria e eram as vias utilizadas para exportar a produção e importar escravos, além de sal e outras mercadorias. Portanto, o cerne dessa indústria, o Sítio Charqueador Pelotense abrange propriedades instaladas nas proximidades da união do Arroio Pelotas com o Canal São Gonçalo. O mercado alavancado pelos saladeiros envolvia trabalhadores livres e, diretamente nas atividades dentro das charqueadas, homens e mulheres escravizados africanos e descendentes de africanos. A importância do escravo para manutenção das elites charqueadoras estava na forma de regime político-econômico da época, pois somente serviços escravizados, sem a opção de escolher seu trabalho, submetiam-se a atividades de tamanha brutalidade; nem as pessoas mais pobres aceitavam os serviços nessa indústria, pois era um ambiente totalmente prejudicial à saúde. Os escravos trabalhavam produzindo charque para alimentar escravos em plantações e engenhos no Brasil e em outros países que adotavam o mesmo regime. O que se tinha, então, eram escravos, trabalhando para manutenção de escravos, como forma de sustentar a economia elitista brasileira.

De forma geral, o processo de ocupação da região em tela, que implica numa distribuição de bens de forma territorialmente dispersa, sugere que estratégias de salvaguarda sejam elaboradas no âmbito de um escritório regional, que não apenas coordene os trabalhos de inventário, quanto estabeleça, à região de interesse, políticas de planejamento comuns para a gestão do patrimônio identificado.

Especificamente algumas ações podem ser consideradas prioritárias:

Indução ao estabelecimento de áreas especiais de interesse cultural, vinculadas ao território rural, no âmbito dos municípios, que contemplem a diversidade de expressões relacionadas à tradição campeira e rural da região;

Oferecimento de recursos para a formação técnica, relacionadas às intervenções de salvaguarda;

Investimento na formação e atualização de profissionais sensíveis à importância dos bens em questão;

Investimento em ações de educação patrimonial e de ressignificação das relações rural-urbanas no mundo contemporâneo.

De forma geral é necessário explicitar a importância das pequenas aglomerações, por serem elas justamente os maiores alvos das transformações que se dão sobre o território rural no mundo contemporâneo. Neste enquadramento devem ser listados tanto os pequenos aglomerados populacionais, quanto as representações materializadas em complexos relacionados à habitação ou produção. Esta materialidade pode ser expressa por uma diversidade de elementos, constituídos por sedes de estância ou de sítios charqueadores; casebres e ranchos; construções de apoio ao estabelecimento agropecuário, relacionadas tanto à produção e armazenamento de produtos quanto ao abrigo de animais, tais como galpões, estábulos, silos, celeiros, cocheiras, fornos e fornalhas, banheiros, mangueiras e terraços de pedra e similares. Em alguns casos, complexos religiosos e de lazer podem estar associados a esses contextos, ampliando ainda mais a listagem e incluindo edificações como capelas, igrejas, residência padre/pastor, cemitério e locais para ritos.

Para respaldar a possibilidade do reconhecimento do valor patrimonial das localidades rurais e seus elementos, é possível referenciar noções provenientes das cartas patrimoniais, dentre as quais cabe destacar os conceitos de sítio rural, expresso na Carta de Veneza (1964); de conjunto histórico, presente na Carta de Nairóbi (1976), bem como na Carta de Machu Picchu (1977) e de pequenas aglomerações, conforme expresso pela Declaração de Tlaxcala (1982). Ainda, é importante salientar que a Declaração de Tlaxcala, ao se reportar ao fato de que as pequenas aglomerações dão testemunho de nossas culturas, através de sua característica de reservas de modos de vida, oferece um ponto de

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	RS	Região de Bagé/RS e seu entorno	BAGÉ/RS,	2012	F10	1
			ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS			

ligação entre estas noções elencadas. Considerando que o modo de vida pode ser compreendido como um conjunto de elementos percebidos como constitutivos da vida cotidiana, que permeia as relações do homem com o ambiente e com o tempo, envolvendo práticas diárias relativas à obtenção dos meios de subsistência, relacionados à agricultura ou outras formas de trabalho, à espiritualidade (religiosidade) e sociabilidade (SILVA, 2009), pode-se incluir na abordagem, ainda, as preocupações relativas às relações entre espaços construídos e não-construídos, expressos na Carta de Florença (1981).

Tais referenciais, que embora enfáticos, não são únicos no repertório das Cartas Patrimoniais, além de oferecer subsídios a projetos e ações voltados aos aspectos de valorização das localidades rurais, expressam a necessidade de investimentos em relação às políticas direcionadas à salvaguarda dos bens existentes nesses lugares.

10. DOCUMENTOS ANEXADOS

Obs.: Para lista dos documentos localizados, consultar o *Anexo 1: Bibliografia*.

FORMULÁRIOS	
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE LOCALIDADES	F11-1 a 7
ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA	F1 – A1 de 1 a 238
ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS	F1-A2-1 (de 1 a 1.382), F1-A2-2 (de 1 a 9), F1-A2-4 (1) e F1-A2-5 (de 1 a 17)
ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	Lidas campeiras
ANEXO 4: CONTATOS	F1 – A4 de 1 a 69
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	F60 – 1 a 7

11. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Dobke, Daniel Vaz Lima. Consultores: Erika Collischonn – Geografia; Fernando Camargo – História; Karen Mello – Urbanismo.	
SUPERVISOR	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby e Marta Bonow Rodrigues.	
REDATOR	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby, Daniel Vaz Lima, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Dobke, Liza Bilhalva Martins da Silva, Odilon Leston Júnior e Vanessa Ercolani Duarte.	DATA 10/04/2013
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Flávia Rieth.	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE	CÓDIGO DA FICHA					
	RS	Região de Bagé/RS	Bagé, RS	2012	F11	1
	UF	sítio	Loc.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Região de Bagé
LOCALIDADE	Bagé (Sede, Palmas, Estrada do Quebracho, Banhado dos Carneiros/Estrada Bagé-Aceguá)
MUNICÍPIO / UF	Bagé/RS

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Bagé, RS	2012	F11	1
------------------------------------	----	-------------------------	-------------	------	-----	---



Imagem 1: Bairro Ivo Ferronato. Periferia de Bagé.



Imagem 2: Estrada Bagé/Aceguá. Próximo à localidade de Banhado dos Carneiros.



Imagem 3: Distrito de Palmas. Bagé.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Bagé, RS	2012	F11	1



Imagem 4: Estrada do Quebracho. Bagé.

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 3: *BENS CULTURAIS INVENTARIADOS*.

SÍNTESE
<p>A lida campeira é um conjunto de ofícios e modos de fazer que constitui o trabalho na pecuária extensiva no bioma pampa, área onde está situada a região de Bagé, município do estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Entende-se por pecuária extensiva a criação, para fins lucrativos, de rebanhos de gado bovino, equino, ovino e, em menor escala, caprino, em propriedades rurais de pequena, média e grande extensão.</p> <p>O inventário das Lidas Campeiras na Região de Bagé, a partir de pesquisa etnográfica e bibliográfica, selecionou como referências culturais sobre esse tema os seguintes ofícios: o pastoreio (ofício do peão campeiro), a feitura de aramados (ofício do aramador ou alambrador), a doma (ofício do domador), a esquila dos ovinos (ofício do esquilador), a feitura de artefatos em couro cru (ofício do guasqueiro), a tropeada (ofício do tropeiro) e as lidas caseiras (com vacas leiteiras, carneadas, atividades na cozinha e demais serviços feitos perto da casa da propriedade).</p>

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: *BIBLIOGRAFIA*.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO					
Município situado na campanha, área fisiográfica do Bioma PAMPA.					
MUNICÍPIO	POPULAÇÃO (hab.)				
	TOTAL	URBANA	%	RURAL	%
BAGÉ	116.794 hab.	97.765 hab.	84%	19.029 hab.	16%

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Bagé, RS	2012	F11	1

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Conforme publicação da EMBRAPA (2009), o Bioma Pampa compreende área de clima temperado – marcado por passagens de frentes polares e temperaturas negativas no inverno -, apresenta uma diversidade grande de paisagens e flora que se estende da Patagônia Argentina, ao sul, até as encostas do Planalto Sul Brasileiro, no Rio Grande do Sul, correspondendo a uma área de 700.000 km² compartilhada entre Argentina, Uruguai e Brasil (IBGE, 2004). No Brasil, o Bioma Pampa ocupa área de 178.243 km², restrita ao Rio Grande do Sul, equivalendo a cerca de 63% do território deste estado e 2% do território brasileiro.

O Bioma Pampa é encontrado nas cinco unidades de relevo do Rio Grande do Sul definidas por Suertegaray e Fujimoto (2004), quais sejam: Planalto Sulriograndense, Planícies e terras baixas costeiras, Depressão Periférica, Cuesta de Haedo e Planalto Arenito Basáltico.

A unidade Planícies e terras baixas costeiras corresponde a uma extensa planície arenosa litorânea, composta por inúmeras lagoas, banhados e campos de restingas onde localiza-se a sede do município de Pelotas, as margens de Laguna dos Patos e Arroio Grande próxima à Lagoa Mirim. Nas terras baixas, tem-se campos com capões e banhados.

A unidade Planalto Sulriograndense abrange as encostas leste das serras do Herval e dos Tapes (localização zona rural do município de Pelotas), que se constituem em área de transição entre as terras baixas costeiras, e o planalto propriamente dito. As encostas apresentam relevo com ondulações acentuadas, alternando paisagens de cobertura de florestas estacional semidecidual, caracterizadas pela perda das folhas nos meses de outono e inverno, e campos nativos. No planalto propriamente dito a paisagem é de morros e serras de rochas cristalinas (granitos, gnaisses, migmatitos) e de formações rochosas de arenito cobertas de campos em solos rasos com ocorrência de capões de mata e muitos afloramentos rochosos, como no Distrito das Palmas, ao norte do município de Bagé, no limite com o município de Caçapava do Sul.

Já a porção da Depressão Periférica que se estende para sul até Bagé e Aceguá é a área considerada a mais característica do Bioma Pampa com coxilhas, pequenas elevações, cobertas por vegetação campestre. É a região do bioma com menor cobertura de florestas. Apresenta campos, banhados e campos de várzea nas proximidades dos rios, onde se encontram algumas espécies arbóreas em matas ciliares e capões, como os espinilho, corticeiras e palmares de butiá. Apresenta predominância de gramíneas que conformam a paisagem dos campos sulinos. É considerada a área core do Bioma Pampa no Brasil.

O Ministério do Meio Ambiente define o Bioma Pampa da seguinte forma:

As paisagens naturais do Pampa são variadas, de serras a planícies, de morros rupestres a coxilhas. O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. As paisagens naturais do Pampa se caracterizam pelo predomínio dos campos nativos, mas há também a presença de matas ciliares, matas de encosta, matas de pau-ferro, formações arbustivas, butiazais, banhados, afloramentos rochosos, etc. Por ser um conjunto de ecossistemas muito antigos, o Pampa apresenta flora e fauna próprias e grande biodiversidade, ainda não completamente descrita pela ciência. Estimativas indicam valores em torno de 3000 espécies de plantas, com notável diversidade de gramíneas, são mais de 450 espécies (capim-forquilha, grama-tapete, flechilhas, barbas-de-bode, cabelos-de-porco, dentre outras). Nas áreas de campo natural, também se destacam as espécies de compostas e de leguminosas (150 espécies) como a babosa-do-campo, o amendoim-nativo e o trevo-nativo. Nas áreas de afloramentos rochosos podem ser encontradas muitas espécies de cactáceas. Entre as várias espécies vegetais típicas do Pampa vale destacar o Algarrobo (*Prosopis algorobilla*) e o Nhandavaí (*Acacia farnesiana*) arbusto cujos remanescentes podem ser encontrados apenas no Parque Estadual do Espinilho, no município de Barra do Quaraí. A fauna é expressiva, com quase 500 espécies de aves, dentre elas a ema (*Rhea americana*), o perdigão (*Rynchotus rufescens*), a perdiz (*Nothura maculosa*), o quero-quero (*Vanellus chilensis*), o caminheiro-de-espora (*Anthus correndera*), o joão-de-barro (*Furnarius rufus*), o sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*) e o pica-pau do campo (*Colaptes campestris*).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de	Bagé, RS	2012	F11	1
		Bagé/RS				

Também ocorrem mais de 100 espécies de mamíferos terrestres, incluindo o veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o graxaim (*Pseudalopex gymnocercus*), o zorrilho (*Conepatus chinga*), o furão (*Galictis cuja*), o tatu-mulita (*Dasyus hybridus*), o preá (*Cavia aperea*) e várias espécies de tuco-tucos (*Ctenomys sp.*). O Pampa abriga um ecossistema muito rico, com muitas espécies endêmicas tais como: Tuco-tuco (*Ctenomys flamarioni*), o beija-flor-de-barba-azul (*Heliomaster furcifer*); o sapinho-de-barriga-vermelha (*Melanophryniscus atroluteus*) e algumas ameaçadas de extinção tais como: o veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), o caboclinho-de-barriga-verde (*Sporophila hypoxantha*) e o picapauzinho-chorão (*Picoides mixtus*) (BRASIL, 2003).

Trata-se de um patrimônio natural, genético e cultural de importância nacional e global. Também é no Pampa que fica a maior parte do aquífero Guarani.

Desde a colonização ibérica, a pecuária extensiva sobre os campos nativos tem sido a principal atividade econômica da região; além de proporcionar resultados econômicos importantes, tem permitido a conservação dos campos.

Entretanto, a progressiva introdução e expansão das monoculturas e das pastagens com espécies exóticas têm levado a uma rápida degradação e descaracterização das paisagens naturais do Pampa. Estimativas de perda de hábitat dão conta de que em 2002 restavam 41,32% e em 2008 restavam apenas 36,03% da vegetação nativa do bioma Pampa (CSR/IBAMA, 2010).

A perda de biodiversidade compromete o potencial de desenvolvimento sustentável da região, seja perda de espécies de valor forrageiro, alimentar, ornamental e medicinal, seja pelo comprometimento dos serviços ambientais proporcionados pela vegetação campestre, como o controle da erosão do solo e o sequestro de carbono que atenua as mudanças climáticas, por exemplo.

Em relação às áreas naturais protegidas no Brasil o Pampa é o bioma que menor tem representatividade no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), representando apenas 0,4% da área continental brasileira protegida por unidades de conservação. A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), da qual o Brasil é signatário, em suas metas para 2020, prevê a proteção de pelo menos 17% de áreas terrestres representativas da heterogeneidade de cada bioma.

As “Áreas Prioritárias para Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira”, atualizadas em 2007, resultaram na identificação de 105 áreas do bioma Pampa, destas, 41 (um total de 34.292 km²) foram consideradas de importância biológica extremamente alta.

Estes números contrastam com apenas 3,3% de proteção em unidades de conservação (2,4% de uso sustentável e 0,9% de proteção integral), com grande lacuna de representação das principais fisionomias de vegetação nativa e de espécies ameaçadas de extinção da fauna e da flora. A criação de unidades de conservação, a recuperação de áreas degradadas e a criação de mosaicos e corredores ecológicos foram identificadas como as ações prioritárias para a conservação, juntamente com a fiscalização e educação ambiental.

O fomento às atividades econômicas de uso sustentável é outro elemento essencial para assegurar a conservação do Pampa. A diversificação da produção rural a valorização da pecuária com manejo do campo nativo, juntamente com o planejamento regional, o zoneamento ecológico-econômico e o respeito aos limites ecossistêmicos são o caminho para assegurar a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento econômico e social.

Cerca de 25% da superfície terrestre abrange regiões cuja fisionomia se caracteriza pela cobertura vegetal como predomínio dos campos – no entanto, estes ecossistemas estão entre os menos protegidos em todo o planeta.

Na América do Sul, os campos e pampas se estendem por uma área de aproximadamente 750 mil km², compartilhada por Brasil, Uruguai e Argentina.

O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. Em sua paisagem predominam os campos, entremeados por capões de mata, matas ciliares e banhados.

A estrutura da vegetação dos campos – se comparada à das florestas e das savanas – é mais simples e menos exuberante, mas não menos relevante do ponto de vista da biodiversidade e dos serviços ambientais. Ao contrário: os campos têm uma importante contribuição no sequestro de carbono e no controle da erosão, além de serem fonte de variabilidade genética para diversas espécies que estão na base de nossa cadeia alimentar. (<http://www.mma.gov.br/biomas/pampa>).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Bagé, RS	2012	F11	1

4.3. MARCOS EDIFICADOS

PROPRIEDADE RURAL DE CRIAÇÃO DE REBANHOS

A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado bovino, ovino e equino. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas: os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007). Apesar de, em sua origem, a estância está ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e também por agricultura, em meados do século XIX passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escrava ou assalariada e com uma arquitetura contando com sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (RAHMEIER, 2007; LUCCAS, 1997). Em geral, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não será a base econômica principal. Dessa forma, propriedades menores anteriormente também chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem “indígena” que significa plantação (SAINT-HILAIRE, 1987) ou por designações locais, utilizadas até a atualidade, como “campo” e “sítio”. A estância atual corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde se mantém os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou internadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém, devido ao seu tamanho podem não ser consideradas como estâncias.

Propriedades rurais visitadas em Bagé:

Palmas:

Pequena propriedade do Sr. Edegar Scholante

Pequena propriedade do Sr. Leomar Alves

Estrada Bagé / Aceguá:

Fazenda Conquista do Sr. Nilo Romero e Sr^a Percília Romero

Olhos D'Água:

Pequena propriedade do Sr. Eron Vaz Mattos, informações coletadas a partir do ensaio etnográfico “Aqui: Memorial em Olhos D'Água” (2003) e da entrevista com o proprietário.

RANCHO

Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé e a taquara (tipo de bambu) eram cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e janelas (sem vidros) as paredes eram preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresentava uma espessura aproximada de 50 cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustentava as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim (LESSA, 1986; VAZ MATTOS, 2003). O chão é de terra batida e podem haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundos e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986). Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados, até fins do século XVIII e início do XIX, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas, portanto predominavam as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana (ISABELLE, 1983; LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 1978).

MANGUEIRA DE PEDRA

As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com pau-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Não há comprovação da origem histórica dessas edificações, porém sabe-se que eram utilizadas pelos tropeiros (homens que levam o gado de um local a outro) para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (vigiar os animais). Acredita-se que as mangueiras não eram usadas para prender o gado com fins de manuseio como curar, medicar, contar e marcar. Esses serviços eram, em geral, feitos nos rodeios, atividade que consiste em juntar os animais no campo, somente com o auxílio do cavalo, sem o uso de cercas ou similares. O formato circular da mangueira propõe-se a evitar arestas ou cantos que poderiam levar o animal a se “embretar”, ficando sem saída e atirando-se contra as paredes (JACQUES, 2008). A entrada da mangueira é chamada de porteira. Nela eram colocadas duas “tronqueiras”, que são objetos verticais de pedra ou madeira postos um em frente ao outro com perfurações em que eram encaixadas e dispostas varas (madeiras retas) atravessando a porteira evitando a fuga dos animais. Essas construções são bastante encontradas nas rotas ou Caminhos das Tropas que iam em direção às antigas charqueadas e, posteriormente, aos matadouros e frigoríficos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Bagé, RS	2012	F11	1
------------------------------------	----	-------------------------	-------------	------	-----	---

CHARQUEADA

As charqueadas, no Rio Grande do Sul Meridional, eram indústrias onde ocorria o abate do gado e a produção de charque (carne salgada) e de outros derivados bovinos. Em Pelotas, as propriedades que constituem o Sítio Charqueador Pelotense (GUTIERREZ, 2010), estavam dispostos em faixas de terras subdivididas em poteiros, hortas, pomares, olarias e o terreno ribeirinho. A casa, os varais e os galpões de produção de carne salgada, dos sebos e dos couros ficavam junto aos arroios e canais que serviam para despejar os dejetos, escoar a produção e importar sal e escravos (GUTIERREZ, 2010). Havia propriedades que dispunham apenas das indústrias e outras que contavam, também, com a criação do gado (GUTIERREZ, 2001; ROSA, 2012).

As charqueadas como estabelecimentos industriais, surgiram na região da atual cidade de em Pelotas a partir de 1780 e no século XIX tornaram-se o principal fomentador econômico da região. O produto primordial dessas indústrias era o charque bovino, utilizado, à época, principalmente para alimentação de escravos. Além do charque, outros derivados bovinos eram extraídos como sebos, graxas e couros, destinados ao consumo local e à exportação (GUTIERREZ, 2001; ROSA, 2011, 2012). Dezenas de estabelecimentos funcionaram às margens dos arroios que banham o município de Pelotas (ROSA, 2011, 2012) e utilizavam mão-de-obra escravizada (africanos e descendentes de africanos) até a década de 1880, quando ocorreu a abolição da escravidão no Brasil. Pelotas foi, dessa forma, o cerne da produção saladeril oitocentista.

Posterior ao surgimento das charqueadas pelotenses, essa indústria inicia, no interior do Rio Grande do Sul, em fins do século XIX e início do século XX, em um período de relevância econômica das regiões de fronteira brasileira com o Uruguai e a Argentina, principalmente devido à livre navegação dos rios e ao envolvimento político e comercial dos três países, consequências do fim das guerras por independência (SOARES, 2006). Essa abertura entre Brasil, Uruguai e Argentina impulsionou o município de Bagé a intensificar a produção de gado e a estabelecer charqueadas nessa região. Bagé firma-se, então, como o polo saladeril gaúcho da época (SOARES, 2006). Diferentemente das charqueadas pelotenses do período escravagista, em Bagé essa indústria operava com mão-de-obra assalariada, trabalho em série, utilização de máquinas no processo de fabricação do charque e maior utilização de sub-produtos derivados da carne bovina (SOARES, 2006). A forma de operação desse sistema está muito mais próxima a dos abatedouros e frigoríficos atuais. O fim das charqueadas ocorre na década de 1950, quando passam a ser adaptadas para que a carne salgada seja substituída pela carne frigorificada (LEITE, 2011).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Bagé, RS	2012	F11	1

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: **BIBLIOGRAFIA**.

5.1. RESUMO

Bagé - cidade situada na campanha, área fisiográfica do Bioma PAMPA – desde muito cedo notabilizou-se pelo forte arraigo a tradição pecuária, apoiada pela grande vastidão de campos característicos da região e pela proximidade com o país vizinho Uruguai, outro grande notável da produção pecuária, o que foi de grande valia para a introdução de raças puras ao sistema criacional bovino, não só para a região, assim como para todo o Estado do Rio Grande do Sul .

A região que hoje se encontra a cidade de Bagé, por muito tempo pertenceu à coroa espanhola, servindo de posto avançado para a passagem das tropas de gado que vinham das Missões Orientais, especificamente de São Miguel; este posto, anteriormente conhecido como Santa Tecla que deu origem a cidade de Bagé quando foi tomado pelo Sargento-mor Rafael Pinto Bandeira em 1776.

Contudo, o gado antes de ser domesticado pelas estâncias missioneiras, em um primeiro momento era caçado - a denominada preia do gado selvagem - pela população que vagava errante pelas estepes do sul, sendo deste retirado principalmente o couro, que valia como moeda de troca no Rio da Prata; outro fator importante nesta ocasião era a questão do comércio informal com a Banda Oriental, o popular contrabando fez com que centenas de cabeças de gado atravessassem de lá para cá e vice-versa, prática essa adotada até meados do século XX. Conforme Lemieszek, a vinculação de Bagé com a atividade da pecuária, está fortemente ligada a esse processo de rota de passagem de tropas e comercialização com os países Platinos, visto a localização deste posto, mas principalmente a vastidão e bom preparo de suas pradarias. (ver entrevista: com o historiador em 16/02/2012).

Porém, a princípios do século XVIII começa de fato a ocupação do hoje estado do Rio Grande do Sul em consonância com a interiorização do Brasil, fato este promovido pela descoberta de ouro nas Minas Gerais. Por meio desta descoberta, o Rio Grande do Sul passa a inserir-se na economia colonial como fornecedor de gado bovino, cavalar e muar para o abastecimento e transporte das mercadorias nas Minas. Neste momento, devido ao esgotamento do gado vacum – e também para uma melhor proteção da fronteira - começaram as concessões de sesmarias, principalmente aos militares residentes na região, segundo Fabio Kühn (2007) esse processo deu inicio a sedentarização da atividade pecuária.

Neste momento Bagé também exerce grande importância no que se diz ao criatório de gado, visto a concessão de sesmarias e a instalação de grandes estâncias, as quais careciam de massiva mão de obra, fato este que além de provocar a sedentarização de centenas de homens e mulheres com as práticas das lidas campeiras, fez com que a campanha fosse povoada sistematicamente, ato esse que gerava a seguridade da fronteira recém criada.

Seguindo ao longo dos séculos XVIII e XIX, Bagé acumula uma grande riqueza devido a este setor primário da pecuária, primeiramente como criatório e posteriormente na atividade saladeril com o charque, fato este que segundo Lemieszek fez de Bagé – juntamente com Pelotas – uma das duas cidades do Estado com mais de uma charqueada a introduzindo no setor mercantil não só do gado em pé, como também na indústria da carne para pronto consumo. Para o historiador Elmar da Silva, a partir de 1810 a indústria do charque gaúcho adquire grandes proporções devido a impossibilidade da indústria Platina, de carne seca, de atender o consumidor. (DA SILVA, p. 59. 1979).

No entanto, Bagé obtém seu maior êxito no que se refere a introdução das melhorias genéticas do gado, sendo a pioneira neste seguimento. Antes da citada melhoria genética, o gado conhecido como Chimarrão era criado em campo aberto pelas pradarias de Bagé e região, fazendo com que não houvesse uma especificidade genética nem mesmo um aprimoramento da raça. Contudo, Bagé sente necessidade de uma melhoria, visto que o charque vindo do Prata ultrapassava em qualidade o produzido na região, dado ao desenvolvimento genético de seus rebanhos, com isso, ainda no século XIX, especificamente em 1899, Bagé faz sua primeira importação de gado de raça definida - neste caso da raça Durham – pela família Nunes Vieira, proprietários da renomada Estância do Tigre; em primeiro momento esse gado era importado de cabanhas uruguaias e argentinas e posteriormente vindo direto da Europa. (LEMIESZEK, entrevista INRC em 16/02/2012).

E por esta razão, funda-se em Bagé no ano de 1906 por Leonardo Brasil Collares o Instituto Riograndense de Genealogia, onde começa a catalogação das raças trazidas, assim como as cabanhas de criação envolvidas neste processo de melhoramento genético do gado vacum. Com esta metodologia, Bagé salta na frente rumo a uma pecuária progressista, razão esta que consolida a região no seguimento. Observa-se, contudo, a aptidão criacional de suas estâncias, em um primeiro momento com o gado Chimarrão em campo aberto e posteriormente a criação de cabanhas de melhoramento genético, fazendo desta a vocação do município e a pondo no marco de desenvolvimento do gado para o Estado do Rio Grande do Sul.

Como já mencionado antes, as importações deste gado em princípio eram feitas através dos países do Prata, importações estas muitas vezes feita de maneira ilegal por meio do contrabando, no entanto, na década de 10 do século XX essa importação passou a ser feita diretamente da Inglaterra sob a tutela do Visconde de Ribeiro Magalhães, onde mais tarde outras diversas cabanhas seguiram o exemplo e passaram a importar grandiosos lotes, fazendo com que Bagé obtivera destaque na imprensa Pelotense, especificamente no jornal Diário Popular com a matéria intitulada

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Bagé, RS	2012	F11	1

“A lição de Bagé”, onde cita o referido melhoramento e que este sirva de exemplo para os demais municípios no que tange a criação de raças puras; além de colocar Bagé no patamar de estar entre as três melhores exposições-feiras da América do Sul, ao lado das exposições pecuárias de Montevidéu e Buenos Aires. (Jornal DIÁRIO POPULAR. Pelotas, RS, 30/10/1914 p. 01).

Outro ponto importante no que toca a pecuária na cidade de Bagé é a criação de associações rurais. Criada em 1904, a Associação Rural de Bagé não foi a primeira a ser criada, porém era tida como a mais estruturada e a que mantinha o melhor rebanho no quesito de qualidade genética, segundo Cláudio Lemieszek, essa Associação servia de referência a outros grupos de criadores quando por motivo de uma melhor organização se motivavam a fundar associações em seus municípios. (LEMIESZEK: 16/02/2012).

Neste aspecto, Bagé além de pensar em uma melhoria genética para o seu rebanho, tratou também de estruturá-lo e organizá-lo, mantendo essa prerrogativa do pioneirismo no segmento pecuário.

Neste mesmo pioneirismo, o Visconde Ribeiro de Magalhães reúne esforços para instalar em Bagé o primeiro frigorífico do Rio Grande do Sul, isto no ano de 1913, contudo, este plano não daria certo devido a eclosão da Primeira Guerra Mundial, visto que o grande capital injetado para a fundação deste frigorífico provinha da Europa, principalmente da Inglaterra. Para Lemieszek, a proposta de instalação deste frigorífico com capital inglês mostra a importante liderança de Bagé no ramo pecuário. (LEMIESZEK: 16/02/2012).

Porém, mesmo sem a instalação frigorífica – algo que só iria acontecer em 1918 e 1919 nas cidades de Rio Grande e Pelotas – devido a guerra, a região de Bagé trata de inserir-se no contexto mundial de exportações. A carne bovina provida das charqueadas passa a ser o substrato alimentício da grande guerra na Europa, assim como o carvão mineral provindo das localidades de Candiota e Hulha Negra e exportado para suprir as indústrias metalúrgicas européias. (DIÁRIO POPULAR. p.1, 11/08/1914; p.1, 16/09/1914).

Além do gado bovino, Lemieszek destaca a importância do cavalo crioulo e da ovino cultura para a região, mencionando que o aperfeiçoamento genético destes foi gerado algumas décadas após o melhoramento bovino. Para salientar essa representatividade, a região detém prêmios no que se refere a ovino cultura com os criatórios de Pedras Altas e Pinheiro Machado, onde podem-se enfatizar a nobilidade do conhecido “cordeiro Pedras Altas” – excelência em matéria de carne – e a lã da raça merino, que por muito tempo devido a sua qualidade sustentou a produção laneira da crescente indústria têxtil que vinha se destacando na região sul do estado, onde pode-se destacar a Fábrica Rheingantz de Tecidos na cidade de Rio Grande.

Ao se tratar dos cavalos crioulos, é criada em Bagé, na década de 1930, a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos (ABCCC) e, em 1932, a sede da Associação se transfere para a cidade de Pelotas – onde permanece até hoje – devido ao fato da Associação do Registro Genealógico Sul Rio-Grandense também estar instalado na mesma cidade. No entanto, a região de Bagé é considerada como um dos maiores criatórios de cavalos do país, comportando ao todo 56 haras especializados na criação e melhoramento da raça de cavalos Crioulo e Puro Sangue Inglês (PSI). O PSI também possui lugar de destaque no que diz respeito à criação de equinos, visto que por Bagé entra o primeiro exemplar da raça no Estado, importado pelo criador Cândido Dias de Borba, que em viagem a Europa no século XIX acaba por comprar um exemplar do animal para fundar em Bagé uma coudelaria que devido à importância do cavalo militarmente, se tornou a maior fornecedora do animal para o Exército Brasileiro. O mesmo criador entusiasmado com o potencial econômico de sua coudelaria resolve importar de forma pioneira a raça Percheron, animal este de grande força voltado ao trabalho de tração. Fato interessante este, pois a implantação desta raça se perfila com a colonização ítalo-germânica e como é sabido, o Percheron foi um animal - e ainda é – muito admirado por esses colonos que o preferiam para puxar suas carroças. Neste sentido observa-se a visão empreendedora na melhoria do rebanho equino, fato que talvez determine a consolidação da região como progressista do ramo pecuário.

Ainda sobre a importância do cavalo para a região, cabe ressaltar a figura de Joaquim Francisco Assis Brasil, que além de papel fundamental na política brasileira durante a Primeira República, era grande incentivador deste ardoroso processo de melhoria genética. Foi Assis Brasil que trabalhou intensamente na melhoria do PSI e na introdução do Puro Sangue Árabe, como também introduziu as raças bovinas Jersey e Devon além da ovina Karakul; Assis possuía sua estância no que hoje é a cidade de Pedras Altas. Neste aspecto, Assis Brasil foi convidado a fazer a palestra de abertura na primeira Exposição-Feira de Bagé em 1904, palestra esta que tinha como título: “A importância militar e econômica do cavalo”. Neste momento o cavalo atinge seu grau econômico para os rebanhos da região, pois então antes este animal somente era usado para o trabalho nas estâncias e em ocasiões bélicas. No entanto, pós a Revolução de 1923, o cavalo perde sua importância militar e segue atuando no já tradicional trabalho campeiro, contudo, passa a ser a partir de 1930 a primazia criacional nos campos de Bagé e região, fazendo com que principalmente a raça crioula seja a preferencial dos pecuaristas, que engajados buscam novos aprimoramentos genéticos.

Com este enfoque, Bagé atravessa o século XX buscando não só uma melhoria genética dos seus rebanhos, como também busca novas alternativas para a melhoria da criação dos mesmos, onde os criadores começam a investir na melhoria de suas estâncias, transformando as antigas fazendas de criação extensiva em pilares da modernidade pecuário-industrial para uma criação intensiva. Exemplo disso é o método Voisin praticado pelo senhor Nilo Romero em suas estâncias, onde poucas quadras de campo e uma pastagem adequada são o bastante para uma produção de alto nível, modelo este que se contrapõe ao método tradicional.

No presente momento, a região de Bagé ainda concentra seus esforços para manter seus rebanhos investindo em

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Bagé, RS	2012	F11	1

melhoramento genético, considerando a vocação criacional que as pradarias pampeanas trazem para a localidade que faz desta um dos melhores campos sul-americanos de pastoreio.

Outro ponto interessante que não poderia deixar de ser tratado, é a questão do envolvimento entre homens e animais, especialmente no que se refere às lidas campeiras. Tipo humano comum desta região desde os seus tenros tempos, o gaúcho – utilizaremos a explicação do viajante Nicolau Dreys e empregada pelo folclorista Barbosa Lessa para essa denominação: “Formaram-se originalmente do contato da raça branca com os indígenas...” (LESSA. p. 188, 2002) - sempre soube fazer do natural o seu meio de vida, justamente por viver ao ar livre, ele aprendeu em contato direto com os mais diversos animais – desde pumas e jaguares que antes habitavam o pampa – a sabedoria necessária para sobreviver em meio às feras, como também para por em prática a domesticação de animais selvagens, neste caso o cavalo e o gado Chimarrão.

Neste contexto, o gaúcho Segundo Moacyr Flores, passou a se tornar perigoso para a sociedade emergente, sendo visto como um paria social que vivia de pequenos furtos, da caça de animais selvagens e sem nenhum respeito pelas leis recém impostas, fazendo com que estes passassem a serem caçados pela vastidão dos campos, contudo, foi o advento dos cercamentos que limitou a vida do gaúcho, o transformando em peão de estância. (FLORES. p. 3, 2007). E nessa via de consolidação entre homem, animal e estância é que podemos perceber as nuances que ainda permeiam os trabalhadores rurais no segmento da pecuária. Mesmo restringido a um trabalho cada vez mais escasso por meio dos avanços tecnológicos, hoje, o campeiro como é conhecido, ainda trás as marcas do seu passado gaudério mesmo que hoje valha muito mais a segurança de uma carteira de trabalho assinada do que a liberdade dos campos.

5.2. CRONOLOGIA	
DATA	EVENTO
Séc. XVII - 1626	Fundação dos Sete Povos das Missões.
Séc. XVII até princípio do XIX	Caça ao gado selvagem no pampa para retirada do couro.
Início séc. XVIII	Concessão de sesmarias; ocupação do Rio Grande do Sul
Séc. XVIII - 1703	Primeiro caminho de tropas oficial: “Caminho da Praia” – ligava Colônia do Sacramento à Laguna
Séc. XVIII - 1728	Segundo caminho de tropas oficial: “Caminho dos Conventos” ou “Caminho de Sousa Farias” – ligava Araranguá, passando pelos Caminhos de Cima da Serra até Curitiba
Séc. XVIII - 1730	Terceiro caminho de tropas oficial: “Caminho das Tropas – origem em Viamão, passando pelos Campos das Vacarias, pelo rio Pelotas, Campos de Lages, Campos Curitibanos, rio Negro, rio Iguazu, Campos Gerais de Curitiba, chegando em Sorocaba.
Séc. XVIII - 1750	Tratado de Madri.
Séc. XVIII	Consumo dos produtos da pecuária em razão do ciclo minerador nas Gerais.
1809	Primeira divisão administrativa da Província de São Pedro: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre.
Séc. XVIII e XIX	Instalação das estâncias e de charqueadas em Pelotas e Bagé.
Séc. XIX	Introdução do arame para cercamento das propriedades.
Séc. XIX (final) – Séc. XX (início)	Instalação dos primeiros frigoríficos
Séc. XX	Investimento no melhoramento genético dos rebanhos, incremento na importação e exportação da carne bovina.
Séc. XX	Criação de associações e cooperativas de criadores de bovinos, equinos e ovinos, entre outros.
Séc. XX	Introdução do transporte de rebanhos por caminhões.
Séc. XX	Instalação de consórcio pecuária-agricultura de forma mais intensa.
Séc. XX – década de 1950	Fechamento da última charqueada em Bagé

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Bagé, RS	2012	F11	1

Séc. XX – década de 1960	Introdução do Pastoreio rotativo científico “Voisin”
Séc. XX	Instalação de centros de doma e treinamento de cavalos nos núcleos urbanos
Séc. XX	Instauração de cursos para aprimoramento dos trabalhadores rurais em instituições privadas e públicas municipais, estaduais e federais, como sindicatos rurais, associações de criadores, EMBRAPA, etc.

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Ver item 7 da Ficha de Identificação: Sítio.

7. Legislação

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO

Segundo Freire (2005), com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, constituiu-se a política de preservação e salvaguarda do patrimônio no Brasil por intermédio do tombamento (ato institucional aplicado, que protege os bens culturais materiais da descaracterização cultural). Em um primeiro momento, tal ação estatal teve como foco o salvamento emergencial dos bens relacionados ao período colonial, aos grandes personagens históricos e as obras de arte. Neste sentido, representativos desta noção de nacionalidade, encontramos no Rio Grande do Sul: o tombamento das Ruínas da Redução Jesuítico-Guarani de São Miguel Arcanjo (1938); Igreja Matriz de São Pedro, em Rio Grande (1938) e a Matriz da Nossa Senhora da Conceição em Viamão (1938); O Forte D. Pedro II, em Caçapava do Sul (1938); as casas dos líderes da Guerra dos Farrapos Bento Gonçalves (1940) e Garibaldi (1941) em Piratini, e David Canabarro, em Santana do Livramento (1953); a Rua da Ladeira em Rio Pardo (1955); O Obelisco Republicano em Pelotas (1955), O Teatro Sete de Abril (1972) e as três casas na Praça Coronel Pedro Osório (1977) todos em Pelotas.

Esta visão de Patrimônio Cultural Brasileiro se altera em 1960 com a inclusão dos sítios arqueológicos considerados bens patrimoniais, protegidos pela lei número 3924/61. Na década de 1970 ocorreu uma ampliação institucional da área de Patrimônio com a criação de políticas específicas de preservação do patrimônio em estados e municípios, a partir da Lei Federal de Tombamento. Freire (2005, p.12).

Tal expressividade de ações de tombamento em Piratini reflete a ampliação desta rede institucional de preservação do patrimônio legitimando a representação da cidade como Capital Farroupilha. Nestes termos, a ação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE) tombou os seguintes bens: Antiga Cadeia (18/11/1986), Antiga Casa de Fazenda (18/11/1986), Antiga Casa Fabião (21/11/1986), Antiga Farmácia Caridade (20/11/1986), Antiga Moradia de Egydio Rosa (21/11/1986), Antigo Teatro Municipal (Sete de Abril) (20/11/1986), Casa Comercial dos Fabião (21/11/1986), Casa de Camarinha (20/11/1986), Casa do Comendador Fabião (20/11/1986), Casa de Gomes de Freitas (21/11/1986), Casa de Vicente Lucas de Oliveira (21/11/1986), Prédio no Logradouro Pe. Reinaldo Wist (Geminado com o Teatro) (20/11/1986), Ponte do Império (01/08/1984), Prédio da Rua Bento Gonçalves (Casa de Darwing Lucas) (21/11/1986), Sobrado da Dorada (21/11/1986).

Da mesma maneira, em Arroio Grande, por iniciativa do município e acompanhando a ideia de patrimônio a partir dos feitos históricos do Rio Grande do Sul, considerando seus personagens e revoluções, propõe o registro de um obelisco e de uma tapera localizados no lugar onde nasceu o Barão de Mauá e de um marco de fronteira situado nas margens da estrada para Pelotas, homenageando uma batalha da Revolução Farroupilha. (Lei 586, de 14.1.1966)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Bagé, RS	2012	F11	1

A partir dos anos 80, a noção de patrimônio se altera no sentido de representar a diversidade cultural brasileira, bem como se vincula ao tombamento de bens edificados o patrimônio imaterial. Neste sentido, observa-se o tombamento dos conjuntos urbanos com maior densidade de população em uma região expressivamente rural que são as ações em Pelotas e Bagé, considerando o sítio da pesquisa. Citam-se, ainda, as ações com relação ao registro do patrimônio imaterial: INRC a produção dos doces Tradicionais Pelotenses, Porongos e Missões.

A diversidade dessas ações de patrimônio, em tais cidades, expressa uma ampliação das políticas de preservação das várias esferas do estado (municipal, estadual e federal) bem como as alterações na noção de patrimônio. Embora nos últimos anos, com a implementação das diretrizes da Lei 10.257/2001 (Estatuto da Cidade) os municípios tenham avançando, dentre outros aspectos, no estabelecimento de diretrizes voltadas às questões patrimoniais, incluindo a instituição de Áreas de Interesse Cultural e outros mecanismos de gestão do patrimônio, é importante destacar que ainda são praticamente inexistentes políticas de preservação voltadas ao patrimônio existente áreas rurais.

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

Respondido no item 9.2 Ficha Sítio (itens a serem aprofundados) – Relações entre pecuária e agricultura; envelhecimento; masculinização no campo, ausência de políticas públicas voltada para o campo; diminuição da oferta de emprego e mão-de-obra; cultura de fronteira; investigações arqueológicas associada aos antigos caminhos das tropas.

8.2. RECOMENDAÇÕES

Ver Ficha Sítio Item: 9.2

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	Lidas campeiras
ANEXO 4: CONTATOS	F1 – A4 – 1, 2, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 22, 23, 26, 29, 33, 34, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 63.
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	F60 – 1 a F60 – 7

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Dobke, Daniel Vaz Lima. Consultores: Erika Collischonn – Geografia; Fernando Camargo – História; Karen Mello – Urbanismo.	
SUPERVISOR	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby e Marta Bonow Rodrigues.	
REDATOR	Marília Floôr Kosby, Daniel Vaz Lima, Marta Bonow Rodrigues, Flávia Rieth, Liza Bilhalva Martins da Silva e Pablo Dobke.	DATA 10.04.13

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Bagé, RS	2012	F11	1
------------------------------------	----	-------------------------	-------------	------	-----	---

RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Flávia Rieth.	
--------------------------------	---------------	--

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE		CÓDIGO DA FICHA					
		RS	Pampa sul-rio-grandense	Pelotas/RS	2012	F11	2
		UF	sítio	Loc.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Pampa Sul-Rio-Grandense Antigos Caminhos das Tropas
LOCALIDADE	Pelotas (Bairro Fragata, Estrada da Barbuda, CAVG/IFSUL)
MUNICÍPIO / UF	Pelotas/ RS

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



Imagem 1: Estrada da Barbuda. Bairro Três Vendas.



Imagem 2: Estrada da Barbuda. Bairro Três Vendas.

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa Sul-rio-grandense	Pelotas/RS	2012	F11	2
------------------------------------	----	-------------------------	------------	------	-----	---

SÍNTESE

A lida campeira é um conjunto de ofícios e modos de fazer que constitui o trabalho na pecuária extensiva no bioma pampa, área onde está situada a região de Bagé, município do estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Entende-se por pecuária extensiva a criação, para fins lucrativos, de rebanhos de gado bovino, equino, ovino e, em menor escala, caprino, em propriedades rurais de pequena, média e grande extensão.

O inventário das Lidas Campeiras na Região de Bagé, a partir de pesquisa etnográfica e bibliográfica, selecionou como referências culturais sobre esse tema os seguintes ofícios: o pastoreio (ofício do peão campeiro), a feitura de aramados (ofício do aramador ou alambrador), a doma (ofício do domador), a esquila dos ovinos (ofício do esquilador), a feitura de artefatos em couro cru (ofício do guasqueiro), a tropeada (ofício do tropeiro) e as lidas caseiras (com vacas leiteiras, carneadas, atividades na cozinha e demais serviços feitos perto da casa da propriedade).

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

De acordo com o Censo IBGE 2010 a população de Pelotas é, em sua totalidade, 328.275 habitantes sendo que, 22.082 habitam a zona rural e 306.193 habitam na zona urbana.

O Mapa 01 (ver item 6) apresenta um zoneamento geomorfológico, dividindo a região estudada em três áreas, conforme a altitude. A primeira, ocupando uma área cujas altitudes variam de 0 a 40 metros acima do nível do mar, corresponde à Planície Costeira Interna. A segunda e a terceira, com altitudes correspondentes, respectivamente, às variações de 40 a 100 m e 100 a 400 m, compreendem duas subdivisões da Encosta do Planalto Sul Rio-grandense: a área intermediária, denominada coxilha ou “barreira 1”, e a área mais elevada, conhecida como Serra dos Tapes ou, geologicamente, “escudo cristalino pré-cambriano”. A Planície Costeira Subdivisão Interna:

“(…) é constituída predominantemente por depósitos arenosos, síltico-argilosos, argilosos e ocasionalmente conglomeráticos, que fracamente consolidados ou inconsolidados constituem acumulações coluviais, fluviais, lacustres, eólicas e marinhas, de idades variáveis desde o limite entre o Terciário e o Quaternário até o Holoceno.” (RADAMBRASIL 33, 1986, p. 34)

Constitui-se em amplas e extensas planícies costeiras, numa vasta superfície plana, alongada, alargando-se para sul, onde se registram as maiores áreas lagunares do Brasil.

A Região Geomorfológica Planície Costeira Interna apresenta-se como uma área baixa, posicionada entre a Unidade Planície Marinha a Leste e os relevos Planálticos a Oeste.

A Região Geomorfológica Planície Costeira Interna abrange fundamentalmente dois distritos do município de Pelotas, a Colônia Z-3 (2º) e Sede (1º), onde se situa o grande conglomerado urbano. Nas regiões rurais destes distritos, percebe-se a relação entre as características fisiográficas e os processos de interações socioeconômicas. Na região costeira, nomeadamente na Colônia Z-3, destaca-se a atividade pesqueira, com destaque à pesca do camarão. No restante das áreas rurais da Planície Costeira Interna, os latifúndios dividem-se entre a produção de arroz e a pecuária de corte.

A Região Geomorfológica do Planalto Sul Rio-Grandense corresponde à área de ocorrência do conhecido Escudo Cristalino Sul Rio-Grandense. Encontra-se limitada a Norte e a Oeste, pela Depressão Central Gaúcha, a Leste, pela Planície Costeira Interna, e, a Sul, adentra em território uruguaio, ou tem como limite a fronteira política com o país vizinho. Genericamente o relevo se apresenta dissecado em formas de colinas, ocorrendo também áreas de topo plano ou incipiente dissecado, remanescente de antiga superfície de aplanamento (RADAMBRASIL 33, 1986, p. 352).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa Sul-rio-grandense	Pelotas/RS	2012	F11	2
------------------------------------	----	-------------------------	------------	------	-----	---

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Conforme publicação da EMBRAPA (2009), o Bioma Pampa compreende área de clima temperado – marcado por passagens de frentes polares e temperaturas negativas no inverno -, apresenta uma diversidade grande de paisagens e flora que se estende da Patagônia Argentina, ao sul, até as encostas do Planalto Sul Brasileiro, no Rio Grande do Sul, correspondendo a uma área de 700.000 km² compartilhada entre Argentina, Uruguai e Brasil (IBGE, 2004). No Brasil, o Bioma Pampa ocupa área de 178.243 km², restrita ao Rio Grande do Sul, equivalendo a cerca de 63% do território deste estado e 2% do território brasileiro.

O Bioma Pampa é encontrado nas cinco unidades de relevo do Rio Grande do Sul definidas por Suertegaray e Fujimoto (2004), quais sejam: Planalto Sulriograndense, Planícies e terras baixas costeiras, Depressão Periférica, Cuesta de Haedo e Planalto Arenito Basáltico.

A unidade Planícies e terras baixas costeiras corresponde a uma extensa planície arenosa litorânea, composta por inúmeras lagoas, banhados e campos de restingas onde localiza-se a sede do município de Pelotas, as margens de Laguna dos Patos e Arroio Grande próxima à Lagoa Mirim. Nas terras baixas, tem-se campos com capões e banhados.

A unidade Planalto Sulriograndense abrange as encostas leste das serras do Herval e dos Tapes (localização zona rural do município de Pelotas), que se constituem em área de transição entre as terras baixas costeiras, e o planalto propriamente dito. As encostas apresentam relevo com ondulações acentuadas, alternando paisagens de cobertura de florestas estacional semidecidual, caracterizadas pela perda das folhas nos meses de outono e inverno, e campos nativos. No planalto propriamente dito a paisagem é de morros e serras de rochas cristalinas (granitos, gnaisses, migmatitos) e de formações rochosas de arenito cobertas de campos em solos rasos com ocorrência de capões de mata e muitos afloramentos rochosos, como no Distrito das Palmas, ao norte do município de Bagé, no limite com o município de Caçapava do Sul.

Já a porção da Depressão Periférica que se estende para sul até Bagé e Aceguá é a área considerada a mais característica do Bioma Pampa com coxilhas, pequenas elevações, cobertas por vegetação campestre. É a região do bioma com menor cobertura de florestas. Apresenta campos, banhados e campos de várzea nas proximidades dos rios, onde se encontram algumas espécies arbóreas em matas ciliares e capões, como os espinilho, corticeiras e palmares de butiá. Apresenta predominância de gramíneas que conformam a paisagem dos campos sulinos. É considerada a área core do Bioma Pampa no Brasil.

O Ministério do Meio Ambiente define o Bioma Pampa da seguinte forma:

As paisagens naturais do Pampa são variadas, de serras a planícies, de morros rupestres a coxilhas. O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. As paisagens naturais do Pampa se caracterizam pelo predomínio dos campos nativos, mas há também a presença de matas ciliares, matas de encosta, matas de pau-ferro, formações arbustivas, butiazais, banhados, afloramentos rochosos, etc. Por ser um conjunto de ecossistemas muito antigos, o Pampa apresenta flora e fauna próprias e grande biodiversidade, ainda não completamente descrita pela ciência. Estimativas indicam valores em torno de 3000 espécies de plantas, com notável diversidade de gramíneas, são mais de 450 espécies (capim-forquilha, grama-tapete, flechilhas, barbas-de-bode, cabelos-de-porco, dentre outras). Nas áreas de campo natural, também se destacam as espécies de compostas e de leguminosas (150 espécies) como a babosa-do-campo, o amendoim-nativo e o trevo-nativo. Nas áreas de afloramentos rochosos podem ser encontradas muitas espécies de cactáceas. Entre as várias espécies vegetais típicas do Pampa vale destacar o Algarrobo (*Prosopis algozubilla*) e o Nhandavaí (*Acacia farnesiana*) arbusto cujos remanescentes podem ser encontrados apenas no Parque Estadual do Espinilho, no município de Barra do Quaraí. A fauna é expressiva, com quase 500 espécies de aves, dentre elas a ema (*Rhea americana*), o perdigão (*Rynchotus rufescens*), a perdiz (*Nothura maculosa*), o quero-quero (*Vanellus chilensis*), o caminheiro-de-espora (*Anthus correndera*), o João-de-Barro (*Furnarius rufus*), o sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*) e o pica-pau do campo (*Colaptes campestris*).

Também ocorrem mais de 100 espécies de mamíferos terrestres, incluindo o veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o graxaim (*Pseudalopex gymnocercus*), o zorrilho (*Conepatus chinga*), o furão (*Galictis cuja*), o tatu-mulita (*Dasylops hybridus*), o preá (*Cavia aperea*) e várias espécies de tuco-tucos (*Ctenomys sp.*). O Pampa abriga um ecossistema muito rico, com muitas espécies endêmicas tais como: Tuco-tuco (*Ctenomys flamarioni*), o beija-flor-de-barba-azul (*Helimaster furcifer*); o sapinho-de-barriga-vermelha (*Melanophryniscus atroluteus*) e algumas ameaçadas de extinção tais como: o veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o cervo-do-pantanal (*Blastocercus dichotomus*), o caboclinho-de-barriga-verde (*Sporophila hypoxantha*) e o picapauzinho-chorão (*Picoides mixtus*) (Brasil, 2003).

Trata-se de um patrimônio natural, genético e cultural de importância nacional e global. Também é no Pampa que fica a maior parte do aquífero Guarani.

Desde a colonização ibérica, a pecuária extensiva sobre os campos nativos tem sido a principal atividade econômica da região. Além de proporcionar resultados econômicos importantes, tem permitido a conservação dos campos e ensejado o desenvolvimento de uma cultura mestiça singular, de caráter transnacional representada pela figura do gaúcho.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa Sul-rio-grandense	Pelotas/RS	2012	F11	2
------------------------------------	----	-------------------------	------------	------	-----	---

A progressiva introdução e expansão das monoculturas e das pastagens com espécies exóticas têm levado a uma rápida degradação e descaracterização das paisagens naturais do Pampa. Estimativas de perda de hábitat dão conta de que em 2002 restavam 41,32% e em 2008 restavam apenas 36,03% da vegetação nativa do bioma Pampa (CSR/IBAMA, 2010).

A perda de biodiversidade compromete o potencial de desenvolvimento sustentável da região, seja perda de espécies de valor forrageiro, alimentar, ornamental e medicinal, seja pelo comprometimento dos serviços ambientais proporcionados pela vegetação campestre, como o controle da erosão do solo e o sequestro de carbono que atenua as mudanças climáticas, por exemplo.

Em relação às áreas naturais protegidas no Brasil o Pampa é o bioma que menor tem representatividade no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), representando apenas 0,4% da área continental brasileira protegida por unidades de conservação. A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), da qual o Brasil é signatário, em suas metas para 2020, prevê a proteção de pelo menos 17% de áreas terrestres representativas da heterogeneidade de cada bioma.

As “Áreas Prioritárias para Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira”, atualizadas em 2007, resultaram na identificação de 105 áreas do bioma Pampa, destas, 41 (um total de 34.292 km²) foram consideradas de importância biológica extremamente alta.

Estes números contrastam com apenas 3,3% de proteção em unidades de conservação (2,4% de uso sustentável e 0,9% de proteção integral), com grande lacuna de representação das principais fisionomias de vegetação nativa e de espécies ameaçadas de extinção da fauna e da flora. A criação de unidades de conservação, a recuperação de áreas degradadas e a criação de mosaicos e corredores ecológicos foram identificadas como as ações prioritárias para a conservação, juntamente com a fiscalização e educação ambiental.

O fomento às atividades econômicas de uso sustentável é outro elemento essencial para assegurar a conservação do Pampa. A diversificação da produção rural a valorização da pecuária com manejo do campo nativo, juntamente com o planejamento regional, o zoneamento ecológico-econômico e o respeito aos limites ecossistêmicos são o caminho para assegurar a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento econômico e social.

Cerca de 25% da superfície terrestre abrange regiões cuja fisionomia se caracteriza pela cobertura vegetal como predomínio dos campos – no entanto, estes ecossistemas estão entre os menos protegidos em todo o planeta.

Na América do Sul, os campos e pampas se estendem por uma área de aproximadamente 750 mil km², compartilhada por Brasil, Uruguai e Argentina.

O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. Em sua paisagem predominam os campos, entremeados por capões de mata, matas ciliares e banhados.

A estrutura da vegetação dos campos – se comparada à das florestas e das savanas – é mais simples e menos exuberante, mas não menos relevante do ponto de vista da biodiversidade e dos serviços ambientais. Ao contrário: os campos têm uma importante contribuição no sequestro de carbono e no controle da erosão, além de serem fonte de variabilidade genética para diversas espécies que estão na base de nossa cadeia alimentar. (<http://www.mma.gov.br/biomas/pampa>).

4.3. MARCOS EDIFICADOS

PROPRIEDADE RURAL DE CRIAÇÃO DE REBANHOS

A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado bovino, ovino e equino. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas: os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007). Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e também por agricultura, em meados do século XIX passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escrava ou assalariada e com uma arquitetura contando com sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (RAHMEIER, 2007; LUCCAS, 1997). Em geral, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não será a base econômica principal. Dessa forma, propriedades menores anteriormente também chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem “indígena” que significa plantação (SAINT-HILAIRE, 1987) ou por designações locais, utilizadas até a atualidade, como “campo” e “sítio”. A estância atual corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde se mantém os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou invernadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém, devido ao seu tamanho podem não ser consideradas como estâncias.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa Sul-rio-grandense	Pelotas/RS	2012	F11	2
------------------------------------	----	-------------------------	------------	------	-----	---

RANCHO

Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé e a taquara (tipo de bambu) eram cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e janelas (sem vidros) as paredes eram preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresentava uma espessura aproximada de 50 cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustentava as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim (LESSA, 1986; VAZ MATTOS, 2003). O chão é de terra batida e podem haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundos e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986). Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados, até fins do século XVIII e início do XIX, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas, portanto predominavam as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana (ISABELLE, 1983; LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 1978).

MANGUEIRA DE PEDRAS

As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com pau-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Não há comprovação da origem histórica dessas edificações, porém sabe-se que eram utilizadas pelos tropeiros (homens que levam o gado de um local a outro) para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (vigiar os animais). Acredita-se que as mangueiras não eram usadas para prender o gado com fins de manuseio como curar, medicar, contar e marcar. Esses serviços eram, em geral, feitos nos rodeios, atividade que consiste em juntar os animais no campo, somente com o auxílio do cavalo, sem o uso de cercas ou similares. O formato circular da mangueira propõe-se a evitar arestas ou cantos que poderiam levar o animal a se “embretar”, ficando sem saída e atirando-se contra as paredes (JACQUES, 2008). A entrada da mangueira é chamada de porteira. Nela eram colocadas duas “tronqueiras”, que são objetos verticais de pedra ou madeira postos um em frente ao outro com perfurações em que eram encaixadas e dispostas varas (madeiras retas) atravessando a porteira evitando a fuga dos animais. Essas construções são bastante encontradas nas rotas ou Caminhos das Tropas que iam em direção às antigas charqueadas e, posteriormente, aos matadouros e frigoríficos.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: *BIBLIOGRAFIA*.

5.1. RESUMO**PELOTAS: ORIGEM E APOGEU**

Por Mario Osorio Magalhães

Mesmo que não se queira recuar demais, no tempo, quando se trata da origem da cidade sempre é preciso repetir que tudo começou, de fato, com a fundação de uma charqueada, em 1779. Nesse momento Pelotas ainda não existe, é apenas um distrito do município do Rio Grande, que, vila desde 1747, haverá de dar origem, desmembrando-se administrativamente, a todos os atuais municípios da região sul do Estado.

Retirante da terrível seca que dois anos antes assolou o Ceará (que fornecia ao Brasil quase toda a carne em conserva, através de sua secagem ao sol), um cidadão português estabeleceu nessa data a primeira charqueada sul-rio-grandense, também a nossa primeira unidade industrial, no interior da Vila do Rio Grande; mais precisamente, às margens do já denominado arroio Pelotas.

Há muito tempo era o território rio-grandense o maior repositório de rebanho bovino, no Brasil: desde que os jesuítas foram expulsos pelos bandeirantes, em 1641. Desfeitas as primeiras reduções indígenas, ficaram espalhadas, a multiplicar-se por este território e pelo atual território uruguaio, milhares e milhares de cabeças de gado. Surgiram,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa Sul-rio-grandense	Pelotas/RS	2012	F11	2
------------------------------------	----	-------------------------	------------	------	-----	---

como era natural, as primeiras estâncias, enormes sesmarias que eram concedidas gratuitamente de preferência aos militares, mas de modo geral aos indivíduos que demonstrassem capacidade para defender suas terras.

Pois igualmente era o Rio Grande, até então, uma região conflagrada, “disputadíssima” por Espanha e Portugal. Apenas nesse final do século XVIII, coincidentemente no mesmo ano em que a seca dizimou o rebanho cearense, assinou-se o Tratado de Santo Ildefonso (1777); a partir daí, a pacificação entre as duas metrópoles permitiu que se trabalhasse, pela primeira vez, com certa tranquilidade e sossego nos latifúndios rio-grandenses.

Já era possível organizar-se, agora, um investimento fabril no extremo sul brasileiro. As estâncias foram se estruturando, economicamente: demarcavam-se as propriedades, identificavam-se, marcavam-se os gados. Permitia-se, com a pacificação, o trabalho de transformação da carne, sua conservação, a manufatura dessa matéria prima no interior do próprio território gaúcho. (Até então, apenas aproveitava-se o couro, para exportação e contrabando, através da Colônia do Sacramento, ou enviava-se o gado em pé para ser comercializado nas feiras de Sorocaba.)

Por isso é que, em 1779, com visão empresarial, José Pinto Martins, vindo do Ceará, estabeleceu às margens do arroio Pelotas a nossa primeira fábrica de salgar carnes, utilizando um processo diferente, mas semelhante, ao da carne-de-sol ou carne-do-sertão, que aqui chamamos charque de vento: a carne desdobrada bem fina e posta a secar ao sol e ao vento¹.

Escolheu uma porção de terras mais para o interior da vila com o objetivo de evitar as areias que, sob a ação dos fortes ventos litorâneos, teriam o efeito de arruinar a produção. Estas terras interiores, embora um tanto afastadas, eram de fácil comunicação com o mar, por onde haveriam de escoar-se as mantas de charque para abastecer os portos do Brasil e do estrangeiro, sobretudo das Antilhas. Pelos arroios da região chegava-se de iate, em poucas horas, ao Canal de São Gonçalo e à Lagoa dos Patos, que vai ao encontro do oceano na barra do Rio Grande.

Sendo o charque o principal alimento dos escravos, e sendo o escravismo o sistema dominante no Brasil, como em outras partes do mundo, não é difícil imaginar a repercussão econômica desse empreendimento. Basta lembrar que já em 1820, quarenta anos depois, havia 22 charqueadas nesta porção da Vila do Rio Grande que hoje constitui apenas uma parte do município de Pelotas (sobretudo as margens do São Gonçalo e dos arroios Pelotas, Santa Bárbara, Moreira e Fragata).

A maioria dos charqueadores, nesse momento, ainda residia na vila. Justamente porque era fácil a comunicação entre a sede, Rio Grande, e o seu distrito de Pelotas; mas também porque o trabalho de enxerca não era permanente: realizado por um grande número de escravos (uma média de oitenta em cada charqueada), durava apenas de novembro a abril, ou seja, a metade mais quente do ano.

Aos poucos, porém, e à medida em que os negócios foram prosperando, todos começaram a perceber que era conveniente edificar residências urbanas num lugar menos distante dos seus casarões rurais. Desde 1812 havia se estabelecido um povoado, com a sua igreja e algumas casas esparsas, nesse lado de cá do São Gonçalo, mais precisamente entre as atuais avenida Bento Gonçalves e rua General Netto. Construíram-se então, nesse espaço, porém cada vez mais para o sul (cada vez mais na direção do canal e menos na direção das charqueadas, por causa do “horrorível cheiro de carniça”, como expressaria um viajante alemão), novas casas e sobrados, alguns verdadeiramente suntuosos. Referindo-se aos charqueadores, disse um observador, de origem francesa: “eles quiseram que o lugar prosperasse, e o lugar prosperou”².

No começo da década de 1830, como consequência, a localidade emancipou-se da Vila do Rio Grande, transformando-se, igualmente, em município, sob a invocação de São Francisco de Paula. Um município — é preciso que se diga — já de início mais próspero do que a própria Vila do Rio Grande, que, agora desmembrada, perdia mais da metade da sua população.

Quase simultaneamente à instalação da primeira Câmara administrativa e da primeira escola pública, e exatamente num terreno entre ambas, construiu-se um teatro, que hoje é o mais antigo do Brasil em funcionamento. Entre os locatários dos seus 61 camarotes, havia um barão (futuro visconde), três comendadores, três futuros barões e um futuro visconde. Já era, pois, evidente a opulência; a nobreza era notória; a cultura, no mínimo, incipiente, sendo resultado de uma sociabilidade que nem era tão recente.

Por exemplo: no final da década anterior, em 1827, um oficial alemão anotava que aqui os habitantes tinham “mais civilização e mais gosto pela vida social e mais trato amigável do que nas outras regiões” do país; que o piano encontrava-se quase em todas as casas; que as mulheres, que chama “espanholas do novo mundo”, quase todas tocavam piano, quase todas falavam francês e a maioria dançava muito bem, sendo tudo isso muito significativo “em comparação com a casmurice anti-cavaleiresca que predomina no resto do Brasil”³.

Opulência, sociabilidade e cultura foram mais e mais se tornando, na intensidade com que o século avançava⁴, conceitos emblemáticos dessa civilização, eminentemente urbana.

Para os industriais, o tempo relativamente desocupado (em virtude da curta safra das charqueadas), o charque e o couro vendidos a altos preços nos mercados e a manutenção, desde logo, de um contato indireto com os grandes

¹ Lopes Neto, J. Simões. *História de Pelotas*. Edição organizada por Mario Osorio Magalhães. Pelotas: Armazem Literário, 1994, p. 19.

² Dreys, Nicolau. *Notícia descritiva da Província do Rio-Grande de São Pedro do Sul*. Rio de Janeiro: J. Villeneuve & Cia., 1839, p. 119.

³ Seidler, Carl. *Dez anos no Brasil*. Tradução de Bertoldo Klinger. São Paulo: Livraria Martins, 3ª edição, 1973, p. 94.

⁴ Consulte-se: Magalhães, Mario Osorio. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Mundial/Editora da UFPel, 1993.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa Sul-rio-grandense	Pelotas/RS	2012	F11	2
------------------------------------	----	-------------------------	------------	------	-----	---

centros (os navios que levavam charque, couro e até língua defumada não haveriam de voltar vazios: vinham carregados de mantimentos, móveis, quadros, livros, figurinos europeus) foram fatores que alargaram, num ritmo crescente, a sua visão de mundo. Permitiram-lhes uma certa leitura, uma certa elegância, uma certa aproximação às artes —numa palavra, um relativo requinte social, mais evidente nos seus filhos bacharéis.

Claro, essa civilização se sustentava no suor do negro, na punição do escravo, na faca assassina, na degola do boi, no arroio tinto de sangue, no cheiro da carniça, nas mantas de carne sob o calor do sol. Era uma civilização do sal, mas que procurava atenuar seus rituais de castigo e de brutalidade adocicando-se em cortesias e amabilidades —no teatro, nos saraus e nos salões. Era uma elite de novos áulicos e novos bacharéis que buscava adoçar corpo e espírito, neste Brasil de clima europeu, com licores (os “finos líquidos”) e desserts, livros e versos rimados, saudações solenes, dedicatórias rebuscadas e, veladamente, sensuais.

Lembre-se que em Pelotas, como em grande parte do Brasil, os nobres improvisados (ou, como hoje se diz, os “emergentes”), que estavam à testa da sociedade, assumiram o tradicional desdém da aristocracia pelo dinheiro. Mas não foram capazes de pôr, no seu lugar, o orgulho pelo nascimento e pela linhagem, já que os títulos de nobreza só eram concedidos ao portador enquanto ele vivesse. Substituíram-no, então, pela “cultura”, como única prova aceitável de nobreza, e a classe média urbana seguiu seu exemplo.

Em 1865, logo no início da Guerra do Paraguai, escrevia o príncipe consorte Gastão d'Orleans, o Conde d'Eu: “Depois de ter percorrido por duas vezes em toda a sua largura a Província do Rio Grande do Sul, depois de ter estado em suas pretensas vilas e cidades, Pelotas aparece aos olhos cansados do viajante como uma bela e próspera cidade. As suas ruas largas e bem alinhadas, as carruagens que as percorrem (fenômeno único na Província), sobretudo os seus edifícios, quase todos de mais de um andar, com as suas elegantes fachadas, dão idéia de uma população opulenta. De fato, é Pelotas a cidade predileta do que eu chamarei a aristocracia rio-grandense...”⁵.

Cinco anos depois, Carlos von Koseritz, intelectual alemão de larga importância na vida cultural do Rio Grande do Sul, traçava um paralelo entre Pelotas e a capital, Porto Alegre (onde viveu a maior parte do tempo), afirmando: “Pe-lotas se acha em circunstâncias diversas. Não podendo contar com os elementos oficiais que a Porto Alegre proporcionam acanhado movimento, viu-se obrigada a recorrer à indústria que a sua posição topográfica lhe facilita. Reina ali uma atividade industrial que Porto Alegre não conhece, e nota-se ali, em geral, progresso mais rápido, abastança maior, fortunas mais sólidas. Cremos até que, para uma cidade nessas condições, não seria sorte alguma se, de repente, se mudasse para ela a sede do governo e o mundo oficial”⁶.

Nessa época, a cidade já se auto-denominava, enamorada de si mesma, “Princesa do Sul”. Com idêntico orgulho, se auto-proclamaria “Athenas Rio-Grandense”, identificada que estava, de um modo especial, com as artes e as letras, numa espécie de desdobramento do seu apogeu econômico-urbano. Mas não era menos famosa, dentro e fora da Província, pelos seus viscondes e barões (houve 17 ao todo, durante os dois impérios), as suas damas, os seus doces, as suas festas, os seus sobrados, os seus monumentos públicos, as suas lojas.

Enfim, nessa época, e com certeza até o final do Império, a cidade se distinguia, era o maior empório industrial da Província de São Pedro. Dentro de um outro ângulo, mas justamente porque polarizava as nossas principais atividades econômicas (a pecuária e o charque), num renovado ajuntamento de tropeiros, criadores e comerciantes, tornou-se a verdadeira capital da Campanha rio-grandense.

A Campanha — e isso todos sabem — é a nossa área histórica mais característica. Com ela, ainda hoje, em muitos sentidos está identificado, no imaginário do Brasil, o Rio Grande como um todo.

(Texto retirado de: RIETH, Flávia et alii. **INRC – produção de doces tradicionais pelotenses (relatório final)**. Pelotas: Editora da UFPEL, 2008. vol.1.).

5.2. CRONOLOGIA	
DATA	EVENTO
Séc. XVII - 1626	Fundação dos Sete Povos das Missões.
Séc. XVII até princípio do XIX	Caça ao gado selvagem no pampa para retirada do couro.
Início séc. XVIII	Concessão de sesmarias; ocupação do Rio Grande do Sul
Séc. XVIII - 1703	Primeiro caminho de tropas oficial: “Caminho da Praia” – ligava Colônia do Sacramento à Laguna
Séc. XVIII - 1728	Segundo caminho de tropas oficial: “Caminho dos Conventos” ou “Caminho de Sousa Farias” – ligava Araranguá, passando pelos Caminhos de Cima da Serra até Curitiba
Séc. XVIII - 1730	Terceiro caminho de tropas oficial: “Caminho das Tropas – origem em Viamão,

⁵ Eu, Conde d'. *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*. São Paulo: Itatiaia, 1981, ps. 134-135.

⁶ Koseritz, Carlos von. *A História da Ciência*. Porto Alegre: tip. do Jornal do Comércio, 1870.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa Sul-rio-grandense	Pelotas/RS	2012	F11	2
------------------------------------	----	-------------------------	------------	------	-----	---

	passando pelos Campos das Vacarias, pelo rio Pelotas, Campos de Lages, Campos Curitibanos, rio Negro, rio Iguaçu, Campos Gerais de Curitiba, chegando em Sorocaba.
Séc. XVIII - 1750	Tratado de Madri.
Séc. XVIII	Consumo dos produtos da pecuária em razão do ciclo minerador nas Gerais.
1809	Primeira divisão administrativa da Província de São Pedro: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre.
Séc. XVIII e XIX	Instalação das estâncias e de charqueadas em Pelotas e Bagé.
Séc. XIX	Introdução do arame para cercamento das propriedades.
Séc. XIX (final) – Séc. XX (início)	Instalação dos primeiros frigoríficos
Séc. XX	Investimento no melhoramento genético dos rebanhos, incremento na importação e exportação da carne bovina.
Séc. XX	Criação de associações e cooperativas de criadores de bovinos, equinos e ovinos, entre outros.
Séc. XX	Introdução do transporte de rebanhos por caminhões.
Séc. XX	Instalação de consórcio pecuária-agricultura de forma mais intensa.
Séc. XX – década de 1950	Fechamento da última charqueada em Bagé
Séc. XX – década de 1960	Introdução do Pastoreio rotativo científico “Voisin”
Séc. XX	Instalação de centros de doma e treinamento de cavalos nos núcleos urbanos
Séc. XX	Instauração de cursos para aprimoramento dos trabalhadores rurais em instituições privadas e públicas municipais, estaduais e federais, como sindicatos rurais, associações de criadores, EMBRAPA, etc.

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Ver item 7 da Ficha de Identificação: Sítio.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa Sul-riograndense	Pelotas/RS	2012	F11	2
------------------------------------	----	------------------------	------------	------	-----	---



IMAGEM 02 - MAPA ATUAL DA CIDADE.

FONTE: [HTTP://GLCF.UMIACS.UMD.EDU](http://GLCF.UMIACS.UMD.EDU)

BASE VETORIAL IBGE 2000. ELABORADO POR RAFAEL ARNONI/ HECTARE, AGOSTO DE 2006.

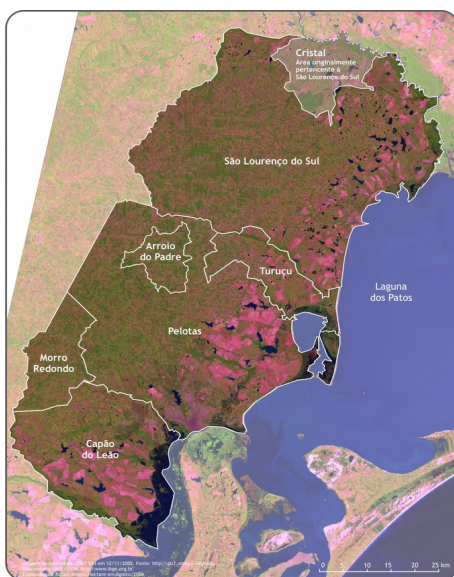
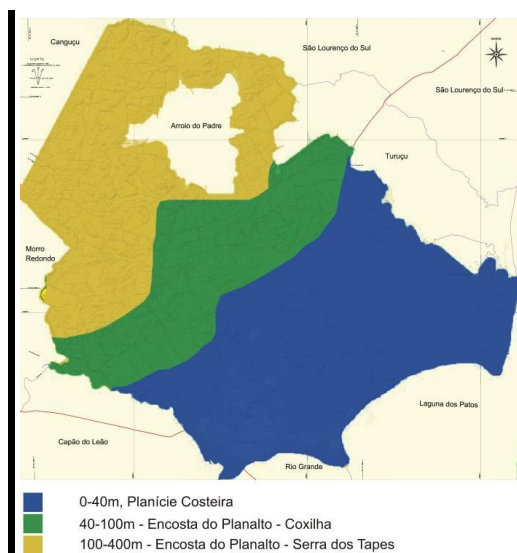


IMAGEM 01 - MAPA DA PELOTAS ANTIGA.

FONTE: [HTTP://GLCF.UMIACS.UMD.EDU](http://GLCF.UMIACS.UMD.EDU)

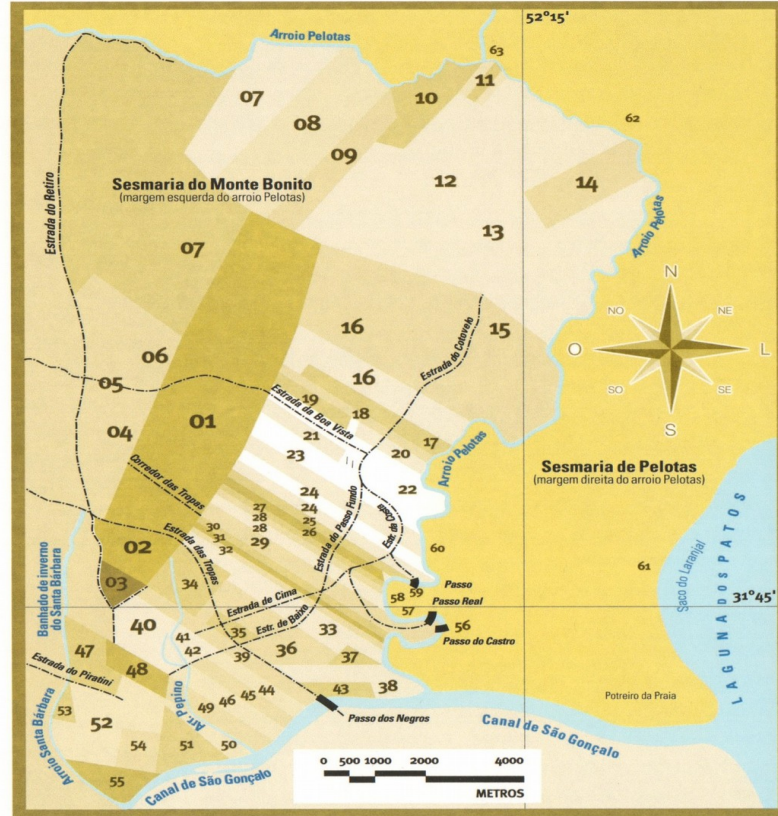
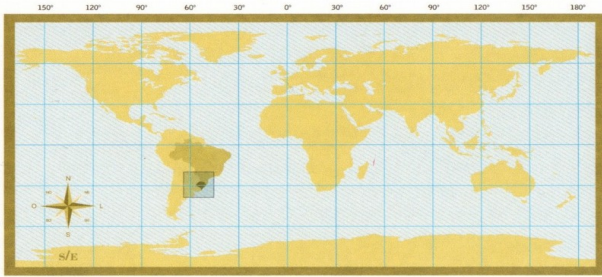
BASE VETORIAL IBGE 2000. ELABORADO POR RAFAEL ARNONI/ HECTARE, AGOSTO DE 2006.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa Sul-rio-grandense	Pelotas/RS	2012	F11	2
------------------------------------	----	-------------------------	------------	------	-----	---



MAPA 01 – ZONEAMENTO MORFOLÓGICO DO MUNICÍPIO DE PELOTAS.
FONTE: ACERVO DO INVENTÁRIO, 2007.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa Sul-rio-grandense	Pelotas/RS	2012	F11	2
------------------------------------	----	-------------------------	------------	------	-----	---



MAPA 02: LOCALIZAÇÃO DO ATUAL TERRITÓRIO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

MAPA 03: SITUAÇÃO DO NÚCLEO CHARQUEADOR PELOTENSE E DOS CAMPOS NEUTRAIS

MAPA 04: DIVISÃO DA SESMARIA DO MONTE BONITO - CERNE DO NÚCLEO CHARQUEADOR PELOTENSE (VER IMAGEM 03 PARA IDENTIFICAÇÕES REFERENCIAIS)

FONTE: GUTIERREZ, ESTER JUDITE BENDJOUYA. **SÍTIOS CHARQUEADOR PELOTENSE**. PORTO ALEGRE: EDITORA PAISAGEM DO SUL, 2010.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa Sul-rio-grandense	Pelotas/RS	2012	F11	2
------------------------------------	----	-------------------------	------------	------	-----	---

PROPRIETÁRIOS PRIVADOS E PÚBLICOS NAS ANTIGAS
SESMARIAS DO MONTE BONITO E DE PELOTAS

- | | |
|--|--|
| 01. Logradouro Público | 33. Manuel Elias, José P. da Silva Brites & Cipriano Rodrigues Barcellos |
| 02. Tablada | 34. Cipriano Rodrigues Barcellos |
| 03. Matadouro Público | 35. Elias Pereira da Silva |
| 04. Antônio José Gonçalves Chaves | 36. Genoveva Pereira da Silva |
| 05. Maria Angélica do Carmo | 37. Brás Pereira da Silva |
| 06. Boaventura Rodrigues Barcellos | 38. Manoel S. da Silva, João A. Lopes Soares & Antônio J. da Silva Maia |
| 07. Alexandre Inácio Pires | 39. J. Teixeira Guimarães, depois Manuel Batista Teixeira |
| 08. Manuel Ravelo Paiva | 40. Chácara J.R. Barata |
| 09. Manuela da Silveira Ávila | 41. Manuel Pinto de Moraes |
| 10. José Joaquim Gonçalves & Felisberto José G. Braga | 42. J.M. Torres |
| 11. Belchior | 43. João Jacinto Mendonça |
| 12. Antônio de Souza & Serafim de S. Pacheco | 44. Francisco Xavier Farias |
| 13. Manuel Dominguez | 45. José Inácio Xavier |
| 14. Francisco Pereira de Souza | 46. Bárbara Lopes de Jesus |
| 15. Domingos de Castro Antiequeira | 47. Chácara e Olaria de F. Carneiro |
| 16. Antônio Pereira da Cruz | 48. Primeiro Loteamento - Antônio Francisco dos Anjos |
| 17. Joaquim Silvério de Souza, depois Boaventura Inácio Barcelos | 49. José Gonçalves da Silveira Calheca |
| 18. Boaventura Inácio Barcelos | 50. Heliodoro de Souza |
| 19. Ana Joaquina de Jesus | 51. José Tomás da Silva |
| 20. José Teixeira | 52. Segundo Loteamento (herdeiros de Mariana Eufrásia da Silveira) |
| 21. João Ferreira Paes | 53. Luís Ferreira |
| 22. Manoel A. da Cruz, José da Cruz Seco & José Rodrigues Candiota | 54. Luzia |
| 23. Custódio M. Vieira, João Vinhas, Luís de A. Souza & José Pinto Martins | 55. Mariana |
| 24. Boaventura Rodrigues Barcellos | 56. Antônio José de Oliveira Castro |
| 25. Antônio José Gonçalves Chaves | 57. Manuel Bento da Fontoura |
| 26. Inácio Rodrigues Barcellos | 58. Barão de Jarau (Joaquim José Assumpção) |
| 27. Cipriano Rodrigues Barcellos | 59. Barão de Jarau |
| 28. Bernardino Rodrigues Barcellos | 60. Barão de Butuí (Moreira) |
| 29. Domingos José de Almeida | 61. Estância do Laranjal |
| 30. Ambrósio Antunes Porciúncula | 62. Estância da Palma |
| 31. Manuel Portugal Guimarães | 63. Estância da Graça |
| 32. Joaquim Ribeiro Lopes da Silva | |

IMAGEM 03 – REFERENCIAIS CORRESPONDENTES AO MAPA 04.

FONTE: GUTIERREZ, ESTER JUDITE BENDJOUYA. **SÍTIOS CHARQUEADOR PELOTENSE**. PORTO ALEGRE: EDITORA PAISAGEM DO SUL, 2010.

7. Legislação

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO

Segundo Freire (2005), com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, constituiu-se a política de preservação e salvaguarda do patrimônio no Brasil por intermédio do tombamento (ato institucional aplicado, que protege os bens culturais materiais da descaracterização cultural). Em um primeiro momento, tal ação estatal teve como foco o salvamento emergencial dos bens relacionados ao período colonial, aos grandes personagens históricos e as obras de arte. Neste sentido, representativos desta noção de nacionalidade, encontramos no Rio Grande do Sul: o tombamento das Ruínas da Redução Jesuítico-Guarani de São Miguel Arcanjo (1938); Igreja Matriz de São Pedro, em Rio Grande (1938) e a Matriz da Nossa Senhora da Conceição em Viamão (1938); O Forte D. Pedro II, em Caçapava do Sul (1938); as casas dos líderes da Guerra dos Farrapos Bento Gonçalves (1940) e Garibaldi (1941) em Piratini, e David Canabarro, em Santana do Livramento (1953); a Rua da Ladeira em Rio Pardo (1955); O Obelisco Republicano em Pelotas (1955), O Teatro Sete de Abril (1972) e as três casas na Praça Coronel Pedro Osório (1977) todos em Pelotas.

Esta visão de Patrimônio Cultural Brasileiro se altera em 1960 com a inclusão dos sítios arqueológicos considerados bens patrimoniais, protegidos pela lei número 3924/61. Na década de 1970 ocorreu uma ampliação institucional da área de Patrimônio com a criação de políticas específicas de preservação do patrimônio em estados e municípios, a partir da Lei Federal de Tombamento. Freire (2005, p.12).

Tal expressividade de ações de tombamento em Piratini reflete a ampliação desta rede institucional de preservação do patrimônio legitimando a representação da cidade como Capital Farroupilha. Nestes termos, a ação do

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa Sul-rio-grandense	Pelotas/RS	2012	F11	2
------------------------------------	----	-------------------------	------------	------	-----	---

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAEE) tombou os seguintes bens: Antiga Cadeia (18/11/1986), Antiga Casa de Fazenda (18/11/1986), Antiga Casa Fabião (21/11/1986), Antiga Farmácia Caridade (20/11/1986), Antiga Moradia de Egidio Rosa (21/11/1986), Antigo Teatro Municipal (Sete de Abril) (20/11/1986), Casa Comercial dos Fabião (21/11/1986), Casa de Camarinha (20/11/1986), Casa do Comendador Fabião (20/11/1986), Casa de Gomes de Freitas (21/11/1986), Casa de Vicente Lucas de Oliveira (21/11/1986), Prédio no Logradouro Pe. Reinaldo Wist (Geminado com o Teatro) (20/11/1986), Ponte do Império (01/08/1984), Prédio da Rua Bento Gonçalves (Casa de Darwing Lucas) (21/11/1986), Sobrado da Dorada (21/11/1986).

Da mesma maneira, em Arroio Grande, por iniciativa do município e acompanhando a ideia de patrimônio a partir dos feitos históricos do Rio Grande do Sul, considerando seus personagens e revoluções, propõe o registro de um obelisco e de uma tapera localizados no lugar onde nasceu o Barão de Mauá e de um marco de fronteira situado nas margens da estrada para Pelotas, homenageando uma batalha da Revolução Farroupilha. (Lei 586, de 14.1.1966)

A partir dos anos 80, a noção de patrimônio se altera no sentido de representar a diversidade cultural brasileira, bem como se vincula ao tombamento de bens edificados o patrimônio imaterial. Neste sentido, observa-se o tombamento dos conjuntos urbanos com maior densidade de população em uma região expressivamente rural que são as ações em Pelotas e Bagé, considerando o sítio da pesquisa. Citam-se, ainda, as ações com relação ao registro do patrimônio imaterial: INRC a produção dos doces Tradicionais Pelotenses, Porongos e Missões.

A diversidade dessas ações de patrimônio, em tais cidades, expressa uma ampliação das políticas de preservação das várias esferas do estado (municipal, estadual e federal) bem como as alterações na noção de patrimônio. Embora nos últimos anos, com a implementação das diretrizes da Lei 10.257/2001 (Estatuto da Cidade) os municípios tenham avançando, dentre outros aspectos, no estabelecimento de diretrizes voltadas às questões patrimoniais, incluindo a instituição de Áreas de Interesse Cultural e outros mecanismos de gestão do patrimônio, é importante destacar que ainda são praticamente inexistentes políticas de preservação voltadas ao patrimônio existente áreas rurais.

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

Respondido no item 9.2 Ficha Sítio (itens a serem aprofundados) – Relações entre pecuária e agricultura; envelhecimento; masculinização no campo, ausência de políticas públicas voltada para o campo; diminuição da oferta de emprego e mão-de-obra; cultura de fronteira; investigações arqueológicas associada aos antigos caminhos das tropas.

8.2. RECOMENDAÇÕES

Ver item 9.2 Ficha Sítio

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	Lidas campeiras
ANEXO 4: CONTATOS	F1 – A4 – 27, 28, 38, 39, 47, 51, 52, 59, 61, 67.
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	F60 – 1 a F60 – 7

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Dobke, Daniel Vaz Lima. Consultores: Erika Collischonn – Geografia; Fernando Camargo – História; Karen Mello – Urbanismo.
SUPERVISOR	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby e Marta Bonow Rodrigues.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa Sul-rio-grandense	Pelotas/RS	2012	F11	2
------------------------------------	----	-------------------------	------------	------	-----	---

REDATOR	Marília Floôr Kosby, Daniel Vaz Lima, Marta Bonow Rodrigues, Flávia Rieth, Liza Bilhalva Martins da Silvae Pablo Dobke.	DATA 10.04.13
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Flávia Rieth	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE	CÓDIGO DA FICHA					
	RS	Região de Bagé	Aceguá, RS/Uy	2012	F11	3
	UF	sítio	Loc.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Região de Bagé.
LOCALIDADE	Aceguá (Sede, Vila da Lata, Minuano do Aceguá, Corredor Brasil-Uruguai e Espantoso).
MUNICÍPIO / UF	Aceguá/RS e Aceguá/Uy

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE		RS	Região de Bagé	Aceguá, RS/Uy	2012	F11	3
------------------------------------	--	----	-------------------	------------------	------	-----	---



Imagem 1: Localidade Minuano do Aceguá.



Imagem 2: Vila da Lata.



Imagem 3: Corredor internacional.



Imagem 4: Praça Internacional de Aceguá.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				RS	Região de Bagé	Aceguá, RS/Uy	2012	F11	3
------------------------------------	--	--	--	----	----------------	---------------	------	-----	---

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

SÍNTESE
<p>A lida campeira é um conjunto de ofícios e modos de fazer que constitui o trabalho na pecuária extensiva no bioma pampa, área onde está situada a região de Bagé, município do estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Entende-se por pecuária extensiva a criação, para fins lucrativos, de rebanhos de gado bovino, equino, ovino e, em menor escala, caprino, em propriedades rurais de pequena, média e grande extensão.</p> <p>O inventário das Lidas Campeiras na Região de Bagé, a partir de pesquisa etnográfica e bibliográfica, selecionou como referências culturais sobre esse tema os seguintes ofícios: o pastoreio (ofício do peão campeiro), a feitura de aramados (ofício do aramador ou alambrador), a doma (ofício do domador), a esquila dos ovinos (ofício do esquilador), a feitura de artefatos em couro cru (ofício do guasqueiro), a tropeada (ofício do tropeiro) e as lidas caseiras (com vacas leiteiras, carneadas, atividades na cozinha e demais serviços feitos perto da casa da propriedade).</p>

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO					
MUNICÍPIO	POPULAÇÃO (hab.)				
	TOTAL	URBANA	%	RURAL	%
ACEGUÁ	4.394 hab.	1.059 hab.	23%	3.335 hab.	77%

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé	Aceguá, RS/Uy	2012	F11	3
------------------------------------	----	-------------------	------------------	------	-----	---

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Conforme publicação da EMBRAPA (2009), o Bioma Pampa compreende área de clima temperado – marcado por passagens de frentes polares e temperaturas negativas no inverno -, apresenta uma diversidade grande de paisagens e flora que se estende da Patagônia Argentina, ao sul, até as encostas do Planalto Sul Brasileiro, no Rio Grande do Sul, correspondendo a uma área de 700.000 km² compartilhada entre Argentina, Uruguai e Brasil (IBGE, 2004). No Brasil, o Bioma Pampa ocupa área de 178.243 km², restrita ao Rio Grande do Sul, equivalendo a cerca de 63% do território deste estado e 2% do território brasileiro.

O Bioma Pampa é encontrado nas cinco unidades de relevo do Rio Grande do Sul definidas por Suertegaray e Fujimoto (2004), quais sejam: Planalto Sulriograndense, Planícies e terras baixas costeiras, Depressão Periférica, Cuesta de Haedo e Planalto Arenito Basáltico.

A unidade Planícies e terras baixas costeiras corresponde a uma extensa planície arenosa litorânea, composta por inúmeras lagoas, banhados e campos de restingas onde localiza-se a sede do município de Pelotas, as margens de Laguna dos Patos e Arroio Grande próxima à Lagoa Mirim. Nas terras baixas, tem-se campos com capões e banhados.

A unidade Planalto Sulriograndense abrange as encostas leste das serras do Herval e dos Tapes (localização zona rural do município de Pelotas), que se constituem em área de transição entre as terras baixas costeiras, e o planalto propriamente dito. As encostas apresentam relevo com ondulações acentuadas, alternando paisagens de cobertura de florestas estacional semidecidual, caracterizadas pela perda das folhas nos meses de outono e inverno, e campos nativos. No planalto propriamente dito a paisagem é de morros e serras de rochas cristalinas (granitos, gnaisses, migmatitos) e de formações rochosas de arenito cobertas de campos em solos rasos com ocorrência de capões de mata e muitos afloramentos rochosos, como no Distrito das Palmas, ao norte do município de Bagé, no limite com o município de Caçapava do Sul.

Já a porção da Depressão Periférica que se estende para sul até Bagé e Aceguá é a área considerada a mais característica do Bioma Pampa com coxilhas, pequenas elevações, cobertas por vegetação campestre. É a região do bioma com menor cobertura de florestas. Apresenta campos, banhados e campos de várzea nas proximidades dos rios, onde se encontram algumas espécies arbóreas em matas ciliares e capões, como os espinilho, corticeiras e palmares de butiá. Apresenta predominância de gramíneas que conformam a paisagem dos campos sulinos. É considerada a área core do Bioma Pampa no Brasil.

O Ministério do Meio Ambiente define o Bioma Pampa da seguinte forma:

As paisagens naturais do Pampa são variadas, de serras a planícies, de morros rupestres a coxilhas. O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. As paisagens naturais do Pampa se caracterizam pelo predomínio dos campos nativos, mas há também a presença de matas ciliares, matas de encosta, matas de pau-ferro, formações arbustivas, butiazais, banhados, afloramentos rochosos, etc.

Por ser um conjunto de ecossistemas muito antigos, o Pampa apresenta flora e fauna próprias e grande biodiversidade, ainda não completamente descrita pela ciência. Estimativas indicam valores em torno de 3000 espécies de plantas, com notável diversidade de gramíneas, são mais de 450 espécies (capim-forquilha, grama-tapete, flechilhas, barbas-de-bode, cabelos-de-porco, dentre outras). Nas áreas de campo natural, também se destacam as espécies de compostas e de leguminosas (150 espécies) como a babosa-do-campo, o amendoim-nativo e o trevo-nativo. Nas áreas de afloramentos rochosos podem ser encontradas muitas espécies de cactáceas. Entre as várias espécies vegetais típicas do Pampa vale destacar o Algarrobo (*Prosopis algorobilla*) e o Nhandavaí (*Acacia farnesiana*) arbusto cujos remanescentes podem ser encontrados apenas no Parque Estadual do Espinilho, no município de Barra do Quaraí.

A fauna é expressiva, com quase 500 espécies de aves, dentre elas a ema (*Rhea americana*), o perdigão (*Rynchotus rufescens*), a perdiz (*Nothura maculosa*), o quero-quero (*Vanellus chilensis*), o caminheiro-de-espóra (*Anthus correndera*), o João-de-Barro (*Furnarius rufus*), o sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*) e o pica-pau do campo (*Colaptes campestris*). Também ocorrem mais de 100 espécies de mamíferos terrestres, incluindo o veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o graxaim (*Pseudalopex gymnocercus*), o zorrilho (*Conepatus chinga*), o furão (*Galictis cuja*), o tatu-mulita (*Dasyurus hybridus*), o preá (*Cavia aperea*) e várias espécies de tuco-tucos (*Ctenomys sp*). O Pampa abriga um ecossistema muito rico, com muitas espécies endêmicas tais como: Tuco-tuco (*Ctenomys flamarioni*), o beija-flor-de-barba-azul (*Helimaster furcifer*); o sapinho-de-barriga-vermelha (*Melanophryniscus atroluteus*) e algumas ameaçadas de extinção tais como: o veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), o caboclinho-de-barriga-verde (*Sporophila hypoxantha*) e o picapauzinho-chorão (*Picoides mixtus*) (Brasil, 2003).

Trata-se de um patrimônio natural, genético e cultural de importância nacional e global. Também é no Pampa que fica a maior parte do aquífero Guarani.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé	Aceguá, RS/Uy	2012	F11	3
------------------------------------	----	----------------	---------------	------	-----	---

Desde a colonização ibérica, a pecuária extensiva sobre os campos nativos tem sido a principal atividade econômica da região. Além de proporcionar resultados econômicos importantes, tem permitido a conservação dos campos e ensejado o desenvolvimento de uma cultura mestiça singular, de caráter transnacional representada pela figura do gaúcho.

A progressiva introdução e expansão das monoculturas e das pastagens com espécies exóticas têm levado a uma rápida degradação e descaracterização das paisagens naturais do Pampa. Estimativas de perda de hábitat dão conta de que em 2002 restavam 41,32% e em 2008 restavam apenas 36,03% da vegetação nativa do bioma Pampa (CSR/IBAMA, 2010).

A perda de biodiversidade compromete o potencial de desenvolvimento sustentável da região, seja perda de espécies de valor forrageiro, alimentar, ornamental e medicinal, seja pelo comprometimento dos serviços ambientais proporcionados pela vegetação campestre, como o controle da erosão do solo e o sequestro de carbono que atenua as mudanças climáticas, por exemplo.

Em relação às áreas naturais protegidas no Brasil o Pampa é o bioma que menor tem representatividade no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), representando apenas 0,4% da área continental brasileira protegida por unidades de conservação. A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), da qual o Brasil é signatário, em suas metas para 2020, prevê a proteção de pelo menos 17% de áreas terrestres representativas da heterogeneidade de cada bioma.

As “Áreas Prioritárias para Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira”, atualizadas em 2007, resultaram na identificação de 105 áreas do bioma Pampa, destas, 41 (um total de 34.292 km²) foram consideradas de importância biológica extremamente alta.

Estes números contrastam com apenas 3,3% de proteção em unidades de conservação (2,4% de uso sustentável e 0,9% de proteção integral), com grande lacuna de representação das principais fisionomias de vegetação nativa e de espécies ameaçadas de extinção da fauna e da flora. A criação de unidades de conservação, a recuperação de áreas degradadas e a criação de mosaicos e corredores ecológicos foram identificadas como as ações prioritárias para a conservação, juntamente com a fiscalização e educação ambiental.

O fomento às atividades econômicas de uso sustentável é outro elemento essencial para assegurar a conservação do Pampa. A diversificação da produção rural a valorização da pecuária com manejo do campo nativo, juntamente com o planejamento regional, o zoneamento ecológico-econômico e o respeito aos limites ecossistêmicos são o caminho para assegurar a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento econômico e social.

Cerca de 25% da superfície terrestre abrange regiões cuja fisionomia se caracteriza pela cobertura vegetal como predomínio dos campos – no entanto, estes ecossistemas estão entre os menos protegidos em todo o planeta.

Na América do Sul, os campos e pampas se estendem por uma área de aproximadamente 750 mil km², compartilhada por Brasil, Uruguai e Argentina.

O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. Em sua paisagem predominam os campos, entremeados por capões de mata, matas ciliares e banhados.

A estrutura da vegetação dos campos – se comparada à das florestas e das savanas – é mais simples e menos exuberante, mas não menos relevante do ponto de vista da biodiversidade e dos serviços ambientais. Ao contrário: os campos têm uma importante contribuição no sequestro de carbono e no controle da erosão, além de serem fonte de variabilidade genética para diversas espécies que estão na base de nossa cadeia alimentar. (<http://www.mma.gov.br/biomas/pampa>).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé	Aceguá, RS/Uy	2012	F11	3
------------------------------------	----	-------------------	------------------	------	-----	---

4.3. MARCOS EDIFICADOS

PROPRIEDADE RURAL DE CRIAÇÃO DE REBANHOS

A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado bovino, ovino e equino. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas: os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007). Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e também por agricultura, em meados do século XIX passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escrava ou assalariada e com uma arquitetura contando com sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (RAHMEIER, 2007; LUCCAS, 1997). Em geral, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não será a base econômica principal. Dessa forma, propriedades menores anteriormente também chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem “indígena” que significa plantação (SAINT-HILAIRE, 1987) ou por designações locais, utilizadas até a atualidade, como “campo” e “sítio”. A estância atual corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde se mantém os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou invernadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém, devido ao seu tamanho podem não ser consideradas como estâncias.

Propriedades rurais visitadas em Aceguá:

Minuano:

Estância do Minuano
Fazenda Santa Leontina

Espantoso:

Agropecuária Umbu

RANCHO

Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé e a taquara (tipo de bambu) eram cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e janelas (sem vidros) as paredes eram preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresentava uma espessura aproximada de 50 cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustentava as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim (LESSA, 1986; VAZ MATTOS, 2003). O chão é de terra batida e podem haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundos e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986). Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados, até fins do século XVIII e início do XIX, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas, portanto predominavam as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana (ISABELLE, 1983; LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 1978). Na Vila da Lata, comunidade quilombola, observou-se a existência de ranchos como moradia. A utilização das casas de torrão como galpão ou cozinha é também uma forma de celebração da tradição. Nestes termos, em Aceguá, a programação dos festejos do Dia 20 de Setembro, da Semana Farroupilha, envolve a construção de ranchos pelos peões.

Ranchos visitados em Aceguá:

Sede:

Ranchos construídos na avenida principal da cidade para as celebrações da Semana Farroupilha, onde os festejadores se reúnem para tomar mate, jogar truco (jogo de cartas), cozinhar ou para atuar em serviços ligados às lidas campeiras, como a restauração de arreios e laços através do conhecimento do ofício de guasqueiro. Além disso, atividades administrativas envolvidas nos festejos da Semana Farroupilha podem ser executadas nos ranchos construídos.

Vila da Lata:

Comunidade quilombola localizada à beira do Corredor Brasil-Uruguaí, composta por uma série de ranchos dispostos em ambas às margens da única rua da Vila.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé	Aceguá, RS/Uy	2012	F11	3
------------------------------------	----	-------------------	------------------	------	-----	---

MANGUEIRA DE PEDRAS

As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Não há comprovação da origem histórica dessas edificações, porém sabe-se que eram utilizadas pelos tropeiros (homens que levam o gado de um local a outro) para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (vigiar os animais). Acredita-se que as mangueiras não eram usadas para prender o gado com fins de manuseio como curar, medicar, contar e marcar. Esses serviços eram, em geral, feitos nos rodeios, atividade que consiste em juntar os animais no campo, somente com o auxílio do cavalo, sem o uso de cercas ou similares. O formato circular da mangueira propõe-se a evitar arestas ou cantos que poderiam levar o animal a se “embretar”, ficando sem saída e atirando-se contra as paredes (JACQUES, 2008). A entrada da mangueira é chamada de porteira. Nela eram colocadas duas “tronqueiras”, que são objetos verticais de pedra ou madeira postos um em frente ao outro com perfurações em que eram encaixadas e dispostas varas (madeiras retas) atravessando a porteira evitando a fuga dos animais. Essas construções são bastante encontradas nas rotas ou Caminhos das Tropas que iam em direção às antigas charqueadas e, posteriormente, aos matadouros e frigoríficos.

Mangueiras de pedra visitadas em Aceguá:

Minuano:

Estância do Minuano.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

5.1. RESUMO

Dentre as localidades abarcadas pelas investigações do INRC – Lidas Campeiras em Bagé/RS, está o município de Aceguá/RS, por se configurar histórica e culturalmente como território no qual a pecuária extensiva se apresenta como fator fundamental na estruturação do desenvolvimento do mais amplo leque de relações sociais. Além do mais, as localidades que compõem a rede de investigação de campo do INRC – Lidas Campeiras em Bagé/RS são incorporadas à pesquisa por integrarem circuitos de produção, criação, comercialização e/ou abate de animais manejados pela pecuária extensiva, na região do pampa sul-rio-grandense. Para isso, é de suma importância que – além dos dados estatísticos e econômicos - seja também levado em consideração aspectos da continuidade histórica da atividade na localidade em questão.

A hoje conhecida cidade de Aceguá desmembrou-se de Bagé oficialmente entre os anos de 1995 e 1996, porém, a região primeiramente denominada de *Pueblo Juncal* pelos uruguaios e Coxilha Seca pelos brasileiros (ao longo do tempo, a localidade recebeu diferentes nomes; Coxilha Seca, de 1897 a 1920; Rio Negro, de 1920 a 1933; a partir de 1933 volta então a chamar-se de Coxilha Seca para somente mudar definitivamente para Aceguá em 1938), tem sua economia vinculada principalmente no que tange a cultura da pecuária extensiva, com suas tradicionais estâncias de criação de gado bovino e equino.

Segundo Minga Blanco, interlocutor do inventário (informações sobre a formação histórica e geográfica de Aceguá, é de certa maneira, muito limitada, ainda carecendo de fontes), a localidade está extremamente ligada ao trânsito do gado bovino vindo das Missões Orientais em direção a Montevidéu ou a Colônia de Sacramento, ação esta que fazia da região um posto de passagem para estes tropeiros da Companhia de Jesus, algo que acabou por consolidar a característica da região. Por sua posição geográfica, o atual Município desempenhou importante papel na história do Rio Grande de São Pedro (atual Rio Grande do Sul), sendo o seu território alvo de disputas no século XVII entre índios, portugueses e espanhóis. De acordo com o site da prefeitura de Bagé, o primeiro registro histórico quanto à ocupação jesuítica da região correspondente ao Município de Bagé, é a data de 1681. Segundo os autores, os padres jesuítas migraram das reduções guaraníticas e instalaram-se no sul do Rio Grande do Sul, no ponto mais extremo da Estância de São Miguel o posto de Santa Tecla, tendo como objetivos, a guarda e o pastoreio do rebanho local; em 1683 durante o domínio espanhol, os missionários jesuítas fundaram a Redução de Santo André de Guenoas.

Devido à facilidade em se atravessar a fronteira entre os territórios pertencentes aos Impérios Luso e de Castela (cabe lembrar que a fronteira como hoje é conhecida ainda não existia, sendo assim, um lugar de imenso desacordo entre as coroas), a região também se notabilizou desde o mais tenro tempo pela prática do contrabando, atividade esta que ainda movimenta a região até os dias atuais.

Ao longo da linha divisória que separa politicamente Brasil e Uruguai, encontram-se muitas estâncias, propriedades estas que estão inteiramente vinculadas ao latifúndio pastoril e historicamente ligadas as concessões de sesmarias, contudo, em meio a estes símbolos da economia Sul-Rio-grandense, encontra-se a Vila da Lata, lugar definido como comunidade quilombola e interessantemente abordado no trabalho de Francine Joseph (2010).

Com estes aspectos, a cidade de Aceguá e região (incluindo a cidade homônima do lado uruguaio), configuram-se como um espaço transnacional, fazendo com que ambos os lados partilhem de uma mesma configuração social, pois a gênese do local, em sua história, jamais admitiu fronteiras.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé	Aceguá, RS/Uy	2012	F11	3
------------------------------------	----	-------------------	------------------	------	-----	---

--

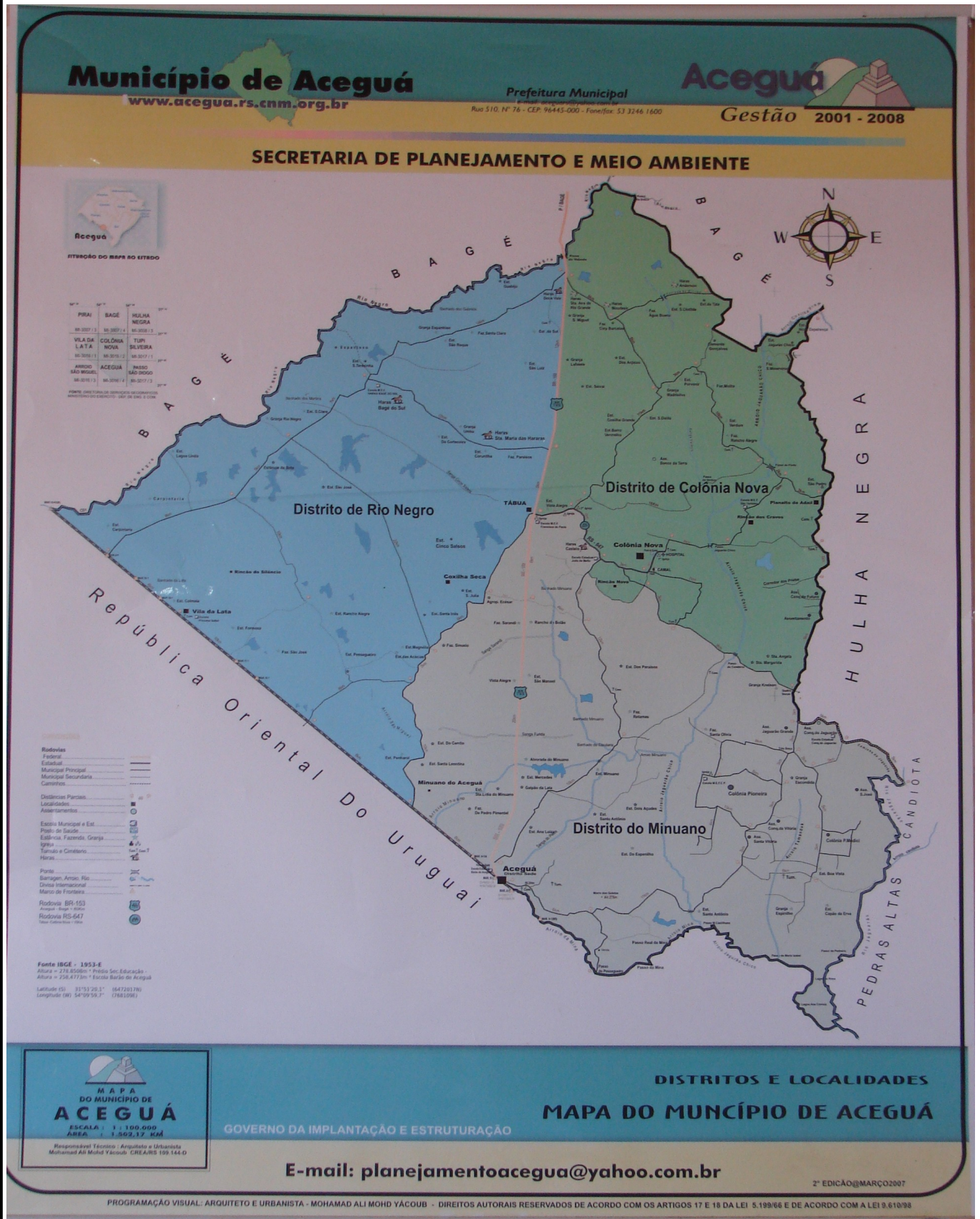
5.2. CRONOLOGIA	
DATA	EVENTO
Séc. XVII - 1626	Fundação dos Sete Povos das Missões.
Séc. XVII até princípio do XIX	Caça ao gado selvagem no pampa para retirada do couro.
Início séc. XVIII	Concessão de sesmarias; ocupação do Rio Grande do Sul
Séc. XVIII - 1703	Primeiro caminho de tropas oficial: "Caminho da Praia" – ligava Colônia do Sacramento à Laguna
Séc. XVIII - 1728	Segundo caminho de tropas oficial: "Caminho dos Conventos" ou "Caminho de Sousa Farias" – ligava Araranguá, passando pelos Caminhos de Cima da Serra até Curitiba
Séc. XVIII - 1730	Terceiro caminho de tropas oficial: "Caminho das Tropas – origem em Viamão, passando pelos Campos das Vacarias, pelo rio Pelotas, Campos de Lages, Campos Curitibanos, rio Negro, rio Iguaçu, Campos Gerais de Curitiba, chegando em Sorocaba.
Séc. XVIII - 1750	Tratado de Madri.
Séc. XVIII	Consumo dos produtos da pecuária em razão do ciclo minerador nas Gerais.
1809	Primeira divisão administrativa da Província de São Pedro: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre.
Séc. XVIII e XIX	Instalação das estâncias e de charqueadas em Pelotas e Bagé.
Séc. XIX	Introdução do arame para cercamento das propriedades.
Séc. XIX (final) – Séc. XX (início)	Instalação dos primeiros frigoríficos
Séc. XX	Investimento no melhoramento genético dos rebanhos, incremento na importação e exportação da carne bovina.
Séc. XX	Criação de associações e cooperativas de criadores de bovinos, equinos e ovinos, entre outros.
Séc. XX	Introdução do transporte de rebanhos por caminhões.
Séc. XX	Instalação de consórcio pecuária-agricultura de forma mais intensa.
Séc. XX – década de 1950	Fechamento da última charqueada em Bagé
Séc. XX – década de 1960	Introdução do Pastoreio rotativo científico "Voisin"
Séc. XX	Instalação de centros de doma e treinamento de cavalos nos núcleos urbanos
Séc. XX	Instauração de cursos para aprimoramento dos trabalhadores rurais em instituições privadas e públicas municipais, estaduais e federais, como sindicatos rurais, associações de criadores, EMBRAPA, etc.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé	Aceguá, RS/Uy	2012	F11	3
------------------------------------	----	-------------------	------------------	------	-----	---

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				RS	Região de Bagé	Aceguá, RS/Uy	2012	F11	3
------------------------------------	--	--	--	----	----------------	---------------	------	-----	---

Ver item 7 da Ficha de Identificação: Sítio.



Mapa do Município de Aceguá / RS

FONTE: Acervo do INRC Bagé.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé	Aceguá, RS/Uy	2012	F11	3
------------------------------------	----	-------------------	------------------	------	-----	---

7. Legislação

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO

Segundo Freire (2005), com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, constituiu-se a política de preservação e salvaguarda do patrimônio no Brasil por intermédio do tombamento (ato institucional aplicado, que protege os bens culturais materiais da descaracterização cultural). Em um primeiro momento, tal ação estatal teve como foco o salvamento emergencial dos bens relacionados ao período colonial, aos grandes personagens históricos e as obras de arte. Neste sentido, representativos desta noção de nacionalidade, encontramos no Rio Grande do Sul: o tombamento das Ruínas da Redução Jesuítico-Guarani de São Miguel Arcaño (1938); Igreja Matriz de São Pedro, em Rio Grande (1938) e a Matriz da Nossa Senhora da Conceição em Viamão (1938); O Forte D. Pedro II, em Caçapava do Sul (1938); as casas dos líderes da Guerra dos Farrapos Bento Gonçalves (1940) e Garibaldi (1941) em Piratini, e David Canabarro, em Santana do Livramento (1953); a Rua da Ladeira em Rio Pardo (1955); O Obelisco Republicano em Pelotas (1955), O Teatro Sete de Abril (1972) e as três casas na Praça Coronel Pedro Osório (1977) todos em Pelotas.

Esta visão de Patrimônio Cultural Brasileiro se altera em 1960 com a inclusão dos sítios arqueológicos considerados bens patrimoniais, protegidos pela lei número 3924/61. Na década de 1970 ocorreu uma ampliação institucional da área de Patrimônio com a criação de políticas específicas de preservação do patrimônio em estados e municípios, a partir da Lei Federal de Tombamento. Freire (2005, p.12).

Tal expressividade de ações de tombamento em Piratini reflete a ampliação desta rede institucional de preservação do patrimônio legitimando a representação da cidade como Capital Farroupilha. Nestes termos, a ação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE) tombou os seguintes bens: Antiga Cadeia (18/11/1986), Antiga Casa de Fazenda (18/11/1986), Antiga Casa Fabião (21/11/1986), Antiga Farmácia Caridade (20/11/1986), Antiga Moradia de Egidio Rosa (21/11/1986), Antigo Teatro Municipal (Sete de Abril) (20/11/1986), Casa Comercial dos Fabião (21/11/1986), Casa de Camarinha (20/11/1986), Casa do Comendador Fabião (20/11/1986), Casa de Gomes de Freitas (21/11/1986), Casa de Vicente Lucas de Oliveira (21/11/1986), Prédio no Logradouro Pe. Reinaldo Wist (Geminado com o Teatro) (20/11/1986), Ponte do Império (01/08/1984), Prédio da Rua Bento Gonçalves (Casa de Darwing Lucas) (21/11/1986), Sobrado da Dorada (21/11/1986).

Da mesma maneira, em Arroio Grande, por iniciativa do município e acompanhando a ideia de patrimônio a partir dos feitos históricos do Rio Grande do Sul, considerando seus personagens e revoluções, propõe o registro de um obelisco e de uma tapera localizados no lugar onde nasceu o Barão de Mauá e de um marco de fronteira situado nas margens da estrada para Pelotas, homenageando uma batalha da Revolução Farroupilha. (Lei 586, de 14.1.1966)

A partir dos anos 80, a noção de patrimônio se altera no sentido de representar a diversidade cultural brasileira, bem como se vincula ao tombamento de bens edificados o patrimônio imaterial. Neste sentido, observa-se o tombamento dos conjuntos urbanos com maior densidade de população em uma região expressivamente rural que são as ações em Pelotas e Bagé, considerando o sítio da pesquisa. Citam-se, ainda, as ações com relação ao registro do patrimônio imaterial: INRC a produção dos doces Tradicionais Pelotenses, Porongos e Missões.

A diversidade dessas ações de patrimônio, em tais cidades, expressa uma ampliação das políticas de preservação das várias esferas do estado (municipal, estadual e federal) bem como as alterações na noção de patrimônio. Embora nos últimos anos, com a implementação das diretrizes da Lei 10.257/2001 (Estatuto da Cidade) os municípios tenham avançando, dentre outros aspectos, no estabelecimento de diretrizes voltadas às questões patrimoniais, incluindo a instituição de Áreas de Interesse Cultural e outros mecanismos de gestão do patrimônio, é importante destacar que ainda são praticamente inexistentes políticas de preservação voltadas ao patrimônio existente áreas rurais.

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

Respondido no item 9.2 (itens a serem aprofundados) – Relações entre pecuária e agricultura; envelhecimento; masculinização no campo, ausência de políticas públicas voltada para o campo; diminuição da oferta de emprego e mão-de-obra; cultura de fronteira; investigações arqueológicas associada aos antigos caminhos das tropas.

8.2. RECOMENDAÇÕES

Ver Ficha Sítio Item: 9.2

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé	Aceguá, RS/Uy	2012	F11	3
------------------------------------	----	----------------	---------------	------	-----	---

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	Lidas campeiras
ANEXO 4: CONTATOS	F1 – A4 – 3, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 31, 32, 37, 42, 43, 44, 48, 49, 53, 56, 57 e 58
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	F60 – 1 a F60 – 7

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Dobke, Daniel Vaz Lima. Consultores: Erika Collischonn – Geografia; Fernando Camargo – História; Karen Mello – Urbanismo.	
SUPERVISOR	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby e Marta Bonow Rodrigues.	
REDATOR	Marília Floôr Kosby, Daniel Vaz Lima, Marta Bonow Rodrigues, Flávia Rieth, Liza Bilhalva Martins da Silva e Pablo Dobke.	DATA 18.04.13
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Flávia Rieth	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE		CÓDIGO DA FICHA			
		RS	Região de Bagé/RS	Hulha Negra, RS	2012
UF	sítio	Loc.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Região de Bagé
LOCALIDADE	Mei'Água, Hulha Negra
MUNICÍPIO / UF	Hulha Negra/ RS

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



Imagem 1: Localidade de Mei'água.



Imagem 2: Localidade de Mei'água.

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

SÍNTESE A lida campeira é um conjunto de ofícios e modos de fazer que constitui o trabalho na pecuária extensiva no bioma pampa, área onde está situada a região de Bagé, município do estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Entende-se por pecuária extensiva a criação, para fins lucrativos, de rebanhos de gado bovino, equino, ovino e, em menor escala,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Hulha Negra, RS	2012	F11	4
------------------------------------	----	-------------------	-----------------	------	-----	---

caprino, em propriedades rurais de pequena, média e grande extensão.

O inventário das Lidas Campeiras na Região de Bagé, a partir de pesquisa etnográfica e bibliográfica, selecionou como referências culturais sobre esse tema os seguintes ofícios: o pastoreio (ofício do peão campeiro), a feitura de aramados (ofício do aramador ou alambrador), a doma (ofício do domador), a esquila dos ovinos (ofício do esquilador), a feitura de artefatos em couro cru (ofício do guasqueiro), a tropeada (ofício do tropeiro) e as lidas caseiras (com vacas leiteiras, carneadas, atividades na cozinha e demais serviços feitos perto da casa da propriedade).

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO (hab.)				
	TOTAL	URBANA	%	RURAL	%
HULHA NEGRA	6.043 hab.	2.909 hab.	48%	3.134 hab.	52%

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Hulha Negra, RS	2012	F11	4
------------------------------------	----	-------------------	-----------------	------	-----	---

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Conforme publicação da EMBRAPA (2009), o Bioma Pampa compreende área de clima temperado – marcado por passagens de frentes polares e temperaturas negativas no inverno -, apresenta uma diversidade grande de paisagens e flora que se estende da Patagônia Argentina, ao sul, até as encostas do Planalto Sul Brasileiro, no Rio Grande do Sul, correspondendo a uma área de 700.000 km² compartilhada entre Argentina, Uruguai e Brasil (IBGE, 2004). No Brasil, o Bioma Pampa ocupa área de 178.243 km², restrita ao Rio Grande do Sul, equivalendo a cerca de 63% do território deste estado e 2% do território brasileiro.

O Bioma Pampa é encontrado nas cinco unidades de relevo do Rio Grande do Sul definidas por Suertegaray e Fujimoto (2004), quais sejam: Planalto Sulriograndense, Planícies e terras baixas costeiras, Depressão Periférica, Cuesta de Haedo e Planalto Arenito Basáltico.

A unidade Planícies e terras baixas costeiras corresponde a uma extensa planície arenosa litorânea, composta por inúmeras lagoas, banhados e campos de restingas onde localiza-se a sede do município de Pelotas, as margens de Laguna dos Patos e Arroio Grande próxima à Lagoa Mirim. Nas terras baixas, tem-se campos com capões e banhados.

A unidade Planalto Sulriograndense abrange as encostas leste das serras do Herval e dos Tapes (localização zona rural do município de Pelotas), que se constituem em área de transição entre as terras baixas costeiras, e o planalto propriamente dito. As encostas apresentam relevo com ondulações acentuadas, alternando paisagens de cobertura de florestas estacional semidecidual, caracterizadas pela perda das folhas nos meses de outono e inverno, e campos nativos. No planalto propriamente dito a paisagem é de morros e serras de rochas cristalinas (granitos, gnaisses, migmatitos) e de formações rochosas de arenito cobertas de campos em solos rasos com ocorrência de capões de mata e muitos afloramentos rochosos, como no Distrito das Palmas, ao norte do município de Bagé, no limite com o município de Caçapava do Sul.

Já a porção da Depressão Periférica que se estende para sul até Bagé e Aceguá é a área considerada a mais característica do Bioma Pampa com coxilhas, pequenas elevações, cobertas por vegetação campestre. É a região do bioma com menor cobertura de florestas. Apresenta campos, banhados e campos de várzea nas proximidades dos rios, onde se encontram algumas espécies arbóreas em matas ciliares e capões, como os espinilho, corticeiras e palmares de butiá. Apresenta predominância de gramíneas que conformam a paisagem dos campos sulinos. É considerada a área core do Bioma Pampa no Brasil.

O Ministério do Meio Ambiente define o Bioma Pampa da seguinte forma:

As paisagens naturais do Pampa são variadas, de serras a planícies, de morros rupestres a coxilhas. O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. As paisagens naturais do Pampa se caracterizam pelo predomínio dos campos nativos, mas há também a presença de matas ciliares, matas de encosta, matas de pau-ferro, formações arbustivas, butiazais, banhados, afloramentos rochosos, etc.

Por ser um conjunto de ecossistemas muito antigos, o Pampa apresenta flora e fauna próprias e grande biodiversidade, ainda não completamente descrita pela ciência. Estimativas indicam valores em torno de 3000 espécies de plantas, com notável diversidade de gramíneas, são mais de 450 espécies (capim-forquilha, grama-tapete, flechilhas, barbas-de-bode, cabelos-de-porco, dentre outras). Nas áreas de campo natural, também se destacam as espécies de compostas e de leguminosas (150 espécies) como a babosa-do-campo, o amendoim-nativo e o trevo-nativo. Nas áreas de afloramentos rochosos podem ser encontradas muitas espécies de cactáceas. Entre as várias espécies vegetais típicas do Pampa vale destacar o Algarrobo (*Prosopis algorobilla*) e o Nhandavaí (*Acacia farnesiana*) arbusto cujos remanescentes podem ser encontrados apenas no Parque Estadual do Espinilho, no município de Barra do Quaraí.

A fauna é expressiva, com quase 500 espécies de aves, dentre elas a ema (*Rhea americana*), o perdigão (*Rynchotus rufescens*), a perdiz (*Nothura maculosa*), o quero-quero (*Vanellus chilensis*), o caminheiro-de-espora (*Anthus correndera*), o João-de-Barro (*Furnarius rufus*), o sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*) e o pica-pau do campo (*Colaptes campestris*). Também ocorrem mais de 100 espécies de mamíferos terrestres, incluindo o veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o graxaim (*Pseudalopex gymnocercus*), o zorrilho (*Conepatus chinga*), o furão (*Galictis cuja*), o tatu-mulita (*Dasyptus hybridus*), o preá (*Cavia aperea*) e várias espécies de tuco-tucos (*Ctenomys sp*). O Pampa abriga um ecossistema muito rico, com muitas espécies endêmicas tais como: Tuco-tuco (*Ctenomys flamarioni*), o beija-flor-de-barba-azul (*Heliomaster furcifer*); o sapinho-de-barriga-vermelha (*Melanophryniscus atroluteus*) e algumas ameaçadas de extinção tais como: o veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), o caboclinho-de-barriga-verde (*Sporophila hypoxantha*) e o picapauzinho-chorão (*Picoides mixtus*) (BRASIL, 2003).

Trata-se de um patrimônio natural, genético e cultural de importância nacional e global. Também é no Pampa que fica a maior parte do aquífero Guarani.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Hulha Negra, RS	2012	F11	4
------------------------------------	----	-------------------	-----------------	------	-----	---

Desde a colonização ibérica, a pecuária extensiva sobre os campos nativos tem sido a principal atividade econômica da região. Além de proporcionar resultados econômicos importantes, tem permitido a conservação dos campos e ensejado o desenvolvimento de uma cultura mestiça singular, de caráter transnacional representada pela figura do gaúcho.

A progressiva introdução e expansão das monoculturas e das pastagens com espécies exóticas têm levado a uma rápida degradação e descaracterização das paisagens naturais do Pampa. Estimativas de perda de hábitat dão conta de que em 2002 restavam 41,32% e em 2008 restavam apenas 36,03% da vegetação nativa do bioma Pampa (CSR/IBAMA, 2010).

A perda de biodiversidade compromete o potencial de desenvolvimento sustentável da região, seja perda de espécies de valor forrageiro, alimentar, ornamental e medicinal, seja pelo comprometimento dos serviços ambientais proporcionados pela vegetação campestre, como o controle da erosão do solo e o sequestro de carbono que atenua as mudanças climáticas, por exemplo.

Em relação às áreas naturais protegidas no Brasil o Pampa é o bioma que menor tem representatividade no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), representando apenas 0,4% da área continental brasileira protegida por unidades de conservação. A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), da qual o Brasil é signatário, em suas metas para 2020, prevê a proteção de pelo menos 17% de áreas terrestres representativas da heterogeneidade de cada bioma.

As “Áreas Prioritárias para Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira”, atualizadas em 2007, resultaram na identificação de 105 áreas do bioma Pampa, destas, 41 (um total de 34.292 km²) foram consideradas de importância biológica extremamente alta.

Estes números contrastam com apenas 3,3% de proteção em unidades de conservação (2,4% de uso sustentável e 0,9% de proteção integral), com grande lacuna de representação das principais fisionomias de vegetação nativa e de espécies ameaçadas de extinção da fauna e da flora. A criação de unidades de conservação, a recuperação de áreas degradadas e a criação de mosaicos e corredores ecológicos foram identificadas como as ações prioritárias para a conservação, juntamente com a fiscalização e educação ambiental.

O fomento às atividades econômicas de uso sustentável é outro elemento essencial para assegurar a conservação do Pampa. A diversificação da produção rural a valorização da pecuária com manejo do campo nativo, juntamente com o planejamento regional, o zoneamento ecológico-econômico e o respeito aos limites ecossistêmicos são o caminho para assegurar a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento econômico e social.

Cerca de 25% da superfície terrestre abrange regiões cuja fisionomia se caracteriza pela cobertura vegetal como predomínio dos campos – no entanto, estes ecossistemas estão entre os menos protegidos em todo o planeta.

Na América do Sul, os campos e pampas se estendem por uma área de aproximadamente 750 mil km², compartilhada por Brasil, Uruguai e Argentina.

O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. Em sua paisagem predominam os campos, entremeados por capões de mata, matas ciliares e banhados.

A estrutura da vegetação dos campos – se comparada à das florestas e das savanas – é mais simples e menos exuberante, mas não menos relevante do ponto de vista da biodiversidade e dos serviços ambientais. Ao contrário: os campos têm uma importante contribuição no sequestro de carbono e no controle da erosão, além de serem fonte de variabilidade genética para diversas espécies que estão na base de nossa cadeia alimentar. (<http://www.mma.gov.br/biomas/pampa>).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Hulha Negra, RS	2012	F11	4
------------------------------------	----	----------------------	-----------------------	------	-----	---

4.3. MARCOS EDIFICADOS

PROPRIEDADE RURAL DE CRIAÇÃO DE REBANHOS

A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado bovino, ovino e equino. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas: os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007). Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e também por agricultura, em meados do século XIX passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escrava ou assalariada e com uma arquitetura contando com sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (RAHMEIER, 2007; LUCCAS, 1997). Em geral, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não será a base econômica principal. Dessa forma, propriedades menores anteriormente também chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem “indígena” que significa plantação (SAINT-HILAIRE, 1987) ou por designações locais, utilizadas até a atualidade, como “campo” e “sítio”. A estância atual corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde se mantém os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou invernadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém, devido ao seu tamanho podem não ser consideradas como estâncias.

Propriedades rurais visitadas em Hulha Negra:

Mei'Água:

Pequena propriedade do Sr. Eliezer Sousa

Pequena propriedade do Sr. Leomar e Sr^a Sônia Garibaldi.

RANCHO

Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé e a taquara (tipo de bambu) eram cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e janelas (sem vidros) as paredes eram preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresentava uma espessura aproximada de 50 cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustentava as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim (LESSA, 1986; VAZ MATTOS, 2003). O chão é de terra batida e podem haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundos e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986). Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados, até fins do século XVIII e início do XIX, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas, portanto predominavam as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana (ISABELLE, 1983; LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 1978).

Ranchos visitados em Hulha Negra:

Mei'Água:

Rancho na pequena propriedade do Sr. Eliezer Sousa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Hulha Negra, RS	2012	F11	4
------------------------------------	----	-------------------	-----------------	------	-----	---

MANGUEIRA DE PEDRAS

As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Não há comprovação da origem histórica dessas edificações, porém sabe-se que eram utilizadas pelos tropeiros (homens que levam o gado de um local a outro) para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (vigiar os animais). Acredita-se que as mangueiras não eram usadas para prender o gado com fins de manuseio como curar, medicar, contar e marcar. Esses serviços eram, em geral, feitos nos rodeios, atividade que consiste em juntar os animais no campo, somente com o auxílio do cavalo, sem o uso de cercas ou similares. O formato circular da mangueira propõe-se a evitar arestas ou cantos que poderiam levar o animal a se “embretar”, ficando sem saída e atirando-se contra as paredes (JACQUES, 2008). A entrada da mangueira é chamada de porteira. Nela eram colocadas duas “tronqueiras”, que são objetos verticais de pedra ou madeira postos um em frente ao outro com perfurações em que eram encaixadas e dispostas varas (madeiras retas) atravessando a porteira evitando a fuga dos animais. Essas construções são bastante encontradas nas rotas ou Caminhos das Tropas que iam em direção às antigas charqueadas e, posteriormente, aos matadouros e frigoríficos.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

5.1. RESUMO

O município de Hulha Negra situa-se na microrregião da campanha Meridional no sudoeste do Rio Grande do Sul. Emancipou-se em 20 de março de 1992 tendo sido anteriormente o 2º distrito do município de Bagé. Sua população, segundo o censo IBGE de 2010, era de 6 043 habitantes sendo do que 3 134 habitam o meio rural, equivalendo a 52% do total. Em 2000 o índice de desenvolvimento humano (IDH) do município era considerado médio sendo 0,761.

A economia de Hulha Negra baseia-se na agropecuária ocupando aproximadamente 40% da população do município. Tradicionalmente a região esta voltada para a pecuária extensiva e também, devido ao relevo plano, à produção do arroz irrigado. No entanto, a presença da pequena propriedade e de assentamentos do MST faz com que outras atividades se apresentem no município tal como bovinocultura leiteira, cultura do milho, sorgo (voltados para alimentação animal e comercialização de grãos), a fruticultura, trigo, a plantação de hortaliças como tomate e cebola sendo esses dois produtos voltados para atender as demandas de um grande frigorífico presente no município. Segundo Perske (2004, pag. 46) a maior parte do município é composta de projetos de assentamentos e também pela agricultura e pecuária familiar que se localizam, em sua maioria, na metade sul do município. Juntos, minifúndio e pequena propriedade equivalem a 79,9% do número de propriedades existentes no município ocupando 19,9% de sua área. Entretanto, a concentração de terras é relevante no município onde a grande propriedade ocupa 51,9% da área total e equivale a 5,4% do número de propriedades existentes no município. (PREFEITURA MUNICIPAL DE BAGÉ, 2011, pag. 73). Vieira Medeiros (2006) chama a atenção para o número de assentamentos existentes sendo que, de acordo com os dados abordados pela autora, no ano de 2003, Hulha Negra possuía 25 assentamentos onde ocupavam 1016 famílias. Considerando uma média de três pessoas por família a autora acredita que a população rural do município constitui-se quase exclusivamente nos assentamentos. As famílias dos assentamentos no município estão ligadas a cooperativas e a produção baseada na agroecologia. A autora chama atenção para a COOPERAL (Cooperativa Regional dos Agricultores Assentados) onde 700 famílias dedicam-se a produção de sementes agroecológicas (BIONATUR).

A origem da agricultura familiar no município esta relacionada ao que Perske (2004) chama de “Onda Migratória”. Segundo o autor na história do município esta marcada por quatro “Ondas Migratórias” sendo a primeira no ano de 1925 onde se instalaram, no que hoje se chama Trigolândia, colonizadores Alemães que se dedicaram a produção de trigo (em 1929 e 1932 vieram novas famílias). A segunda ocorreu em 1963 quando o então Presidente João Goulart solicitou aos fazendeiros que doassem 10% de suas terras para fins de reforma agrária. Quem doou parte da fazenda foi o fazendeiro Nestor de Moura Jardim disponibilizando 871ha que por sua vez foram divididos em 23 lotes para serem vendidos pela quarta parte do preço com um financiamento, em longo prazo, pelo Banco do Brasil. A colônia passou a se chamar Salvador Jardim e as terras foram vendidas para famílias situadas na Trigolândia. A terceira “Onda Migratória” esteve ligada a criação da colônia Nova Esperança em 1974 quando o governo do Estado adquiriu a fazenda Coxília Negra de 25000ha assentando 120 famílias. Segundo o autor esse fato se deu como decorrência do conflito pelas terras entre os índios e posseiros, na reserva Nonoai, no Norte do Estado. Por fim a quarta “Onda Migratória” se deu entre 1989 e 2002 com os projetos de reforma agrária dos governos estadual e federal onde,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Hulha Negra, RS	2012	F11	4
------------------------------------	----	----------------------	-----------------------	------	-----	---

fazendas voltadas à pecuária extensiva e a plantação de arroz irrigado nas várzeas, foram divididas em pequenas propriedades de tamanho médio de 23ha e destinadas a famílias vindos, em sua maior parte, do Norte do Estado.

Esse fato, segundo o autor, fez com que Hulha Negra se tornasse o município com maior número de famílias assentadas no Rio Grande do Sul o que, de acordo com Vieira Medeiros (2006), promoveu significativas mudanças tanto no perfil econômico do município, quanto na sua população e organização do seu espaço rural.

5.2. CRONOLOGIA	
DATA	EVENTO
Séc. XVII - 1626	Fundação dos Sete Povos das Missões.
Séc. XVII até princípio do XIX	Caça ao gado selvagem no pampa para retirada do couro.
Início séc. XVIII	Concessão de sesmarias; ocupação do Rio Grande do Sul
Séc. XVIII - 1703	Primeiro caminho de tropas oficial: "Caminho da Praia" – ligava Colônia do Sacramento à Laguna
Séc. XVIII - 1728	Segundo caminho de tropas oficial: "Caminho dos Conventos" ou "Caminho de Sousa Farias" – ligava Araranguá, passando pelos Caminhos de Cima da Serra até Curitiba
Séc. XVIII - 1730	Terceiro caminho de tropas oficial: "Caminho das Tropas – origem em Viamão, passando pelos Campos das Vacarias, pelo rio Pelotas, Campos de Lages, Campos Curitibanos, rio Negro, rio Iguazu, Campos Gerais de Curitiba, chegando em Sorocaba.
Séc. XVIII - 1750	Tratado de Madri.
Séc. XVIII	Consumo dos produtos da pecuária em razão do ciclo minerador nas Gerais.
1809	Primeira divisão administrativa da Província de São Pedro: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre.
Séc. XVIII e XIX	Instalação das estâncias e de charqueadas em Pelotas e Bagé.
Séc. XIX	Introdução do arame para cercamento das propriedades.
Séc. XIX (final) – Séc. XX (início)	Instalação dos primeiros frigoríficos
Séc. XX	Investimento no melhoramento genético dos rebanhos, incremento na importação e exportação da carne bovina.
Séc. XX	Criação de associações e cooperativas de criadores de bovinos, equinos e ovinos, entre outros.
Séc. XX	Introdução do transporte de rebanhos por caminhões.
Séc. XX	Instalação de consórcio pecuária-agricultura de forma mais intensa.
Séc. XX – década de 1950	Fechamento da última charqueada em Bagé
Séc. XX – década de 1960	Introdução do Pastoreio rotativo científico "Voisin"
Séc. XX	Instalação de centros de doma e treinamento de cavalos nos núcleos urbanos
Séc. XX	Instauração de cursos para aprimoramento dos trabalhadores rurais em instituições privadas e públicas municipais, estaduais e federais, como sindicatos rurais, associações de criadores, EMBRAPA, etc.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Hulha Negra, RS	2012	F11	4
------------------------------------	----	-------------------	-----------------	------	-----	---

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Ver item 7 da Ficha de Identificação: Sítio.

7. Legislação

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO

Segundo Freire (2005), com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, constituiu-se a política de preservação e salvaguarda do patrimônio no Brasil por intermédio do tombamento (ato institucional aplicado, que protege os bens culturais materiais da descaracterização cultural). Em um primeiro momento, tal ação estatal teve como foco o salvamento emergencial dos bens relacionados ao período colonial, aos grandes personagens históricos e as obras de arte. Neste sentido, representativos desta noção de nacionalidade, encontramos no Rio Grande do Sul: o tombamento das Ruínas da Redução Jesuítico-Guarani de São Miguel Arcaño (1938); Igreja Matriz de São Pedro, em Rio Grande (1938) e a Matriz da Nossa Senhora da Conceição em Viamão (1938); O Forte D. Pedro II, em Caçapava do Sul (1938); as casas dos líderes da Guerra dos Farrapos Bento Gonçalves (1940) e Garibaldi (1941) em Piratini, e David Canabarro, em Santana do Livramento (1953); a Rua da Ladeira em Rio Pardo (1955); O Obelisco Republicano em Pelotas (1955), O Teatro Sete de Abril (1972) e as três casas na Praça Coronel Pedro Osório (1977) todos em Pelotas.

Esta visão de Patrimônio Cultural Brasileiro se altera em 1960 com a inclusão dos sítios arqueológicos considerados bens patrimoniais, protegidos pela lei número 3924/61. Na década de 1970 ocorreu uma ampliação institucional da área de Patrimônio com a criação de políticas específicas de preservação do patrimônio em estados e municípios, a partir da Lei Federal de Tombamento. Freire (2005, p.12).

Tal expressividade de ações de tombamento em Piratini reflete a ampliação desta rede institucional de preservação do patrimônio legitimando a representação da cidade como Capital Farroupilha. Nestes termos, a ação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE) tombou os seguintes bens: Antiga Cadeia (18/11/1986), Antiga Casa de Fazenda (18/11/1986), Antiga Casa Fabião (21/11/1986), Antiga Farmácia Caridade (20/11/1986), Antiga Moradia de Egydio Rosa (21/11/1986), Antigo Teatro Municipal (Sete de Abril) (20/11/1986), Casa Comercial dos Fabião (21/11/1986), Casa de Camarinha (20/11/1986), Casa do Comendador Fabião (20/11/1986), Casa de Gomes de Freitas (21/11/1986), Casa de Vicente Lucas de Oliveira (21/11/1986), Prédio no Logradouro Pe. Reinaldo Wist (Geminado com o Teatro) (20/11/1986), Ponte do Império (01/08/1984), Prédio da Rua Bento Gonçalves (Casa de Darwin Lucas) (21/11/1986), Sobrado da Dorada (21/11/1986).

Da mesma maneira, em Arroio Grande, por iniciativa do município e acompanhando a ideia de patrimônio a partir dos feitos históricos do Rio Grande do Sul, considerando seus personagens e revoluções, propõe o registro de um obelisco e de uma tapera localizados no lugar onde nasceu o Barão de Mauá e de um marco de fronteira situado nas margens da estrada para Pelotas, homenageando uma batalha da Revolução Farroupilha. (Lei 586, de 14.1.1966)

A partir dos anos 80, a noção de patrimônio se altera no sentido de representar a diversidade cultural brasileira, bem como se vincula ao tombamento de bens edificados o patrimônio imaterial. Neste sentido, observa-se o tombamento dos conjuntos urbanos com maior densidade de população em uma região expressivamente rural que são as ações em Pelotas e Bagé, considerando o sítio da pesquisa. Citam-se, ainda, as ações com relação ao registro do patrimônio imaterial: INRC a produção dos doces Tradicionais Pelotenses, Porongos e Missões.

A diversidade dessas ações de patrimônio, em tais cidades, expressa uma ampliação das políticas de preservação das várias esferas do estado (municipal, estadual e federal) bem como as alterações na noção de patrimônio. Embora nos últimos anos, com a implementação das diretrizes da Lei 10.257/2001 (Estatuto da Cidade) os municípios tenham avançando, dentre outros aspectos, no estabelecimento de diretrizes voltadas às questões patrimoniais, incluindo a instituição de Áreas de Interesse Cultural e outros mecanismos de gestão do patrimônio, é importante destacar que ainda são praticamente inexistentes políticas de preservação voltadas ao patrimônio existente áreas rurais.

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

Respondido no item 9.2 Ficha Sítio (itens a serem aprofundados) – Relações entre pecuária e agricultura; envelhecimento; masculinização no campo, ausência de políticas públicas voltada para o campo; diminuição da oferta de emprego e mão-de-obra; cultura de fronteira; investigações arqueológicas associada aos antigos caminhos das tropas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Região de Bagé/RS	Hulha Negra, RS	2012	F11	4
------------------------------------	----	-------------------	-----------------	------	-----	---

8.2. RECOMENDAÇÕES

Ver item 9.2 Ficha Sítio

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	Lidas campeiras
ANEXO 4: CONTATOS	F1 – A4 – 7, 40, 41.
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	F60 – 1 a F60 – 7

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Dobke, Daniel Vaz Lima. Consultores: Erika Collischonn – Geografia; Fernando Camargo – História; Karen Mello – Urbanismo.		
SUPERVISOR	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby e Marta Bonow Rodrigues.		
REDATOR	Marília Floôr Kosby, Daniel Vaz Lima, Marta Bonow Rodrigues, Flávia Rieth, Liza Bilhalva Martins da Silva e Pablo Dobke.	DATA 10.04.13	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Flávia Rieth		

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE	CÓDIGO DA FICHA					
	RS	Pampa sul- rio- grandense	Arroio Grande, RS	2012	F11	5
	UF	sítio	Loc.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Pampa Sul-Rio-Grandense Antigos Caminhos das Tropas
LOCALIDADE	Arroio Grande (Sede, Palma, Bretanhas, Capão das Pombas)
MUNICÍPIO / UF	Arroio Grande/ RS

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE		RS	Pampa sul-rio- grandense	Arroio Grande, RS	2012	F11	5
------------------------------------	--	----	--------------------------------	-------------------------	------	-----	---



Imagem 1: Localidade da Palma.



Imagem 2: Localidade das Bretanhas.



Imagem 3: Localidade do Capão das Pombas.



Imagem 4: Sede do Município de Arroio Grande.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa	Arroio	2012	F11	5
		sul-rio- grandense	Grande, RS			

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS.

SÍNTESE
<p>A lida campeira é um conjunto de ofícios e modos de fazer que constitui o trabalho na pecuária extensiva no bioma pampa, área onde está situada a região de Bagé, município do estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Entende-se por pecuária extensiva a criação, para fins lucrativos, de rebanhos de gado bovino, equino, ovino e, em menor escala, caprino, em propriedades rurais de pequena, média e grande extensão.</p> <p>O inventário das Lidas Campeiras na Região de Bagé, a partir de pesquisa etnográfica e bibliográfica, selecionou como referências culturais sobre esse tema os seguintes ofícios: o pastoreio (ofício do peão campeiro), a feitura de aramados (ofício do aramador ou alambrador), a doma (ofício do domador), a esquila dos ovinos (ofício do esquilador), a feitura de artefatos em couro cru (ofício do guasqueiro), a tropeada (ofício do tropeiro) e as lidas caseiras (com vacas leiteiras, carneadas, atividades na cozinha e demais serviços feitos perto da casa da propriedade).</p>

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO					
Arroio Grande faz parte da microrregião de Jaguarão (Lagoa Mirim), situada na mesorregião do Sudeste Rio-grandense, localizada geograficamente na região Sul do estado do Rio Grande do Sul (Fonte: www.famurs.com.br).					
MUNICÍPIO	POPULAÇÃO (hab.)				
	TOTAL	URBANA	%	RURAL	%
ARROIO GRANDE	18.470 hab.	16.085 hab.	87%	2.385 hab.	13%

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio-grandense	Arroio Grande, RS	2012	F11	5

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Conforme publicação da EMBRAPA (2009), o Bioma Pampa compreende área de clima temperado – marcado por passagens de frentes polares e temperaturas negativas no inverno -, apresenta uma diversidade grande de paisagens e flora que se estende da Patagônia Argentina, ao sul, até as encostas do Planalto Sul Brasileiro, no Rio Grande do Sul, correspondendo a uma área de 700.000 km² compartilhada entre Argentina, Uruguai e Brasil (IBGE, 2004). No Brasil, o Bioma Pampa ocupa área de 178.243 km², restrita ao Rio Grande do Sul, equivalendo a cerca de 63% do território deste estado e 2% do território brasileiro.

O Bioma Pampa é encontrado nas cinco unidades de relevo do Rio Grande do Sul definidas por Suertegaray e Fujimoto (2004), quais sejam: Planalto Sulriograndense, Planícies e terras baixas costeiras, Depressão Periférica, Cuesta de Haedo e Planalto Arenito Basáltico.

A unidade Planícies e terras baixas costeiras corresponde a uma extensa planície arenosa litorânea, composta por inúmeras lagoas, banhados e campos de restingas onde localiza-se a sede do município de Pelotas, as margens de Laguna dos Patos e Arroio Grande próxima à Lagoa Mirim. Nas terras baixas, tem-se campos com capões e banhados.

A unidade Planalto Sulriograndense abrange as encostas leste das serras do Herval e dos Tapes (localização zona rural do município de Pelotas), que se constituem em área de transição entre as terras baixas costeiras, e o planalto propriamente dito. As encostas apresentam relevo com ondulações acentuadas, alternando paisagens de cobertura de florestas estacional semidecidual, caracterizadas pela perda das folhas nos meses de outono e inverno, e campos nativos. No planalto propriamente dito a paisagem é de morros e serras de rochas cristalinas (granitos, gnaisses, migmatitos) e de formações rochosas de arenito cobertas de campos em solos rasos com ocorrência de capões de mata e muitos afloramentos rochosos, como no Distrito das Palmas, ao norte do município de Bagé, no limite com o município de Caçapava do Sul.

Já a porção da Depressão Periférica que se estende para sul até Bagé e Aceguá é a área considerada a mais característica do Bioma Pampa com coxilhas, pequenas elevações, cobertas por vegetação campestre. É a região do bioma com menor cobertura de florestas. Apresenta campos, banhados e campos de várzea nas proximidades dos rios, onde se encontram algumas espécies arbóreas em matas ciliares e capões, como os espinilho, corticeiras e palmares de butiá. Apresenta predominância de gramíneas que conformam a paisagem dos campos sulinos. É considerada a área core do Bioma Pampa no Brasil.

O Ministério do Meio Ambiente define o Bioma Pampa da seguinte forma:

As paisagens naturais do Pampa são variadas, de serras a planícies, de morros rupestres a coxilhas. O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. As paisagens naturais do Pampa se caracterizam pelo predomínio dos campos nativos, mas há também a presença de matas ciliares, matas de encosta, matas de pau-ferro, formações arbustivas, butiazais, banhados, afloramentos rochosos, etc. Por ser um conjunto de ecossistemas muito antigos, o Pampa apresenta flora e fauna próprias e grande biodiversidade, ainda não completamente descrita pela ciência. Estimativas indicam valores em torno de 3000 espécies de plantas, com notável diversidade de gramíneas, são mais de 450 espécies (capim-forquilha, grama-tapete, flechilhas, barbas-de-bode, cabelos-de-porco, dentre outras). Nas áreas de campo natural, também se destacam as espécies de compostas e de leguminosas (150 espécies) como a babosa-do-campo, o amendoim-nativo e o trevo-nativo. Nas áreas de afloramentos rochosos podem ser encontradas muitas espécies de cactáceas. Entre as várias espécies vegetais típicas do Pampa vale destacar o Algarrobo (*Prosopis algojobilla*) e o Nhandavaí (*Acacia farnesiana*) arbusto cujos remanescentes podem ser encontrados apenas no Parque Estadual do Espinilho, no município de Barra do Quaraí. A fauna é expressiva, com quase 500 espécies de aves, dentre elas a ema (*Rhea americana*), o perdigão (*Rynchotus rufescens*), a perdiz (*Nothura maculosa*), o quero-quero (*Vanellus chilensis*), o caminheiro-de-espora (*Anthus correndera*), o joão-de-barro (*Furnarius rufus*), o sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*) e o pica-pau do campo (*Colaptes campestris*).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa	Arroio	2012	F11	5
		sul-rio- grandense	Grande, RS			

Também ocorrem mais de 100 espécies de mamíferos terrestres, incluindo o veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o graxaim (*Pseudalopex gymnocercus*), o zorrilho (*Conepatus chinga*), o furão (*Galictis cuja*), o tatu-mulita (*Dasyplus hybridus*), o preá (*Cavia aperea*) e várias espécies de tuco-tucos (*Ctenomys sp.*). O Pampa abriga um ecossistema muito rico, com muitas espécies endêmicas tais como: Tuco-tuco (*Ctenomys flamarioni*), o beija-flor-de-barba-azul (*Helimaster furcifer*); o sapinho-de-barriga-vermelha (*Melanophryniscus atroluteus*) e algumas ameaçadas de extinção tais como: o veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), o caboclinho-de-barriga-verde (*Sporophila hypoxantha*) e o picapauzinho-chorão (*Picoides mixtus*) (Brasil, 2003).

Trata-se de um patrimônio natural, genético e cultural de importância nacional e global. Também é no Pampa que fica a maior parte do aquífero Guarani.

Desde a colonização ibérica, a pecuária extensiva sobre os campos nativos tem sido a principal atividade econômica da região; além de proporcionar resultados econômicos importantes, tem permitido a conservação dos campos.

Entretanto, a progressiva introdução e expansão das monoculturas e das pastagens com espécies exóticas têm levado a uma rápida degradação e descaracterização das paisagens naturais do Pampa. Estimativas de perda de hábitat dão conta de que em 2002 restavam 41,32% e em 2008 restavam apenas 36,03% da vegetação nativa do bioma Pampa (CSR/IBAMA, 2010).

A perda de biodiversidade compromete o potencial de desenvolvimento sustentável da região, seja perda de espécies de valor forrageiro, alimentar, ornamental e medicinal, seja pelo comprometimento dos serviços ambientais proporcionados pela vegetação campestre, como o controle da erosão do solo e o sequestro de carbono que atenua as mudanças climáticas, por exemplo.

Em relação às áreas naturais protegidas no Brasil o Pampa é o bioma que menor tem representatividade no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), representando apenas 0,4% da área continental brasileira protegida por unidades de conservação. A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), da qual o Brasil é signatário, em suas metas para 2020, prevê a proteção de pelo menos 17% de áreas terrestres representativas da heterogeneidade de cada bioma.

As “Áreas Prioritárias para Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira”, atualizadas em 2007, resultaram na identificação de 105 áreas do bioma Pampa, destas, 41 (um total de 34.292 km²) foram consideradas de importância biológica extremamente alta.

Estes números contrastam com apenas 3,3% de proteção em unidades de conservação (2,4% de uso sustentável e 0,9% de proteção integral), com grande lacuna de representação das principais fisionomias de vegetação nativa e de espécies ameaçadas de extinção da fauna e da flora. A criação de unidades de conservação, a recuperação de áreas degradadas e a criação de mosaicos e corredores ecológicos foram identificadas como as ações prioritárias para a conservação, juntamente com a fiscalização e educação ambiental.

O fomento às atividades econômicas de uso sustentável é outro elemento essencial para assegurar a conservação do Pampa. A diversificação da produção rural a valorização da pecuária com manejo do campo nativo, juntamente com o planejamento regional, o zoneamento ecológico-econômico e o respeito aos limites ecossistêmicos são o caminho para assegurar a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento econômico e social.

Cerca de 25% da superfície terrestre abrange regiões cuja fisionomia se caracteriza pela cobertura vegetal como predomínio dos campos – no entanto, estes ecossistemas estão entre os menos protegidos em todo o planeta.

Na América do Sul, os campos e pampas se estendem por uma área de aproximadamente 750 mil km², compartilhada por Brasil, Uruguai e Argentina.

O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. Em sua paisagem predominam os campos, entremeados por capões de mata, matas ciliares e banhados.

A estrutura da vegetação dos campos – se comparada à das florestas e das savanas – é mais simples e menos exuberante, mas não menos relevante do ponto de vista da biodiversidade e dos serviços ambientais. Ao contrário: os campos têm uma importante contribuição no sequestro de carbono e no controle da erosão, além de serem fonte de variabilidade genética para diversas espécies que estão na base de nossa cadeia alimentar. (<http://www.mma.gov.br/biomas/pampa>).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio- grandense	Arroio Grande, RS	2012	F11	5

4.3. MARCOS EDIFICADOS

PROPRIEDADE RURAL DE CRIAÇÃO DE REBANHOS

A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado bovino, ovino e equino. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas: os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007). Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e também por agricultura, em meados do século XIX passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escrava ou assalariada e com uma arquitetura contando com sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (RAHMEIER, 2007; LUCCAS, 1997). Em geral, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não será a base econômica principal. Dessa forma, propriedades menores anteriormente também chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem “indígena” que significa plantação (SAINT-HILAIRE, 1987) ou por designações locais, utilizadas até a atualidade, como “campo” e “sítio”. A estância atual corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde se mantém os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou invernadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém, devido ao seu tamanho podem não ser consideradas como estâncias.

Propriedades rurais visitadas em Arroio Grande:

Bretanhas:

Estância da Várzea – propriedade do Sr. Mário Eduardo Ramos da Silveira

Capão das Pombas:

Pequena propriedade da Sr^a Ivaniva

Palma:

Pequena propriedade do Sr. Dega

RANCHO

Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé e a taquara (tipo de bambu) eram cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e janelas (sem vidros) as paredes eram preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresentava uma espessura aproximada de 50 cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustentava as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim (LESSA, 1986; VAZ MATTOS, 2003). O chão é de terra batida e podem haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundos e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986). Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados, até fins do século XVIII e início do XIX, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas, portanto predominavam as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana (ISABELLE, 1983; LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 1978).

Ranchos visitados em Arroio Grande:

Palma:

Rancho de propriedade da irmã do Sr. Dega

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio- grandense	Arroio Grande, RS	2012	F11	5

MANGUEIRA DE PEDRAS

As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Não há comprovação da origem histórica dessas edificações, porém sabe-se que eram utilizadas pelos tropeiros (homens que levam o gado de um local a outro) para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (vigiar os animais). Acredita-se que as mangueiras não eram usadas para prender o gado com fins de manuseio como curar, medicar, contar e marcar. Esses serviços eram, em geral, feitos nos rodeios, atividade que consiste em juntar os animais no campo, somente com o auxílio do cavalo, sem o uso de cercas ou similares. O formato circular da mangueira propõe-se a evitar arestas ou cantos que poderiam levar o animal a se “embretar”, ficando sem saída e atirando-se contra as paredes (JACQUES, 2008). A entrada da mangueira é chamada de porteira. Nela eram colocadas duas “tronqueiras”, que são objetos verticais de pedra ou madeira postos um em frente ao outro com perfurações em que eram encaixadas e dispostas varas (madeiras retas) atravessando a porteira evitando a fuga dos animais. Essas construções são bastante encontradas nas rotas ou Caminhos das Tropas que iam em direção às antigas charqueadas e, posteriormente, aos matadouros e frigoríficos.

Mangueiras visitadas em Arroio Grande:

Mangueira de Pedra situada às margens da BR 116, próximo à divisa com o município de Pedro Osório.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: **BIBLIOGRAFIA**.

5.1. RESUMO

A formação do estado do Rio Grande do Sul assenta-se na relação conflituosa entre os impérios português e espanhol na disputa por território e domínio político e econômico (ZANOTELLI et al, 2003). Tal ocupação territorial teve início através dos padres jesuítas que, vindos do Paraguai, instalaram –se na margem leste do Rio Uruguai com o objetivo primordial de catequizar grupos indígenas que habitavam os territórios sulinos. Inicialmente logrando em seus intentos, os jesuítas fundaram, a partir de 1626, aldeias e povoados chamados missões ou reduções. O conjunto de povoados de maior importância histórica foram os Sete Povos das Missões. Ademais, foram os jesuítas que introduziram a criação de animais no Rio Grande do Sul: ovinos, eqüinos e principalmente bovinos. Junto com a pecuária e valendo-se do trabalho indígena, desenvolveram também a agricultura e a extração da erva-mate.

Ainda no século XVII, as missões começaram a ser invadidas por bandeirantes – homens vindos de São Paulo, que atacavam as aldeias com a finalidade de aprisionar os índios para vendê-los como escravos. Em função destes sucessivos ataques, as missões entraram em decadência. Em 1750, pelo Tratado de Madri, Portugal e Espanha determinaram que a população dos Sete Povos deveria deixar a área, que ficaria para os portugueses. Embora tal tratado tenha sido anulado em 1761, e os índios missionários tenham obtido o direito de permanecer na região, as sucessivas guerras causaram a destruição dos Sete Povos. Os rebanhos espalharam-se pelo campo aberto reproduzindo-se livremente, tornando-se um gado selvagem (MOREIRA, 1999).

Este gado cresceu livre durante décadas. Inicialmente milhares de cabeças de gado vacum eram sacrificados apenas para a retirada e venda do couro.

Em 1634, mil e quinhentas cabeças de gado foram introduzidas e distribuídas entre os povos da margem esquerda do rio Uruguai. Quando essas comunidades missioneiras recuaram para a outra margem do rio, em razão dos ataques dos paulistas escravizadores, os animais foram transferidos para a margem meridional do rio Jacuí, onde se desenvolveram, formando as vacarias do mar. Nos anos 1700, quando a vacaria do mar começou a esgotar-se, devido à extração de gado, vaqueiros dos sete povos, introduziram milhares de animais nos campos de cima da serra, formando a vacaria dos pinhais (MAESTRI, 2006)

Em 1737, para garantir os interesses dos portugueses instalados na região, foi construído o forte Jesus-Maria-José, junto ao canal que liga laguna dos Patos ao oceano Atlântico. Ao lado do forte formou-se uma povoação que deu origem a atual cidade de Rio Grande. O domínio português se expandiu pelas áreas vizinhas, que no seu conjunto eram chamadas de Continente de Rio Grande de São Pedro, primeira denominação do atual estado do Rio Grande do Sul.

Neste mesmo período, desenvolveu-se a mineração em Minas Gerais, o que atraiu milhares de pessoas para a região e formou um mercado de consumo para os produtos da pecuária riograndina: couro, carne, leite e animais para transporte. Em conseqüência, a atividade de caça foi sendo substituída pela criação de gado, pois os animais passaram a ser reunidos em locais destinados a tal finalidade: as estâncias (Idem, 1999).

Assim, estimulada pelo mercado do Sudeste do país, principalmente de Minas Gerais, desenvolveu-se a pecuária no Rio Grande do Sul. Portugueses, paulistas e catarinenses ganhavam do governo grandes extensões de campo, onde

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio- grandense	Arroio Grande, RS	2012	F11	5

instalavam suas fazendas de criação de gado. Com o tempo, as áreas campestres, principalmente as da Campanha, ficaram povoadas de fazendeiros.

A partir de 1780 notamos uma modificação na utilização do gado vacum. Iniciam, na província de São Pedro, as charqueadas na região de Pelotas, e a carne começa a ganhar considerável valor comercial. Porém, durante anos o couro continuou com grande valor monetário. As vacarias geralmente vindas da região da campanha traziam o gado para ser vendido na região de Pelotas.

Um ano após a chegada da família real Portuguesa ao Brasil, ocorre a primeira divisão administrativa da província de São Pedro. Em 1809 a região fica dividida em quatro localidades: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio e Porto Alegre. Em meados do Século XIX, para delimitar as propriedades, iniciou-se o uso do arame farpado e alambrado. Desta forma o dono da estância conseguia controlar seus peões e impedir o uso de sua propriedade por gaúchos nômades, geralmente tropeiros sem a posse da terra, que habitavam na região. Estes gaúchos sem nacionalidade definida transitavam facilmente entre os atuais territórios brasileiro, uruguaio e argentino, e tinham como principal atividade retirar o couro do gado vacum e vendê-lo no mercado informal, na região de domínio português e para a metrópole hispânica. O modelo de transação econômica praticado por estes gaúchos era possível porque havia o gado nesta região, ao mesmo tempo, era considerado ilegal porque os animais soltos pelos campos eram de propriedade real – tanto da coroa portuguesa quanto espanhola.

As estâncias pertencentes a proprietários portugueses iniciaram a domesticação do gado da região. Entretanto, não existia tratamento para a saúde dos animais. A partir do século XX notamos uma drástica diferença no tratamento da saúde do gado, com evidente melhora. A qualidade da carne e a genética destes animais tornam-se referência no país e a carne bovina produzida na região de pradaria e é exportada para inúmeros países.

O município de Bagé, é reconhecido pela criação extensiva de gado bovino de corte de significativa qualidade, com melhoramento genético dos animais. Começam na região exposições de gado, ovinos e eqüinos. O cavalo, principal instrumento de trabalho fundamental para a produção pecuária, era utilizado para arrebanhar o gado vacum. Já a criação de ovelhas, além de suprir a demanda doméstica de carne da propriedade, através da venda anual de lã, ajudava a cobrir as despesas de manutenção da propriedade – com o advento da lã sintética, a criação de gado ovino diminui expressivamente, passando a atender nichos específicos do mercado de carne e a demanda da produção artesanal de artefatos de lã.

A criação de gado de corte e a exposição destes animais, gera milhões de reais para a região. Estas duas atividades são majoritariamente vinculadas a grandes e médias propriedades rurais. No entanto, embora o ponto de partida para este estudo seja a região de Bagé, a paisagem cultural que se configura a partir da produção pecuária, sua origem, manutenção e perpetuação, extrapola tais limites geográficos e políticos, transitando suas fronteiras pelos territórios que abrange a chamada “cultura gaúcha”. Assim sendo, tal área cultural perpassa tanto o sul do Rio Grande do Sul quanto os países vizinhos, como Argentina e Uruguai.

Ondina Fachel Leal discute a constituição acadêmica e sócio-antropológica do “Sul” como um território de significados de uma realidade social específica, de um sistema de valores e de uma determinada área social. Para Leal (1997), “os limites desta área cultural etnografada e etnografável, freqüentemente nominada o Sul, numa estratégica imprecisão retórica, não coincidem com os limites políticos do estado Rio Grande do Sul ou mesmo os da nação Brasil.”

Segundo Correa et alii (2004), a constituição político-administrativa do município de Arroio Grande teve origem da seguinte forma: Do ano de 1790 até o ano de 1819 no espaço compreendido: ao norte, pela margem direita do rio Piratini; ao oeste, pelo arroio Santa Maria ou Piratini da Orqueta; ao leste, pelo canal de São Gonçalo e Lagoa Mirim; ao sul, pelo arroio Chasqueiro, foram concedidos 34 títulos de doação de terras, as sesmarias, principalmente doadas a militares açorianos e famílias açorianas.

A então freguesia de Arroio Grande se emancipou do município de Jaguarão em 1873, que foi distrito do município de Rio Grande até 1832. Os primeiros registros do povoamento do território onde atualmente está situada a sede de Arroio Grande datam de 1803, e tratam da doação de um terreno de criação de gado para a fundação de um povoado – efetivada com a construção da capela de Nossa Senhora da Graça de Arroio Grande, em 1815, e confirma da em 1821. Por Em 1891, Arroio Grande é elevada ao estatuto de cidade, graças ao progresso econômico e político que a indústria pastoril trazia para a região:

Cidades como Pelotas, Rio Grande e Jaguarão, até finais do séc. XIX, conquistaram progresso econômico baseado na atividade charqueadora. Já na época de sua emancipação, o atual município de Arroio Grande integrava esta rede mercantil, através de um porto à margem do arroio Grande e outro na Vila de Santa Isabel dos Canudos (escala no trajeto Rio Grande – Jaguarão) e do modelo econômico centrado em grandes fazendas de criação pastoril para a produção de charque, couro e ossos de boi, bem como nas olarias de fabricação de tijolos e telhas (Corrêa et ali, 2004 *apud* Kosby, 2010).

A.F.Monquelat e V. Marcolla (2012), afirmam que a primeira charqueada do Rio Grande do Sul foi fundada às margens do rio Piratini, território do atual município de Arroio Grande.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio-grandense	Arroio Grande, RS	2012	F11	5

Mas, cabe lembrar, como salienta a professora Beatriz Loner, que a possibilidade do desenvolvimento da atividade saladeril esteve diretamente ligada ao trabalho forçado dos negros, crioulos, africanos e seus descendentes, do que se pode concluir que as charqueadas só existiram e prosperaram porque a mão-de-obra era escrava.

5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
Séc. XVII - 1626	Fundação dos Sete Povos das Missões.
Séc. XVII até princípio do XIX	Caça ao gado selvagem no pampa para retirada do couro.
Início séc. XVIII	Concessão de sesmarias; ocupação do Rio Grande do Sul
Séc. XVIII - 1703	Primeiro caminho de tropas oficial: “Caminho da Praia” – ligava Colônia do Sacramento à Laguna
Séc. XVIII - 1728	Segundo caminho de tropas oficial: “Caminho dos Conventos” ou “Caminho de Sousa Farias” – ligava Araranguá, passando pelos Caminhos de Cima da Serra até Curitiba
Séc. XVIII - 1730	Terceiro caminho de tropas oficial: “Caminho das Tropas – origem em Viamão, passando pelos Campos das Vacarias, pelo rio Pelotas, Campos de Lages, Campos Curitibanos, rio Negro, rio Iguaçu, Campos Gerais de Curitiba, chegando em Sorocaba.
Séc. XVIII - 1750	Tratado de Madri.
Séc. XVIII	Consumo dos produtos da pecuária em razão do ciclo minerador nas Gerais.
1809	Primeira divisão administrativa da Província de São Pedro: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre.
Séc. XVIII e XIX	Instalação das estâncias e de charqueadas em Pelotas e Bagé.
Séc. XIX	Introdução do arame para cercamento das propriedades.
Séc. XIX (final) – Séc. XX (início)	Instalação dos primeiros frigoríficos
Séc. XX	Investimento no melhoramento genético dos rebanhos, incremento na importação e exportação da carne bovina.
Séc. XX	Criação de associações e cooperativas de criadores de bovinos, equinos e ovinos, entre outros.
Séc. XX	Introdução do transporte de rebanhos por caminhões.
Séc. XX	Instalação de consórcio pecuária-agricultura de forma mais intensa.
Séc. XX – década de 1950	Fechamento da última charqueada em Bagé
Séc. XX – década de 1960	Introdução do Pastoreio rotativo científico “Voisin”
Séc. XX	Instalação de centros de doma e treinamento de cavalos nos núcleos urbanos
Séc. XX	Instauração de cursos para aprimoramento dos trabalhadores rurais em instituições privadas e públicas municipais, estaduais e federais, como sindicatos rurais, associações de criadores, EMBRAPA, etc.

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Ver item 7 da Ficha de Identificação: Sítio.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio- grandense	Arroio Grande, RS	2012	F11	5

7. Legislação

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO

Segundo Freire (2005), com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, constituiu-se a política de preservação e salvaguarda do patrimônio no Brasil por intermédio do tombamento (ato institucional aplicado, que protege os bens culturais materiais da descaracterização cultural). Em um primeiro momento, tal ação estatal teve como foco o salvamento emergencial dos bens relacionados ao período colonial, aos grandes personagens históricos e as obras de arte. Neste sentido, representativos desta noção de nacionalidade, encontramos no Rio Grande do Sul: o tombamento das Ruínas da Redução Jesuítico-Guarani de São Miguel Arcaño (1938); Igreja Matriz de São Pedro, em Rio Grande (1938) e a Matriz da Nossa Senhora da Conceição em Viamão (1938); O Forte D. Pedro II, em Caçapava do Sul (1938); as casas dos líderes da Guerra dos Farrapos Bento Gonçalves (1940) e Garibaldi (1941) em Piratini, e David Canabarro, em Santana do Livramento (1953); a Rua da Ladeira em Rio Pardo (1955); O Obelisco Republicano em Pelotas (1955), O Teatro Sete de Abril (1972) e as três casas na Praça Coronel Pedro Osório (1977) todos em Pelotas.

Esta visão de Patrimônio Cultural Brasileiro se altera em 1960 com a inclusão dos sítios arqueológicos considerados bens patrimoniais, protegidos pela lei número 3924/61. Na década de 1970 ocorreu uma ampliação institucional da área de Patrimônio com a criação de políticas específicas de preservação do patrimônio em estados e municípios, a partir da Lei Federal de Tombamento. Freire (2005, p.12).

Tal expressividade de ações de tombamento em Piratini reflete a ampliação desta rede institucional de preservação do patrimônio legitimando a representação da cidade como Capital Farroupilha. Nestes termos, a ação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE) tombou os seguintes bens: Antiga Cadeia (18/11/1986), Antiga Casa de Fazenda (18/11/1986), Antiga Casa Fabião (21/11/1986), Antiga Farmácia Caridade (20/11/1986), Antiga Moradia de Egidio Rosa (21/11/1986), Antigo Teatro Municipal (Sete de Abril) (20/11/1986), Casa Comercial dos Fabião (21/11/1986), Casa de Camarinha (20/11/1986), Casa do Comendador Fabião (20/11/1986), Casa de Gomes de Freitas (21/11/1986), Casa de Vicente Lucas de Oliveira (21/11/1986), Prédio no Logradouro Pe. Reinaldo Wist (Geminado com o Teatro) (20/11/1986), Ponte do Império (01/08/1984), Prédio da Rua Bento Gonçalves (Casa de Darwing Lucas) (21/11/1986), Sobrado da Dorada (21/11/1986).

Da mesma maneira, em Arroio Grande, por iniciativa do município e acompanhando a ideia de patrimônio a partir dos feitos históricos do Rio Grande do Sul, considerando seus personagens e revoluções, propõe o registro de um obelisco e de uma tapera localizados no lugar onde nasceu o Barão de Mauá e de um marco de fronteira situado nas margens da estrada para Pelotas, homenageando uma batalha da Revolução Farroupilha. (Lei 586, de 14.1.1966)

A partir dos anos 80, a noção de patrimônio se altera no sentido de representar a diversidade cultural brasileira, bem como se vincula ao tombamento de bens edificados o patrimônio imaterial. Neste sentido, observa-se o tombamento dos conjuntos urbanos com maior densidade de população em uma região expressivamente rural que são as ações em Pelotas e Bagé, considerando o sítio da pesquisa. Citam-se, ainda, as ações com relação ao registro do patrimônio imaterial: INRC a produção dos doces Tradicionais Pelotenses, Porongos e Missões.

A diversidade dessas ações de patrimônio, em tais cidades, expressa uma ampliação das políticas de preservação das várias esferas do estado (municipal, estadual e federal) bem como as alterações na noção de patrimônio. Embora nos últimos anos, com a implementação das diretrizes da Lei 10.257/2001 (Estatuto da Cidade) os municípios tenham avançando, dentre outros aspectos, no estabelecimento de diretrizes voltadas às questões patrimoniais, incluindo a instituição de Áreas de Interesse Cultural e outros mecanismos de gestão do patrimônio, é importante destacar que ainda são praticamente inexistentes políticas de preservação voltadas ao patrimônio existente áreas rurais.

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

Respondido no item 9.2 _ Ficha Sítio (itens a serem aprofundados) – Relações entre pecuária e agricultura; envelhecimento; masculinização no campo, ausência de políticas públicas voltada para o campo; diminuição da oferta de emprego e mão-de-obra; cultura de fronteira; investigações arqueológicas associada aos antigos caminhos das tropas.

8.2. RECOMENDAÇÕES

Ver item 9.2 Ficha Sítio

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio- grandense	Arroio Grande, RS	2012	F11	5
------------------------------------	----	--------------------------------	-------------------------	------	-----	---

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	Lidas campeiras
ANEXO 4: CONTATOS	F1 – A4 – 15, 16, 17, 28, 30, 38, 60, 64, 65
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	F60 – 1 a F60 – 7

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Dobke, Daniel Vaz Lima. Consultores: Erika Collischonn – Geografia; Fernando Camargo – História; Karen Mello – Urbanismo.	
SUPERVISOR	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby e Marta Bonow Rodrigues	
REDATOR	Marília Floôr Kosby, Daniel Vaz Lima, Marta Bonow Rodrigues, Flávia Rieth, Liza Bilhalva Martins da Silva e Pablo Dobke.	DATA 10.04.13
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Flávia Rieth	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE	CÓDIGO DA FICHA					
	RS	Pampa sul-rio- grandense	Piratini, RS	2012	F11	6
	UF	sítio	Loc.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Pampa Sul-Rio-Grandense Antigos Caminhos das Tropas
LOCALIDADE	Piratini (Sede e Quinto Distrito)
MUNICÍPIO / UF	Piratini/ RS

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE		RS	Pampa sul-rio-grandense	Piratini, RS	2012	F11	6
------------------------------------	--	----	-------------------------	--------------	------	-----	---



Imagem 1: Cerimônia em comemoração à Semana Farroupilha. Piratini



Imagem 2: Comemorações da Semana Farroupilha. Piratini



Imagem 3: Desfile da Semana Farroupilha. Piratini

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa	Piratini, RS	2012	F11	6
		sul-rio- grandense				

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

SÍNTESE
<p>A lida campeira é um conjunto de ofícios e modos de fazer que constitui o trabalho na pecuária extensiva no bioma pampa, área onde está situada a região de Bagé, município do estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Entende-se por pecuária extensiva a criação, para fins lucrativos, de rebanhos de gado bovino, equino, ovino e, em menor escala, caprino, em propriedades rurais de pequena, média e grande extensão.</p> <p>O inventário das Lidas Campeiras na Região de Bagé, a partir de pesquisa etnográfica e bibliográfica, selecionou como referências culturais sobre esse tema os seguintes ofícios: o pastoreio (ofício do peão campeiro), a feitura de aramados (ofício do aramador ou alambrador), a doma (ofício do domador), a esquila dos ovinos (ofício do esquilador), a feitura de artefatos em couro cru (ofício do guasqueiro), a tropeada (ofício do tropeiro) e as lidas caseiras (com vacas leiteiras, carneadas, atividades na cozinha e demais serviços feitos perto da casa da propriedade).</p>

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO					
MUNICÍPIO	POPULAÇÃO (hab.)				
	TOTAL	URBANA	%	RURAL	%
PIRATINÍ	19.841 hab.	11.570 hab.	58%	8.271 hab.	42%

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio-grandense	Piratini, RS	2012	F11	6
------------------------------------	----	-------------------------	--------------	------	-----	---

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Conforme publicação da EMBRAPA (2009), o Bioma Pampa compreende área de clima temperado – marcado por passagens de frentes polares e temperaturas negativas no inverno -, apresenta uma diversidade grande de paisagens e flora que se estende da Patagônia Argentina, ao sul, até as encostas do Planalto Sul Brasileiro, no Rio Grande do Sul, correspondendo a uma área de 700.000 km² compartilhada entre Argentina, Uruguai e Brasil (IBGE, 2004). No Brasil, o Bioma Pampa ocupa área de 178.243 km², restrita ao Rio Grande do Sul, equivalendo a cerca de 63% do território deste estado e 2% do território brasileiro.

O Bioma Pampa é encontrado nas cinco unidades de relevo do Rio Grande do Sul definidas por Suertegaray e Fujimoto (2004), quais sejam: Planalto Sulriograndense, Planícies e terras baixas costeiras, Depressão Periférica, Cuesta de Haedo e Planalto Arenito Basáltico.

A unidade Planícies e terras baixas costeiras corresponde a uma extensa planície arenosa litorânea, composta por inúmeras lagoas, banhados e campos de restingas onde localiza-se a sede do município de Pelotas, as margens de Laguna dos Patos e Arroio Grande próxima à Lagoa Mirim. Nas terras baixas, tem-se campos com capões e banhados.

A unidade Planalto Sulriograndense abrange as encostas leste das serras do Herval e dos Tapes (localização zona rural do município de Pelotas), que se constituem em área de transição entre as terras baixas costeiras, e o planalto propriamente dito. As encostas apresentam relevo com ondulações acentuadas, alternando paisagens de cobertura de florestas estacional semidecidual, caracterizadas pela perda das folhas nos meses de outono e inverno, e campos nativos. No planalto propriamente dito a paisagem é de morros e serras de rochas cristalinas (granitos, gnaisses, migmatitos) e de formações rochosas de arenito cobertas de campos em solos rasos com ocorrência de capões de mata e muitos afloramentos rochosos, como no Distrito das Palmas, ao norte do município de Bagé, no limite com o município de Caçapava do Sul.

Já a porção da Depressão Periférica que se estende para sul até Bagé e Aceguá é a área considerada a mais característica do Bioma Pampa com coxilhas, pequenas elevações, cobertas por vegetação campestre. É a região do bioma com menor cobertura de florestas. Apresenta campos, banhados e campos de várzea nas proximidades dos rios, onde se encontram algumas espécies arbóreas em matas ciliares e capões, como os espinilho, corticeiras e palmares de butiá. Apresenta predominância de gramíneas que conformam a paisagem dos campos sulinos. É considerada a área core do Bioma Pampa no Brasil.

O Ministério do Meio Ambiente define o Bioma Pampa da seguinte forma:

As paisagens naturais do Pampa são variadas, de serras a planícies, de morros rupestres a coxilhas. O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. As paisagens naturais do Pampa se caracterizam pelo predomínio dos campos nativos, mas há também a presença de matas ciliares, matas de encosta, matas de pau-ferro, formações arbustivas, butiazais, banhados, afloramentos rochosos, etc. Por ser um conjunto de ecossistemas muito antigos, o Pampa apresenta flora e fauna próprias e grande biodiversidade, ainda não completamente descrita pela ciência. Estimativas indicam valores em torno de 3000 espécies de plantas, com notável diversidade de gramíneas, são mais de 450 espécies (capim-forquilha, grama-tapete, flechilhas, barbas-de-bode, cabelos-de-porco, dentre outras). Nas áreas de campo natural, também se destacam as espécies de compostas e de leguminosas (150 espécies) como a babosa-do-campo, o amendoim-nativo e o trevo-nativo. Nas áreas de afloramentos rochosos podem ser encontradas muitas espécies de cactáceas. Entre as várias espécies vegetais típicas do Pampa vale destacar o Algarrobo (*Prosopis algorobilla*) e o Nhandavaí (*Acacia farnesiana*) arbusto cujos remanescentes podem ser encontrados apenas no Parque Estadual do Espinilho, no município de Barra do Quaraí. A fauna é expressiva, com quase 500 espécies de aves, dentre elas a ema (*Rhea americana*), o perdigão (*Rynchotus rufescens*), a perdiz (*Nothura maculosa*), o quero-quero (*Vanellus chilensis*), o caminheiro-de-espora (*Anthus correndera*), o joão-de-barro (*Furnarius rufus*), o sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*) e o pica-pau do campo (*Colaptes campestris*).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio-grandense	Piratini, RS	2012	F11	6
------------------------------------	----	-------------------------	--------------	------	-----	---

Também ocorrem mais de 100 espécies de mamíferos terrestres, incluindo o veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o graxaim (*Pseudalopex gymnocercus*), o zorrilho (*Conepatus chinga*), o furão (*Galictis cuja*), o tatu-mulita (*Dasyplus hybridus*), o preá (*Cavia aperea*) e várias espécies de tuco-tucos (*Ctenomys sp.*). O Pampa abriga um ecossistema muito rico, com muitas espécies endêmicas tais como: Tuco-tuco (*Ctenomys flamarioni*), o beija-flor-de-barba-azul (*Heliomaster furcifer*); o sapinho-de-barriga-vermelha (*Melanophryniscus atroluteus*) e algumas ameaçadas de extinção tais como: o veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), o caboclinho-de-barriga-verde (*Sporophila hypoxantha*) e o picapauzinho-chorão (*Picoides mixtus*) (BRASIL, 2003).

Trata-se de um patrimônio natural, genético e cultural de importância nacional e global. Também é no Pampa que fica a maior parte do aquífero Guarani.

Desde a colonização ibérica, a pecuária extensiva sobre os campos nativos tem sido a principal atividade econômica da região. Além de proporcionar resultados econômicos importantes, tem permitido a conservação dos campos e ensejado o desenvolvimento de uma cultura mestiça singular, de caráter transnacional representada pela figura do gaúcho.

A progressiva introdução e expansão das monoculturas e das pastagens com espécies exóticas têm levado a uma rápida degradação e descaracterização das paisagens naturais do Pampa. Estimativas de perda de hábitat dão conta de que em 2002 restavam 41,32% e em 2008 restavam apenas 36,03% da vegetação nativa do bioma Pampa (CSR/IBAMA, 2010).

A perda de biodiversidade compromete o potencial de desenvolvimento sustentável da região, seja perda de espécies de valor forrageiro, alimentar, ornamental e medicinal, seja pelo comprometimento dos serviços ambientais proporcionados pela vegetação campestre, como o controle da erosão do solo e o sequestro de carbono que atenua as mudanças climáticas, por exemplo.

Em relação às áreas naturais protegidas no Brasil o Pampa é o bioma que menor tem representatividade no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), representando apenas 0,4% da área continental brasileira protegida por unidades de conservação. A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), da qual o Brasil é signatário, em suas metas para 2020, prevê a proteção de pelo menos 17% de áreas terrestres representativas da heterogeneidade de cada bioma.

As “Áreas Prioritárias para Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira”, atualizadas em 2007, resultaram na identificação de 105 áreas do bioma Pampa, destas, 41 (um total de 34.292 km²) foram consideradas de importância biológica extremamente alta.

Estes números contrastam com apenas 3,3% de proteção em unidades de conservação (2,4% de uso sustentável e 0,9% de proteção integral), com grande lacuna de representação das principais fisionomias de vegetação nativa e de espécies ameaçadas de extinção da fauna e da flora. A criação de unidades de conservação, a recuperação de áreas degradadas e a criação de mosaicos e corredores ecológicos foram identificadas como as ações prioritárias para a conservação, juntamente com a fiscalização e educação ambiental.

O fomento às atividades econômicas de uso sustentável é outro elemento essencial para assegurar a conservação do Pampa. A diversificação da produção rural a valorização da pecuária com manejo do campo nativo, juntamente com o planejamento regional, o zoneamento ecológico-econômico e o respeito aos limites ecossistêmicos são o caminho para assegurar a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento econômico e social.

Cerca de 25% da superfície terrestre abrange regiões cuja fisionomia se caracteriza pela cobertura vegetal como predomínio dos campos – no entanto, estes ecossistemas estão entre os menos protegidos em todo o planeta.

Na América do Sul, os campos e pampas se estendem por uma área de aproximadamente 750 mil km², compartilhada por Brasil, Uruguai e Argentina.

O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. Em sua paisagem predominam os campos, entremeados por capões de mata, matas ciliares e banhados.

A estrutura da vegetação dos campos – se comparada à das florestas e das savanas – é mais simples e menos exuberante, mas não menos relevante do ponto de vista da biodiversidade e dos serviços ambientais. Ao contrário: os campos têm uma importante contribuição no sequestro de carbono e no controle da erosão, além de serem fonte de variabilidade genética para diversas espécies que estão na base de nossa cadeia alimentar. (<http://www.mma.gov.br/biomas/pampa>).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio- grandense	Piratini, RS	2012	F11	6

4.3. MARCOS EDIFICADOS

PROPRIEDADE RURAL DE CRIAÇÃO DE REBANHOS

A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado bovino, ovino e equino. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas: os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007). Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e também por agricultura, em meados do século XIX passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escrava ou assalariada e com uma arquitetura contando com sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (RAHMEIER, 2007; LUCAS, 1997). Em geral, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não será a base econômica principal. Dessa forma, propriedades menores anteriormente também chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem “indígena” que significa plantação (SAINT-HILAIRE, 1987) ou por designações locais, utilizadas até a atualidade, como “campo” e “sítio”. A estância atual corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde se mantém os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou invernadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém, devido ao seu tamanho podem não ser consideradas como estâncias.

RANCHOS

Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé e a taquara (tipo de bambu) eram cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e janelas (sem vidros) as paredes eram preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresentava uma espessura aproximada de 50 cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustentava as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim (LESSA, 1986; VAZ MATTOS, 2003). O chão é de terra batida e podem haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundos e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986). Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados, até fins do século XVIII e início do XIX, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas, portanto predominavam as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana (ISABELLE, 1983; LESSA, 1986; LUCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 1978).

MANGUEIRA DE PEDRAS

As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com pau-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Não há comprovação da origem histórica dessas edificações, porém sabe-se que eram utilizadas pelos tropeiros (homens que levam o gado de um local a outro) para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (vigiar os animais). Acredita-se que as mangueiras não eram usadas para prender o gado com fins de manuseio como curar, medicar, contar e marcar. Esses serviços eram, em geral, feitos nos rodeios, atividade que consiste em juntar os animais no campo, somente com o auxílio do cavalo, sem o uso de cercas ou similares. O formato circular da mangueira propõe-se a evitar arestas ou cantos que poderiam levar o animal a se “embretar”, ficando sem saída e atirando-se contra as paredes (JACQUES, 2008). A entrada da mangueira é chamada de porteira. Nela eram colocadas duas “tronqueiras”, que são objetos verticais de pedra ou madeira postos um em frente ao outro com perfurações em que eram encaixadas e dispostas varas (madeiras retas) atravessando a porteira evitando a fuga dos animais. Essas construções são bastante encontradas nas rotas ou Caminhos das Tropas que iam em direção às antigas charqueadas e, posteriormente, aos matadouros e frigoríficos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio- grandense	Piratini, RS	2012	F11	6
------------------------------------	----	--------------------------------	-----------------	------	-----	---

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

5.1. RESUMO

Com a concessão de terras por parte da rainha D. Maria I de Portugal a José Antônio Alves em 1789 que se deu início a povoação da hoje cidade de Piratini. Contudo, o povoamento da localidade se deu um pouco antes, em 1777 com a instalação de um posto de guarda, a chamada Guarda do Passo do Piratinim.

Feita a concessão de terras acima dita, estas são divididas em datas e doadas a casais de imigrantes açorianos que ali se estabeleceram, fundando a localidade de Capão Grande do Piratinim; por ter terras férteis para o cultivo de cereais e excelentes pastagens, a localidade passa a ter um bom crescimento populacional o que faz sua elevação à freguesia em carta régia de 1810 sob o nome de Freguesia da Nossa Senhora da Conceição de Piratinim.

Em 1830 a então freguesia é elevada a vila, desmembrando-se de Rio Grande, delimitando seu nome para apenas vila de Piratini sendo integrada pelos distritos de Bagé, Cacimbinhas, Canguçu e Cerrito; nos anos seguintes, Piratini acaba perdendo alguns de seus distritos que acabam tornando-se municípios: Bagé (1846), Canguçu, absorvendo o distrito de Cerrito (1857) e Cacimbinhas (1878) que se tornaria posteriormente o município de Pinheiro Machado.

Sem dúvida, o período de maior relevância para o município foi durante a Revolução Farroupilha, onde na ocasião, a já cidade de Piratini foi elevada a capital da República Rio-Grandense durante os anos de 1837 a 1839, até então por motivos estratégicos dos revolucionários mudando a capital para o município de Caçapava.

Passada a Revolução, a antes terra rica em gado e plantações aparece dizimada pela guerra e por represália a sua participação atuante durante o decênio revolucionário, é rebaixada a vila em 1845, logo após as tratativas de paz e tem seu território fragorosamente dividido, impossibilitando assim uma nova compostura por meio da pecuária, antes carro chefe de sua economia.

Com isso, Piratini, de papel principal passa a coadjuvante no que diz respeito à pecuária, sendo conhecida como enclave territorial, pois era passagem de tropas vindas tanto da região da Campanha como da Fronteira Oeste que rumavam em direção às charqueadas de Pelotas.

Hoje, a cidade notabiliza-se justamente por reviver o seu passado glorioso de capital farrapa, com seus prédios antigos e ruas de pedra, faz reviver a cada 20 de setembro a República Rio-Grandense, pois seus festejos comemorativos a esta data máxima nem mesmo precisam de cenário, porque ele está lá, desde 1835.

5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
Séc. XVII - 1626	Fundação dos Sete Povos das Missões.
Séc. XVII até princípio do XIX	Caça ao gado selvagem no pampa para retirada do couro.
Início séc. XVIII	Concessão de sesmarias; ocupação do Rio Grande do Sul
Séc. XVIII - 1703	Primeiro caminho de tropas oficial: "Caminho da Praia" – ligava Colônia do Sacramento à Laguna
Séc. XVIII - 1728	Segundo caminho de tropas oficial: "Caminho dos Conventos" ou "Caminho de Sousa Farias" – ligava Araranguá, passando pelos Caminhos de Cima da Serra até Curitiba
Séc. XVIII - 1730	Terceiro caminho de tropas oficial: "Caminho das Tropas – origem em Viamão, passando pelos Campos das Vacarias, pelo rio Pelotas, Campos de Lages, Campos

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio- grandense	Piratini, RS	2012	F11	6
------------------------------------	----	--------------------------------	-----------------	------	-----	---

	Curitibanos, rio Negro, rio Iguaçu, Campos Gerais de Curitiba, chegando em Sorocaba.
Séc. XVIII - 1750	Tratado de Madri.
Séc. XVIII	Consumo dos produtos da pecuária em razão do ciclo minerador nas Gerais.
Séc. XVIII – 1809	Primeira divisão administrativa da Província de São Pedro: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre.
Séc. XVIII e XIX	Instalação das estâncias e de charqueadas em Pelotas e Bagé.
Séc. XIX	Introdução do arame para cercamento das propriedades.
Séc. XIX (final) – Séc. XX (início)	Instalação dos primeiros frigoríficos
Séc. XX	Investimento no melhoramento genético dos rebanhos, incremento na importação e exportação da carne bovina.
Séc. XX	Criação de associações e cooperativas de criadores de bovinos, equinos e ovinos, entre outros.
Séc. XX	Introdução do transporte de rebanhos por caminhões.
Séc. XX	Instalação de consórcio pecuária-agricultura de forma mais intensa.
Séc. XX – década de 1950	Fechamento da última charqueada em Bagé
Séc. XX – década de 1960	Introdução do Pastoreio rotativo científico “Voisin”
Séc. XX	Instalação de centros de doma e treinamento de cavalos nos núcleos urbanos
Séc. XX	Instauração de cursos para aprimoramento dos trabalhadores rurais em instituições privadas e públicas municipais, estaduais e federais, como sindicatos rurais, associações de criadores, EMBRAPA, etc.

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Ver item 7 da Ficha de Identificação: Sítio

7. Legislação

Segundo Freire (2005), com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, constituiu-se a política de preservação e salvaguarda do patrimônio no Brasil por intermédio do tombamento (ato institucional aplicado, que protege os bens culturais materiais da descaracterização cultural). Em um primeiro momento, tal ação estatal teve como foco o salvamento emergencial dos bens relacionados ao período colonial, aos grandes personagens históricos e as obras de arte. Neste sentido, representativos desta noção de nacionalidade, encontramos no Rio Grande do Sul: o tombamento das Ruínas da Redução Jesuítico-Guarani de São Miguel Arcanjo (1938); Igreja Matriz de São Pedro, em Rio Grande (1938) e a Matriz da Nossa Senhora da Conceição em Viamão (1938); O Forte D. Pedro II, em Caçapava do Sul (1938); as casas dos líderes da Guerra dos Farrapos Bento Gonçalves (1940) e Garibaldi (1941) em Piratini, e David Canabarro, em Santana do Livramento (1953); a Rua da Ladeira em Rio Pardo (1955); O Obelisco Republicano em Pelotas (1955), O Teatro Sete de Abril (1972) e as três casas na Praça Coronel Pedro Osório (1977) todos em Pelotas.

Esta visão de Patrimônio Cultural Brasileiro se altera em 1960 com a inclusão dos sítios arqueológicos

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio- grandense	Piratini, RS	2012	F11	6
------------------------------------	----	--------------------------------	-----------------	------	-----	---

considerados bens patrimoniais, protegidos pela lei número 3924/61. Na década de 1970 ocorreu uma ampliação institucional da área de Patrimônio com a criação de políticas específicas de preservação do patrimônio em estados e municípios, a partir da Lei Federal de Tombamento. Freire (2005, p.12).

Tal expressividade de ações de tombamento em Piratini reflete a ampliação desta rede institucional de preservação do patrimônio legitimando a representação da cidade como Capital Farroupilha. Nestes termos, a ação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE) tombou os seguintes bens: Antiga Cadeia (18/11/1986), Antiga Casa de Fazenda (18/11/1986), Antiga Casa Fabião (21/11/1986), Antiga Farmácia Caridade (20/11/1986), Antiga Moradia de Egydio Rosa (21/11/1986), Antigo Teatro Municipal (Sete de Abril) (20/11/1986), Casa Comercial dos Fabião (21/11/1986), Casa de Camarinha (20/11/1986), Casa do Comendador Fabião (20/11/1986), Casa de Gomes de Freitas (21/11/1986), Casa de Vicente Lucas de Oliveira (21/11/1986), Prédio no Logradouro Pe. Reinaldo Wist (Geminado com o Teatro) (20/11/1986), Ponte do Império (01/08/1984), Prédio da Rua Bento Gonçalves (Casa de Darwing Lucas) (21/11/1986), Sobrado da Dorada (21/11/1986).

Da mesma maneira, em Arroio Grande, por iniciativa do município e acompanhando a ideia de patrimônio a partir dos feitos históricos do Rio Grande do Sul, considerando seus personagens e revoluções, propõe o registro de um obelisco e de uma tapera localizados no lugar onde nasceu o Barão de Mauá e de um marco de fronteira situado nas margens da estrada para Pelotas, homenageando uma batalha da Revolução Farroupilha. (Lei 586, de 14.1.1966)

A partir dos anos 80, a noção de patrimônio se altera no sentido de representar a diversidade cultural brasileira, bem como se vincula ao tombamento de bens edificados o patrimônio imaterial. Neste sentido, observa-se o tombamento dos conjuntos urbanos com maior densidade de população em uma região expressivamente rural que são as ações em Pelotas e Bagé, considerando o sítio da pesquisa. Citam-se, ainda, as ações com relação ao registro do patrimônio imaterial: INRC a produção dos doces Tradicionais Pelotenses, Porongos e Missões.

A diversidade dessas ações de patrimônio, em tais cidades, expressa uma ampliação das políticas de preservação das várias esferas do estado (municipal, estadual e federal) bem como as alterações na noção de patrimônio. Embora nos últimos anos, com a implementação das diretrizes da Lei 10.257/2001 (Estatuto da Cidade) os municípios tenham avançando, dentre outros aspectos, no estabelecimento de diretrizes voltadas às questões patrimoniais, incluindo a instituição de Áreas de Interesse Cultural e outros mecanismos de gestão do patrimônio, é importante destacar que ainda são praticamente inexistentes políticas de preservação voltadas ao patrimônio existente áreas rurais.

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

Respondido no item 9.2 Ficha Sítio (itens a serem aprofundados) – Relações entre pecuária e agricultura; envelhecimento; masculinização no campo, ausência de políticas públicas voltada para o campo; diminuição da oferta de emprego e mão-de-obra; cultura de fronteira; investigações arqueológicas associada aos antigos caminhos das tropas.

8.2. RECOMENDAÇÕES

Ver item 9.2 Ficha Sítio

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio-grandense	Piratini, RS	2012	F11	6
------------------------------------	----	-------------------------	--------------	------	-----	---

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	Lidas campeiras
ANEXO 4: CONTATOS	F1 - A4 - 46
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	F60 – 1 a F60 – 7

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Dobke, Daniel Vaz Lima. Consultores: Erika Collischonn – Geografia; Fernando Camargo – História; Karen Mello – Urbanismo.		
SUPERVISOR	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby e Marta Bonow Rodrigues.		
REDATOR	Marília Floôr Kosby, Daniel Vaz Lima, Marta Bonow Rodrigues, Flávia Rieth, Liza Bilhalva Martins da Silva e Pablo Dobke.	DATA 10.04.13	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Flávia Rieth		

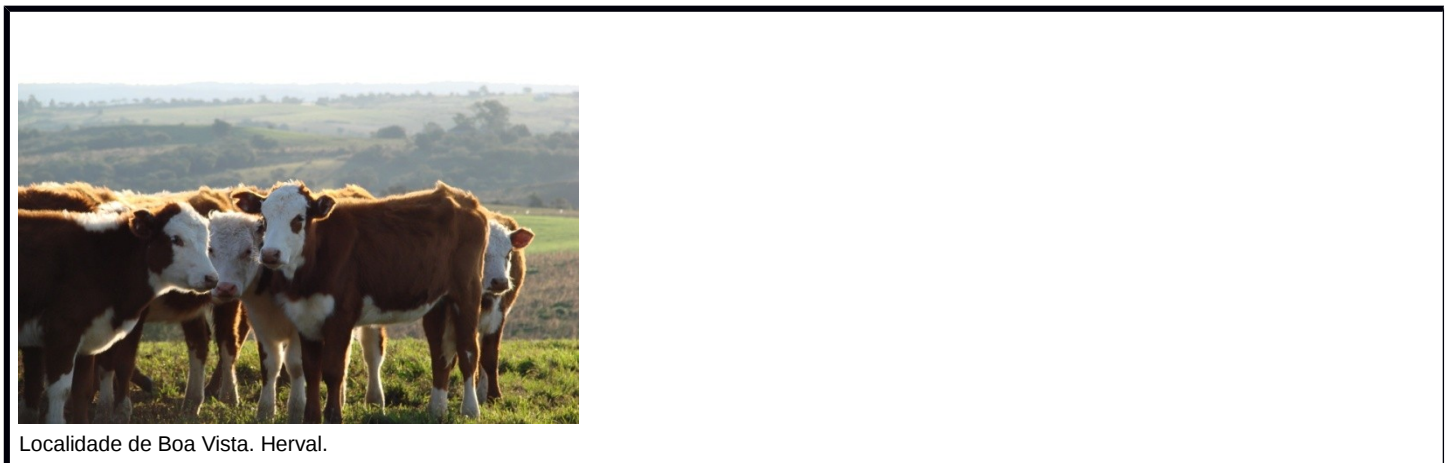
INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE		CÓDIGO DA FICHA			
		RS	Pampa sul-rio-grandense	Herval/RS	2012
UF	sítio	Loc.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Pampa Sul-Rio-Grandense Antigos Caminhos das Tropas
LOCALIDADE	Herval (Boa Vista)
MUNICÍPIO / UF	Herval/RS

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.



3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS.

SÍNTESE
<p>A lida campeira é um conjunto de ofícios e modos de fazer que constitui o trabalho na pecuária extensiva no bioma pampa, área onde está situada a região de Bagé, município do estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Entende-se por pecuária extensiva a criação, para fins lucrativos, de rebanhos de gado bovino, equino, ovino e, em menor escala, caprino, em propriedades rurais de pequena, média e grande extensão.</p> <p>O inventário das Lidas Campeiras na Região de Bagé, a partir de pesquisa etnográfica e bibliográfica, selecionou como referências culturais sobre esse tema os seguintes ofícios: o pastoreio (ofício do peão campeiro), a feitura de aramados (ofício do aramador ou alambrador), a doma (ofício do domador), a esquila dos ovinos (ofício do esquilador), a feitura de artefatos em couro cru (ofício do guasqueiro), a tropeada (ofício do tropeiro) e as lidas caseiras (com vacas leiteiras, carneadas, atividades na cozinha e demais serviços feitos perto da casa da propriedade).</p>

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio-grandense	Herval/RS	2012	F11	7
------------------------------------	----	-------------------------	-----------	------	-----	---

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

De acordo com o Censo IBGE 2010 a população de Herval é, em sua totalidade, 6.753 habitantes sendo que, 2.234 habitam a zona rural e 4.519 habitam na zona urbana. O município de Herval situa-se na região sul do Rio Grande do Sul, faz fronteira ao sul com o Uruguai tendo como divisa o rio Jaguarão na localidade conhecida como Centurião. Situado na Encosta do Sudeste, linda também ao sul com Jaguarão e ao Leste com Arroio Grande e Pedro Osório, ao Oeste com Pedras Altas, e ainda com a República Oriental do Uruguai; ao Norte com Piratini e Pinheiro Machado. Do ponto de vista dos biomas brasileiros, Herval posiciona-se no Bioma Pampa, com pastagens e campos característicos dessa composição biológica também chamada de campos sulinos.

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO (hab.)				
	TOTAL	URBANA	%	RURAL	%
HERVAL	6.753 hab.	4.519 hab.	67%	2.234 hab.	33%

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio-grandense	Herval/RS	2012	F11	7
------------------------------------	----	-------------------------	-----------	------	-----	---

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Conforme o Mapa de Biomas do Brasil (IBGE, 2004), o Bioma Pampa, com uma área aproximada de 2% do território nacional, abrange a metade sul do Estado do Rio Grande do Sul e constitui a porção brasileira dos Pampas Sul-Americanos que se estendem pelos territórios do Uruguai e da Argentina. É caracterizado por clima chuvoso, sem período seco, mas com temperaturas negativas no inverno, que influenciam a vegetação. O Bioma Pampa, que faz limite apenas com o Bioma Mata Atlântica é formado por quatro conjuntos principais de vegetação de campos, compostas por ervas e arbustos, situadas nas áreas geográficas conhecidas como Planalto da Campanha, Depressão Central, Planalto Sul-Rio-Grandense e Planície Costeira. Em toda a área de abrangência do Bioma Pampa, a atividade humana propiciou uma uniformização da cobertura vegetal que de um modo geral é usada como pastagem natural ou ocupada com atividades agrícolas principalmente o cultivo de arroz.

O Ministério do Meio Ambiente define o Bioma Pampa da seguinte forma:

As paisagens naturais do Pampa são variadas, de serras a planícies, de morros rupestres a coxilhas. O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. As paisagens naturais do Pampa se caracterizam pelo predomínio dos campos nativos, mas há também a presença de matas ciliares, matas de encosta, matas de pau-ferro, formações arbustivas, butiazais, banhados, afloramentos rochosos, etc.

Por ser um conjunto de ecossistemas muito antigos, o Pampa apresenta flora e fauna próprias e grande biodiversidade, ainda não completamente descrita pela ciência. Estimativas indicam valores em torno de 3000 espécies de plantas, com notável diversidade de gramíneas, são mais de 450 espécies (capim-forquilha, grama-tapete, flechilhas, barbas-de-bode, cabelos-de-porco, dentre outras). Nas áreas de campo natural, também se destacam as espécies de compostas e de leguminosas (150 espécies) como a babosa-do-campo, o amendoim-nativo e o trevo-nativo. Nas áreas de afloramentos rochosos podem ser encontradas muitas espécies de cactáceas. Entre as várias espécies vegetais típicas do Pampa vale destacar o Algarrobo (*Prosopis algarobilla*) e o Nhandavaí (*Acacia farnesiana*) arbusto cujos remanescentes podem ser encontrados apenas no Parque Estadual do Espinilho, no município de Barra do Quaraí.

A fauna é expressiva, com quase 500 espécies de aves, dentre elas a ema (*Rhea americana*), o perdigão (*Rynchotus rufescens*), a perdiz (*Nothura maculosa*), o quero-quero (*Vanellus chilensis*), o caminheiro-de-espora (*Anthus correndera*), o joão-de-barro (*Furnarius rufus*), o sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*) e o pica-pau do campo (*Colaptes campestris*). Também ocorrem mais de 100 espécies de mamíferos terrestres, incluindo o veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o graxaim (*Pseudalopex gymnocercus*), o zorrilho (*Conepatus chinga*), o furão (*Galictis cuja*), o tatu-mulita (*Dasybus hybridus*), o preá (*Cavia aperea*) e várias espécies de tuco-tucos (*Ctenomys sp.*). O Pampa abriga um ecossistema muito rico, com muitas espécies endêmicas tais como: Tuco-tuco (*Ctenomys flamarioni*), o beija-flor-de-barba-azul (*Heliomaster furcifer*); o sapinho-de-barriga-vermelha (*Melanophryniscus atroluteus*) e algumas ameaçadas de extinção tais como: o veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), o caboclinho-de-barriga-verde (*Sporophila hypoxantha*) e o picapauzinho-chorão (*Picoides mixtus*) (BRASIL, 2003).

Trata-se de um patrimônio natural, genético e cultural de importância nacional e global. Também é no Pampa que fica a maior parte do aquífero Guarani.

Desde a colonização ibérica, a pecuária extensiva sobre os campos nativos tem sido a principal atividade econômica da região. Além de proporcionar resultados econômicos importantes, tem permitido a conservação dos campos e ensejado o desenvolvimento de uma cultura mestiça singular, de caráter transnacional representada pela figura do gaúcho.

A progressiva introdução e expansão das monoculturas e das pastagens com espécies exóticas têm levado a uma rápida degradação e descaracterização das paisagens naturais do Pampa. Estimativas de perda de hábitat dão conta de que em 2002 restavam 41,32% e em 2008 restavam apenas 36,03% da vegetação nativa do bioma Pampa (CSR/IBAMA, 2010).

A perda de biodiversidade compromete o potencial de desenvolvimento sustentável da região, seja perda de espécies de valor forrageiro, alimentar, ornamental e medicinal, seja pelo comprometimento dos serviços ambientais proporcionados pela vegetação campestre, como o controle da erosão do solo e o sequestro de carbono que atenua as mudanças climáticas, por exemplo.

Em relação às áreas naturais protegidas no Brasil o Pampa é o bioma que menor tem representatividade no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), representando apenas 0,4% da área continental brasileira protegida por unidades de conservação. A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), da qual o Brasil é signatário, em suas metas para 2020, prevê a proteção de pelo menos 17% de áreas terrestres representativas da heterogeneidade de cada bioma.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio-grandense	Herval/RS	2012	F11	7
------------------------------------	----	-------------------------	-----------	------	-----	---

As “Áreas Prioritárias para Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira”, atualizadas em 2007, resultaram na identificação de 105 áreas do bioma Pampa, destas, 41 (um total de 34.292 km²) foram consideradas de importância biológica extremamente alta.

Estes números contrastam com apenas 3,3% de proteção em unidades de conservação (2,4% de uso sustentável e 0,9% de proteção integral), com grande lacuna de representação das principais fisionomias de vegetação nativa e de espécies ameaçadas de extinção da fauna e da flora. A criação de unidades de conservação, a recuperação de áreas degradadas e a criação de mosaicos e corredores ecológicos foram identificadas como as ações prioritárias para a conservação, juntamente com a fiscalização e educação ambiental.

O fomento às atividades econômicas de uso sustentável é outro elemento essencial para assegurar a conservação do Pampa. A diversificação da produção rural a valorização da pecuária com manejo do campo nativo, juntamente com o planejamento regional, o zoneamento ecológico-econômico e o respeito aos limites ecossistêmicos são o caminho para assegurar a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento econômico e social.

O Pampa é uma das áreas de campos temperados mais importantes do planeta.

Cerca de 25% da superfície terrestre abrange regiões cuja fisionomia se caracteriza pela cobertura vegetal como predomínio dos campos – no entanto, estes ecossistemas estão entre os menos protegidos em todo o planeta.

Na América do Sul, os campos e pampas se estendem por uma área de aproximadamente 750 mil km², compartilhada por Brasil, Uruguai e Argentina.

No Brasil, o bioma Pampa está restrito ao Rio Grande do Sul, onde ocupa 178.243 km² – o que corresponde a 63% do território estadual e a 2,07% do território nacional.

O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. Em sua paisagem predominam os campos, entremeados por capões de mata, matas ciliares e banhados.

A estrutura da vegetação dos campos – se comparada à das florestas e das savanas – é mais simples e menos exuberante, mas não menos relevante do ponto de vista da biodiversidade e dos serviços ambientais. Ao contrário: os campos têm uma importante contribuição no sequestro de carbono e no controle da erosão, além de serem fonte de variabilidade genética para diversas espécies que estão na base de nossa cadeia alimentar. (<http://www.mma.gov.br/biomas/pampa>).

Em Herval a paisagem pampeana apresenta-se com singularidades. Esta singularidade se constitui pelo fato de o município se situar em meio a serra que leva seu nome. A serra do Herval é uma cadeia de coxilhas que se prolonga desde as encostas do Rio Santa Maria até os limites de Jaguarão. Não se observa uma vegetação florestal luxuriante, no entanto, o município não é desprovido de matos que bordam as margens dos arroios, que se desenvolvem nos apertados vales das serras e seus campos são pontilhados por

O regime de águas do município dividiu-se por três bacias hidrográficas: a do Jaguarão; do Arroio Grande; a do Santa Maria; O clima do município é subtropical ou temperado, com geadas frequentes e chuvas regulares. A localidade da Fazenda Bela Vista é conhecida como Boa Vista, situando-se a cerca de 5km do centro urbano no sentido da estrada Herval – Centurião. Nesse ponto, predominam os campos destinados a pecuária extensiva, a paisagem é composta de diversas pequenas coxilhas e ao fundo alguns dos conhecidos Cerros do Herval, (coxilhas maiores). A região da Boa Vista é entrecortada por dois importantes arroios: o Arroio Grande e o Arroio do Empedrado.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio-grandense	Herval/RS	2012	F11	7
------------------------------------	----	-------------------------	-----------	------	-----	---

4.3. MARCOS EDIFICADOS

PROPRIEDADE RURAL DE CRIAÇÃO DE REBANHOS

A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado bovino, ovino e equino. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas: os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007). Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e também por agricultura, em meados do século XIX passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escrava ou assalariada e com uma arquitetura contando com sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (RAHMEIER, 2007; LUCCAS, 1997). Em geral, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não será a base econômica principal. Dessa forma, propriedades menores anteriormente também chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem “indígena” que significa plantação (SAINT-HILAIRE, 1987) ou por designações locais, utilizadas até a atualidade, como “campo” e “sítio”. A estância atual corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde se mantém os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou invernadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém, devido ao seu tamanho podem não ser consideradas como estâncias.

Propriedades rurais visitadas em Herval:

Boa Vista:

Estância Boa Vista da família da pesquisadora Letícia de Faria Ferreira

RANCHO

Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé e a taquara (tipo de bambu) eram cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e janelas (sem vidros) as paredes eram preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresentava uma espessura aproximada de 50 cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustentava as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim (LESSA, 1986; VAZ MATTOS, 2003). O chão é de terra batida e podem haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundos e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986). Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados, até fins do século XVIII e início do XIX, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas, portanto predominavam as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana (ISABELLE, 1983; LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 1978). Conforme Vaz Mattos (2003), na localidade de Olhos D'Água em Bagé, até 1940 havia a predominância dos ranchos.

MANGUEIRA DE PEDRAS

As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Não há comprovação da origem histórica dessas edificações, porém sabe-se que eram utilizadas pelos tropeiros (homens que levam o gado de um local a outro) para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (vigiar os animais). Acredita-se que as mangueiras não eram usadas para prender o gado com fins de manuseio como curar, medicar, contar e marcar. Esses serviços eram, em geral, feitos nos rodeios, atividade que consiste em juntar os animais no campo, somente com o auxílio do cavalo, sem o uso de cercas ou similares. O formato circular da mangueira propõe-se a evitar arestas ou cantos que poderiam levar o animal a se “embretar”, ficando sem saída e atirando-se contra as paredes (JACQUES, 2008). A entrada da mangueira é chamada de porteira. Nela eram colocadas duas “tronqueiras”, que são objetos verticais de pedra ou madeira postos um em frente ao outro com perfurações em que eram encaixadas e dispostas varas (madeiras retas) atravessando a porteira evitando a fuga dos animais. Essas construções são bastante encontradas nas rotas ou Caminhos das Tropas que iam em direção às antigas charqueadas e, posteriormente, aos matadouros e frigoríficos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio-grandense	Herval/RS	2012	F11	7
------------------------------------	----	-------------------------	-----------	------	-----	---

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

5.1. RESUMO

A formação do estado do Rio Grande do Sul assenta-se na relação conflituosa entre os impérios português e espanhol na disputa por território e domínio político e econômico (ZANOTELLI et al, 2003). Tal ocupação territorial teve início através dos padres jesuítas que, vindos do Paraguai, instalaram-se na margem leste do Rio Uruguai com o objetivo primordial de catequizar grupos indígenas que habitavam os territórios sulinos. Inicialmente logrando em seus intentos, os jesuítas fundaram, a partir de 1626, aldeias e povoados chamados missões ou reduções. O conjunto de povoados de maior importância histórica foram os Sete Povos das Missões. Ademais, foram os jesuítas que introduziram a criação de animais no Rio Grande do Sul: ovinos, equinos e principalmente bovinos. Junto com a pecuária e valendo-se do trabalho indígena, desenvolveram também a agricultura e a extração da erva-mate.

Ainda no século XVII, as missões começaram a ser invadidas por bandeirantes – homens vindos de São Paulo, que atacavam as aldeias com a finalidade de aprisionar os índios para vendê-los como escravos. Em função destes sucessivos ataques, as missões entraram em decadência. Em 1750, pelo Tratado de Madri, Portugal e Espanha determinaram que a população dos Sete Povos deveria deixar a área, que ficaria para os portugueses. Embora tal tratado tenha sido anulado em 1761, e os índios missionários tenham obtido o direito de permanecer na região, as sucessivas guerras causaram a destruição dos Sete Povos. Os rebanhos espalharam-se pelo campo aberto reproduzindo-se livremente, tornando-se um gado selvagem (MOREIRA, 1999).

Este gado cresceu livre durante décadas. Inicialmente milhares de cabeças de gado vacum eram sacrificados apenas para a retirada e venda do couro.

Em 1634, mil e quinhentas cabeças de gado foram introduzidas e distribuídas entre os povos da margem esquerda do rio Uruguai. Quando essas comunidades missioneiras recuaram para a outra margem do rio, em razão dos ataques dos paulistas escravizadores, os animais foram transferidos para a margem meridional do rio Jacuí, onde se desenvolveram, formando as vacarias do mar. Nos anos 1700, quando a vacaria do mar começou a esgotar-se, devido à extração de gado, vaqueiros dos sete povos, introduziram milhares de animais nos campos de cima da serra, formando a vacaria dos pinhais (MAESTRI, 2006)

Em 1737, para garantir os interesses dos portugueses instalados na região, foi construído o forte Jesus-Maria-José, junto ao canal que liga laguna dos Patos ao oceano Atlântico. Ao lado do forte formou-se uma povoação que deu origem a atual cidade de Rio Grande. O domínio português se expandiu pelas áreas vizinhas, que no seu conjunto eram chamadas de Continente de Rio Grande de São Pedro, primeira denominação do atual estado do Rio Grande do Sul.

Neste mesmo período, desenvolveu-se a mineração em Minas Gerais, o que atraiu milhares de pessoas para a região e formou um mercado de consumo para os produtos da pecuária riograndina: couro, carne, leite e animais para transporte. Em consequência, a atividade de caça foi sendo substituída pela criação de gado, pois os animais passaram a ser reunidos em locais destinados a tal finalidade: as estâncias (Idem, 1999).

Assim, estimulada pelo mercado do Sudeste do país, principalmente de Minas Gerais, desenvolveu-se a pecuária no Rio Grande do Sul. Portugueses, paulistas e catarinenses ganhavam do governo grandes extensões de campo, onde instalavam suas fazendas de criação de gado. Com o tempo, as áreas campestres, principalmente as da Campanha, ficaram povoadas de fazendeiros.

A partir de 1780 notamos uma modificação na utilização do gado vacum. Iniciam, na província de São Pedro, as charqueadas na região de Pelotas, e a carne começa a ganhar considerável valor comercial. Porém, durante anos o couro continuou com grande valor monetário. As vacarias geralmente vindas da região da campanha traziam o gado para ser vendido na região de Pelotas.

Um ano após a chegada da família real Portuguesa ao Brasil, ocorre a primeira divisão administrativa da província de São Pedro. Em 1809 a região fica dividida em quatro localidades: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio e Porto Alegre. A seguir, mapa onde podemos visualizar a divisão territorial da então capitania.

Em meados do Século XIX, para delimitar as propriedades, iniciou-se o uso do arame farpado e alambrado. Desta forma o dono da estância conseguia controlar seus peões e impedir o uso de sua propriedade por gaúchos nômades, geralmente tropeiros sem a posse da terra, que habitavam na região. Estes gaúchos sem nacionalidade definida transitavam facilmente entre os atuais territórios brasileiro, uruguaio e argentino, e tinham como principal atividade retirar o couro do gado vacum e vendê-lo no mercado informal, na região de domínio português e para a metrópole hispânica. O modelo de transação econômica praticado por estes gaúchos era possível porque havia o gado nesta região, ao mesmo tempo, era considerado ilegal porque os animais soltos pelos campos eram de propriedade real – tanto da coroa portuguesa quanto espanhola.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio-grandense	Herval/RS	2012	F11	7
------------------------------------	----	-------------------------	-----------	------	-----	---

As estâncias pertencentes a proprietários portugueses iniciaram a domesticação do gado da região. Entretanto, não existia tratamento para a saúde dos animais. A partir do século XX notamos uma drástica diferença no tratamento da saúde do gado, com evidente melhora. A qualidade da carne e a genética destes animais tornam-se referência no país e a carne bovina produzida na região da campanha é exportada para inúmeros países.

A região da campanha, onde se localiza o município de Bagé, é conhecida pela criação de gado bovino de corte de significativa qualidade, com melhoramento genético dos animais. Começam na região exposições de gado, ovinos e equinos. O cavalo, principal instrumento de trabalho fundamental para a produção pecuária, era utilizado para arrebanhar o gado vacum. Já a criação de ovelhas, além de suprir a demanda doméstica de carne da propriedade, através da venda anual de lã, ajudava a cobrir as despesas de manutenção da propriedade – com o advento da lã sintética, a criação de gado ovino diminui expressivamente, passando a atender nichos específicos do mercado de carne e a demanda da produção artesanal de artefatos de lã.

A criação de gado de corte e a exposição destes animais, gera milhões de reais para a região da campanha. Estas duas atividades são majoritariamente vinculadas a grandes e médias propriedades rurais. No entanto, embora o ponto de partida para este estudo seja a região da campanha, mais especificamente, a localidade de Bagé, a paisagem cultural que se configura a partir da produção pecuária, sua origem, manutenção e perpetuação, extrapola tais limites geográficos e políticos, transitando suas fronteiras pelos territórios que abrange a chamada “cultura gaúcha”. Assim sendo, tal área cultural perpassa tanto o sul do Rio Grande do Sul quanto países vizinhos, como Argentina e Uruguai.

Ondina Fachel Leal discute a constituição acadêmica e sócio-antropológica do “Sul” como um território de significados de uma realidade social específica, de um sistema de valores e de uma determinada área social. Para Leal (1997), “os limites destas área cultural etnografada e etnografável, frequentemente nominada o Sul, numa estratégica imprecisão retórica, não coincidem com os limites políticos do estado Rio Grande do Sul ou mesmo os da nação Brasil.”

O nome da cidade origina-se da erva-mate encontrada em abundância nas matas quando da sua colonização. Os primeiros habitantes (portugueses) desta região vieram provenientes de um acampamento de Rafael Pinto Bandeira no ano de 1791, posterior ao Tratado de Santo Idelfonso. Com claras intenções de demarcar o território para a Coroa Portuguesa, Rafael doa a sesmarias para homens do império que povoam o que vai se chamar de Vila de São João Batista do Herval. De modo geral, as famílias que permaneceram em Herval dedicaram-se a agricultura de subsistência, construindo moinhos de pedra para fazer farinha de mandioca, e fundamentalmente à pecuária, marca do município até os dias atuais.

As famílias tradicionais que constituíram o município eram de portugueses ligados ao meio rural. (como de Bonifácio José Nunes é considerado o fundador da cidade. Liderou e, juntamente com José da Silva Tavares, José Teixeira Pinto, Antônio dos Santos Abreu e Antônio Madruga de Bittencourt se constituíram em sociedade para adquirir o terreno onde estava edificada a povoação e o doaram à Irmandade de N^a S^a da Conceição.)

5.2. CRONOLOGIA	
DATA	EVENTO
Séc. XVII - 1626	Fundação dos Sete Povos das Missões.
Séc. XVII até princípio do XIX	Caça ao gado selvagem no pampa para retirada do couro.
Início séc. XVIII	Concessão de sesmarias; ocupação do Rio Grande do Sul
Séc. XVIII - 1703	Primeiro caminho de tropas oficial: “Caminho da Praia” – ligava Colônia do Sacramento à Laguna
Séc. XVIII - 1728	Segundo caminho de tropas oficial: “Caminho dos Conventos” ou “Caminho de Sousa Farias” – ligava Araranguá, passando pelos Caminhos de Cima da Serra até Curitiba
Séc. XVIII - 1730	Terceiro caminho de tropas oficial: “Caminho das Tropas – origem em Viamão, passando pelos Campos das Vacarias, pelo rio Pelotas, Campos de Lages, Campos Curitibanos, rio Negro, rio Iguaçu, Campos Gerais de Curitiba, chegando em Sorocaba.
Séc. XVIII - 1750	Tratado de Madri.
Séc. XVIII	Consumo dos produtos da pecuária em razão do ciclo minerador nas Gerais.
1809	Primeira divisão administrativa da Província de São Pedro: Rio Pardo, Rio Grande,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio-grandense	Herval/RS	2012	F11	7
------------------------------------	----	-------------------------	-----------	------	-----	---

	Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre.
Séc. XVIII e XIX	Instalação das estâncias e de charqueadas em Pelotas e Bagé.
Séc. XIX	Introdução do arame para cercamento das propriedades.
Séc. XIX (final) – Séc. XX (início)	Instalação dos primeiros frigoríficos
Séc. XX	Investimento no melhoramento genético dos rebanhos, incremento na importação e exportação da carne bovina.
Séc. XX	Criação de associações e cooperativas de criadores de bovinos, equinos e ovinos, entre outros.
Séc. XX	Introdução do transporte de rebanhos por caminhões.
Séc. XX	Instalação de consórcio pecuária-agricultura de forma mais intensa.
Séc. XX – década de 1950	Fechamento da última charqueada em Bagé
Séc. XX – década de 1960	Introdução do Pastoreio rotativo científico “Voisin”
Séc. XX	Instalação de centros de doma e treinamento de cavalos nos núcleos urbanos
Séc. XX	Instauração de cursos para aprimoramento dos trabalhadores rurais em instituições privadas e públicas municipais, estaduais e federais, como sindicatos rurais, associações de criadores, EMBRAPA, etc.

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Ver item 7 da Ficha de Identificação: Sítio

7. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO

Segundo Freire (2005), com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, constituiu-se a política de preservação e salvaguarda do patrimônio no Brasil por intermédio do tombamento (ato institucional aplicado, que protege os bens culturais materiais da descaracterização cultural). Em um primeiro momento, tal ação estatal teve como foco o salvamento emergencial dos bens relacionados ao período colonial, aos grandes personagens históricos e as obras de arte. Neste sentido, representativos desta noção de nacionalidade, encontramos no Rio Grande do Sul: o tombamento das Ruínas da Redução Jesuítico-Guarani de São Miguel Arcanjo (1938); Igreja Matriz de São Pedro, em Rio Grande (1938) e a Matriz da Nossa Senhora da Conceição em Viamão (1938); O Forte D. Pedro II, em Caçapava do Sul (1938); as casas dos líderes da Guerra dos Farrapos Bento Gonçalves (1940) e Garibaldi (1941) em Piratini, e David Canabarro, em Santana do Livramento (1953); a Rua da Ladeira em Rio Pardo (1955); O Obelisco Republicano em Pelotas (1955), O Teatro Sete de Abril (1972) e as três casas na Praça Coronel Pedro Osório (1977) todos em Pelotas.

Esta visão de Patrimônio Cultural Brasileiro se altera em 1960 com a inclusão dos sítios arqueológicos considerados bens patrimoniais, protegidos pela lei número 3924/61. Na década de 1970 ocorreu uma ampliação institucional da área de Patrimônio com a criação de políticas específicas de preservação do patrimônio em estados e municípios, a partir da Lei Federal de Tombamento. Freire (2005, p.12).

Tal expressividade de ações de tombamento em Piratini reflete a ampliação desta rede institucional de

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio-grandense	Herval/RS	2012	F11	7
------------------------------------	----	-------------------------	-----------	------	-----	---

preservação do patrimônio legitimando a representação da cidade como Capital Farroupilha. Nestes termos, a ação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE) tombou os seguintes bens: Antiga Cadeia (18/11/1986), Antiga Casa de Fazenda (18/11/1986), Antiga Casa Fabião (21/11/1986), Antiga Farmácia Caridade (20/11/1986), Antiga Moradia de Egydio Rosa (21/11/1986), Antigo Teatro Municipal (Sete de Abril) (20/11/1986), Casa Comercial dos Fabião (21/11/1986), Casa de Camarinha (20/11/1986), Casa do Comendador Fabião (20/11/1986), Casa de Gomes de Freitas (21/11/1986), Casa de Vicente Lucas de Oliveira (21/11/1986), Prédio no Logradouro Pe. Reinaldo Wist (Geminado com o Teatro) (20/11/1986), Ponte do Império (01/08/1984), Prédio da Rua Bento Gonçalves (Casa de Darling Lucas) (21/11/1986), Sobrado da Dorada (21/11/1986).

Da mesma maneira, em Arroio Grande, por iniciativa do município e acompanhando a ideia de patrimônio a partir dos feitos históricos do Rio Grande do Sul, considerando seus personagens e revoluções, propõe o registro de um obelisco e de uma tapera localizados no lugar onde nasceu o Barão de Mauá e de um marco de fronteira situado nas margens da estrada para Pelotas, homenageando uma batalha da Revolução Farroupilha. (Lei 586, de 14.1.1966)

A partir dos anos 80, a noção de patrimônio se altera no sentido de representar a diversidade cultural brasileira, bem como se vincula ao tombamento de bens edificados o patrimônio imaterial. Neste sentido, observa-se o tombamento dos conjuntos urbanos com maior densidade de população em uma região expressivamente rural que são as ações em Pelotas e Bagé, considerando o sítio da pesquisa. Citam-se, ainda, as ações com relação ao registro do patrimônio imaterial: INRC a produção dos doces Tradicionais Pelotenses, Porongos e Missões.

A diversidade dessas ações de patrimônio, em tais cidades, expressa uma ampliação das políticas de preservação das várias esferas do estado (municipal, estadual e federal) bem como as alterações na noção de patrimônio. Embora nos últimos anos, com a implementação das diretrizes da Lei 10.257/2001 (Estatuto da Cidade) os municípios tenham avançando, dentre outros aspectos, no estabelecimento de diretrizes voltadas às questões patrimoniais, incluindo a instituição de Áreas de Interesse Cultural e outros mecanismos de gestão do patrimônio, é importante destacar que ainda são praticamente inexistentes políticas de preservação voltadas ao patrimônio existente áreas rurais.

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

Respondido no item 9.2 Ficha Sítio (itens a serem aprofundados) – Relações entre pecuária e agricultura; envelhecimento; masculinização no campo, ausência de políticas públicas voltada para o campo; diminuição da oferta de emprego e mão-de-obra; cultura de fronteira; investigações arqueológicas associada aos antigos caminhos das tropas.

8.2. RECOMENDAÇÕES

Ver item 9.2 Ficha Sítio

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	RS	Pampa sul-rio-grandense	Herval/RS	2012	F11	7
------------------------------------	----	-------------------------	-----------	------	-----	---

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	Lidas campeiras
ANEXO 4: CONTATOS	F1 – A4 – 45.
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	F60 – 1 a F60 – 7

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Dobke, Daniel Vaz Lima. Consultores: Erika Collischonn – Geografia; Fernando Camargo – História; Karen Mello – Urbanismo.		
SUPERVISOR	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby e Marta Bonow Rodrigues.		
REDATOR	Marília Floôr Kosby, Daniel Vaz Lima, Marta Bonow Rodrigues, Flávia Rieth, Liza Bilhalva Martins da Silva, Pablo Dobke e Letícia de Faria Ferreira.	DATA	10.04.13
Responsável pelo inventário	Flávia Rieth		

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS ANEXO BIBLIOGRAFIA		CÓDIGO DA FICHA					
		RS	Região de Bagé e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
UF	sítio	Loc.	ANO	FICH A	NO.		

4 1. LIVROS E OUTRAS PUBLICAÇÕES NÃO SERIADAS

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR	Nº
AGUINAGA, Antonio José Queirolo. Caracterização se sistemas de produção de bovinos de corte na região da campanha do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2009.	Tese que discute perfil socioeconômico dos pecuaristas sul-rio-grandenses e suas práticas.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	1
AL-ALAM, Caiuá Cardoso. Pelotas Insubmissa: escravos e peões de tropas como sujeitos do caos. IN: _____ A Negra Forca da Princesa: Polícia, Pena de Morte e Correção em Pelotas (1830-1857). Pelotas: Ed. do Autor; Sebo Icária, 2008. Cap. 1, pp. 48-62.	Estudo sobre as punições efetuadas na cidade de Pelotas, que incidiam especialmente sobre escravos e pessoas marginalizadas no município no século XIX.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	2
ALVEAR, Diego de. Relación histórica y geográfica de la provincia de misiones. Resistencia: CONICET, 2000.	Diários e relatórios do demarcador D. Diego de Alvear sobre as Missões no final do século XVIII.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	3
ANONIMO. Noticias sobre el Rio de la Plata: Montevideo en el siglo XVIII. Madrid: Historia 16, 1988.	Transcrição de manuscrito de observador da situação da Banda Oriental do Uruguai no final do século XVIII.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	4
ANTÓN, Danilo. Uruguaypirí. Montevideo: Rosebud, 1997.	Abordagem histórica do Uruguai sob uma perspectiva etnológica.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	5
ARREDONDO, Horacio, Civilización del Uruguay. Bibliografía de viajeros. Contribución grafica. s/d.	História uruguaia e apontamentos de viajantes. Diversas imagens.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	6
Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Produzindo a História a partir de fontes primárias. Porto Alegre: Corag, 2010.	Coletânea. Possui vários textos sobre Bagé e região, na perspectiva de diferentes classes sociais.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	7
ASSUNÇÃO, Fernando O. El Gaucho: estudio socio-cultural. Tomos I e II. Montevideo: DGEU-DPE, 1978.	Estudo abrangente sobre o gaúcho pampeano histórico no que tange a diferentes aspectos da sua existência.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	8
ASSUNÇÃO, Fernando O. História del Gaucho: el gaucho, ser y quehacer. Buenos Aires: Claridad, 2007.	História da formação do <i>gaucho</i> – como símbolo nacional e modo de vida na região do Prata (Argentina e Uruguai).	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	9
BAGÉ. História. Disponível em: http://www.bagé.rs.gov/historia.php (Acesso em 12/10/2012)	Resumo histórico de Bagé e região.	Site Internet	10
BANDEIRA, Moniz. O Expansionismo Brasileiro: o papel do Brasil na bacia do prata – da colonização ao império. Rio de Janeiro: Philobiblio. 1985.	Estudo abrangente sobre a formação do Brasil e a atuação do país na região Platina.	Biblioteca ICH - UFPel	11

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

BARCELLOS, Tanya M. de. "Novas Migrações no RS: os casos de Uruguaiana e Bagé". In: I Encontro Nacional sobre Migração . Curitiba: IPARDES: FUNUAP, 1997.	Migrações na campanha do RS nas últimas décadas.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	12
BARRÁN, Jose Pedro. História de la Sensibilidad en el Uruguay – la cultura "bárbara" (1800-1860) . Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1990.	Estudo abarcando o Uruguai do século XIX sobre o entendimento do prazer e da dor pelas culturas, principalmente levando-se em conta a forma pela qual as pessoas sentem-se frente a experiências de morte, violência, sexo, diversão ou trabalho.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	13
BARRETO, Vitro Angelo Villar. Dom Pedrito, cidade e campo: a modernização agrícola e a cidade local . Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2011. (Dissertação de Mestrado em Geografia).	Dissertação sobre a alteração da paisagem e dos usos decorrente do processo de modernização agrícola, em Dom Pedrito, RS.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	14
BARROSO, Vera L. M. Os Açorianos no Rio Grande do Sul . Disponível em: http://www.comunidadesacorianas.org/artigo.php?id_artigo=3&idioma=PT (Acesso em 25/03/2010)	Aborda a colonização no Estado do Rio Grande do Sul.	Site internet	15
BOEIRA, Nelson & GOLIN, Tau (orgs.) História geral do Rio Grande do Sul . Vol.1. Passo Fundo-RS: Ed. Méritos. 2006.	Estudo sobre a história do Rio Grande do Sul, no período denominado Brasil colonial.	Acervo pessoal de José Plínio Guimarães Fachel	16
BOEIRA, Nelson & GOLIN, Tau (orgs.) História geral do Rio Grande do Sul . Vol.2. Passo Fundo: Ed. Méritos, 2006.	Estudo sobre a história do Rio Grande do Sul, no período cronológico compreendido de Brasil Imperial.	Acervo pessoal de José Plínio Guimarães Fachel	17
BOEIRA, Nelson & GOLIN, Tau (orgs.) História geral do Rio Grande do Sul . Vol.3. Passo Fundo: Ed. Méritos, 2006.	Estudo sobre a história do Rio Grande do Sul, no período histórico intitulado República Velha.	Acervo pessoal de José Plínio Guimarães Fachel	18
BOUCINHA, Cláudio. História das Charqueadas de Bagé (1891-1940) na Literatura . Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC), 1993. (Dissertação de Mestrado em História)	Pesquisa sobre a história das Charqueadas de Bagé, destacando o início em 1891 até 1940, quando foram introduzidas as primeiras câmaras frias. Analisa as primeiras principalmente as charqueadas de grande escala tais como: Companhia Industrial Bageense, Santa Thereza, São Martim, Santo Antônio, São Domingos, Sociedade de Fazendeiros, Cooperativa Bageense de Carnes e Frigorífico SISPAL.	Biblioteca da PUC-RS e da URCAMP-Bagé.	19
BRASIL, Carlos Roberto Martins. Pioneiros Açorianos: notas históricas e genealógicas . Porto Alegre: Renascença, 2005.	Relata a imigração açoriana no Rio Grande do Sul e Bagé, destacando a localização, início do povoamento e da propriedade privada na região. Além de traçar o perfil genealógico das famílias descendentes dos açorianos.	Acervo da Secretaria Municipal de Cultura de Bagé	20

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

BRASIL, Carlos Roberto Martins. Sesmarias em São Sebastião de Bagé . Porto Alegre: Renascença, 2009.	Descreve as sesmarias concedidas aos primeiros povoadores de <i>São Sebastião de Bagé</i> , situada nos atuais municípios de Bagé, Aceguá, Hulha Negra, Dom Pedrito, e em partes dos municípios de Candiota, Lavras do Sul e de Santana do Livramento, distribuídas entre os anos de 1789 a 1822. Obra baseada em documentos do Arquivo Público e Histórico do Rio Grande do Sul, Arquivo Público e Histórico de São Paulo e Arquivo Histórico Ultramarino de Portugal.	Acervo da Secretaria Municipal de Cultura, NPHTT e Biblioteca Municipal de Bagé.	21
BUENO, Eduardo. Apresentação . In: LEITE, José Antonio Mazza. Xarqueadas de Danúbio Gonçalves: um Resgate para a História . Porto Alegre: s. c. p., 3ª Ed., 2011.	Apresentação da obra de José Antonio Mazza Leite sobre os desenhos e xilogravuras do artista plástico Danúbio Gonçalves.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	22
CAMARGO, Fernando. Crônicas do Rio Grande de São Pedro: 1790 e 1804 . Passo Fundo: Clio, 2003.	Apresentação e transcrição das duas corografias completas mais antigas acerca do atual espaço do Rio Grande do Sul.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	23
CAMARGO, Fernando. O Malón de 1801: a guerra das laranjas e suas implicações na América meridional . Passo Fundo: Clio, 2001.	A tomada das Missões Orientais do Uruguai e seu contexto diplomático, geopolítico e socioeconômico.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	24
CARDOSO, Fernando Henrique. Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional: O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul . São Paulo: Editora Paz e Terra. 1977.	Estudo sobre a escravidão no Estado do Rio Grande do Sul.	Biblioteca ICH – UFPel	25
CARDOSO, Fernando Henrique. Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional: O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul . São Paulo: Editora Paz e Terra. 1997.	Estudo sobre a escravidão no Estado do Rio Grande do Sul.	Biblioteca ICH – UFPel	26
CESAR, Guilhermino. História do Rio Grande do Sul Período Colonial . Porto Alegre: Ed. Globo. 1970.	Abrangente estudo sobre a história do Rio Grande do Sul no período histórico colonial.	Biblioteca ICH – UFPel	27
CESAR, GUILHERMINO. PRIMEIROS CRONISTAS DO RIO GRANDE DO SUL: 1605-1801 . PORTO ALEGRE: UFRGS, S/D.	Apresentação e transcrição de extratos de textos de cronistas sobre o Rio Grande do Sul.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	28
CESAR, Guilhermino. O Contrabando no Sul do Brasil . Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brades, 1978.	Estudo sobre a história do comércio ilegal no Rio Grande do Sul.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	29
CHASTEEN, John. Fronteira Rebelde . Porto Alegre: Movimento, 2003.	Relata o contexto da fronteira entre RS e Uruguai durante o século XVIII, XIX e início do XX na imagem dos irmãos Aparício e Gumercindo Saraiva.	Acervo pessoal de Pablo Dobke.	30
CHELOTTI, Marcelo Cervo. A dinâmica do espaço agrário no município de Sant'ana do Livramento/RS: das sesmarias aos assentamentos rurais. In: Estudos Geográficos . Rio Claro: Unesp, jan-jun 2005.	Espaço agrário e dinâmica sócio espacial na campanha gaúcha.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	31

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra. (Org.). Pampa e Cultura . Porto Alegre: UFRGS, 2004.	Aborda os diferentes aspectos da cultura pampeana nos diferentes países (Argentina, Uruguai e Brasil).	Acervo pessoal de Pablo Dobke.	32
COELHO, Enyltho Paixão (org.) Mão Gaúcha – Traçados em Couro . Secretaria do Trabalho e Ação Social – Fundação Gaúcha do Trabalho. Porto Alegre: Grafosul, Vol. 2, 1978.	Manual de trabalhos em couro. Produção de arreios para lidas campeiras e de artefatos para uso cotidiano e para decoração.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	33
COLVERO, Ronaldo. Negócios na Madrugada: o comércio ilícito na fronteira do rio grande do sul . Passo Fundo: UPF Editora, 2004.	O contrabando na fronteira do Rio Grande do Sul, entre os séculos XIX e XX.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	34
COLVERO, Ronaldo; SERRES, Helenize. O saladeiro São Felipe de Itaqui: 1910-1930 . Porto Alegre: Faith, 2009.	O saladeiro São Felipe como centro de várias considerações sobre a História de Itaqui e região.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	35
COSTA e SILVA, Fabiane. Tramas territoriais na campanha gaúcha: processo de transformações na área de Aceguá . Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Programa de Pós-Graduação em Administração, 2009. (Dissertação de Mestrado em Administração).	Trabalho acerca da formação e transformações da região de Aceguá, abordando principalmente temas socioeconômicos.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	36
COURLET, Beatriz Azevedo. "Identidades em uma zona de fronteira: a região do Prata no período colonial". In: II Jornadas de História Regional Comparada . Porto Alegre: FEE, 2005.	A constituição da identidade fronteiriça.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	37
COUTO, Mateus de Oliveira. A pia e a Cruz: A demografia dos trabalhadores escravizados em Herval e Pelotas (1840 – 1859) . Passo Fundo: UPF Editora, 2011.	Informações sobre os escravos nos municípios de Herval e de Pelotas no século XIX (anos 1840-1859).	Acervo Pessoal de Flávia Rieth.	38
COTRIM, Eduardo. A Fazenda Moderna. Guia do criador de gado bovino no Brasil . Bruxelas: Typographia V. Verteneuil & L. Desmet, 1913.	Guia prático e científico para produtores voltados à indústria pecuária moderna.	Acervo pessoal de Marília Kosby	39
CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional . N. 32, 2005. pp. 15-27.	Autora discorre sobre o processo de patrimonialização dos bens imateriais.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	40
DACANAL, José Hildebrando & Gonzaga, Sérgio. (orgs.) RS: Economia & Política . Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto. 1979.	Livro escrito por historiadores renomados sobre a história do Rio Grande do Sul.	Acervo do Laboratório Ensino de História- UFPel	41
DALLA VECHIA, Agostinho M. Vozes do Silêncio: depoimentos de descendentes de escravos no meridão gaúcho . Pelotas: Editora da UFPEL, 1994. (Parte I).	Entrevistas com descendentes de escravos em Pelotas e região.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	42
DARWIN, Charles. Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo – Vol. 1: África, Brasil e Terra do Fogo . Porto Alegre: L&PM, 2010.	Livro escrito como diário de viagem de Charles Darwin, em que fala de suas impressões sobre os gaúchos do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	43
DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. A outra face do Rio Grande: ideologia e mitificação do gaúcho histórico . Três Lagoas: UFMS, 2001.	Monografia sobre a transição, no imaginário, do gaúcho histórico para o gaúcho mitificado.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	44

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

FAGUNDES, Elizabeth Macedo de. Inventário Cultural de Bagé . Bagé (RS): Praça da Matriz, 2005.	Trabalha a história de Bagé através do patrimônio cultural.	Biblioteca Municipal de Bagé e NPHTT	45
FARINATTI, L. A. E. "Criadores de gado na fronteira meridional do Brasil (1831-1870)". In: II Jornadas de História Regional Comparada . Porto Alegre: FEE, 2005.	Estudo dos pecuaristas de Alegrete e região, a partir dos inventários <i>post mortem</i> .	Acervo pessoal de Fernando Camargo	46
FARINATTI, L. A. E. "Peões de estância e produção familiar na fronteira sul do Brasil (1845-1865)". In: Anos 90 . Porto Alegre: UFRGS, 2008.	A reinterpretção do papel do peão de estância no RS, caracterizando a estratégia familiar de constituição de muitos nessa lida.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	47
FERREIRA FILHO, Arthur. História Geral do Rio Grande do Sul: 1503-1964 . Porto Alegre: Editora Globo, 3ª Ed., 1965.	Historiografia tradicional. Abordagem de diversos aspectos da história sul-riograndense.	Acervo pessoal de Pablo Dobke.	48
FERREIRA, Lúcio Menezes. O Pampa Negro: arqueologia da escravidão na região meridional do Rio Grande do Sul (1780-1888) . Pelotas: Universidade Federal de Pelotas (UFPel), 2009. (Projeto de Pesquisa)	Projeto de pesquisa na área da arqueologia que abarca as questões referentes aos escravos na região do pampa sul-riograndense.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	49
FLORES, Moacyr. Colonialismo e Missões Jesuíticas . Porto Alegre: Ed. Nova Dimensão, 1986.	História sobre a colonização e reduções jesuíticas instaladas no Rio Grande do Sul no período do Brasil Colônia.	Biblioteca ICH – UFPel	50
FLORES, Moacyr. Gaúcho: história e mito . Porto Alegre: EST edições, 2007.	Livreto que mostra de forma resumida a construção historiográfica acerca do gaúcho.	Acervo pessoal de Pablo Dobke.	51
FLORES, Moacyr. História do Rio Grande do Sul . Porto Alegre: Nova Dimensão, 1997.	Apresentação panorâmica de diversos aspectos da História do Rio Grande do Sul	Acervo pessoal de Fernando Camargo	52
FLURY, Lázaro. Motivos Argentinos . Buenos Aires: Ciordia y Rodríguez, 1951.	Descrição de costumes e utensílios da vida gaúcha.	Acervo pessoal de Pablo Dobke.	53
FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. O gaúcho quem é... Passo Fundo: UNESCO-CIOFF/PMPF, s/d.	Proposta de caracterização do tipo sociocultural denominado "gaúcho sul-riograndense.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	54
FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. Tropeiros de Mula. A ocupação do espaço. A dilatação das fronteiras . Passo Fundo: Berthier, 2004.	O tropeirismo mear e seus impactos no Rio grande do Sul.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	55
FONTTES, Carlos; VIEIRA, Yara Maria Botelho. As Estâncias Contam sua História . Santa Maria: Palltti, 2005.	Aborda a história da Bagé da região através das propriedades rurais (estâncias, fazendas e chácaras). A obra foi resultado do Projeto Pró-memória Histórica das Propriedades Rurais. Possui ilustrações a "bico de pena".	Acervo do Núcleo de Pesquisas Históricas Tarcício Taborda (NPHTT), da Secretaria Municipal de Cultura, Biblioteca da URCAMP e Biblioteca Municipal de Bagé.	56

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

FREIRE, Beatriz Muniz. O Inventário e o Registro do Patrimônio Imaterial: Novos Instrumentos de Preservação. Cadernos do LEPAARQ. Textos de Arqueologia, Antropologia e Patrimônio. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, Vol II, n. 3, 2005. pp.11-19.	Texto sobre formas de trabalhar o patrimônio imaterial.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	57
FREITAS, Décio. O Capitalismo Pastoril. Caxias do Sul-RS: Ed. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. 1981.	Estudo sobre a história pecuária no Estado do Rio Grande do Sul.	Biblioteca ICH – UFPel	58
GARCIA, Elida Hernades Garcia. Escritores Bageenses. Porto Alegre: Praça da Matriz/ Editora Evangraf, 2007.	Coletânea das biografias e obras dos escritores nascidos ou que tiveram sua produção intelectual em Bagé.	Acervo do NPHTT e da Secretaria Municipal de Cultura de Bagé	59
GOLIN, Tau. A Expedição: imaginário artístico na conquista militar dos sete povos jesuíticos e guaranis. Porto Alegre: Sulina, 1997.	As manifestações paralelas da expedição para a conquista dos povos jesuítico-guaranis orientais ao rio Uruguai, durante a Guerra Guaranítica.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	60
GOLIN, Tau. O povo do pampa. Passo Fundo: Ediupf; Porto Alegre: Sulina, 1999.	Faz uma trajetória da história do RS desde o paleolítico até os dias atuais.	Acervo pessoal de Pablo Dobke.	61
GONZAGA, Sérgio & FISCHER, Luís Augusto (coord.). Nós, Os Gaúchos. Porto Alegre: Ed.UFRGS. 1992.	Formação étnica do Estado do Rio Grande do Sul.	Biblioteca ICH – UFPel	62
GONZALEZ, Luis Rodolfo; RODRIGUEZ VARESE, Susana. Guaranies y Paisanos: Impacto de los indios misioneros en la formacion del paisanaje. Nuestras Raíces N° 3. Montevideú: Nuestra Tierra, 1990.	Pesquisa prosopográfica acerca da inserção indígena na sociedade crioula uruguaia e a importância da mestiçagem para a constituição do gaúcho.	Acervo pessoal de Pablo Dobke.	63
GÜIRALDES, Ricardo. Dom Segundo Sombra. Porto Alegre: L&PM, 1997.	Literatura: Traz a história do jovem Fábio Cáceres em sua trajetória ao lado do “gaúcho” Dom Segundo, onde aquele aprende na prática o que é ser um “verdadeiro gaúcho”.	Acervo pessoal de Pablo Dobke.	64
GUTIERREZ, Ester J. B. A arquitetura pelotense: charqueada e cidade. In: MAESTRI, Mário; ORTIZ, Helen (Orgs.). Grião Negro: Ensaios sobre a escravidão colonial no Brasil. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2009. pp. 201-231.	Análise da escravidão nas charqueadas pelotenses do século XIX, apontando questões rurais e urbanas.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	65
GUTIERREZ, Ester. Negros, Charqueadas e Olarias: Um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas (UFPel), 2ª Ed., 2001.	Estudo sobre o trabalho escravo, em especial nas charqueadas e olarias de Pelotas.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	66
GUTIERREZ, Ester. Negros, Charqueadas e Olarias: Um estudo sobre o espaço pelotense. Passo Fundo: UPF Editora, 2011.	Estudo sobre o trabalho escravo, em especial nas charqueadas e olarias de Pelotas.	Biblioteca ICH - UFPel	67
GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. Sítio Charqueador Pelotense. Porto Alegre: Editora Paisagem do Sul, 2010.	Estudo sobre as charqueadas pelotenses estabelecidas ao longo do Canal São Gonçalo e Arroio Pelotas.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	68

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

HAMEISTER, Martha. Notas Sobre a Construção de uma "Identidade Açoriana" na colonização do Sul do Brasil ao século XVIII. Disponível em: HTTP://WWW.UFRGS.BR/PPGHIST/21-22ART3.PDF (Acesso em 22/03/2009)	Colonização açoriana no Estado do Rio Grande do Sul.	Site internet	69
HARTMANN, Luciana. Gesto, Palavra e Memória: performances narrativas de contadores de causos. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2011.	Estudo dos contadores de causos na região meridional do Rio Grande do Sul, com uma perspectiva antropológica.	Acervo pessoal de Flávia Rieth.	70
HERNÁNDEZ, José. Martin Fierro. Madrid: Alianza Editorial, 2004.	Literatura: Relata as desventuras de um <i>gaúcho</i> argentino durante o período histórico conhecido como Conquista do Deserto, onde este, depois de desertar do exército, é perseguido como um bandido, desdenhando assim a figura do gaúcho.	Acervo pessoal de Pablo Dobke.	71
HOWES, Guilherme. De Bota e Bombacha: um estudo antropológico sobre identidades gaúchas e o tradicionalismo. – Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Centro de Ciências Sociais e Humanas. 2009. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais)	Estudo sobre a formação das identidades gaúchas e as instituições do meio tradicionalista no Rio Grande do Sul.	Acervo do INRC – Bagé (1ª Fase)	72
IBGE Cidades. HTTP://WWW.IBGE.GOV.BR/CIDADESAT/TOPIWINDOW.HTM?1 (Acesso em 12/10/2012)	Informações socioeconômicas.	Site Internet	73
IPHAE. Patrimônio Ferroviário no Rio Grande do Sul. Inventário das Estações 1874-1958. Porto Alegre: Pallott, 2002.	Inventário das estações ferroviárias de passageiros do RS, destacando sua importância no surgimento, crescimento e configuração dos núcleos urbanos.	Acervo da Secretaria Municipal de Cultura de Bagé.	74
ISABELLE, Arsène. Viagem ao Rio grande do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.	Diário e relato de viagem empreendida pelo explorador francês Isabelle ao Rio Grande do Sul, no século XIX.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	75
JACOB, Raúl. "Saladeros de la Frontera". In: II Jornadas de História Regional Comparada. Porto Alegre: FEE, 2005.	A crise de indústria saladeril uruguaia.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	76
JACQUES, Bayard Bretanha. Registros da eficiência da equitação gaúcha: Primeiros escritos. Jaguarão: Do Autor, 2008.	Descreve a importância da equitação gaúcha, assim como sua história e influência ibérica.	Acervo pessoal de Daniel Vaz	77
JOSEPH, Francine. Territorialidade e Direito Étnico na Comunidade Negra Rural Vila da Lata – Aceguá, Fronteira Brasil/Uruguai. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2010. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais).	Trabalho etnográfico discutindo a comunidade e sua vinculação com o espaço em que se situa.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	78
KEATONG, Vallandro; MARANHÃO, Ricardo. OS caminhos da conquista: a formação do espaço brasileiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2008.	Material gráfico e textual sobre os caminhos e espaços da conquista do território brasileiro pelos europeus.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	79

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

KERN, Arno Alvarez. Missões: uma utopia política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.	Leitura-chave sobre as missões jesuítico-guaranis.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	80
KOSBY, Marília Floôr. “O Açude”: A paisagem e os sujeitos pampeanos. 2011.	Ensaio apresentado na disciplina literatura e Fronteiras Culturais, ministrada pelo professor João Ourique, do curso de Letras da UFPEL.	Acervo pessoal de Marília Floôr Kosby	81
KOSBY, Marília Floôr. Piedra y Camino: o pensamento nômade na invenção da cultura do gaúcho. 2011.	Ensaio apresentado na disciplina literatura e Fronteiras Culturais, ministrada pelo professor João Ourique, do curso de Letras da UFPEL.	Acervo pessoal de Marília Floôr Kosby	82
KÜHN, Fábio. Breve História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Leitura XXI, 3ª edição, 2007.	História do RS de forma resumida. O texto abrange as origens do povoamento, a conquista do território, as guerras intestinas, e a vida social, política e econômica da província riograndense.	Acervo pessoal de Pablo Dobke.	83
LAYTANO, Dante. Folclore do Rio Grande do Sul. Caxias do sul – RS: EDUCS. 1984.	Estudo histórico sobre alguns tipos de folclores existentes no Estado.	Biblioteca ICH – UFPEL	84
LEAL, Ondina Fachel. Do entografado ao etnografável: O “Sul” como área cultural. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 3, n. 7, outubro/1997. pp. 201-204.	Construção do Rio Grande do Sul como campo etnográfico a partir da leitura de viajantes do século XIX, na proposta de identificar uma área cultural.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	85
LEAL, Ondina Fachel. Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha. IN: Oro, Ari P.; Teixeira, Sérgio A. (coords). Brasil e França: Ensaio de Antropologia Social. Porto Alegre: Ed. Universidade (UFRGS), 1992. pp; 141-150.	Estudo sobre suicídio de homens campeiros.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	86
LEAL, Ondina Fachel. The Gaúchos: male culture and identity in the Pampas. Berkeley: University of California (USA), 1989. (Tese de Doutorado).	Tese de doutorado que aborda a questão da identidade do gaúcho na região do pampa (Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina).	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	87
LEAL, Ondina Fachel. O Mito da Salamandra do Jarau: a constituição do sujeito masculino na cultura gaúcha. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul. Vol 1, n. 14. Jan-abril/1992. pp. 8-11.	Discussão do mito riograndense da Salamandra do Jarau a partir de um olhar antropológico sobre relações de gênero.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	88
LEITE, José Antonio Mazza. Xarqueadas de Danúbio Gonçalves: um Resgate para a História. Porto Alegre: s. c. p., 3ª Ed., 2011.	Coletânea de gravuras de Danúbio Gonçalves e de textos sobre as charqueadas.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	89
LEITMAN, Spencer. Raízes Sócio-Econômicas da Guerra dos Farrapos. Rio de Janeiro: Edit. Graal. 1979.	Aborda a formação social e econômica dos revoltosos farroupilhas.	Biblioteca ICH – UFPEL	90

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

LEMIESZEK, Claudio de Leão. Bagé: Novos Relatos de sua História. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.	Relata fatos importantes da história de Bagé tais como: da chegada do primeiro Balão e do Avião; as visitas embaixadores, entre eles o dos EUA, da França, da Áustria, do Chile, fatos que comprovam o progresso da cidade no início do século XX; a vida cotidiana do bageense do passado, com suas opções de lazer e principais manifestações culturais, registrando o surgimento das primeiras bandas musicais, grêmios literários, teatrais e artísticos, clubes sociais e esportivos, obras assistenciais e de benemerência; destaca a força e a liderança do setor Agropecuário.	Acervo da Secretaria de Municipal Cultura e Biblioteca da URCAMP- Bagé	91
LEMIESZEK, Claudio de Leão. Governantes e Governadores de Bagé 1964 - 1978. Porto Alegre: Praça Da Matriz, 2003.	Trata do cenário político administrativo de Bagé no período de 1964 a 1978, através de pesquisas em documentos da época, jornais e entrevistas com personagens que viveram o período. A narrativa inicia na Revolução de 1964 em Bagé e passa pelas gestões de J. Wilson Barcellos, W. Bandeira, Antônio Pires, Camilo Moreira, abordando os estilos, lideranças, realizações e frustrações de cada administração.	Acervo do NPHTT e da Secretaria Municipal de Cultura de Bagé	92
LEMIESZEK, Claudio de Leão. Notícias Da Revolução de 1923 em Bagé. Porto Alegre: Praça da Matriz, 2005.	Relata a história da Revolução de 1923 a partir dos fatos ocorridos em Bagé.	Acervo do NPHTT e da Secretaria Municipal de Cultura de Bagé	93
LESSA, Luís Carlos Barbosa. MÃO GAÚCHA – Secretaria do Trabalho e Ação Social – Fundação Gaúcha do Trabalho. Porto Alegre: Escola Gráfica Feplam, 2ª ed.,1986.	História de ilustrações sobre os produtos artesanais do Rio Grande do Sul. Apresenta as contribuições de diversas etnias na formação do que pode ser chamado de Artesanato Riograndense.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	94
LESSA, Luís Carlos Barbosa. Rio Grande do Sul, Prazer em Conheçê-lo. Rio De Janeiro-Brasil. Ed. Globo, 2ªed.,1985.	Estudo sobre o Folclore e a formação do Estado do Rio Grande do Sul.	Acervo do Núcleo de História Regional - UFPel	95
LIMA, Daniel Vaz. O campeiro e o cavalo na doma: um estudo etnográfico sobre a relação entre humanos e animais no pampa sul-riograndense. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas (UFPel), 2013. (Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Ciências Sociais)	Trabalho de conclusão de curso (TCC), na área da Antropologia. O estudo apresenta a relação entre humanos e animais, buscando o significado do cavalo para o homem campeiro.	Acervo pessoal de Daniel Vaz Lima.	96
LOPES, Cícero Galeno. Transnação. In: BERND, Zilá (org.). Dicionário das Mobilidades Culturais: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010. pp. 355-369.	O autor faz uma reflexão sobre culturas de fronteiras.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	97
LOPES. Mário Nogueira. BAGÉ: Fatos e Personalidades. Porto Alegre: Praça da Matriz/ Editora Evangraf, 2007.	Narra fatos da sociedade e de personalidades que marcaram a história de Bagé. Os dados apresentados foram pesquisados nos arquivos dos jornais <i>O Dever e Correio</i> . E também do acervo do autor.	Acervo do NPHTT e da Secretaria Municipal de Cultura de Bagé	98

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

LUCAS, Luís Henrique. Estâncias e Fazendas do Rio Grande do Sul: Arquitetura Tradicional da Pecuária. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 1997. (Dissertação de Mestrado: Faculdade de Arquitetura) HTTP://WWW.ARQUITETURA.EESC.USP.BR/SSPA/ARQUIVOS/PDFS/PAPERS/01503.PDF (Acesso em 04/03/2013).	Estudo sobre as estâncias riograndenses como unidades de produção pastoril e agrícola, como foco na arquitetura das propriedades.	Site internet.	99
MAESTRI, Mario. A Ocupação do Território (Da luta pelo território à instalação da economia pastoril-charqueadora escravista). Passo Fundo: Ed. UPF. 2006.	Formação do sistema pecuário e charqueador no Estado do Rio Grande do Sul.	Acervo pessoal de Odilon Leston Júnior	100
MAESTRI, Mário. O escravo no Rio Grande do Sul – A Charqueada e a Gênese do Escravismo Gaúcho. Porto Alegre: EST (Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes); Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.	Estudo sobre a escravidão no Rio Grande do Sul, levantando questões como a origem do trabalho escravo no estado, a demografia escrava, as práticas de resistência escrava.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	101
MAESTRI, Mário. O escravo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 3º Ed. 2006.	Aborda a escravidão, tipos de trabalhos e principais donos de escravos.	Acervo pessoal de Odilon Leston Júnior	102
MAESTRI, Mário (org.). O Negro e o Gaúcho: Estâncias e Fazendas no Rio Grande do Sul, Uruguai e Brasil. Passo Fundo: UPF, 2008.	Aborda o papel das estâncias, características dos trabalhadores do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil e Uruguai.	Acervo pessoal de Odilon Leston Júnior	103
MAESTRI, Mário (org.). Peões, Vaqueiros e Cativos Campeiros: Estudos sobre a economia pastoril no Brasil. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009.	Diversos artigos sobre a composição da economia pastoril onde se observa a inserção do escravo.	Acervo pessoal de Ester Gutierrez.	104
MAGALHÃES, Mario Osório. Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: Um Estudo Sobre a História de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Editora da UFPel, 1993.	Análise econômica, urbana, social e cultural de Pelotas nos últimos 30 anos do Império brasileiro.	Biblioteca ICH - UFPel.	105
MAGALHÃES, Mario Osório. Pelotas: toda a prosa. Vol.1 (1809-1871). Pelotas: Armazém Literário, 2000.	Coletânea de fragmentos de textos de viajantes que estiveram em Pelotas durante o século XIX.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	106
MARQUES, Alvarino da F. Evolução das Charqueadas Rio-Grandenses. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990.	Estudo sobre as charqueadas do Rio Grande do Sul, suas origens e mudanças funcionais e tecnológicas.	Biblioteca do ICH – UFPel.	107
MATTOS, Eron Vaz. Aqui: Memorial em Olhos d'Água. Bagé: Do Autor, 2003.	Ensaio etnográfico acerca dos costumes e tradições da cultura gaúchesca.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	108
MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Camponeses, cultura e inovações. São Paulo: CLACSO, dezembro de 2006.	Os assentamentos camponeses no Rio Grande do Sul.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	109
Memória do Ciclo do Charque em Pelotas – Viva o charque. HTTP://WWW.VIVAOCHARQUE.COM.BR/PERSONAGENS/PINTOMARTINS.PHP (Acesso em 01/04/2013).	História do charque em Pelotas.	Site internet	110

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

METZ, Luiz Sérgio; OSÓRIO, Pedro Luiz da Silveira; GOLIN, Tau. Terra Adentro . Porto Alegre: Arquipélago, 2006.	Relato de viagem pela fronteira entre RS e Uruguai, feita pelos autores no início dos anos 1980, onde entra em contexto o antigo e o novo, o tradicional e o moderno.	Acervo pessoal de Pablo Dobke	111
MONQUELAT, A. F.; MARCOLLA, V. O desbravamento do sul e a ocupação castelhana . Pelotas: UFPel, 2010.	Compreensão do espaço político-social do que hoje se conhece como República Oriental do Uruguai e o Estado brasileiro do Rio Grande do Sul.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	112
MORAES, Alex Martins. "Dinâmicas de negociação da cidadania e construção social das diferenças na fronteira uruguaio-brasileira". In: I Seminário Internacional de Ciências Sociais - Ciência Política da UNIPAMPA - Buscando o Sul . São Borja: UNIPAMPA, 2011.	A constituição da cidadania na fronteira do RS.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	113
NOGUERÓL, Luiz Paulo Ferreira, et al. "Elementos da escravidão no Rio Grande do Sul: a lida com o gado e o "seguro" contra a fuga na fronteira com o Uruguai". In: XXXV ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA . Recife: UFPE, 2007.	contestação da suposição de que a região da fronteira com o Uruguai apresentava-se como local por demais inseguro para a propriedade escrava; e, endossoe a contestação da inviabilidade do uso de escravos na lida direta com o gado, feita recentemente pela historiografia.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	114
O Ciclo do Charque – Pelotas – Capital Nacional do Doce. pelotas.ufpel.edu.br/charque.html (Acesso em 01/04/2013).	História do Charque em Pelotas.	Site internet	115
OGNIBENI, Denise. Charqueadas Pelotenses no Século XIX: Cotidiano, Estabilidade e Movimento . Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC), 2005. (Tese de Doutorado em História das Sociedades Ibéricas e Americanas)	Estudo sobre as charqueadas pelotenses.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	116
OLIVEN, Ruben George. Cultura e Identidade Nacional e Regional. In: MARTINS, Carlos B. (org. geral); DUARTE, Luiz Fernando Dias (coord. área). Horizontes das ciências sociais no Brasil: Antropologia . São Paulo: ANPOCS, 2010.	O autor fala sobre a criação de identidades regionais e nacionais, em um viés da antropologia.	Acervo de Flávia Rieth	117
ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional . São Paulo: Brasiliense, 1985.	Discussão sobre a formação da cultura e de uma identidade nacional.	Acervo pessoal de Flávia Rieth	118
OSÓRIO, Helen. Apropriação da Terra no Rio Grande de São Pedro e a Formação do Espaço Platino . Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 1990. (Dissertação de Mestrado).	História da formação das propriedades no Rio Grande do Sul.	Biblioteca da UFRGS.	119
OSORNIO, Marió A. López. El Lazo y La Boleadora: contribución al estudio de las costumbres nativas . Buenos Aires: Hemisferio Sur, 2006.	História do uso do laço e da boleadeira e suas aplicações na lida com os animais.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	120
PADRÓN FAVRE, Oscar. Los charruaminuanes en su etapa final . Durazno: Tierra Adentro: 2004.	Momentos finais da existência dos pampeanos uruguaios como grupos ativos na campanha.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	121

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

PALERMO, Eduardo R. "Como continuación del Río Grande del Sur": la hacienda sul-riograndense esclavista em el norte uruguayo (séc. 19). In: MAESTRI, Mário (org.). Peões, Vaqueiros e Cativos Campeiros: Estudos sobre a economia pastoril no Brasil . Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009.	Análise da conformação das estâncias uruguaias no século XIX, pontuando a existência de latifúndios de proprietários gaúchos nesse país.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues.	122
PENSAVENTO, Sandra Jatahy. História do Rio Grande do Sul . Porto Alegre: Mercado Aberto, 4ª Ed.,1985.	História do Rio Grande do Sul abordada em diferentes aspectos.	Acervo pessoal de Pablo Dobke.	123
PERSKE, Rodolfo César Forgiarini. Sistemas agroflorestais em pequenas propriedades no município de Hulha Negra . Bagé: Universidade da Região da Campanha (UNICAMP), 2004. (Monografia: Especialização em Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente da Faculdade de Gestão Ambiental)	Análise e descrição da experiência realizada através do Programa Municipal de Florestamento com os agricultores.	Acervo pessoal de Daniel Vaz.	124
PESSI, Bruno Stelmach. O Impacto do Fim do Tráfico na Escravidão das Charqueadas Pelotenses (C. 1846-C.1874) . Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2008. (Trabalho de Conclusão de Curso: Licenciatura em História)	Estudo sobre a influência do fim do tráfico de escravos no trabalho das charqueadas pelotenses, na demografia dos trabalhadores e na especialização das atividades.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	125
PIÑEIRO, D. E. "Los trabajadores rurales en un mundo que cambia: el caso de Uruguay". In: Agrociência . Vol V. Montevideo: 2001.	O impacto das mudanças globais no trabalho do campo.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	126
PNUD Brasil . HTTP://WWW.PNUD.ORG.BR/IDH/DH.ASPX (Acesso em 12/10/2012)	Caracterização de IDH.	Site Internet	127
PNUD Brasil . HTTP://WWW.PNUD.ORG.BR/ATLAS/RANKING/IDH_MUNICIPIOS_BRASIL_2000.ASPX?INDICEACCORDION=1&LI=LI_RANKING2003 (Acesso em 12/10/2012)	Ranking do IDH dos municípios, 2003.	Site Internet	128
POLOZZI, André Bonetto. "O gado no Brasil sulino durante o século XIX: interligação regional através da via comercial". In: Anais do XVI Encontro de Iniciação Científica e I Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação . Campinas: PUC, 2011.	Texto sobre como o gado superou a importância descrita na historiografia, dentro do quesito da ocupação territorial e da rentabilidade econômica.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	129
PORTO Rafael G.; BEZERRA, Antônio Jorge A. "A Pecuária Familiar: categoria social no Município de Bagé, RS – Região da Campanha Meridional". In: Revista Brasileira de Agrociência . Pelotas: UFPel, 2009.	Tentativa de caracterização da pecuária familiar no município de Bagé.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	130
POSSAMAI, Paulo (org.). Gente de Guerra e Fronteira: estudos de história militar do Rio Grande do Sul . Pelotas: UFPel, 2010.	Coletânea de estudos sobre grupo militares no Rio Grande do Sul.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	131
Prefeitura de Pelotas . "historia do charque". HTTP://WWW.PELOTAS.COM.BR/POLITICA_DESENV_ECONOMICO/STE/ATRACOES_TURISTICAS/CHARQUEADAS/HISTORIA_DO_CHARQUE.PDF (Acesso em 28/02/2012).	História do charque em Pelotas.	Site internet	132

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

Prefeitura Municipal de Bagé. Plano de Desenvolvimento Econômico 2011-2031 . Bagé: EDIURCAMP, 2011.	Livro institucional que aborda diversos aspectos econômicos de Bagé, assim como seu contexto historiográfico.	Acervo pessoal de Flávia Rieth.	133
Prefeitura Municipal de Bagé. Agricultura e Pecuária: Dados Estatísticos de Bagé 1979 – 1983 . Bagé: Prefeitura Municipal, 1984.	Dados estatísticos da agricultura e pecuária de Bagé.	Biblioteca da URCAMP - Bagé	134
SCHWANZ, A. K.; ZANIRATO, S. H. "A Transformação da Paisagem no Pampa Gaúcho e a Constituição das Memórias". In: I Simpósio sobre pequenas cidades e desenvolvimento local . Maringá. UEM, 2008.	A relação entre memória e paisagem, no sentido da construção de identidades.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	135
RAHMEIER, Clarissa Sanfelice. A experiência da paisagem estancieira: um estudo de caso em arqueologia fenomenológica. estância vista alegre, noroeste do rio grande do sul, séc. XIX . Porto Alegre: - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC), 2007. (Tese de Doutorado: Programa de Pós-Graduação em História)	Abordagem fenomenológica sobre a história e a cultura material do Rio Grande do Sul no século XIX. Mostra as regularidades na implantação das sedes dos estabelecimentos pastoris no noroeste do estado.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	136
RELA, Walter (org.). El manuscrito de 1772. Noticia de la banda norte del Rio de le Plata por el Marino Español Francisco Millau . Montevideo: Acad. Uruguay de Hist. Marítima y fluvial, 1998.	Transcrição de manuscrito do navegador Millau sobre a margem norte do Rio da Prata.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	137
Ribas, Rodrigo Justo; Massuquetti, Angélica. A pecuária de corte gaúcha: uma análise dos principais sistemas de produção . S/D	Texto sobre pastoreio e produção de gado.	site internet: www.fee.tc.br/4-encontro.../estudos-setoriais-sessao4-1.doc Acesso em 23/04/2013.	138
RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro . São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2006.	Aborda as características do povo brasileiro.	Acervo pessoal de Odilon Leston Júnior	139
RIBEIRO, José Iran. Quando o serviços os chamava: milicianos e guardas nacionais no Rio Grande do Sul (1825-1845) . Santa Maria: Editora UFSM, 2005.	A atuação, o perfil e o cotidiano de milicianos e guardas nacionais no Rio Grande do Sul da primeira metade do século XIX.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	140
RIETH, Flávia et alii. INRC – produção de doces tradicionais pelotenses (relatório final) . Pelotas: editora da ufpel, 2008. vol.1.	Inventário da tradição doceira de Pelotas, contemplando os doces finos produzidos no município.	Acervo UFPEL – ICH - DAA	141
RIETH, Flávia et alii. INRC – produção de doces tradicionais pelotenses (relatório final) . Pelotas: editora da ufpel, 2008. vol.2.	Inventário da tradição doceira de Pelotas, contemplando os doces coloniais produzidos no município.	Acervo UFPEL – ICH - DAA	142
ROBERTS, Monty. O Homem que Ouve Cavalos . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.	Livro autobiográfico sobre Monty Roberts, reconhecido mundialmente como o homem que inventou a “doma racional”, em que procura-se a busca da confiança do cavalo no homem, durante o processo da doma.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	143

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

ROSA, Estefânia Jaékel da. Memória, identidade e território na constituição do sítio arqueológico “Charqueada Santa Bárbara” . Pelotas: Universidade Federal de Pelotas (UFPel), 2011. (Artigo apresentado para a disciplina de Identidade e Memória na constituição de Territórios, do Mestrado em Memória e Patrimônio)	Artigo sobre charqueadas pelotenses apresentado para a disciplina de Identidade e Memória na Constituição de Territórios – disciplina do Mestrado em Memória e Patrimônio da UFPel.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	144
ROSA, Estefânia Jaékel da. Paisagens Negras: Arqueologia da Escravidão nas Charqueadas de Pelotas/RS . Pelotas: Universidade Federal de Pelotas (UFPel), 2012. (Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-Graduação em Memória e Patrimônio)	Dissertação de Mestrado – estudo sobre a distribuição espacial-social nas charqueadas pelotenses, focando na questão escravista.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	145
ROSA, Mário. Geografia de Pelotas . Pelotas: Ed. Universidade Federal de Pelotas, 1985.	Obra que trata da Geografia de Pelotas, paisagens naturais, urbanas, demografia e história do desenvolvimento econômico e social do município.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues.	146
SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem ao Rio Grande do Sul . Porto Alegre: Erus - Martins Livreiro Editores, 1987.	O autor conta sua passagem, como observador naturalista, pelo Rio Grande do Sul. Narra episódios de sua estadia no RS e conta suas impressões pessoais sobre a sociedade rio-grandense.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues	147
SEN, Amartya. Desenvolvimento como liberdade . São Paulo: Companhia das letras, 2010.	O livro apresenta como tema central uma nova perspectiva de desenvolvimento defendendo as liberdades socioeconômicas, políticas e culturais.	Acervo pessoal Daniel Vaz	148
SEVERAL, Rejane da Silveira. A guerra guaranítica . Porto Alegre: Ed. Martins livreiro.1995.	ABORDA AS GUERRAS ENTRE JESUÍTAS E LUSOS PELA OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO DO RIO GRANDE DO SUL.	BIBLIOTECA ICH - UFPEL	149
SILVA, Adriana Fraga da. “Meu avô era tropeiro!”: identidade, patrimônio e materialidades na construção da Terra do Tropeirismo – Bom Jesus (RS) . Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC), 2009. (Tese de Doutorado: Programa de Pós-Graduação em História)	Estudo com enfoque arqueológico sobre o tropeirismo na região de Bom Jesus (RS), enfatizando aspectos de memória, identidade, patrimônios e transformações da atividade do tropeiro, além de destacar a criação de uma “Terra do Tropeirismo”.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues.	150
SILVEIRA, Fábio Machado Prates da. Formação sócio-espacial da Fronteira Oeste gaúcha: da gênese à atualidade . Florianópolis: DGEU UFSC, 2008.	Monografia sobre a paisagem e os espaços socialmente constituídos na fronteira do Rio grande do Sul.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	151
SILVEIRA, Hemetério José Velloso da. As Missões Orientais e seus antigos domínios . Porto Alegre: Echenique, 1908.	Um dos primeiros estudos dedicados às missões jesuíticas, tomando em conta especialmente aquelas situadas na margem esquerda do rio Uruguai.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	152
SOARES, Fernanda. Santa Thereza: Um Estudo Sobre as Charqueadas da Fronteira Brasil – Uruguai . Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2006. (Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-Graduação em Integração Latino Americana) HTTP://CASCAVEL.CPD.UFSM.BR/TEDE/TDE_BUSCA/ARQUIVO.PHP?CODARQUIVO=340 . (Acesso em 24/09/2010).	História da Charqueada de Santa Thereza, a partir das suas relações econômicas, sociais e culturais. Destaca que pelo modo de produção empregado é semelhante ao dos saladeiros uruguaios.	Site internet	153

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

SOUZA, Suzana Bleil de. Charqueadas i installacions frigorífiques a la frontera gautxa: èl trànsit pel port de Montevideo a principis del segle XX. In: Recerques . 45-46. València: UV, 2002-2003.	A produção e as trocas econômicas no sul do Brasil sob a perspectiva da atividade charqueadora.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	154
STUMPF, Elisabeth; Barbieri, Rosa; HEIDEN, Gustavo (Orgs.). Cores e formas no Bioma Pampa: Plantas ornamentais nativas . Pelotas: EMBRAPA, 2009.	Livro de divulgação acerca do bioma pampa.	Acervo pessoal de Marta Bonow Rodrigues.	155
TARGA, Luiz Roberto Pecoits. "O Rio grande do Sul: fronteira entre duas formações históricas". In: Ensaio . Porto Alegre: FEE, 1991.	A fronteira luso-espanhola, suas dimensões e ramificações.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	156
TISCORNIA, Ruth. La política económica rioplatense del siglo XVII . Buenos Aires, Ediciones Culturales Argentinas, 1983.	A economia do Rio da Prata e seus agentes no século XVII.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	157
TORRES, Luiz Henrique. A Colonização Açoriana no Rio Grande do Sul (1752-63) . Disponível em: HTTP://WWW.SEER.FURG.BR/OJS/INDEX.PHP/DBH/ARTICLE/VIEWFILE/421/105 (Acesso em 23/03/2010).	A ocupação territorial do Rio Grande do Sul, por açorianos.	Site internet	158
VELLINHO, Moysés. Capitania d'El Rey. Aspectos polêmicos da formação rio-grandense . Porto Alegre: Globo, 1970.	Discute questões relativas ao Rio Grande do Sul colonial.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	159
VIANA, João Garibaldi Almeida. Evolução da produção ovina no Rio Grande do Sul e Uruguai: análise comparada do impacto da crise da lã na configuração do setor . Porto Alegre: UFRGS-Agronegócio, 2012.	As alterações no sistema produtivo da lã no RS e no Uruguai.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	160
VIANA, João Garibaldi Almeida. Panorama geral da ovinocultura no mundo e no Brasil. Revista Ovinos . Porto Alegre, Ano 4, N. 12, março/2008. HTTP://WWW.ALMANAQUECAMPO.COM.BR/IMAGENS/FILES/PANORAMA%20GERAL%20OVINOCULTURA%20BRASIL.PDF Acesso em 16/04/2013.	Tópicos de história da ovinocultura no mundo.	Site internet.	161
VIANA, Oliveira. Populações Meridionais do Brasil . Volumes I e II. Rio de Janeiro: Paz e Terra/UFF, 1973.	Uma abordagem sociológica, histórica, psicológica e antropológica, propondo uma tipologia dos povos do sul do Brasil.	Acervo pessoal de Fernando Camargo	162
VIEIRA MEDEIROS, Rosa Maria. Camponeses, cultura e inovações . En publicación: América Latina: cidade,campo e turismo. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006. Disponível em: HTTP://BIBLIOTECA.CLACSO.EDU.AR/AR/LIBROS/EDICION/LEMO/16MEDEIROS.PDF (Acesso em 12/10/2012)	Re-territorialização dos camponeses e o sentido de nova organização social dentro de um novo espaço.	Site Internet	163

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

2. DICIONÁRIOS DE PALAVRAS, TERMOS E EXPRESSÕES REGIONAIS UTILIZADOS NO RIO GRANDE DO SUL – REFERÊNCIAS PARA O ENTENDIMENTO DAS FALAS DE ALGUNS INTERLOCUTORES E DE ALGUNS TEXTOS REALIZADOS PARA ESTE INVENTÁRIO, BEM COMO DE ALGUMAS OBRAS VINCULADAS ÀS REPRESENTAÇÕES ENUNCIADAS NAS FICHAS.

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR	Nº
ECHENIQUE, Sylvio da Cunha. Bruaca . Bagé: Centro de Comunicações Fundação Attila Taborda, 1980.	Dicionário de expressões populares usadas no Rio Grande do Sul.	Acervo de Marta Bonow Rodrigues	164
NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul . Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982.	Dicionário de termos populares utilizados no Rio Grande do Sul.	Acervo de Marta Bonow Rodrigues	165
PORTO ALEGRE, Apolinário José Gomes. Populário sul-rio-grandense . Porto Alegre: Ed. Da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)/ Instituto Estadual do Livro, 1980.	Dicionário de palavras, termos e expressões usados no Rio Grande do Sul.	Acervo de Marta Bonow Rodrigues	166

3. JORNAIS E REVISTAS

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR	Nº
ALVES, TIAGO. ZERO HORA , SÁBADO, 3 DE SETEMBRO DE 2011. P. 19. ARTIGO.	Artigo sobre a preocupação com a manutenção da realidade do campo pelas gerações futuras.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	167
DIÁRIO POPULAR , DOMINGO, 10 DE JULHO DE 2011. P. 2.	Reportagem sobre os haras de criação de equinos PSI (Puro Sangue Inglês), e cabanhas de criação de Cavalos Crioulos.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	168
DIÁRIO POPULAR , TERÇA-FEIRA, 23 DE AGOSTO DE 2011. P. 17. CADERNO RURAL.	Notícia sobre a chegada dos animais à 34ª Expointer. Pelotas é a cidade com maior número de inscritos.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	169
DIÁRIO POPULAR , SEXTA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2011. P. 18. CADERNO RURAL.	Notícia sobre as provas morfológicas dos Cavalos Crioulos - da 30ª Ed. do Freio de Ouro.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	170
DIÁRIO POPULAR , DOMINGO, 28 DE AGOSTO DE 2011. P. 22. CADERNO RURAL.	Reportagem acerca da final do Freio de Ouro.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	171
DIÁRIO POPULAR , DOMINGO, 28 DE AGOSTO DE 2011. P. 23. CADERNO RURAL.	Notícia sobre inovações na produção de ovinos. Dados do IBGE/2009 sobre o número de ovinos na região sul.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	172
DIÁRIO POPULAR , SEGUNDA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2011. P.9. CADERNO RURAL.	Notícia sobre os vencedores do Freio de Ouro provenientes da Zona Sul, na 30ª Ed. do Freio de Ouro. (Cabanhas Santa Edwiges e Profecia)	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	173

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

DIÁRIO POPULAR , TERÇA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 2011. PP. 2 E 3.	Reportagem sobre a produção e artesanato em lã (Projeto Ladrilã, SEBRAE).	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	174
DIÁRIO POPULAR , TERÇA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 2011. P. 19.	Notícia da 34ª Expointer. Evento destinado à avaliação de búfalos, ovinos, gado de leite e equinos.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	175
DIÁRIO POPULAR , QUARTA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 2011. P. 21. CADERNO RURAL.	Notícia da participação dos cavalos crioulos na 34ª Expointer; provas morfológicas dos animais e resultados/premiação.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	176
DIÁRIO POPULAR , QUINTA-FEIRA, 1º DE SETEMBRO DE 2011. P. 17. CADERNO RURAL.	Grupos de produtores de Pelotas, Santa Vitória do Palmar, Bagé, entre outras cidades do estado, tiveram animais da raça Angus (bovinos de corte) premiados na 34ª Expointer.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	177
DIÁRIO POPULAR , QUINTA-FEIRA, 1º DE SETEMBRO DE 2011. P. 20. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Matéria sobre tecnologia na Expointer. Ajuda tecnológica nos julgamentos e catalogação dos animais.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	178
DIÁRIO POPULAR , QUINTA-FEIRA, 1º DE SETEMBRO DE 2011. P. 20. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Notícia sobre os resultados dos vencedores bovinos e ovinos da Expointer.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	179
DIÁRIO POPULAR , QUINTA-FEIRA, 1º DE SETEMBRO DE 2011. P. 22. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Matéria sobre o aumento do preço do boi gordo e de terneiros.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	180
DIÁRIO POPULAR , SÁBADO, 3 DE SETEMBRO DE 2011. P. 04. CADERNO OPINIÃO.	Editorial sobre resultados e demandas do agronegócio. Trata da lucratividade obtida na Expointer, em contraposição ao baixo investimento do Governo Federal.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	181
DIÁRIO POPULAR , TERÇA-FEIRA, 6 DE SETEMBRO DE 2011. P. 10. CIDADES.	Reportagem sobre a cavalgada que percorre a Costa Doce seguindo o trajeto que os farroupilhas percorreram nos tempos da Revolução, fazendo um resgate histórico do caminho Farroupilha.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	182
DIÁRIO POPULAR , DOMINGO, 4 DE SETEMBRO DE 2011. P. 20. CADERNO RURAL.	Matéria referente a final da Expointer, destacando as finais das provas campeiras.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	183
DIÁRIO POPULAR , DOMINGO, 18 DE SETEMBRO DE 2011. P. 6. MÚSICA.	Reportagem sobre as origens da dança, música e hino riograndense.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	184

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

DIÁRIO POPULAR , TERÇA-FEIRA/QUARTA-FEIRA, 20 E 21 DE SETEMBRO DE 2011. P. 2. MEMÓRIA.	Reportagem sobre os 50 anos da criação da Carta de Princípios do MTG (Movimento tradicionalista Gaúcho).	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	185
DIÁRIO POPULAR , QUINTA-FEIRA, 23 DE AGOSTO DE 2012. ESPECIAL FREIO DE OURO. P. 2-3.	Reportagem sobre Vilson Charlat (renomado ginete e campeão do Freio de Ouro em 1982) e listagem com os finalistas da região sul para 2012.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	186
DIÁRIO POPULAR , TERÇA-FEIRA, 21 DE AGOSTO DE 2012. CADERNO RURAL. P. 15.	Chegada dos animais a Expointer.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	187
DIÁRIO POPULAR , SEXTA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 2012. ESPETO CORRIDO. P. 12.	Manchete sobre a inauguração do galpão da Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, no parque de exposições Assis Brasil.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	188
DIÁRIO POPULAR , QUINTA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 2012. CADERNO RURAL. P. 12.	Reportagem sobre o comércio na 35ª Expointer.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	189
DIÁRIO POPULAR , QUARTA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2012. CADERNO RURAL. P. 16.	Reportagem acerca das premiações equinas; dando destaque a morfologia dos campeões. (Expointer 2012).	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	190
DIÁRIO POPULAR , SÁBADO, 1º DE SETEMBRO DE 2012. CADERNO RURAL. P. 13.	Reportagem referenciando os recordes obtidos durante a 35ª Expointer.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	191
DUARTE, IVAN. DIÁRIO POPULAR , SEXTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO DE 2011. P. 4. OPINIÃO.	Artigo sobre a vida no campo.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	192
MINUANO , SÁBADO E DOMINGO; 15 E 16 DE OUTUBRO DE 2011. DIÁRIO DA EXPOFEIRA.	Caderno especial reportando notícias da 99ª Expofeira de Bagé.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	193
PATELLA, PAULO MARIO. ZERO HORA , SÁBADO, 3 DE SETEMBRO DE 2011. P. 19. ARTIGO.	Artigo sobre a falta de conhecimento do meio rural por parte das autoridades.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	194

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

WAGNER, CARLOS. ZERO HORA , SEXTA-FEIRA, 24 DE JUNHO DE 2011. CADERNO O BRASIL DE BOMBACHAS.	Reportagem relacionando o costume de tomar chimarrão com o costume de tomar tererê. Gaúchos aderindo ao costume de tomar tererê.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	195
ZERO HORA , SEXTA-FEIRA, 24 DE JUNHO DE 2011. P. 2. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Matéria sobre a tosquia tally-hi, técnica australiana, que é usada em algumas propriedades no Rio Grande do Sul (esquila ou tosquia à máquina).	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	196
ZERO HORA , TERÇA-FEIRA, 16 DE AGOSTO DE 2011. P. 22. CADERNO CAMPO E LAVOURA .	Reportagem sobre a tentativa de introdução do “Gado Franqueiro” na expointer 2011, devido ao fato de esta raça bovina não ter, ainda, registro definitivo.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	197
ZERO HORA , SEXTA-FEIRA, 19 DE AGOSTO DE 2011. CAPA DO CADERNO CAMPO E LAVOURA .	Matéria sobre o Sr. Bayard Bretanha Jacques, que já foi domador de cavalos, e é um dos criadores do Freio de Ouro.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	198
ZERO HORA , SEXTA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2011. CADERNO CAMPO E LAVOURA ESPECIAL EXPOINTER 2011.	Artigo sobre a avaliação dos jurados de bovinos de corte – quais são os requisitos para o julgamento.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	199
ZERO HORA , SEXTA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2011. CADERNO CAMPO E LAVOURA ESPECIAL EXPOINTER 2011.	Artigo sobre a avaliação dos jurados de bovinos de leite – quais são os requisitos para o julgamento.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	200
ZERO HORA , SEXTA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2011. CADERNO CAMPO E LAVOURA ESPECIAL EXPOINTER 2011.	Artigo sobre a avaliação dos jurados de equinos – quais são os requisitos para o julgamento.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	201
ZERO HORA , SEXTA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2011. CADERNO CAMPO E LAVOURA ESPECIAL EXPOINTER 2011.	Artigo sobre a avaliação dos jurados de ovinos – quais são os requisitos para o julgamento.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	202
ZERO HORA , DOMINGO, 28 DE AGOSTO DE 2011. CADERNO DINHEIRO.	Notícias, matérias e reportagens referentes ao agronegócio.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	203
ZERO HORA , SEGUNDA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2011. P. 4 E 5. REPORTAGEM ESPECIAL.	Reportagem sobre a 30ª edição do Freio de Ouro – premiação dos cavalos crioulos e ginetes participantes .	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	204
ZERO HORA , SEGUNDA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2011. P. 5. REPORTAGEM ESPECIAL.	Nota junto à reportagem especial sobre como a Marca CAVALO CRIOULO virou grife e vende produtos variados (roupas, acessórios...).	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	205

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

ZERO HORA , SEGUNDA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2011. P. 14. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Notícia sobre a 34ª Expointer – julgamento de ovinos e eqüinos.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	206
ZERO HORA , SEGUNDA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2011. P. 14. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Notícia sobre resultados de julgamentos de bovinos, ovinos e equinos – 34ª Expointer.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	207
ZERO HORA , SEGUNDA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2011. P. 15. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Notícia sobre o faturamento do início da Expointer – R\$ 70 milhões	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	208
ZERO HORA , SEGUNDA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2011. P. 17. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Reportagem sobre Fernando Pimentel – ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior: fala sobre as dificuldades na exportação agropecuária.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	209
ZERO HORA , SEGUNDA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2011. P. 18. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Notícia sobre a relação que se mantém entre um tratador de animais e uma vaca da Raça Jersey – diz o repórter: "a relação entre os dois é quase familiar; Sivorei (o tratador) dorme numa barraca de lona ao lado da vaca da Cabanha Terra Santa, de Parobé".	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	210
ZERO HORA , SEGUNDA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2011. P. 18. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Nota sobre o touro da Raça Devon que teve o maior peso entre a raça: 1.300Kg. – animal da Cabanha Santa Lúcia.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	211
ZERO HORA , SEGUNDA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2011. CONTRACAPA.	Foto dos ginetes vencedores do 30º Freio de Ouro – prova de cavalos crioulos.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	212
ZERO HORA , TERÇA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 2011. P. 16. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Reportagem sobre a presença de estrangeiros (criadores, agricultores, pecuaristas, etc.) interessados na 34ª Expointer.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	213
ZERO HORA , TERÇA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 2011. P. 16. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Notícia: Resultados de alguns julgamentos de bovinos, eqüinos e ovinos - 34ª Expointer.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	214
ZERO HORA , TERÇA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 2011. P. 22. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Notícia sobre remate de gado Red Angus e Aberdeen Angus – rendimento em vendas: R\$ 439 mil – 34ª Expointer.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	215
ZERO HORA , TERÇA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 2011. P. 22. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Nota sobre campeã do concurso de gado leiteiro – Premiação da vaca da Raça Jersey, maior produtora de leite. 34ª Expointer	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	216

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

ZERO HORA , TERÇA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 2011. P. 24. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Notícia do julgamento de raças bubalinas na 34ª Expointer.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	217
ZERO HORA , TERÇA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 2011. P. 37. GERAL.	Reportagem sobre a Chama Crioula – símbolo da Semana Farroupilha (em Eldorado do Sul)	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	218
ZERO HORA , QUARTA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 2011. P. 18. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Notícia sobre o concurso de gado de leite na 34ª Expointer – maior produtora de leite – vaca da Raça Holandês.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	219
ZERO HORA , QUARTA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 2011. P. 20. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Reportagem sobre características necessárias aos animais que participam de concursos na 34ª Expointer. Entrevista com jurados da Expointer	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	220
ZERO HORA , QUARTA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 2011. P. 20. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Resultados de alguns julgamentos de bovinos, ovinos, bubalinos e eqüinos na 34ª Expointer	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	221
ZERO HORA , SEXTA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO DE 2011. P. 4. REPORTAGEM ESPECIAL – EXPOINTER.	Reportagem sobre tratativas e negociações das entidades representativas do agro-negócio e Governo Federal.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	222
ZERO HORA , SEXTA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO DE 2011. CADERNO CAMPO E LAVOURA. NA ÍNTEGRA.	Edição especial do Caderno Campo e lavoura, referente à 34ª Expointer.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	223
ZERO HORA , SÁBADO, 3 DE SETEMBRO DE 2011. P. 4. REPORTAGEM ESPECIAL – EXPOINTER.	Notícia a visita da Presidente Dilma à Expointer, em consolidação e apoio ao agro-negócio gaúcho.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	224
ZERO HORA , SÁBADO, 3 DE SETEMBRO DE 2011. P. 20. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Reportagem sobre a programação da 34ª Expointer.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	225
ZERO HORA , DOMINGO, 4 DE SETEMBRO DE 2011. P. 21. CADERNO CAMPO E LAVOURA.	Notícia sobre a paleteada – modalidade de esporte realizada por cavaleiros – final do Campeonato Nacional de Paleteada da Raça Crioula.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	226
ZERO HORA , SEGUNDA-FEIRA, 12 DE SETEMBRO DE 2011. P. 33. GERAL.	Dicionário Farroupilha – dicionário com termos e palavras usadas no Rio Grande do Sul. Feito em vários fascículos no caderno geral do jornal Zero Hora.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	227
ZERO HORA , SEXTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO DE 2011. CADERNO CAMPO E LAVOURA, CONTRACAPA.	Notícia sobre exportação de gado gaúcho para África e Colômbia.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	228

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

ZERO HORA , SÁBADO, 17 DE SETEMBRO DE 2011. P. 6. CADERNO CULTURA.	Matéria sobre donos de terras no Rio Grande do Sul – século XIX, que viviam sem conforto no meio do pampa, apesar de serem economicamente abastados.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	229
ZERO HORA , SÁBADO, 17 DE SETEMBRO DE 2011. P. 8. CADERNO CULTURA.	Matéria sobre charqueadores, industriais da carne salgada – nos séculos XVIII e XIX, em Pelotas-RS.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	230
ZERO HORA , SEXTA-FEIRA, 9 DE ABRIL DE 2010. CADERNO CAMPO E LAVOURA, CAPA.	Reportagem sobre Manuel Sarmiento e a Fazenda São Francisco; berço da importação de cavalos para o Estado.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	231
ZERO HORA , QUINTA-FEIRA, 23 DE AGOSTO DE 2012. CADERNO CAMPO E LAVOURA, P.20.	Reportagem sobre os investimentos feitos no parque Assis Brasil.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	232
ZERO HORA , SEXTA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 2012. CADERNO CAMPO E LAVOURA, P.24.	Reportagem sobre o crescimento no consumo de carnes nobres.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	233
ZERO HORA , QUARTA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 2012. ECONOMIA, P.15.	Crônica sobre a importância da Expointer e do parque Assis Brasil.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	234
ZERO HORA , SEGUNDA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 2012. CADERNO CAMPO E LAVOURA, P.15.	Notícia acerca da classificação inédita de cavalos criados na serra para a Expointer.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	235
ZERO HORA , SÁBADO, 1º DE SETEMBRO DE 2012. CADERNO CAMPO E LAVOURA, P.25.	Reportagem sobre a participação de mulheres no Freio de Ouro; em especial, sobre a jovem Tássia Sá, que participa pela primeira vez da competição.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	236
ZERO HORA , TERÇA-FEIRA, 28 DE AGOSTO DE 2012. CADERNO CAMPO E LAVOURA. P.25.	Reportagem sobre a carne da raça Wagyu, a mais cara do mundo.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	237
ZERO HORA , SEGUNDA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 2012. REPORTAGEM ESPECIAL. P.4-5.	Reportagem sobre a difícil prova do cavalo crioulo no Freio de Ouro no ano de 2012.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	238

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

ZERO HORA, SEXTA-FEIRA, 24 DE AGOSTO DE 2012. CADERNO CAMPO E LAVOURA ESPECIAL EXPOINTER. 2012.	Diversas notícias e reportagens acerca do evento realizado em 2012.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	239
ZERO HORA, TERÇA-FEIRA, 21 DE AGOSTO DE 2012. CADERNO CAMPO E LAVOURA, P.20.	Reportagem sobre a chegada dos criadores e animais a Expointer.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	240
ZERO HORA, SEXTA-FEIRA, 5 DE OUTUBRO DE 2012. CADERNO MAIS CAMPO.	Reportagens acerca da 100ª Expofeira de Bagé.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	241

4. FOLDERS E INFORMATIVOS

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR	Nº
CAMINHO FARROUPILHA. CULTURA & TRADIÇÃO GAÚCHA. ABRATURR-RS. S/D.	Propagandístico referente as rotas “Costa Doce” e “Pampa Gaúcho”.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	242
RIO GRANDE DO SUL: UM BRASIL DIFERENTE. MINISTÉRIO DO TURISMO. S/D. P. 9, PAMPA GAÚCHO.	Informativo referente as diferentes localidades do Rio Grande do Sul.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	243
99º EXPOFEIRA DE BAGÉ. ASSOCIAÇÃO E SINDICATO RURAL DE BAGÉ, 2011.	Guia de exposições e remates.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	244
99º EXPOFEIRA DE BAGÉ. ASSOCIAÇÃO E SINDICATO RURAL DE BAGÉ, 2011.	Informativo geral referente a ExpoFeira, onde aponta características históricas e culturais da cidade, além da parte institucional do evento.	Acervo do INRC-Bagé (1ª Fase)	245

TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR (ES)	Odilon Leston Júnior, Tiago Lemões da Silva, Pablo Dobke e Fernando Camargo.		
SUPERVISOR	Fernando Camargo.		
PREENCHIDO POR	Odilon Leston Júnior, Tiago Lemões da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Marília Kosby, Daniel Vaz Lima, Liza Bilhalva Martins da Silva, Pablo Dobke e Fernando Camargo.	25.04.13	

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Bagé/RS, Arroio Grande/RS, Herval/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Pelotas/RS, Piratini/RS	2012	F1	A1
----------------------	----	-----------------------------	--	------	----	----

RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Flávia Rieth.	
-----------------------------	---------------	--

A PAMPA SUL-RIOGRANDENSE E A PECUÁRIA

Fernando da Silva Camargo

A história do pampa do Rio Grande do Sul foi marcada pela constituição de fronteiras: uma de caráter étnico, que opôs indígenas e europeus no longo e violento processo de conquista do território pelos recém-chegados; e, outra, de caráter nacional, que tinha como vizinhos, geralmente rivais e belicosos, espanhóis e portugueses. A fronteira separa e une, simultaneamente, criando processos históricos peculiares vinculados à troca ou à repulsa dos valores e das referências do outro.

A historiografia diverge sobre a maioria dos aspectos relativos ao processo de construção histórica da região, tanto na perspectiva metodológica quanto na teórica. É importante destacar a difusão dos textos clássicos de História do Rio Grande do Sul como sendo a fonte inicial da maioria das discussões posteriores sobre o assunto. Dessa forma, para estudar o campeiro e a pampa sul-riograndense, entre os anos 1930 e 1970, foi necessário passar por autores locais, como Souza Docca, Vellinho, Ferreira Filho, Spalding e outros, dentre outros. Ao final da década de 1970, entretanto, com a maior propagação de pesquisas monográficas a partir da instalação do primeiro curso de pós-graduação em História no Estado, a quantidade de material disponível cresceu geometricamente.

Os temas centrais do debate historiográfico sobre a “formação histórica” do Rio Grande do Sul cingiram-se àqueles ligados à discussão sobre: 1) se a maior contribuição na formação do gaúcho seria a alma lusitana ou, por outro lado, o espírito platino; 2) a suposta “leveza” do trabalho escravo no Rio Grande do Sul em relação ao restante do Brasil; 3) existência de um padrão de comportamento e convivência interétnica denominado de “democracia racial”; 4) o papel que teriam os conflitos fronteiriços na constituição da formação política da região.

Em todos esses temas, entretanto, a discussão sobre o tipo do gaúcho, centradamente aquele diretamente relacionado à lide campeira, foi elemento essencial. Por exemplo: seria o gaúcho um tipo platino ou o gaúcho luso-brasileiro tem sua especificidade? Quais as culturas materiais que atravessaram fronteiras e quais as que se “nacionalizaram”? O escravo campeiro era mais “livre”? As diferentes etnias da região e que teriam constituído do tipo gaúcho conviviam harmonicamente? Enfim, como se pode deduzir, existe uma enorme quantidade de perguntas, além de suas nuances e implicações discursivas e que afetam as narrativas e as análises históricas regionais.

A relação entre atividade pecuária de extração ou de produção e a economia e os tipos socioculturais da região da bacia do rio da Prata possuem um vínculo longo. A introdução do gado pelos colonos espanhóis aponta para a primeira atividade econômica que se destacou das demais e tornou-se carro-chefe de crescimento da produção e do comércio platino. Mesmo sobre esse “primeiro rebanho” existe divergências, pois uns apontam para a iniciativa estatal, e outros, para o gado que os missionários trouxeram para a Província Jesuítica do Paraguai. Na verdade, não são excludentes as duas posições e, a verificar a abundância de gado bravo (chamado *cimarrón*/chimarrão),

quando das primeiras estatísticas posteriores à expulsão dos jesuítas dos territórios espanhóis, é necessário crer que as origens desse gado foram diversas.

Foram diversas as técnicas de exploração pecuária trazidas da Europa, mas nenhuma preparada para a quantidade impressionante (para o olhar europeu coevo) de gado *vacum* disponível. Novas técnicas precisaram ser adotadas para dar conta dessa abordagem numérica completamente nova. Isso implicava em mesclar as práticas tradicionais com as novas, criadas num ambiente sincrético. A arquitetura necessitou mudar; a noção de unidade produtiva, a estância, precisou ser criada; os materiais de construção precisaram adaptar-se.

Apesar da abundância da matéria-prima, o transporte e a conservação dos derivados da exploração do gado figuraram entre os principais obstáculos para o sucesso econômico e a acumulação de capital do setor. O fato de ser área de fronteira permanente dificultou o processo de urbanização e, conseqüentemente, da criação de redes mercantis e viárias interurbanas, no que hoje é fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Isso impossibilitava o transporte da carne, levando a uma matança impressionante de gado *vacum* nas três últimas décadas do século XVIII, apenas pela demanda de couro e chifres, ficando milhares de carcaças expostas à intempérie.

O estabelecimento de rotas regulares de tropas de gado (*vacum*, equino e muar), por um lado, e a introdução de técnicas de conservação da carne por salgamento, por outro, geraram a possibilidade de utilização de todos os recursos providenciados pela res, incluindo já carne e ossos. A era dos tropeiros e dos charqueadores inaugurou o processo de cercamento dos campos, mantendo as práticas cotidianas até então desenvolvidas, mas num contexto de privatização (tanto da terra como do gado) que alienou os trabalhadores tradicionais, ligados à preia do gado livre e bravo das duas principais fontes de riqueza regional ao longo do século XIX.

A nova expansão econômica derivada desse processo estimulou o crescimento e a disseminação de núcleos urbanos por toda a pampa sul-riograndense - vilas e cidades que nasciam e cresciam à luz da exploração da lide campeira do gado e que eram inevitavelmente influenciadas por suas práticas. Bagé, Livramento, Dom Pedrito, Piratini, Caçapava e tantas outras tinham marcas a ferro do ambiente em que se constituíram assim como o gado que as sustentava. Ainda que algumas urbes, como Pelotas buscassem distinguir-se através de alguma alteração no horizonte cultural, os mecenas desse processo eram os próprios senhores do gado.

De qualquer modo, a nova fase da industrialização da carne, com a chegada dos primeiros frigoríficos no final do século XIX e no início do século XX, deu novo fôlego à economia pecuária, gerando um abismo ainda maior entre aqueles que dispunham da propriedade do gado e das terras e aqueles que não tinham acesso a essas riquezas. Nas últimas décadas, com a alteração do padrão de consumo no mercado nacional, mudanças vêm sendo feitas nas formas de ser e agir ligadas ao trabalho do campo e do gado.

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER		CÓDIGO DA FICHA				
		RS	Região de Bagé/R S e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60
UF	sítio-	Loc	AN o	FICHA	NO.	

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Região de Bagé/RS e entorno (Pampa Sul-Rio-Grandense - Antigos Caminhos das Tropas)
LOCALIDADES	Prática de pastoreio etnografada em Bagé (Palmas e Banhado dos Carneiros), Aceguá (Minuano, Corredor Brasil-Uruguai, Espantoso), Hulha Negra (Mei'Água), Herval (Boa Vista), Arroio Grande (Bretanhas, Palma e Capão das Pombas) e Pelotas (Estrada da Barbuda), com ocorrência em todo o sítio inventariado.
MUNICÍPIO / UF	Bagé/RS, Aceguá/RS, Hulha Negra/RS, Herval/RS, Arroio Grande/RS, Piratini/RS e Pelotas/RS.

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Lida Campeira - Pastoreio		
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Criação de rebanhos.		
CONDIÇÃO ATUAL	X VIGENTE / ÍNTEGRO	<input type="checkbox"/> MEMÓRIA	<input type="checkbox"/> RUÍNA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1

3. EXECUTANTE

Obs.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER ANEXO 4: CONTATOS.

NOME	Minga Blanco	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	19
OCUPAÇÃO	Proprietário rural e produtor rural, Domador e Ginete	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1962
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____		

NOME	Percília Romero	<input type="checkbox"/> MASCULINO <input checked="" type="checkbox"/> FEMININO	4
OCUPAÇÃO	Proprietária rural	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	IDADE: 81 anos
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____		

NOME	Eliezer Dias de Souza	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	7
OCUPAÇÃO	Proprietário rural, poeta e professor universitário	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	20.11.1950
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER		RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1
--	--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

NOME	Nilo Romero		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	9
OCUPAÇÃO	Engenheiro agrônomo aposentado e proprietário rural	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1921	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____			

NOME	Flávio Martins		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	10
OCUPAÇÃO	Estudante de agronomia e pecuarista	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____			

NOME	Eron Vaz Mattos		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	11
OCUPAÇÃO	Músico, poeta e pesquisador. Funcionário público aposentado. Proprietário de pequena propriedade rural.	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1951	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____			

NOME	Luiz Eduardo Lock Silva		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	13
OCUPAÇÃO	Proprietário rural	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1956	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____			

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER		RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1
--	--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

NOME	José Souza		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO	14
			<input type="checkbox"/> FEMININO	
OCUPAÇÃO	Trabalhador rural	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____			

NOME	Olindo Medeiro de Albuquerque Neto		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO	15
			<input type="checkbox"/> FEMININO	
OCUPAÇÃO	Agropecuaria e Agrônomo	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1956	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____			

NOME	Macyr Recuero		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO	16
			<input type="checkbox"/> FEMININO	
OCUPAÇÃO	Trabalhador rural aposentado	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1933	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____			

NOME	Neri Canhada		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO	17
			<input type="checkbox"/> FEMININO	
OCUPAÇÃO	Proprietário rural - aposentado	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1926	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____			

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER		RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1
--	--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

NOME	Marcos Peres		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	20
OCUPAÇÃO	Peão	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1972	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> OUTRO _____		<input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> VENDEDOR	<input type="checkbox"/> PÚBLICO <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE

NOME	Leomar Alves		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	22
OCUPAÇÃO	Proprietário rural. Presidente da associação dos quilombolas de Palmas.	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> OUTRO _____		<input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> VENDEDOR	<input type="checkbox"/> PÚBLICO <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE

NOME	Edemar Scholante		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	23
OCUPAÇÃO	Proprietário rural	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> OUTRO _____		<input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> VENDEDOR	<input type="checkbox"/> PÚBLICO <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE

NOME	José Luis Lima Laitano		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	27
OCUPAÇÃO	É Veterinário de formação, mas não trabalha com a Veterinária. Trabalha no setor automotivo e é criador de Cavalos Crioulos e Bovinos.	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> OUTRO _____		<input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> VENDEDOR	<input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> EXECUTANTE

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER		RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1
--	--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

NOME	Rafael Médice	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	29
OCUPAÇÃO	Pecuarista e técnico em rastreabilidade. Trabalha na área de rastreabilidade bovina na propriedade Rincão das Corunilhas, localidade das Palmas, que pertence ao seu pai.	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____		

NOME	Roberto Francisco Lopes dos Santos	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	30
OCUPAÇÃO	Proprietário rural	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1963
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____		

NOME	Leomar Moreira Garibaldi	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	40
OCUPAÇÃO	Peão Campeiro, Aramador e proprietário rural	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	12/12/1953
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____		

NOME	Sonia Carlota Cabreira Garibaldi	<input type="checkbox"/> MASCULINO <input checked="" type="checkbox"/> FEMININO	41
OCUPAÇÃO	Proprietária rural e dona de casa	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	12/11/1959
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1

NOME	Paulo Sérgio Borges Fontoura		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	38
OCUPAÇÃO	Domador e proprietário e administrador de hospedaria.	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	19/03/1974	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____			

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---



Imagem 1 - Criação de equinos. Fazenda Santa Leontina.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER		RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1



Imagem 2 - Criação de equinos em hospedaria. Estrada da Barbuda, Pelotas/RS.



Imagem 3 - Criação de bovinos. Estância Santa Leontina, Aceguá.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

RS

Região
de
Bagé/RS
e
entornoArroio
Grande,
Aceguá,
Pelotas,
Hulha
Negra,
Herval,
Bagé e
Piratini

2013

F60

1



Imagem 4 - Pastoreio rotativo de bovinos, Sistema Voisin. Fazenda Conquista, Bagé.



Imagem 5 - Criação de ovinos. Localidade de Palmas, Bagé.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas,	2013	F60	1
			Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini			

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

Os ofícios e saberes indicados neste inventário como “lidas campeiras” têm como principal finalidade possibilitar a execução de uma atividade fundamental para a manutenção dos rebanhos de ovinos, bovinos e equinos, qual seja, o pastoreio.

O pastoreio se refere à criação, reprodução e cuidado para com os animais envolvidos na pecuária extensiva, e requer uma rotina de trabalho que obedeça os ciclos da natureza, ou o horário do sol. Por este aspecto, tratamos o universo da pecuária e das lidas campeiras como um modo de vida, que articula saberes cosmológicos a respeito das relações entre humanos e não-humanos com tecnologias desenvolvidas no campo científico.

Mesmo as feiras de remates, eventos de comercialização de animais realizados em uma etapa fora da estância e da rotina diária dos peões, seguem o calendário dos ciclos reprodutivos das fêmeas, que entram em cio, emprenham e parem conforme as estações do ano, o clima, a incidência de luminosidade solar diária, as fases da lua. Mesmo no plantio das pastagens que servem de alimento aos rebanhos - afora a utilização de insumos e tecnologias científicas - é importante observar os sinais do céu, das flores e ervas, dos próprios animais, que podem anunciar previamente a incidência de chuvas ou secas, por exemplo. Todas essas considerações envolvem o cuidado com os rebanhos, o pastoreio. Há casos, por exemplo, em que animais, humanos, e mesmo os temporais, são benzidos por benzedeadas. Alguns desses saberes construídos a partir da observação de animais e elementos da natureza são associados à presença indígena na região pampiana, como é o caso da doma “índia”, em que o domador utiliza técnicas de mimese dos movimentos dos cavalos.

Alguns pecuaristas associam historicamente a presença de negros nas estâncias de pecuária extensiva à brutalidade da lida com os rebanhos. Peões descrevem o universo desta lida como árduo, perigoso, insalubre. No entanto, essas mesmas agruras parecem trazer os atributos ontológicos necessários à construção desses homens como pessoas – e mesmo imprescindíveis à manutenção de sua existência. Acordar antes de raiar o sol e ter que quebrar geada com a sola do pé descalço, derrubar novilhos com o próprio corpo (pois a contenção com o laço pode fraturar o animal), correr risco de morte ante a fúria de um touro, participar do mesmo ambiente que animais peçonhentos, enfrentar temporal no meio do campo aberto para salvar filhotes do rebanho, domar cavalo xucro, são alguns aspectos apontados como responsáveis pelo fato de serem “brabíssimas” as lidas campeiras - o que, no entanto, não chega a representar uma potência negativa, visto que, pelo contrário, o controle dessas situações impostas pelas forças da natureza selvagem, (incorporado, é claro, pela exploração capitalista de sua força de trabalho), tem agência construtora dos sujeitos.

5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

As atividades do pastoreio são realizadas, predominantemente, no ambiente externo. As lidas iniciam-se com a busca dos cavalos no campo, ou nos poteiros próximos às casas, para posterior encilha no galpão; logo, os peões dirigem-se aos campos para trabalhar com os rebanhos. As propriedades rurais dividem-se em local da sede e campos (divididos em poteiros, em geral). Algumas propriedades podem apresentar a atividade de agricultura.

Com o deslocamento de alguns centros de doma e treinamento de equinos nos núcleos urbanos, as hospedarias de cavalos proliferaram-se nas periferias das cidades. Esses estabelecimentos contam com uma configuração que lembra as estâncias e chácaras. Em geral, tem-se a casa do domador/treinador, as cocheiras (ou baias) dos cavalos, os galpões, as mangueiras e/ou redondel para treino e algum poteiro para pastagem dos animais.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas,	2013	F60	1
			Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini			

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

PROPRIEDADE RURAL DE CRIAÇÃO DE REBANHOS

A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado bovino, ovino e equino. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas: os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007). Apesar de, em sua origem, a estância está ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e também por agricultura, em meados do século XIX passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escrava ou assalariada e com uma arquitetura contando com sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (RAHMEIER, 2007; LUCAS, 1997). Em geral, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não será a base econômica principal. Dessa forma, propriedades menores anteriormente também chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem “indígena” que significa plantação (SAINT-HILAIRE, 1987) ou por designações locais, utilizadas até a atualidade, como “campo” e “sítio”. A estância atual corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde se mantém os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou internadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém, devido ao seu tamanho podem não ser consideradas como estâncias.

RANCHO

Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé e a taquara (tipo de bambu) eram cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e janelas (sem vidros) as paredes eram preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresentava uma espessura aproximada de 50 cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustentava as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim (LESSA, 1986; VAZ MATTOS, 2003). O chão é de terra batida e podem haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundos e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986). Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados, até fins do século XVIII e início do XIX, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas, portanto predominavam as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana (ISABELLE, 1983; LESSA, 1986; LUCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 1978).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1

MANGUEIRA DE PEDRA

As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Não há comprovação da origem histórica dessas edificações, porém sabe-se que eram utilizadas pelos tropeiros (homens que levam o gado de um local a outro) para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (vigiar os animais). Acredita-se que as mangueiras não eram usadas para prender o gado com fins de manuseio como curar, medicar, contar e marcar. Esses serviços eram, em geral, feitos nos rodeios, atividade que consiste em juntar os animais no campo, somente com o auxílio do cavalo, sem o uso de cercas ou similares. O formato circular da mangueira propõe-se a evitar arestas ou cantos que poderiam levar o animal a se “embretar”, ficando sem saída e atirando-se contra as paredes (JACQUES, 2008). A entrada da mangueira é chamada de porteira. Nela eram colocadas duas “tronqueiras”, que são objetos verticais de pedra ou madeira postos um em frente ao outro com perfurações em que eram encaixadas e dispostas varas (madeiras retas) atravessando a porteira evitando a fuga dos animais. Essas construções são bastante encontradas nas rotas ou Caminhos das Tropas que iam em direção às antigas charqueadas e, posteriormente, aos matadouros e frigoríficos.

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

As atividades do pastoreio são executadas durante o período diurno. Algumas tarefas são deixadas de lado quando as condições climáticas são desfavoráveis (chuva intensa, por exemplo), porém, outras (como a identificação do cio das vacas, cura de algum animal com enfermidade grave ou aguda) são realizadas independente do tipo de clima que se apresenta. O espaço ocupado pelas atividades abrange a sede e todos os campos vinculados à propriedade.

6. Tempo

6.1. PERIODICIDADE

O pastoreio em uma estância de pecuária extensiva é um conjunto de atividades totais, ou seja, que envolvem todo o cotidiano dos trabalhadores. Fica, portanto, difícil descrever quando as atividades terminam. No entanto, no que diz respeito ao trato com os animais em mangueiras, bretes e galpões, pode-se dizer que, após terminados os serviços, são guardadas as ferramentas, os animais são levados de volta ao campo, é desencilhado o cavalo e limpa-se o ambiente onde foram realizadas as atividades, retirando restos de fezes e demais dejetos animais, jogando no lixo ou queimando embalagens de remédios.

Atualmente, há casos em que os empregados residem na cidade, indo e vindo para a estância de moto, todos os dias, exceto aos domingos. Há também produtores que fretam ônibus para tal transporte, principalmente quando há lavoura também.

6.2. O CORRÊNCIA EFETIVA – As lidas com bovinos remete a introdução dos rebanhos trazidos pelos colonizadores europeus na América.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas,	2013	F60	1
			Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini			

7. BIOGRAFIAS

Marcos Peres. Neco realiza toda a lida campeira, trabalha com os rebanhos. Começou a trabalhar na Estância com 12 anos, de jardineiro. Estudou até a sexta série, no Uruguay.

Olindo Medeiros de Albuquerque Neto. Sua família trabalha com pecuária extensiva desde 1802. Participava da lida quando o pai ainda era vivo. Atualmente, administra a propriedade. Não trabalha com ciclo completo de gado, apenas gado de engorda e terminação (animais são engordados e logo enviados aos matadouros). Ovinos (Cordeiro Herval Premium). Planta grãos (milhos, arroz, sorgo, soja)

Leomar Alves. Foi peão campeiro em estâncias de pecuária durante grande parte de sua vida. Atualmente, cria caprinos em sua pequena propriedade, para serem vendidos principalmente para casas de religiões afro-brasileiras da região de Porto Alegre – como a maioria de seus vizinhos quilombolas. Trabalha com a ajuda de um cachorro treinado, chamado Peão.

Edemar Scholante. Pequeno proprietário de terra, criador de gado, ovelha e cabritos.

Paulo Sérgio Borges Fontoura (Cusco). Tem uma hospedaria e um centro de treinamento e doma de cavalos na periferia de Pelotas.

Roberto Francisco Lopes dos Santos. Pecuárta e proprietário de terra situada na localidade: Palma, Distrito de Santa Isabel. Cedeu 21 fotos de marcação e uma do rancho na propriedade.

Rafael Médici. Trabalha especificamente com a parte de bovinos, na área de rastreabilidade. É ligado ao campo por tradição familiar da atividade pecuária. Hoje a rastreabilidade é uma exigência do mercado europeu para conseguir a autorização para exportar a carne. No momento em que o terneiro nasce até os três meses ele recebe um brinco auricular com uma numeração. Nessa numeração estão identificados todos os passos da vida desse animal, até a chegada dele no frigorífico. Com isto é possível saber de todo o ciclo pelo qual o animal passou: remédios, banho para parasita, tudo o que ele recebeu de medicação, etc. É como se fosse um documento de identidade do bovino.

José Luiz Lima Laitano. Considera-se de origem urbana e desde o início dos anos 80 é criador de Cavalos Crioulos, atividade que escolheu exercer por ser apaixonado por cavalos e tenta passar essa paixão para os filhos. É sócio-proprietário de um Centro de Treinamento de Cavalos Crioulos localizado em Monte Bonito, onde treinam os animais para a corrida de pista. O Centro de Treinamento possui uma estrutura focada na preparação do cavalo para as provas do cavalo crioulo. Em outra área, localizada em Rio Grande, trabalha com criação de bovinos.

Neri Canhada. Sempre trabalhou no campo, até aposentadoria. Pequeno proprietário – bovinos e ovinos. Equinos para trabalho. Trabalhou com agricultura apenas para o consumo próprio. Também é artesão. Trabalha com materiais diversos fazendo referência ao campo, como estribos, facas, miniaturas de animais (pequenas esculturas), balanças antigas, relógios antigos, equipamentos de fazer mate, materiais de montaria (ferraduras, rebenques). Trabalha transformando os materiais em obras de arte.

Macyr Recuero. Alambrador, leiteiro, posteiro, campeiro, tropeiro, domador e peão. Bovinos, equinos e ovinos. Na agricultura, trabalhou com lavoura de arroz, como (tratorista), lavrador. Também atuou como monteador de lenha, chacareiro.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas,	2013	F60	1
			Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini			

José Souza. Trabalha na Fazenda Conquista, modelo de Pastoreio Voisin, implantado por seu patrão, o agrônomo Nilo Romero. O gado, criado em pastoreio rotativo, é manso, não precisando o funcionário usar cavalo, nem laço.

Luiz Eduardo Lock Silva. Reside em Bagé e possui a Agropecuária Umbu na localidade do Espantoso – Aceguá. Na propriedade rural cria bovinos para engorda e produz pastagens e grãos em 800 hectares, que herdou dos pais. Trabalha só com novilhos de 6 meses para engordar para abate. Faz pastagem artificial, não trabalha com campo nativo para engordar o gado. Plantava arroz, mas estava se dedicando, no momento, só ao gado porque, segundo ele, é difícil conseguir empregados bons.

Eron Vaz Mattos. Trabalhou na lida campeira enquanto morou na pequena propriedade rural da família, na localidade de Olhos D'Água - Bagé. Aprendeu o trabalho do campo com o pai.

Flávio Martins. Estuda agronomia e trabalha com pecuária na estância da família. Em 2010 viajou para Nova Zelândia, onde permaneceu um ano estudando o sistema pastoril utilizado no País. De volta ao Brasil em 2011, busca usar o que aprendeu para aperfeiçoar as técnicas da pecuária utilizadas em Bagé. É filho do presidente do Núcleo de Criadores de Cavalos Crioulos de Bagé.

Nilo Romero. Trabalha em conjunto com a esposa, Percília Romero. Hoje não atua diretamente no trabalho das propriedades. Proprietário da Fazenda Conquista, modelo de Pastoreio Voisin, implantado em 1963 nessa propriedade. Como agrônomo, interessa-se por esse tipo de produção de gado a pasto, como forma de garantir a vida útil do campo. Proprietário, também, da Fazenda Santa Inês, de produção de terneiros, que são enviados em seu devido tempo (quando já novilhos) para engorda na Fazenda Conquista. O gado, criado em pastoreio rotativo científico (Voisin), é manso, não precisando o funcionário usar cavalo, nem laço. Proprietário, ainda, de outras fazendas, uma no município de Pinheiro Machado e uma em Aceguá. Ministrava palestras sobre o pastoreio rotativo Voisin (em vários locais do mundo). É pioneiro dessa técnica em Bagé.

Percília Romero. Trabalha em conjunto com o marido Nilo Romero. Hoje é quem administra as fazendas da família.

O casal é Proprietário da Fazenda Conquista, modelo de Pastoreio Voisin, implantado em 1963 nessa propriedade. Proprietários, também, da Fazenda Santa Inês, de produção de terneiros, que são enviados em seu devido tempo (quando já novilhos) para engorda na Fazenda Conquista. O gado, criado em pastoreio rotativo científico (Voisin), é manso, não precisando o funcionário usar cavalo, nem laço. O casal é proprietário, ainda, de outras fazendas, uma no município de Pinheiro Machado e uma em Aceguá.

Eliezer Dias de Souza. Poeta, técnico em administração rural na Universidade da Região da Campanha em Bagé/RS. Reside na cidade de Bagé e possui propriedade rural em Meí'água - Hulha Negra.

Minga Blanco. Herdou a Estância Minuano de seu pai. Administra a propriedade e trabalha na lida com o gado. Possui exemplares de gado chamado "crioulo". Cria cavalos. Também é artesão, produzindo utensílios de trabalho, como laços, relhos, talas e o tradicional chapéu "Pança de burro". É membro e fundador do Movimento Tradicionalista de Aceguá.

Sônia Carlota Garibaldi é casada com Leomar há 35 anos e tem 02 filhos. O filho mais velho cursou a ESA – Escola Superior de Aeronáutica e, é sargento; é casado há 10 anos com uma paraibana; mora em João Pessoa, na Paraíba. A filha (nascida em 1985) foi para Bagé estudar, ingressou no curso de Letras, mas não concluiu a graduação; encontra-se trabalhando em Bagé; ela mora na casa dos pais, pois gosta da *campanha*. Sônia faz trabalhos de pastoral junto à igreja católica. Faz a lida caseira, tem horta e pomar, faz doces para vender, cria galinha, bem como, conhece e se envolve na lida campeira. Toca a propriedade com o marido.

Leomar Moreira Garibaldi é casado com Sônia há 35 anos e tem 02 filhos. O filho mais velho cursou a ESA – Escola Superior de Aeronáutica e, é sargento; é casado há 10 anos com uma paraibana; mora em João Pessoa, na Paraíba. A filha (nascida em 1985) foi para Bagé estudar, ingressou no curso de Letras, mas não concluiu a graduação; encontra-se trabalhando em Bagé; ela gosta da *campanha*. Leomar é primo de Eliezer Dutra Tadeu. Conforme Sônia: (Leomar) "faz

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

arame ele que faz tudo isso ai é feito por ele, não tem uma coisa feita por ninguém ai, ele que faz tudo, tudo, ele era alambrador, profissão dele era alambrador antes ele alabrava tudo que era fazenda por ai tudo, tudo, se fez mais foi fazendo arame ele parou depois que o pai dele ficou doente que ai ele parou aqui trabalhando (...) é ele que faz tudo (na propriedade), a gente não paga ninguém pra fazer nada, só que precisa assim ajudar pra fazer, só que não tem, mas a tosquia das ovelhas ele faz." Na propriedade criam gado – carne e leite – e ovelhas, plantam milho, sorgo e aveia.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas,	2013	F60	1
			Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini			

8. ATIVIDADE

8.1. Origens, motivos, sentidos e transformações

O pastoreio de bovinos na região do pampa sul-rio-grandense está diretamente associada ao povoamento das porções meridionais da América Latina e a criação de fronteiras político administrativas neste território, desde o século XVII. Sobre a introdução do gado pelos colonizadores espanhóis, as opiniões divergem entre iniciativa estatal e dos missionários jesuítas – a mais plausível é de que múltiplos atores tenham agido na introdução dos rebanhos ovino, equino e, principalmente, bovino; que as origens dos mesmos tenham sido diversas. Após a expulsão dos jesuítas dos territórios espanhóis, as primeiras estatísticas verificaram uma imensa abundância de gado bravo (chamado cimarrón/chimarrão), cuja pecuária de extração ou de produção movimentaram o comércio platino.

Foram diversas as técnicas de exploração pecuária trazidas da Europa, mas nenhuma preparada para a quantidade impressionante (para o olhar europeu coevo) de gado vacum disponível. Novas técnicas precisaram ser adotadas para dar conta dessa abordagem numérica completamente nova. Isso implicava em mesclar as práticas tradicionais com as novas, criadas num ambiente sincrético. A arquitetura necessitou mudar; a noção de unidade produtiva, a estância, precisou ser criada; os materiais de construção precisaram adaptar-se.

Apesar da abundância da matéria-prima, o transporte e a conservação dos derivados da exploração do gado figuraram entre os principais obstáculos para o sucesso econômico e a acumulação de capital do setor. O fato de ser área de fronteira permanente dificultou o processo de urbanização e, conseqüentemente, da criação de redes mercantis e viárias interurbanas, no que hoje é fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Isso impossibilitava o transporte da carne, levando a uma matança impressionante de gado vacum nas três últimas décadas do século XVIII, apenas pela demanda de couro e chifres, ficando milhares de carcaças expostas à intempérie.

O estabelecimento de rotas regulares de tropas de gado (vacum, equino e muar), por um lado, e a introdução de técnicas de conservação da carne por salgamento, por outro, geraram a possibilidade de utilização de todos os recursos providenciados pela rês, incluindo já carne e ossos. A era dos tropeiros e dos charqueadores inaugurou o processo de cercamento dos campos, mantendo as práticas cotidianas até então desenvolvidas, mas num contexto de privatização (tanto da terra como do gado) que alienou os trabalhadores tradicionais, ligados à preia do gado livre e bravo das duas principais fontes de riqueza regional ao longo do século XIX.

De qualquer modo, a nova fase da industrialização da carne, com a chegada dos primeiros frigoríficos no final do século XIX e no início do século XX, deu novo fôlego à economia pecuária, gerando um abismo ainda maior entre aqueles que dispunham da propriedade do gado e das terras e aqueles que não tinham acesso a essas riquezas. Nas últimas décadas, com a alteração do padrão de consumo no mercado nacional, mudanças vêm sendo feitas nas formas de ser e agir ligados ao trabalho do campo e do gado. (FONTE: CAMARGO, F., 2013)

Quanto às formas de criar ovinos, bovinos e equinos, elas também variam conforme o tamanho da propriedade ou o tipo de manejo que se pretende utilizar.

Há propriedades rurais que mantêm o processo de criação de bovinos tido como tradicional, em que é feito o ciclo completo, de cria, recria e engorda (ou terminação), nas quais as operações cosmológicas ficam mais evidentes. A cria envolve desde o manejo reprodutivo, em que as fêmeas passam pelo acasalamento e pelo controle da prenhez, até o parto e amamentação dos terneiros. A recria abrange desde a desmama dos filhotes até a fase de acasalamento das fêmeas e a engorda dos machos que não serão utilizados como reprodutores. A engorda é a fase posterior, em que se faz a terminação dos animais para o abate. No entanto, também se valem desses saberes tradicionais, os criadores que tratam só de engorde, comprando animais magros, ainda não “terminados”, ou seja, ainda sem a cobertura de gordura necessária para que sejam abatidos.

O manejo com as vacas e as ovelhas, é tradicionalmente feito a cavalo, o peão “toca” (por diante) os animais. Mas existem casos, como os do pastoreio rotativo de bovinos, em que o uso do cavalo é dispensado, graças ao trato diário com os animais, que acaba domesticando-os e fazendo-os andar atrás do pastor, seguindo-o. Este tipo de pastoreio sofre de escassez de mão-de-obra para lidar com o gado, já que os trabalhadores campeiros relutam em deixar o cavalo, o laço, o cachorro e a emoção de dominar vacas brabas. Em algumas propriedades de pastoreio extensivo, no trabalho de recorrer o campo para observar a situação dos rebanhos o cavalo é substituído por motos ou caminhonetes.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande,	2013	F60	1
			Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini			

A criação dos cavalos também pode se dar no campo da propriedade rural, de forma extensiva, ou em haras e hospedarias, próximos aos centros urbanos. Neste último caso, geralmente os cavalos são de raça e têm alto valor monetário, genético e de estima. Os cavalos criados na propriedade também podem ser de raça, como é o caso das *cabanhas*, manadas de cavalos criados por um proprietário ou sócios, registrados em associações de criadores (como a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos). Os cavalos voltados para a lida campeira são criados na propriedade e domados para tais fins. Ainda que raros no Brasil atual, existem frigoríficos de abate de equinos, mas estão voltados para a exportação da carne, já que a mesma não apetece aos hábitos alimentares de quem cria cavalos. Nenhum dos interlocutores da pesquisa relatou ter vendido cavalos para frigorífico, muitos criticam tal prática.

No caso dos ovinos, os rebanhos sempre foram criados para abastecer as demandas internas de consumo de carne. Até a década de 1980, quando a indústria sintética se estabilizou, essas criações de ovinos também forneciam lã para ser comercializada. Atualmente, após a diminuição da criação de ovelhas nas últimas duas décadas, houve abertura para a comercialização internacional dos produtos brasileiros provenientes da ovinocultura.

Quanto ao pastoreio, não se pode deixar de citar também aqueles empreendimentos voltados para sanar as adversidades do clima, como é o caso da feitura de açudes em localidades onde não passam cursos d'água ou não há incidência de chuva suficientes para manter os rebanhos. Nas proximidades de Bagé, por exemplo, fala-se na presença já não muito comum dos açudeiros, trabalhadores cuja especialidade é cavar açudes, utilizando ferramentas como pás e a "mariposa", esta movida por tração animal. Com a mecanização dos instrumentos de trabalho no campo, é mais recorrente que sejam cavados açudes com retroescavadeiras e outros tipos de maquinários pesados.

Uma lembrança sempre importante no pastoreio é a do cão; muitos campeiros valem-se apenas de um "cachorro campeiro" para lidar com os rebanhos. Há conhecimento de matilhas de cães que arrebanham cavalos, ovelhas e vacas sem necessitar da presença humana. Uns aprendem na lida diária com os homens; outros trabalham a partir da observação, incentivo e reprimenda de seus companheiros caninos. É explícita a companhia permanente dos cães pastores de múltiplas raças e mestiços aos campeiros. Ainda que alguns peões e proprietários rurais não concordem em utilizar cães na lida com os rebanhos, pois podem provocar machucados, mordeduras, em todos os estabelecimentos envolvidos nas lidas campeiras a presença do cão é marcante.

Os naturalistas europeus Auguste de Saint-Hilaire, em 1920, em viagem ao Rio Grande do Sul (SAINT-HILAIRE, 1987) e Charles Darwin, em 1832, em sua passagem pela região pampa da Argentina (DARWIN, 2010), observaram a importância dos cães para os proprietários de ovinos. Segundo esses dois viajantes, os caninos eram criados juntos às ovelhas para que se sentissem parte do rebanho e, com o passar dos anos, nem mesmo sentiam falta da presença de membros de sua espécie, estando mais voltados à proteção do rebanho do que à integração a matilhas domésticas ou selvagens.

Muitos peões campeiros consideram o cachorro como um par, pois desempenha as mesmas atividades do trabalhador humano: arrebanha animais extraviados, faz os rebanhos concentrarem-se em um local preterido pelo peão, direciona o gado pelos caminhos a serem seguidos. Além disso, em propriedades com a presença intensa de matas, em que é difícil ou impossível para o campeiro a cavalo tentar qualquer manobra, o cão é elemento fundamental na busca pelo rebanho (seja bovino, equino ou, principalmente, ovino e caprino). Leomar Alves, morador das Palmas, em Bagé, é produtor de caprinos e treina cães pastores para o trabalho no campo e considera extremamente importante essa presença na lida com os rebanhos.

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini</p>	<p>2013</p>	<p>F60</p>	<p>1</p>
---	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------

O sistema de pastoreio Voisin, o cão é deixado de lado, pois o gado é criado de forma mansa, com manobras lentas e com métodos que excluem a presença de qualquer elemento de agressividade

Em relação às mudanças mais recentes ocorridas no campo, Minga Blanco, proprietário rural, domador e ginete em Aceguá, conta que no tempo de seu pai, não existia automóvel na família, o transporte era feito com carretas de bois, principalmente para trazer as compras para a família (alimentos, material de higiene, limpeza). A “campanha” (vida no campo, nas estâncias), segundo o entrevistado, sofreu muita mudança, pois hoje em dia há o acesso à internet, telefone celular, os empregados não precisam permanecer no campo, podem dormir na cidade e, pela manhã, irem à estância de moto, ou outro veículo. Nas palavras dele: *“hoje, os caras, às vezes na terça-feira, que não tem nada a ver com o dia de sair (a folga), mas depois do horário de expediente, às vezes monta na moto e vai ligeirinho em casa, passa a noite com a mulher e no outro dia... quer dizer, não tem mais aquela coisa assim, de se afundar no campo e ficar ali. então hoje tá... pra isso, tá mais fácil”.*

Além disso, Minga conta sobre o posteiro, que era a pessoa responsável por cuidar de porções de terras para o proprietário. Como existiam estâncias com grandes extensões de terra, era necessário que cada porção (com extensão variada de tamanho) tivesse um posteiro, que evitaria roubo de gado, a fuga dos animais e observaria os animais, identificando doenças e eliminando possíveis predadores. o posteiro morava naquela porção de terra, porque era muito longe da sede da estância para que diariamente os empregados fossem, a cavalo, até aquele local.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

8.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Alguns pecuaristas associam historicamente a presença de negros nas estâncias de pecuária extensiva à brutalidade da lida com os rebanhos. Peões descrevem o universo desta lida como árduo, perigoso, insalubre. No entanto, essas mesmas agruras parecem trazer os atributos ontológicos necessários à construção desses homens como pessoas – e mesmo imprescindíveis à manutenção de sua existência. Acordar antes de raiar o sol e ter que quebrar geada com a sola do pé descalço, derrubar novilhos com o próprio corpo (pois a contenção com o laço pode fraturar o animal), correr risco de morte ante a fúria de um touro, participar do mesmo ambiente que animais peçonhentos, enfrentar temporal no meio do campo aberto para salvar filhotes do rebanho, domar cavalo xucro, são alguns aspectos apontados como responsáveis pelo fato de serem “brabíssimas” as lidas campeiras - o que, no entanto, não chega a representar uma potência negativa, visto que, pelo contrário, o controle dessas situações impostas pelas forças da natureza selvagem, (incorporado, é claro, pela exploração capitalista de sua força de trabalho), tem agência construtora dos sujeitos.

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini</p>	<p>2013</p>	<p>F60</p>	<p>1</p>
---	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------

SELEÇÃO DE LETRAS DE MÚSICAS SOBRE A ATIVIDADE DO PASTOREIO:

A TROPA FEZ QUE SE IA

(Gujo Teixeira e Cristian Camargo)

A tropa fez que se ia num canhadão sem costeio
 Mas, se não fosse meus cusco, faltava boi no rodeio
 Eram dois baios coleras e um brazino cimarrón
 Três campeiros de respeito e, ainda por cima, dos bom

Se eu fosse metê o gateado e atropelar aquela ponta
 Deixava o resta da tropa desgovernar-se por conta
 Foi um pampa de aspa guacha, já com fama de matreiro
 Que disparou, mais a diante, entre o chircal do potreiro

Mas foi estender um silvido e um grito de olha a volta
 Se apresentaram os campeiros, meus três soldados da escolta

Era um acôo e mais outro, de vez em quando um ganiço
 Juntando quem se desgarrá, por conta do compromisso
 Cachorro que cuida a tropa é quase um campeiro e tanto
 Não faltam quando é preciso, e chegam que lhes garanto

Só avistava, de longe, os três pegando de trás
 Um atracando a dentada, o outro volteando, no más
 Levaram uns cinquenta metros, o boi pampa num volteio
 Depois, a dente e pegada, por conta foi que o boi veio

Depois juntou-se na tropa, meio entendendo o motivo
 E eu chamei os companheiros pra sombra abaixo do estrivo
 E é bem assim nestes campos, quando se manda, se pega
 Cachorro que tem comando não dorme pelas macega

De riba do meu gateado a coisa é bem do meu jeito
 Quem pode mais, atropela e os cusco botam respeito

Era um acôo e mais outro, de vez em quando um ganiço
 Juntando quem se desgarrá, por conta do compromisso
 Cachorro que cuida a tropa é quase um campeiro e tanto
 Não faltam quando é preciso, e chegam que lhes garanto

A tropa fez que se ia num canhadão sem costeio
 Mas, se não fosse meus cusco, faltava boi no rodeio.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1
--	----	---	--	------	-----	---

ALMA DE ESTÂNCIA E QUERÊNCIA

(Sérgio Carvalho Pereira, [Luiz Marengo](#) e Jari Terres)

Da gadaria faz silhueta a madrugada
Das quatro quadras da internada do branquilha
Rodeio grande, saltou cedo a peonada
Trazendo a lua na cabeça do lombinho

A mim me toca repontar o fundo do campo
Na hora santa em que a manhã tira o seu véu
Levo na testa do gateado a última estrela
Que aquerenciada não quis mais voltar pra o céu

E o meu cavalo que "le gusta" ouvir um silvido
Olha comprido e põe tenência nas orelhas
Enxergo o gado e o assobio sai tão sentido
Que acende o sol num gravatá crista vermelha

O boi compreende o chamado da melodia
E a gadaria pisoteia um Santa Fé
Chegam no passo da restinga, e uma traíra
Atira um bote à flor azul de um aguapé

Olhando a ponta qu e encordoa pra o rodeio
Cresce o anseio de viver nestas lonjuras
Bárbara é a lida no lombo dos arreios
E alma de campo é a rendição destas planuras

Já me disseram que se acabam as internadas
Que retalhadas marcam o fim dessa existência
Mas trago a essência e a constância de um olho d'água
E a alma pendurada com sementes de querência.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

CAMPEIRO, CUSCO E CAVALO

(Joca Martins, Rodrigo Bauer e Pedro Guerra)

Eles são três companheiros
distintos na identidade,
forjando a cumplicidade
no velho ofício campeiro...
São três irmãos galponeiros
levados no mesmo embalo,
por entre tirões e pialos
vão resumindo as distâncias
os três soldados da estância
campeiro, cusco e cavalo!

Vão patrulhando as lonjuras
dessa querência estendida
e, em cada etapa da vida,
vão madurando a procura...
Buscando a volta segura,
tirando um golpe mais brusco...
Com sol ou no lusco-fusco,
num dia brando ou mais potro,
cada um cuida do outro:
campeiro, cavalo e cusco!

Campeiro, cusco e cavalo,
timbrados com o mesmo pó!
Campeiro, cusco e cavalo,
três galhos de um tronco só!

São três monarcas pampeanos
curtidos de terra e céu,
ramais do mesmo sovêu
que, entra ano e sai ano,
dividem seus desenganos
no exílio desses potreiros;
são confidentes, parceiros,
pelos verões e invernias,
nessa imortal trilogia:
cavalo, cusco e campeiro!

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

MILONGÃO PRA ASSOBIAR DESENCILHANDO(Gujo Teixeira e [Luiz Marengo](#))

Silhueta de um fim de tarde, renunciando a mesma sombra
Do tarumã bem copado contra o lado do galpão
Que larga fumaça branca no mais alto se desenha
De certo é cambona e lenha na porfia do fogão

A gateada apura passo no acô da cuscada
Que faz festa com o retorno dos campeiros na mangueira
Silêncio se vai aos poucos pelas esporas nas pedras
E os tinidos da barbela nos escarceios da oveira

Aos poucos, ouvem-se coplas num assobio compassado
Que entram galpão à dentro, depois voltam mais sonoras
Se vão tirando a carona, o xergão e entram mais calmas
Parecem que campo e alma se mesclam bem nessa hora

Água nos lombos suados, mais águas pras cambonas
E o galpão se para quieto pra escutar um campeiro
Depois do dia de lida, de internada e rodeio
Sobra tempo pra um floreio e um assobio milongueiro

Um mate recém cevado, silencia o galpão grande
Reverenciando quietudes nas sombras que aquerenciei
E quem refaz o seu dia de bem com a vida no campo
Um pelego sobre um banco é mais que um trono de rei

Ficou um resto de pasto agarradito no freio
Esporas mangos e laços e um silêncio esperando
Alguém de alma lavada á debruçar-se no violão
E tocar um milongão pra assobiar desencilhando

8.3. CRONOLOGIA – O PASTOREIO SEGUE OS CICLOS ECONÔMICOS DO ATUAL ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

DATA	DESCRIÇÃO
Séc. XVII - 1626	Fundação dos Sete Povos das Missões.
Séc. XVII até princípio do XIX	Caça ao gado selvagem no pampa para retirada do couro.
Início séc. XVIII	Concessão de sesmarias; ocupação do Rio Grande do Sul
Séc. XVIII - 1703	Primeiro caminho de tropas oficial: "Caminho da Praia" – ligava Colônia do Sacramento à Laguna
Séc. XVIII - 1728	Segundo caminho de tropas oficial: "Caminho dos Conventos" ou "Caminho de Sousa Farias" – ligava Araranguá, passando pelos Caminhos de Cima da Serra até Curitiba

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1

Séc. XVIII - 1730	Terceiro caminho de tropas oficial: "Caminho das Tropas – origem em Viamão, passando pelos Campos das Vacarias, pelo rio Pelotas, Campos de Lages, Campos Curitibanos, rio Negro, rio Iguaçu, Campos Gerais de Curitiba, chegando em Sorocaba.
Séc. XVIII - 1750	Tratado de Madri.
Séc. XVIII	Consumo dos produtos da pecuária em razão do ciclo minerador nas Gerais.
Séc. XIX – 1809	Primeira divisão administrativa da Província de São Pedro: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre.
Séc. XVIII e XIX	Instalação das estâncias e de charqueadas em Pelotas e Bagé.
Séc. XIX	Introdução do arame para cercamento das propriedades.
Séc. XIX (final) – Séc. XX (início)	Instalação dos primeiros frigoríficos
Séc. XX	Investimento no melhoramento genético dos rebanhos, incremento na importação e exportação da carne bovina.
Séc. XX	Criação de associações e cooperativas de criadores de bovinos, equinos e ovinos, entre outros.
Séc. XX	Introdução do transporte de rebanhos por caminhões.
Séc. XX	Instalação de consórcio pecuária-agricultura de forma mais intensa.
Séc. XX – década de 1950	Fechamento da última charqueada em Bagé
Séc. XX – década de 1960	Introdução do Pastoreio rotativo científico "Voisin"
Séc. XX	Instalação de centros de doma e treinamento de cavalos nos núcleos urbanos
Séc. XX	Instauração de cursos para aprimoramento dos trabalhadores rurais em instituições privadas e públicas municipais, estaduais e federais, como sindicatos rurais, associações de criadores, EMBRAPA, etc.

9. PRODUTOS PATRIMONIAIS

9.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS

Lidas Campeiras

9.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA

ATIVIDADE

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

Atividades realizadas diariamente ou de acordo com a necessidade.	Juntar cavalos para a lida com o gado (ou, quando necessário, para tratá-los, aplicar medicamentos)
	Recorrer o campo para verificar os rebanhos e, se necessário, fazer rodeios para identificar animais doentes.
	Verificar se há fêmeas no cio ou prenhes, nas épocas de reprodução.
	Fornecer ração, sal ou outro suplemento para os animais, quando há necessidade de complementar a dieta à base de pasto. Essa suplementação, em geral, para bovinos e ovinos é fornecida nos poteiros, em cochos. Para os cavalos, o fornecimento de complemento pode ser em poteiros ou nas cocheiras individuais.
	Medicar algum animal, caso seja necessário.
	Juntar os rebanhos para fazer algum procedimento nos bretes (vacinar, banhar, marcar, ou carregar caminhão para encaminhar animais a remates, frigoríficos ou estância de comprador)
	Juntar o rebanho no campo para mostrar a compradores em potencial (muitas vezes os compradores preferem ver o rebanho no campo e não na mangueira)
	Juntar ovinos para tratar, medicar ou esquilar e, ainda, quando há necessidade, fornecer suplementos alimentares.
	Nas hospedarias de equinos em centros urbanos: retirar os animais, pela manhã, das cocheiras onde passaram a noite, ou trazê-los dos poteiros para alimentá-los. Em geral, esses animais são alimentados com pasto (quando há disponibilidade), com feno, alguns grãos e ração. Esses alimentos são fornecidos em cochos nos poteiros ou nas cocheiras individuais.

9.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	FUNÇÃO
Peão campeiro	Realiza as atividades diárias do pastoreio, em que não são necessárias intervenções de profissionais (veterinário, agrônomo, zootecnista). Lida cotidianamente com os rebanhos.
Capataz da estância	É o organizador das atividades; é ele quem gerencia o serviço de pastoreio. Essa administração pode se estender para além das atividades campeiras, como, por exemplo, em alguns casos o capataz pode intervir em compras e vendas de animais.
Peão posteiro	Trabalhador rural raro nos dias atuais. Sua função era estabelecer-se nos poteiros mais afastados da sede da propriedade evitando roubos e abigeato. Muitas vezes, o posteiro era descendente direto do proprietário da estância, filho ou neto; mas, na maioria dos casos, é um trabalhador contratado como peão campeiro que reside em uma casa ou rancho nos campos que ficam longe da sede.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1

9.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

O PASTOREIO É REALIZADO EM PROPRIEDADES RURAIS. NO CASO DA CRIAÇÃO E CAVALOS, PODE ACONTECER EM PEQUENAS PROPRIEDADES OU TERRENOS MAIS ISOLADOS NA PERIFERIA DE CENTROS URBANOS.

DESCRIÇÃO	GALPÃO - A edificação pode ser um “rancho”, coberta de palha santa fé ou telhas, com paredes de torrão ou um prédio de alvenaria situada próximo à sede da propriedade rural;
QUEM PROVE	Proprietário rural
FUNÇÃO/ SIGNIFICADO	É o local onde os peões guardam os arreios e instrumentos de trabalho. Também no galpão as vacas leiteiras podem ser ordenhadas, as ovelhas esquiladas, os animais abatidos e carneados. Em dias de chuva, o trabalho campeiro se desloca para o interior do galpão e os peões ocupam-se de lidas que complementam o serviço de campo. O restauro dos arreios é um dos trabalhos no galpão, e os campeiros manuseiam a matéria-prima e os artefatos, “sovando couros, tirando tentos, trançando cordas, passando tentos em um laço ‘ramalhado’, tramando barrigueiras, afiando esporas e outras ferramentas, costurando uma carona, consertando alguma peça dos arreios, arrumando uma cancela, fazendo cangalhas para porcos e guaxos ovinos, etc.” (MATTOS, 2003 p.40). Também no galpão acontece a roda de chimarrão, contam causos em torno do fogo de chão.
DESCRIÇÃO	POTREIROS – Campos rodeado de cercas de piques de madeira e/ou fios de arame onde os animais se alimentam.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural
FUNÇÃO	Manter os animais reunidos em um determinado espaço físico, para alimentação. Dessa forma, preserva-se, sempre, outros potreiros com alimentos (pastos) para posterior consumo. Sem os potreiros, os animais ficam soltos pelos campos; com isso há a dificuldade de arrebanhá-los.
DESCRIÇÃO	ALAMBRADOS. Cercas feitas com fios de arame e piques de madeira, delimitando toda a propriedade e os potreiros. Para a contenção dos ovinos, em geral, utiliza-se uma quantidade maior de linhas de arame; se para bovinos o usual são 4 fios de arame na cerca, para ovinos usa-se em torno de 7 fios.
QUEM PROVE	O proprietário rural
FUNÇÃO/ SIGNIFICADO	O produtor compra o material com seus recursos próprios. Quem fabrica e conserta os alambrados são os chamados “alambradores”, que especialistas contratados para isso. Mas a atividade também pode ser feita por algum empregado da propriedade, que tenha tal conhecimento.
DESCRIÇÃO	CERCAS DE MADEIRA – contenções feitas de tábuas de madeira.
QUEM PROVE	Proprietário rural.
FUNÇÃO/ SIGNIFICADO	São usadas para conter os animais nos potreiros ou piquetes (potreiros menores localizados mais próximos às casas). Em geral esse tipo de contenção é usado nos criatórios de cavalos, pois esses animais são mais propensos a machucaduras nos cercamentos.
DESCRIÇÃO	CERCAS DE PEDRA – contenções feitas de pedras. São raras as cercas de pedra mantidas ativas e em bom estado. A maioria compreende ruínas ou suas pedras foram realocadas para outras edificações. Erguidas da mesma forma das mangueiras de pedra e correspondem às mesmas épocas históricas de origem e uso.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1

QUEM PROVE	Proprietário rural.
FUNÇÃO/ SIGNIFICADO	São usadas para conter os animais nos poteiros ou piquetes (poteiros menores localizados mais próximos às casas).
DESCRIÇÃO	AÇUDES – estão nos campos, poteiros e piquetes. São fontes artificiais de água.
QUEM PROVE	Proprietário rural.
FUNÇÃO/ SIGNIFICADO	Fornecimento de água para os rebanhos.
DESCRIÇÃO	MANGUEIRAS – locais de encerra do rebanho para descanso durante as tropas, ao longo das estradas (em geral mangueiras de pedra antigas) e dentro da propriedade, para posterior lida com os animais (dosificação, vacinação, procedimentos em geral). As mangueiras para trabalho com grandes animais (bovinos, equinos), são mais altas, assim como o brete, para que mantenham-se encerrados.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural
FUNÇÃO	Manter os animais reunidos em um determinado espaço físico, para posterior lida com os mesmos (dosificação, aplicação de medicamentos diversos, verificação da existência de parasitas, etc)
DESCRIÇÃO	BRETE. Corredor de madeira por onde os animais passam para serem tratados, ou para serem presos no tronco. A maioria dos bretes é pré-fabricada, feitas de forma industrial. É cada vez mais difícil encontrar mão-de-obra para sua construção artesanal.
QUEM PROVÊ	O produtor compra o material com seus recursos próprios. Disponível no mercado.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Individualizar o tratamento dos animais, colocando-os enfileirados, um atrás do outro, sem que possam se deslocar.
DESCRIÇÃO	TRONCO. Espécie de guilhotina na vertical, localizada no extremo de um corredor da mangueira. É formado por duas placas de madeira, com sinuosidades que formam um espaço oval onde é encaixado o pescoço do animal. Há um espaço na altura de um animal adulto e outro na altura de terneiros. O tronco é controlado por uma alavanca do lado externo da mangueira. Existem, atualmente, troncos mecanizados e eletrônicos.
QUEM PROVÊ	O produtor compra o material com seus recursos próprios.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Evitar que o animal dispare ou machuque alguém enquanto é tratado.
DESCRIÇÃO	BANHEIRO DE IMERSÃO PARA BOVINOS. De alvenaria; corredor com 2,5 metros de profundidade, aproximadamente, contendo água com produto químico. Sua extensão é variada (8, 10 metros) e sua largura deve ser para que passe um animal por vez. Sua capacidade de carga é em torno de 10 mil litros. Os banheiros mais antigos poderiam conter até 18 mil litros de água com produto químico (às vezes até mais) e sua extensão ultrapassar os 20 metros de comprimento, além de possuir profundidade de até 3 metros. É o local para banho de bovinos em que os animais atiram-se na água contendo o produto químico.
QUEM PROVÊ	O proprietário rural.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Banhar o gado, na cura ou prevenção, contra ectoparasitas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1

DESCRIÇÃO	BANHEIRO DE PULVERIZAÇÃO PARA BOVINOS. De alvenaria ou pré-fabricados, de madeira e cobertura de folhas de zinco; contem água com produto químico para banho de bovinos.
QUEM PROVÊ	O proprietário rural.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Banhar o gado, na cura ou prevenção, contra ectoparasitas.
DESCRIÇÃO	BANHEIRO DE IMERSÃO PARA OVINOS. Tanque redondo contendo água com produto químico, de alvenaria. Atualmente poucas propriedades dispõem desse tipo de banheiro, pois há novos produtos químicos menos prejudiciais aos rebanhos (o banheiro de imersão pode propiciar quebras, cortes, afogamentos).
QUEM PROVÊ	O proprietário rural.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Banhar o rebanho, na cura ou prevenção, contra ectoparasitas e endoparasitas. Em especial, os ovinos são banhados contra piolhos e sarna.
DESCRIÇÃO	PEDILÚVIO – corredor de alvenaria em forma de caixa contendo uma depressão de 10 cm de profundidade e 2 metros de extensão. Sua largura é variável, mas é de menos de um metro. Em geral fica junto ao tronco.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Banhar os cascos dos ovinos, prevenindo ou curando enfermidades específicas dessa região corpórea.
DESCRIÇÃO	BALANÇA.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Para acompanhar o desenvolvimento dos rebanhos ou para aplicação de medicamentos que exijam uma dosagem específica.
DESCRIÇÃO	ABRIGOS. Instalações de bosques onde não há mata natural, ou de coberturas artificiais.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Proteção dos rebanhos contra insolação e variações climáticas.
DESCRIÇÃO	COCHOS. Em geral de madeira. Podem ser de alvenaria.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Fornecer alimentação e suplementos alimentares aos rebanhos (sal, ração, feno, etc.)
DESCRIÇÃO	BEBEDOUROS ou cochos para água. De alvenaria, concreto.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Em locais com problemas de acesso a fontes naturais (cursos d'água, olhos d'água) ou artificiais (açudes), os bebedouros são instalados para fornecimento de água aos animais.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1

DESCRIÇÃO	PALANQUES – tipo de “poste” feito de tronco de árvore de aproximadamente 2 metros de altura, podendo, esta medida, ser variada. Possui, próximo à sua extremidade superior, um entalhe na madeira ao redor de toda a circunferência, local onde apoia-se e amarra-se o cabresto do cavalo. Em geral, localiza-se em mangueiras próximas ao brete ou em poteiros ou piquetes.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Usados para conter as montarias (cavalos), em geral quando essas são xucras ou estão em processo de doma e treinamento. Também podem ser usados na contenção dos animais para procedimentos diversos, como na aplicação de medicamentos.

9.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	MADEIRA e ARAME para mangueiras, bretes e alambrados (aramados)
QUEM PROVÊ	O produtor compra o material com seus recursos próprios. Sua fabricação e manutenção também podem ficar por conta de alambradores ou empregados aptos para tais serviços.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Manter e instalar mangueiras, bretes, cercas. Evitam que os animais se dispersem pelo campo antes de serem tratados.
DISPONIBILIDADE	Compra-se material nas lojas de comércio. Algumas mangueiras são pré-fabricadas, feitas de forma industrial. Mas é cada vez mais difícil encontrar mão-de-obra para sua construção artesanal.
DESCRIÇÃO	LAÇO. Corda trançada, feita de couro, nylon ou outros materiais, com uma argola de metal em uma das extremidades. A outra extremidade passa por dentro da argola, formando um anel com acorda, que é girada no ar, jogada sobre o animal, e esticada quando enlaçando este, até derrubá-lo. O laço é um instrumento manual, que pode ser usado pelo homem montando cavalo, bem como, no chão, quando em espaços cercados.
QUEM PROVÊ	O produtor compra o material com seus recursos próprios. Ou o trabalhador confecciona seu próprio laço, segundo técnicas de trabalho com corda (couro cru).
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Evitar que o animal dispare ou machuque alguém enquanto é tratado.
DISPONIBILIDADE	Disponível nas lojas de correaria, de produtos agropecuários e com guasqueiros.
DESCRIÇÃO	ARREIOS – para montaria do cavaleiro, tanto para a lida campeira, incluindo a tropeada, quanto para doma e gineteada. Há variações dos arreios conforme sua utilização.
QUEM PROVÊ	O produtor rural ou o peão.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Para montaria do cavaleiro, tanto para a lida campeira, incluindo a tropeada, quanto para doma e gineteada. Há variações dos arreios conforme sua utilização, porém os itens básicos, utilizados para montaria, serão descritos de acordo com observação e entrevista. Os arreios estão dispostos na seguinte ordem de sobreposição, mais comumente usadas para as lidas campeiras: xergão - carona, - basto/sela/serigote - cinchão (ou cincha) e barrigueira – pelegos – badana (nem sempre é usada) – cincha (ou sobrecincha) e barrigueira. Fazem parte do conjunto, ainda, os estribos, a cabeçada com freio e rédeas e o bucal com cabresto (opcional). Pode-se considerar parte do conjunto, ainda, o rebenque/mango/relho (usado para instigar o animal a acelerar a andadura, ou, no caso do esporte de gineteada, para fazer o animal pular com o cavaleiro sobre ele. Os arreios podem sofrer variação, porém os relacionados acima são os mais comumente utilizados na região.
DISPONIBILIDADE	A maioria das peças de arreios podem ser encontradas em casas especializadas; alguns artefatos podem ser confeccionados por artesãos ou pelos próprios peões.
DESCRIÇÃO	XERGÃO: é um artefato confeccionado em lã crua, em geral produzido artesanalmente, através da fiação e tear. Seu formato é aproximadamente um retângulo e deve cobrir todo o lombo do animal, caindo pelos lados do mesmo, não chegando a cobrir toda a região das costelas do cavalo. Todos os outros artefatos que fazem parte dos arreios de montaria apóiam-se sobre o xergão.
QUEM PROVÊ	O proprietário rural ou o peão campeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Serve para proteger o lombo do animal contra o atrito do basto/sela/serigote
DISPONIBILIDADE	O xergão pode ser confeccionado na própria estância, porém, em geral, é comprado de mulheres que trabalham com a fiação da lã e a confecção do artefato com o tear.
DESCRIÇÃO	CARONA – em geral é feita de couro. Atualmente é confeccionada artesanalmente ou industrialmente. Sua matérias-primas, além do couro, podem ser materiais sintéticos como esponja forrada com tecidos de algodão ou poliéster. É posta sobre o xergão e suas medidas são aproximadamente as mesmas deste.
QUEM PROVÊ	O proprietário rural ou o peão campeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	É utilizada para minimizar o impacto dos arreios sobrepostos no animal.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionada na própria estância, ou ser adquirida através da compra de terceiros, diretamente com o fabricante, ou em lojas especializadas.
DESCRIÇÃO	BASTO/SELA/SERIGOTE – artefatos de formatos diferentes, confeccionados em couro e materiais sintéticos, como vinil imitando couro. Porém o couro é a matéria-prima de preferência. Pode ser feito artesanalmente ou industrialmente, o que, nos dias atuais, é mais comum.
QUEM PROVÊ	O proprietário rural ou o peão campeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	São utilizados para a mesma função: que o cavaleiro monte o cavalo com maior equilíbrio e segurança.
DISPONIBILIDADE	Comumente, adquire-se esses artefatos em lojas especializadas, com recursos próprios.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1

DESCRIÇÃO	CINCHÃO (OU CINCHA) E BARRIGUEIRA - É uma tira de couro de um palmo e meio de largura (aproximadamente), duplo (duas trias costuradas juntas), que contém duas argolas de metal em suas extremidades mais compridas (mais ou menos 50 cm de comprimento). Nessas argolas, a BARRIGUEIRA é presa. Este é um artefato confeccionado com várias tiras de barbantes grossos (em torno de 8 ou 10 tiras), em cujas extremidades são colocadas argolas de metal, que servem para unir este objeto ao cinchão. Enquanto o cinchão fica sobre o basto, a barrigueira passa por baixo da barriga do cavalo. A união entre o cinchão e a barrigueira, ocorre através de LÁTEGOS.
QUEM PROVÊ	O proprietário rural ou o peão campeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O cinchão serve, junto com a barrigueira, para segurar os arreios anteriormente descritos, sobre o lombo do cavalo.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas. O couro pode ser produzido na própria estância, porém as argolas de metal e o barbante são comprados com recursos do entrevistado em lojas comerciais. As argolas podem ser compradas diretamente de ferreiros - especialistas em trabalhar com metais.
DESCRIÇÃO	LÁTEGOS - são tiras de couro de dois dedos de largura (couro cru) que podem ter até 2 metros de comprimento.
QUEM PROVÊ	O proprietário rural ou o peão campeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	São enrolados nas argolas do cinchão e da barrigueira, concomitantemente, unindo esses dois artefatos e mantendo o basto sobre o cavalo, evitando que os arreios fiquem soltos durante a montaria.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas
Descrição	ESTRIBOS - Os estribos têm formato variado, porém parecem-se com argolas grandes, com a porção inferior, onde o cavaleiro apoiará o pé, podendo ser de formato achatado ou arredondado. São feitas de metal (ferro, inox) e são postos nas laterais do cavalo, para o cavaleiro calçar o pé e firmar-se quando está montando o cavalo. São presos ao basto/sela/serigote por meio dos LOROS. Os estribos ficam presos aos loros e esses, são presos ao basto/sela/serigote, através dos látegos. Cada estribo fica de um lado do cavalo e seu comprimento de uso depende do comprimento das pernas do cavaleiro
QUEM PROVÊ	Proprietário rural ou peão campeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Artefatos utilizados para apoio dos pés do cavaleiro, permitindo maior equilíbrio na monta.
DISPONIBILIDADE	São comprados de ferreiros especializados, ou em casas comerciais.
DESCRIÇÃO	LOROS - são artefatos confeccionados, em geral, em couro. Os loros são feitos, comumente, de duas tiras de couro, de dois dedos de largura, unidos por costuras em fios de couro (tentos) ou, industrialmente, por fios de barbante reforçados. O loros têm aproximadamente um braço de comprimento, (as tiras de couro dos loros são de aproximadamente dois dedos de largura). São unidos ao basto/sela/serigote através de látegos - em um local específico do basto (em argolas de couro ou de metal que estão presos ao basto para passar os látegos).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1

QUEM PROVÊ	Proprietário rural ou peão campeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Servem para prender os estribos ao basto/sela/serigote.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas.
DESCRIÇÃO	PELEGOS – São feitos da pele inteiriça de ovinos, a parte “carnal” é a de contato com a carne do ovino <i>in vivo</i> . A parte externa, é a lã do ovino sem que este tenha sido tosado (tosa: retirada do excesso de lã dos ovinos para venda desse material e para aliviar os animais do calor do verão). Os pelegos são colocados sobre o basto/sela/serigote, com a parte externa (lã) voltada para cima. Pode ser utilizado um ou mais pelegos sobrepostos.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural ou peão campeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Minimiza o atrito das pernas do cavaleiro com o basto/sela/serigote. É para proteção do cavaleiro.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas.
DESCRIÇÃO	BADANA – artefato de couro, praticamente bidimensional, É o artefato que fica sobre todos os outros (com exceção da cincha e barrigueira) e nem sempre é utilizado (opcional). Tem o tamanho aproximado dos pelegos, em geral, um pouco mais curto e estreito que esses.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural ou peão campeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Serve para proteger as pernas do cavaleiro do contato direto com os pelegos.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionada na estância ou comprado em lojas especializadas.
DESCRIÇÃO	CINCHA (OU SOBRE-CINCHA) E BARRIGUEIRA – São praticamente os mesmos artefatos “cinchão e barrigueira”, porém a cincha (sobre-cincha) nesse caso é de aproximadamente 10 cm de largura e 60 a 70 cm de comprimento, mais ou menos). A barrigueira que faz parte desse conjunto, também costuma ser um pouco mais comprida, ainda que sua largura possa ser a mesma da primeira barrigueira (que faz parte do cinchão).
QUEM PROVÊ	Proprietário rural ou peão campeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Têm a função de manter os pelegos em seu lugar para a montaria do cavaleiro, evitando quedas.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas. O couro pode ser produzido na própria estância, porém as argolas de metal e o barbante são comprados com recursos do entrevistado em lojas comerciais. As argolas podem ser compradas diretamente de ferreiros - especialistas em trabalhar com metais.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1

DESCRIÇÃO	CABEÇADA e RÉDEAS – A cabeçada é um artefato em couro que envolve a cabeça do animal com o objetivo de manter o FREIO na boca do cavalo. A cabeçada pode ser de couro liso, quase bidimensional, de largura variável, ou trançada, com vários tentos (finas tiras de couro). As RÉDEAS são presas nas “pernas” do freio. As rédeas são tiras de couro compridas (podem ser lisas, bidimensionais) ou trançadas, com as mais diversas tranças. As rédeas podem ter a espessura de um pouco menos de um dedo (quando trançadas) até quase dois dedos de largura, em geral lisas, de couro chato e cru (quase bidimensionais). Têm, em torno de 2 metros de comprimento, mas essa medida pode ser variada.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural ou peão campeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Através das rédeas o cavaleiro consegue comandar o cavalo, pois cada uma (são duas), fica de um lado do pescoço do cavalo, em contato com essa parte do corpo do animal. Mas, principalmente, o comando ocorre porque o freio (que está na boca do animal) preso às rédeas através das “pernas”, pode ser ativado de acordo com o movimento que o cavaleiro faz com as rédeas. Através desse conjunto, juntamente com o freio, o cavaleiro pode levar o animal para os lados e pode “sofrenar” o cavalo (fazê-lo parar, puxando as rédeas para trás).
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas.
DESCRIÇÃO	FREIO - artefato de metal. Possui uma parte que fica dentro da boca do cavalo e as “pernas” - partes que ficam externamente à boca do animal e possuem argolas de metal onde as rédeas serão presas.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural ou peão campeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O freio serve para direcionar o cavalo a partir de comandos do cavaleiro, através das rédeas.
DISPONIBILIDADE	São comprados de ferreiros especializados, ou em casas comerciais.
DESCRIÇÃO	BUÇAL e CABRESTO – O buçal, a exemplo da cabeçada, é um artefato de couro trançado tridimensional (com vários tentos) ou liso e chato, que envolve a cabeça do animal. Porém, ao contrário da cabeçada, não se prende ao freio, e sim, envolve o focinho do cavalo. O cabresto é uma tira de couro chato comprida. Pode ser quase bidimensional, de couro chato, ou trançado com vários tentos (tridimensional). Possui, em geral, mais de 2 metros de comprimento e largura variável (2 a 3 cm, podendo ter mais ou menos).
QUEM PROVÊ	Proprietário rural ou peão campeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Serve para guiar o cavalo (puxando-o, como uma guia) quando este não está sendo montado.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas.
DESCRIÇÃO	FACA/ ADAGA
QUEM PROVÊ	Peão campeiro.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Usada como instrumento auxiliar na cura de animais com feridas (por exemplo, pode ser usada para abrir” uma ferida infeccionada, para posterior aplicação de medicamento), para cortar algum galho de árvore, algum tento de couro, etc.
DISPONIBILIDADE	Pode ser adquirida em casas especializadas com recursos próprios, ou herdada.
DESCRIÇÃO	FERRADURAS – ferros utilizados sob os cascos das montarias para evitar as machucaduras.
QUEM PROVÊ	Em geral quem provê é o proprietário do cavalo. Podem ser fornecidas tanto pelo proprietário rural, quanto pelo peão.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Evitar machucados na sola dos cascos da montaria (cavalo/ mula)
DISPONIBILIDADE	Adquirido em lojas especializadas ou direto com os ferreiros
DESCRIÇÃO	ESPORAS - apesar de serem usadas nos pés do cavaleiro, é parte da monta, portanto é apresentada juntamente com os arreios. é um artefato tridimensional, e consiste de uma armação de metal (em geral ferro) em forma de “u”. na sua volta externa (volta do “u”), uma “roseta” se encontra acoplada à armação, por meio de uma extensão (“papagaio” - de 3 a 4cm ou mais) do próprio metal. a parte interna da volta do “u” fica encaixada no calcanhar da pessoa que usa a espora; uma corrente de metal ou o tento de couro faz um outro “u” que é acoplado por baixo do pé, firmando a espora no taco (salto) da bota do campeiro. tentos de couro são utilizados fazendo voltas pela frente do pé, passando pela extensão de metal onde se encontra a “roseta”, com o objetivo de evitar que a espora se solte do pé. a “roseta” é um artefato de metal (em geral ferro ou latão) quase bidimensional, circular, achatado, de 2cm de diâmetro ou mais, com pontas agudas em toda a sua volta (pontas também variam de tamanho e de quantidade, de acordo com o tamanho da roseta). as esporas são utilizadas nos calcanhares dos trabalhadores campeiros, entretanto são entendidas como parte dos arreios e não do vestuário, pois atuam auxiliando no controle dos cavalos que estão sendo montados pelos peões.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural ou peão campeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Incitar o animal a alterar a andadura (“apressar, apurar o passo”).
DISPONIBILIDADE	Adquirido em lojas especializadas ou direto com os ferreiros
DESCRIÇÃO	REBENQUE/MANGO/ RELHO – são variações do mesmo artefato. Em geral, confeccionado em couro, possui cabo rígido, de madeira ou material sintético (cano de PVC, por exemplo). O cabo é forrado de couro, podendo apresentar vários tipos de desenhos de forração, podendo ser de couro liso ou trançado. Do cabo, sai uma porção de couro chato e comprido, com mais ou menos 5 cm de largura. Pode ter em torno de um metro de comprimento total variando para mais ou menos. Pode ter esse prolongamento trançado, a exemplo de outros artefatos confeccionados artesanalmente. O relho, em geral é bem mais comprido que o rebenque/mango, e pode ser bem semelhante a um chicote.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural ou peão campeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Servem para instigar o animal a andar mais acelerado, batendo-se no mesmo com o artefato.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas; também pode ser adquirido diretamente dos artesãos (guasqueiros).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1

9.6. COMIDAS E BEBIDAS.

DESCRIÇÃO	A alimentação preferencial dos campeiros consiste em carne ovina ou bovina. O arroz é complemento geralmente preparado na forma de "arroz carreteiro", com carne ou charque picado.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Alimentação dos trabalhadores e proprietários rurais.
DESCRIÇÃO	Chimarrão ou mate.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural ou peões.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Bebido enquanto a alimentação está sendo preparada, seja café da manhã, almoço ou janta. Tem, também, a função de sociabilidade: em uma "roda de mate", em geral no galpão, os peões se reúnem para conversar sobre a lida cotidiana ou contar causos.

9.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS : NÃO HÁ

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

9.8. TRAJES E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	A Pilcha é a vestimenta utilizada pelos homens campeiros. Compõe a pilcha: botas (calçado próprio para andar a cavalo, feito de couro, que envolve o pé e a perna), bombacha (calças presas por botões no tornozelo), lenço (feito de tecido e geralmente utilizado amarrado ao pescoço), alpargata, chapéu (feito de couro ou feltro); é <i>pilcha</i> todo objeto de valor ou adorno que faz parte da montaria do gaúcho
QUEM PROVÊ	Proprietário rural e peão campeiro
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Vestimenta
DESCRIÇÃO	Ponche – mesmo que poncho. É o agasalho tradicional do gaúcho. Consiste em uma capa de pano ou lã, com forma redonda, retangular ou ovalada, tendo uma abertura no centro por onde passa a cabeça. Assim, o tronco da pessoa que o está vestindo fica protegido (frente e costas).
QUEM PROVÊ	O peão campeiro ou o proprietário rural.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Proteger o campeiro da chuva e frio. O poncho “baeta vermelha” ou “carnal vermelho” é o preferido pelos trabalhadores que necessitam prestar serviços durante os períodos de frio ou chuva, pois são confeccionados com duplos tecidos de “lã batida”. Nesse tipo de poncho, a lã do tecido é com tramas muito fechadas, o que evita a passagem de água e protege o peão do frio. O nome referencia a cor dos ponchos que, em geral apresentam o tecido de lã externo de cor preta ou azul marinho e o segundo tecido de lã, interno, de cor vermelha.
DESCRIÇÃO	Chapéu de abas largas
QUEM PROVÊ	O campeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Proteger o campeiro da chuva e do sol.

9.9. DANÇAS Não há	
DESCRIÇÃO	
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

9.10. MÚSICAS E ORAÇÕES NÃO HÁ	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

9.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS : Não há	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

9.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
Peões, caseiros, capatazes, demais empregados ou contratados.	<p>O pastoreio em uma estância de pecuária extensiva é um conjunto de atividades totais, ou seja, que envolvem todo o cotidiano dos trabalhadores. Fica, portanto, difícil descrever quando as atividades terminam. No entanto, no que diz respeito ao trato com os animais em mangueiras, bretes e galpões, pode-se dizer que, após terminados os serviços, são guardadas as ferramentas, os animais são levados de volta ao campo, é desencilhado o cavalo e limpa-se o ambiente onde foram realizadas as atividades, retirando restos de fezes e demais dejetos animais, jogando no lixo ou queimando embalagens de remédios.</p> <p>Atualmente, há casos em que os empregados residem na cidade, indo e vindo para a estância de moto, todos os dias, exceto aos domingos. Há também produtores que fretam ônibus para tal transporte, principalmente quando há lavoura também.</p>

10. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO X	VENDE X	TROCA <input type="checkbox"/>	OUTRO <input type="checkbox"/>	ESPECIFICAR
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM X	NÃO <input type="checkbox"/>	PRINCIPAL FONTE DE RENDA X	COMPLEMENTO <input type="checkbox"/>
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO <input type="checkbox"/>	INTERMEDIÁRIO X	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO X	

11. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

A remuneração do trabalho dos peões segue tabela estabelecida pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Há também Sindicatos e Associações de Produtores Rurais.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1

12. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Lidas Caseiras	F60-2
Lidas Campeiras - Esquila	F60-3
Lidas Campeiras - Doma	F60-4
Lidas Campeiras - Ofício do Guasqueiro	F60-5
Lidas Campeiras - Aramado	F60-6
Lidas Campeiras - Tropeada	F60-7

13. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Ver item 7 da Ficha de Identificação: Sítio – F10.

14. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

14.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

Não há

14.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

F1-A2- 2: 2, 3, 7, 8, 9.

14.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

F1-A2-1: 208 à 216, 225 à 229, 230 à 237, 485 à 497, 499, 501, 511, 512, 514 à 518, 731 à 742, 779, 29, 39, 40, 43, 103, 186 a 193, 240 a 270, 355 a 366, 370 a 372, 501, 525, 528, 530, 531, 535, 547, 1089 a 1091, 1116, 1234 a 1358, 205, 207 a 209, 293 a 332, 544 a 546, 549, 552, 559, 1377, 401, 407 a 443, 333 a 354.

15. OBSERVAÇÕES

15.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Ver ficha F10-1, item 9.2.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

15.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

OFÍCIO DO AÇUDEIRO - Atividade que integrava a Lida Campeira, executada pelo açudeiro, que consistia na construção de açude. O açude era construído na várzea, utilizando-se das depressões naturais do terreno, depois do local demarcado, a terra era escavada com um arado puxado por junta de boi. As leivas de pasto eram retiradas com a mariposa também puxada por junta de boi – uma, duas ou três juntas de boi -, o pasto e o barro serviam de alicerce para a construção das taipas. Na medida em que a caixa do açude era escavada, a terra era carregada na mariposa e depositada sobre a taipa. Esta ferramenta de trabalho também servia para socar e emparelhar a terra usada na construção da taipa, esta terra era igualmente socada pelos cascos de boi. Avaliada a fundura da caixa do açude e a Estrutura da taipa, o açudeiro decidia onde seria o sangrador, ladrão ou vertedor, por onde escoaria o excesso de água acumulada. O sangrador era aberto com uso da pá. (MATTOS, 2003). Na construção dos açudes atuais, a mariposa e o boi foram substituídos pela caçamba e pelo trator, que desempenham, respectivamente, as funções de tração e retirada da terra. O objetivo do açude é fornecer água para os animais, em locais em que não há a presença de arroios, sangas ou outros cursos d'água, ou em regiões com problemas de estiagem.

OFÍCIO DO FERREIRO - O ofício de ferreiro caracteriza-se pelo trabalho na confecção de ferros. No processo, o ferro é aquecido numa fornalha ou forja e logo após é moldado com um martelo na bigorna. Após estar confeccionado o artefato da marca, do sinal, ou da ferradura, é mergulhado em água fria ou óleo para ganhar as qualidades desejadas.

ARTESANATO EM LÃ - Dona Santa Célia Pereira da Silva fia a lã com uma roda com eixo, não usa máquina. Não tem tear, usa gravetos tirados do mato perto de sua casa. Cria ovelhas. A lã das costas é a melhor para fazer fio. Tem uma filha, a mais nova, que segue o trabalho com lã. Um dos filhos também. Teve 14 filhos, e criou-os em 1 hectare. Aprendeu a fiar e tecer com uma tia, que trabalhava para dois irmãos espanhóis, os Ourique, que lhes ensinaram a atividade. Participa de cooperativa de produção de artesanato em lã.

OFÍCIO DO CANTAREIRO – Artesão que trabalha com pedras na construção ou restauro de mangueiras, cercas, casas, galpões erguidos com essa matéria-prima. O trabalho do cantareiro inicia com a busca das pedras no leito de arroios e sangas e em pedreiras escondidas nas coxilhas dos campos¹. Para essa busca é necessário todo um saber, da extração das pedras em sua jazida, da forma de transporte utilizando alavancas e o próprio corpo, do trabalho nas rochas. Além da exigência das técnicas, é preciso força física para lidar com as pedras. É um ofício herdado de pai para filho e é raro atualmente; nas localidades inventariadas há informação sobre esse ofício ainda vigente em Herval e, também, na localidade de Capão do Leão, emancipado do município de Pelotas em 1982.

¹ GONÇALVES, Jussemar Weiis; FERREIRA, Letícia de Faria. O pampa , o cavalo, a pedra e o trabalho. Curitiba: IX Reunião de Antropologia do Mercosul, 2011. (Artigo apresentado no GT 15: Antropologia do Trabalho e Memória dos Trabalhadores).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	1

15.3. Outras observações :

Panorama geral da ovinicultura no mundo e no Brasil

VIANA, João Garibaldi Almeida, 2008.

Conforme Viana, a ovinicultura está presente na Ásia, África, Oceania, Europa e América do Sul, criação de ampla difusão com exceção da América do Norte. Os rebanhos de ovinos na América do Sul são mistos, para a produção de lã e carne de qualidade para o mercado internacional. O Brasil possui 15,5 milhões de cabeças ovinas por todo o país, no Rio Grande do Sul e no nordeste ocorre uma concentração dos rebanhos, embora se observe o crescimento da criação em São Paulo, Paraná e na região centro-oeste. Na região nordeste do Brasil, os ovinos pertencem às raças deslançadas, para carne e leite, adaptadas aos trópicos. A criação ovina no Rio Grande do Sul é de raças de carne, laneiras e mistas, adaptadas ao clima subtropical.

No Rio Grande do Sul, em meados da década de 90, ocorreu um decréscimo acentuado do número de animais nos rebanhos, em razão da crise internacional e aumento da área cultivada de grãos. Já na região nordeste do Brasil observa-se um crescimento contínuo do número de animais nos rebanhos.

Conforme o autor, a produção de carne se tornou o principal objetivo da ovinicultura no Brasil, houve um incremento no consumo de carne de cordeiro. Os maiores frigoríficos para abate de ovinos estão no RS. O Brasil importa do Uruguai carne ovina para abastecer o mercado interno. Mercado em expansão.

16. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q60 – 1,2,3,5,6,8,9,10, 11, 12, 15, 18, 21, 22, 28, 29 e 34		
PESQUISADOR(ES)	Flávia Rieth, Marta Bonow Rodrigues, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Daniel Vaz Lima.		
SUPERVISOR	Liza Bilhalva Martins da Silva e Flávia Rieth		
REDATOR	Marta Bonow Rodrigues e Marília Floor Kosby.		DATA 10/04/2013
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Flávia Rieth		

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER		CÓDIGO DA FICHA			
		RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013
UF	sítio-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Região de Bagé/RS e entorno (Pampa Sul-Rio-Grandense -Antigos Caminhos das Tropas)
LOCALIDADE	Prática da lida caseira etnografada nas localidades abaixo, embora tenha ocorrência em todo o sítio inventariado: Aceguá – Minuano (Fazenda Santa Leontina). Herval – Boa Vista (Fazenda Boa Vista) Hulha Negra – Mei' Água (Propriedade do Sr. Leomar Moreira Garibaldi e Sra. Sônia Carlota Cabreira Garibaldi)
MUNICÍPIO / UF	Aceguá/RS. Herval/RS Hulha Negra/RS

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Lida Caseira		
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Lida da volta “das casas” ou “da casa”		
CONDIÇÃO ATUAL	X VIGENTE / ÍNTEGRO	<input type="checkbox"/> MEMÓRIA	<input type="checkbox"/> RUÍNA

3. EXECUTANTE

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER ANEXO 4: CONTATOS.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2

NOME	Nélzia Maria Ritta Moreira	<input type="checkbox"/> MASCULINO <input checked="" type="checkbox"/> FEMININO	37
OCUPAÇÃO	Cozinheira e responsável pela limpeza e arrumação "das casas" na Fazenda Santa Leontina (esposa do capataz da fazenda)	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	55 anos
RELAÇÃO COM O BEM	<input checked="" type="checkbox"/> MESTRE <input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input checked="" type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____		

NOME	Micael Peres Bezon	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	50
OCUPAÇÃO	Peão caseiro na Fazenda Santa Leontina/Aceguá/RS	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	25 anos
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input checked="" type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input checked="" type="checkbox"/> OUTRO TRABALHADOR RURAL INICIADO NA LIDA DESDE OS 12 ANOS		

NOME	Zé Mario	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	45
OCUPAÇÃO	Peão de estância na Fazenda Boa Vista - Herval/RS	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	25 anos
RELAÇÃO COM O BEM	<input checked="" type="checkbox"/> MESTRE <input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input checked="" type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

NOME	Sônia Carlota Cabreira Garibaldi	MASCULINO X FEMININO	41
OCUPAÇÃO	Produtora rural – trabalha na pequena propriedade que possui junto com seu marido, Sr. Leomar Garibaldi. Faz todo o tipo de lida caseira e, também, desempenha atividades da lida campeira.	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input type="checkbox"/> EXECUTANTE X OUTRO proprietária rural		

NOME	Luci Mari de Oliveira Siqueira	MASCULINO X FEMININO	49
OCUPAÇÃO	Cozinheira e responsável pela limpeza e arrumação “das casas” na Fazenda Santa Leontina (esposa de peão campeiro)	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	34 anos
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE X PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ X VENDEDOR X EXECUTANTE X OUTRO trabalhadora rural		

NOME	Flávia Blanco	MASCULINO X FEMININO	48
OCUPAÇÃO	Proprietária rural e professora. Desempenha funções na lida caseira da propriedade.	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	15/11/1963
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE X PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ X VENDEDOR X EXECUTANTE X outro Proprietária rural, junto com seu marido, Minga Blanco.		

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---



Imagem 01 – Dona Nélzia com livro de Culinária Campeira onde constam receitas de sua autoria Aceguá/RS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---



Imagem 02 – cozinha de Dona Nélzia na Fazenda Santa Leontina/Aceguá.



Imagem 03 – Micael Bezon peão caseiro carneando ovelha na Fazenda Santa Leontina – Aceguá/RS

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini</p>	<p>2013</p>	<p>F60</p>	<p>2</p>
---	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------



Imagem 04 – Micael Bezon peão caseiro ordenhando na Fazenda Santa Leontina – Aceguá/RS



Imagem 05 – Seu Zé Mario carneando Na Fazenda Boa Vista – Herval /RS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---



Imagem 06 – Luci Mari cozinhando no rancho de um piquete na Semana Farroupilha - Aceguá/RS



Imagem 07 – Sônia Carlota Garibaldi em sua propriedade rural

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

As lidas caseiras são atividades cuja funcionalidade está voltada para a manutenção doméstica e cotidiana da propriedade rural. Esses trabalhos encerram desde os serviços de cozinha e limpeza da casa – ou das casas, quando há casas de empregados – até a capina, a ordenha, o cuidado com os chiqueiros, galinheiros, jardins e hortas. As lidas “da volta das casas” podem incluir, inclusive, a carneada de algum animal, desde que para o consumo doméstico. Muitas vezes, quando há famílias de empregados morando na estância ou próximas a esta, acontece da esposa de algum funcionário se ocupar das lidas caseiras. Há também os casos em que são contratadas copeiras, cozinheiras (ou cozinheiros) e peões caseiros. Uma presença bastante lembrada quando se trata de lidas caseiras é a das lavadeiras, que percorriam estâncias e propriedades rurais, recolhendo roupas para lavarem em córregos ou arroios próximos às propriedades rurais.

De acordo com Seu Abelardo Meireles (guasqueiro em Pelotas) a atividades da lida caseira abrange: *“sim que ele (peão caseiro) carneava, ele tirava leite, ele cortava lenha, ele varria pátio, ele atendia na volta das casas; de manhã cedo ele juntava os “cavalo” pra chegar na hora da pegada os “peão” estarem com os “cavalo” tudo na mangueira pra embuçalar. Ele (peão caseiro) fazia uma jornada”.*

Segundo Flávia Blanco: *“Muitas vezes a mulher, não só a do proprietário rural, as mulheres de pequenas propriedades, que os maridos iam para as estâncias trabalhar, elas ficavam em casa fazendo toda a lida [...] cortando lenha, tirando leite, cuidando dos filhos [...]; tem a mulher administradora da propriedade, tem a mulher que cuida da casa [...]. Tem a cozinheira e a lavadeira, hoje já não existe, mas, também existia bastante. As lavadeiras normalmente eram essas mulheres dos arredores que também marcavam como atividade econômica, e tem as que fiam lã, e até hoje tem”.*

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

A lida é realizada ao redor das casas, ocupando-se da limpeza e manutenção da sede, galpões e ranchos das propriedades rurais. A ordenha das vacas leiteiras, bem como a alimentação dos animais “da volta das casas”, como porcos, galinhas, gansos, cães, também fazem parte das lidas caseiras. Abrange também o trabalho na cozinha no preparo das refeições para os trabalhadores e proprietários e o cuidado com a horta e o pomar (também chamado de quintal).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

GALPÃO

A edificação pode ser um “rancho”, coberta de palha santa fé ou telhas, com paredes de torrão ou um prédio de alvenaria situada próximo à sede da propriedade rural; é o local onde os peões guardam os arreios e instrumentos de trabalho. Em dias de chuva, o trabalho campeiro se desloca para o interior do galpão e os peões ocupam-se de lidas que complementam o serviço de campo. O restauro dos arreios é um dos trabalhos no galpão, e os campeiros manuseiam a matéria-prima e os artefatos, “sovando couros, tirando tentos, trançando cordas, passando tentos em um laço ‘ramalhado’, tramando barrigueiras, afiando esporas e outras ferramentas, costurando uma carona, consertando alguma peça dos arreios, arrumando uma cancela, fazendo cangalhas para porcos e guaxos ovinos, etc.” (MATTOS, 2003 p.40).

Também no galpão acontece a roda de chimarrão, contam causos em torno do fogo de chão.

PROPRIEDADE RURAL DE CRIAÇÃO DE REBANHOS

A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado bovino, ovino e equino. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas: os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007). Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e também por agricultura, em meados do século XIX passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escrava ou assalariada e com uma arquitetura contando com sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (RAHMEIER, 2007; LUCCAS, 1997). Em geral, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não será a base econômica principal. Dessa forma, propriedades menores anteriormente também chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem “indígena” que significa plantação (SAINT-HILAIRE, 1987) ou por designações locais, utilizadas até a atualidade, como “campo” e “sítio”. A estância atual corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde se mantém os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou invernadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém, devido ao seu tamanho podem não ser consideradas como estâncias.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

RANCHO

Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé e a taquara (tipo de bambu) eram cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e janelas (sem vidros) as paredes eram preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresentava uma espessura aproximada de 50 cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustentava as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim (LESSA, 1986; VAZ MATTOS, 2003). O chão é de terra batida e podem haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundos e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986). Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados, até fins do século XVIII e início do XIX, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas, portanto predominavam as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana (ISABELLE, 1983; LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 1978).

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

As atividades que a lida caseira abrange são realizadas da seguinte forma:

Ordenha, carneada, corte de lenha, limpeza dos galpões e entorno das casas e todas as demais atividades que envolvem o trabalho externo são executadas no período diurno.

As lidas internas, como as atividades executadas na cozinha e preparo de alimentos se estendem no período noturno.

Segundo Barbosa Lessa (1986), a rotina na sede da estância se inicia ao clarear do dia, com o acender do fogo à lenha e o esquentar da água para o primeiro chimarrão. Ordenhadas as vacas (geralmente pelo peão caseiro), o balde de leite é trazido à cozinha. Prepara-se e serve-se o café-da-manhã; após estarem alimentados, os homens partem para o campo e sucedem-se, então, as variadas tarefas femininas. Um trabalho constante é varrer o chão batido, ou e alvenaria, da cozinha e despensa, das demais dependências da casa e, também, limpar o terreiro em torno das casas. É fornecido o alimento aos porcos e galinhas e os ovos são recolhidos. Lava-se a roupa. Prepara-se o almoço; na tarde, o café; à noite, a janta. As horas intermediárias são ocupadas com tarefas suplementares à lide doméstica, tais como preparação de alimentos para posterior cozimento, trabalhos manuais ou artesanato, conserto de roupas de trabalho, de panos de prato, etc. Ao entardecer é servido o jantar; geralmente seu preparo é mais rápido em relação ao almoço. Após a janta, os homens se reúnem no galpão. No verão a colheita de fruta dá ensejo ao preparo de doces em tachos de cobre, como figada, marmelada, pessegada.

Segundo a entrevistada Sonia Garibaldi: *“Ah sim, 6h da manhã a gente levanta, tiro leite, agora não tenho tirado leite, dou comida para os cachorros e o primeiro bom dia é para os cachorros, a gente levanta eles já começam a latir e incomodar, depois o Leomar sai pra campo e eu fico fazendo minha vida, lavando roupa, eu tenho minhas atividades na rua, eu saio bastante, o Leomar que não sai, mas, eu saio bastante sempre tenho minhas atividades, minhas visitas, minhas coisas pra fazer eu tenho (faz trabalhos de pastoral junto aos grupos de terceira idade da igreja católica)”*. Trabalha na horta e no pomar, cria galinhas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

7. Tempo

7.1. PERIODICIDADE	O ano todo, tarefas cotidianas.
--------------------	---------------------------------

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA

As atividades relacionadas ao manejo dos rebanhos – ordenha, carneada, etc. - que integram as lidas caseiras rurais no Rio Grande do Sul remetem à chegada dos colonizadores europeus, momento em que os rebanhos são introduzidos na região e, posteriormente, a instalação de propriedades rurais.

8. BIOGRAFIA

Dona Nélzia - é esposa de Seu Brasileiro (capataz da fazenda Sta Leontina). Moram na fazenda juntamente com a filha, genro e neta. Iniciou suas atividades como copeira e depois passou a ser cozinheira. É responsável, com a ajuda de sua filha Luci, por cozinhar, limpar a casa grande e a casa dos empregados, passar e costurar. O preparo diário de refeição para os peões, e demais pessoas que ali se encontram, é de sua responsabilidade, assim como o cuidado com horta e com o jardim. A feitura de doces (chimias de frutas) também é realizada por Nélzia. Fora da fazenda, ocupa a função de cozinheira em piquetes na Semana Farroupilha de Aceguá. É nome conhecido na região, pela culinária que apresenta nos concursos das Semana Farroupilha de Aceguá e Bagé. Suas receitas constam no Livro de Culinária Campeira de Aceguá que é resultado desses concursos.

Micael Peres Bezon – peão caseiro da Fazenda Santa Leontina em Aceguá. Suas atividades compreendem a ordenha, carneação de animais, manutenção da limpeza dos galpões e área externa, alimentação dos animais do pátio (porcos, galinhas, cães, etc.).

Zé Mário - Peão de estância na Fazenda Boa Vista – Herval/RS. Suas atividades compreendem a ordenha, carneação de animais, manutenção da limpeza dos galpões e área externa, alimentação dos animais do pátio (porcos, galinhas, cães, etc.).

Sônia Carlota Cabreira Garibaldi – proprietária rural em Hulha Negra/RS. Faz toda a lida caseira em sua propriedade e também participa das atividades campeiras junto ao seu esposo, Leomar Moreira Garibaldi. Não possui empregados.

Luci Mari de Oliveira Siqueira – Mora na Fazenda Santa Leontina acompanhando seu esposo (Neco – sota capataz, autoridade imediatamente inferior à do capataz), seu pai (capataz), sua mãe (Dona Nélzia – cozinheira) e sua filha. Luci exerce todas as atividades juntamente com sua mãe nessa propriedade rural. Fora da fazenda, ocupa a função de cozinheira em piquetes na Semana Farroupilha em Aceguá.

Flávia Blanco – casada com o proprietário rural Minga Blanco, atua na lida caseira e é professora. Mora em Aceguá/RS na Estância Minuano de propriedade da família.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

As atividades relacionadas ao manejo dos rebanhos – ordenha, carneada, etc. - que integram as lidas caseiras rurais no Rio Grande do Sul remetem à chegada dos colonizadores europeus, momento em que os rebanhos são introduzidos na região e, posteriormente, a instalação de propriedades rurais.

As atividades da “volta das casas” sofreram alterações significativas em suas formas com a introdução de tecnologias que facilitaram o trabalho doméstico, como, por exemplo, as vassouras de “guanxuma” (feitas de um galho de árvore como cabo e ramo de ervas ou arbustos como escova da vassoura), que foram substituídas por vassouras industriais, máquina de lavar roupa, máquina de cortar e a máquina de moer carne, usadas na feitura de cortes de carnes e na confecção de derivados desse produto; a máquina de costura, e outros aparelhos eletrodomésticos que facilitam o trabalho interno e a conservação dos alimentos.

Flávia Blanco (interlocutora da pesquisa, produtora rural) comenta, em várias passagens de sua entrevista sobre as mudanças percebidas no contexto rural, faz referência aos processos de **masculinização, trabalho/ presença das mulheres e de envelhecimento do campo**.

Com relação à **masculinização do campo**, ela diz: “[...] acho que hoje a presença da mulher no campo é menor, ela já foi mais expressiva...” [...] “Porque na verdade como o espaço de trabalho para a mulher é pequeno, o homem tem muitas funções ainda masculinas, mas para a mulher não existem tantas funções porque esse espaço doméstico dessa propriedade rural diminuiu, mas mesmo assim, também não era tão grande que justificasse muitas mulheres no campo. Acho que as mulheres não têm muitas oportunidades de trabalho no campo, são poucas, a não ser assim na lida da casa, na subsistência, algumas mulheres que ocupam funções, mais nesse universo dito masculino; é um universo de funções bem marcadas.”

Mencionou, ainda, que tem uma amiga que assume o trabalho na terra, corta palha, faz alambrado, mas é uma das poucas. Caracteriza o universo campeiro como um universo machista, onde as funções são culturalmente bem marcadas, “até em função da lida ser pesada, mas se encontra hoje mulheres fazendo funções que antes eram masculinas, mas são poucas.”

Quanto ao **trabalho/ presença das mulheres no campo**: “As mulheres (dos trabalhadores rurais), normalmente os que têm mulheres, tem muita gente que não tem mulher, ficam nas vilas, nas cidades. Antigamente era bem mais comum que trabalhassem os casais, hoje em função desse espaço doméstico na zona rural ter diminuído, vamos dizer que, assim... em função de leis trabalhistas, da melhor condição salarial e também da diminuição do tamanho das propriedades que começam a ser fracionadas, antigamente era muito normal ter a cozinheira, ter mais mulheres no estabelecimento, e alguns (trabalhadores rurais) eram, assim, casados.”

Flávia comenta que ainda existem benzedeadas no Aceguá, mas que não existem mais parteiras pela proximidade da cidade; dos serviços de saúde e sobre as lavadeiras ressalta: “[...] é, a lavadeira, normalmente ela não morava na estância, a lavadeira era uma pessoa tipo agregada, assim, ela morava no encosto da estância ou na vizinhança, assim, pessoas que precisavam trabalhar. Mas tinham estâncias que tinham dinheiro, lavadeira, tinham copeira, cozinheira. A minha sogra conta que aqui, assim, antigamente, era um estabelecimento só (e que agora aqui é fracionado, são três estabelecimentos, mais uma parte de lavoura; são 4, na verdade. Mas, quando aqui era um único estabelecimento), ela lembra de situações de ter 7 mulheres aqui, trabalhando”.

E, sobre o **envelhecimento do rural**, a entrevistada fala que: “Isso, eles falam na masculinização da zona rural e no envelhecimento também, acho que em seguida tem que haver políticas públicas para fixar os jovens no campo, porque, talvez, um movimento que ainda não seja muito perceptível, mas a evasão dos jovens é bem grande. Se a gente for fazer um levantamento, assim, a questão do transporte escolar, do acesso à escola, acho que amenizou um pouco, mas, amenizou no sentido de retardar a saída dos jovens do campo, porque chega uma idade que eles querem sair.”

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

Sônia Carlota Garibaldi fala do êxodo rural, do afrouxamento das relações de reciprocidade entre vizinhos e parentes; envelhecimento e masculinização do campo.

Diz que na localidade de Meia'Água não tem mais crianças, não tem mais escola. A percepção do processo de envelhecimento das pessoas que permanecem no campo é vivido e destacado pelo trabalho na pastoral. Conforme Sônia:

- *"Vão estudar e ai já ficam lá arrumam serviço. Meus filhos mesmo também, a menina mora aí, mas trabalha na cidade. Mora porque quer porque por mim não morava. Por mim ela morava na cidade, mas ela gosta, gosta da campanha assim. Ela estudou e veio embora e eu disse como é que tu vai estudar e vim pra campanha de volta."*

- *"Tem pouca, na nossa região aqui eu digo pra vocês não tem uma criança, um adolescente, nenhum jovem e da idade de trinta e tantos pra cima, isso que é um casal só que tem aqui de trinta e poucos porque os demais é de cinquenta pra cima, não tem colégio não tem nada porque não tem criança não tem nada na nossa região terminou completamente não tem criança."*

- *"Não voltam depois de irem não voltam, os que ficaram, ficaram, os que foram não voltam, depois de ir não voltam. Assim ó é muito pouca coisa pra todos viver né. Por que um casal vivia aqui ta, criou os filhos, mas, depois não dá pra todos ficarem aqui com as famílias, que jeito? Depois começa o colégio e ai tem que ter condução pra levar, por que agora tem condução pra levar porque não existe mais escola, não tem porque escola não tem mais criança".*

- *"P: nesse grupo de terceira idade que a senhora trabalha?"*

Sônia: Tem uns quantos eu tenho oito idosos, tens uns quantos são uns casais assim, são mais velhos, mas a realidade também é diferente do idoso da cidade. Porque o idoso da cidade é assim ó, quando a gente fez a capacitação então é assim ó, é aquele idoso que é carente que a família trabalha e que fica em casa sozinho as vezes dependendo de cuidadores, só que os nossos idosos aqui todos trabalham e vivem do trabalho, são aposentados mas vivem do seu trabalho, não estão assim ó.

P: Com quantos anos?

Sônia: De setenta e poucos pra cima, quase oitenta.

P: Trabalhando na lida?

Sônia: Trabalhando na lida do campo, tem um mesmo um senhor que tem 75 e outro 79 e passam no campo trabalhando, não tem, são idosos, visitam aquela coisa toda, eles gostam adoram a minha visita, eu aviso que vou e eles ficam em casa, não saem nem pro campo."

O deslocamento das mulheres para a cidade, muitas delas acompanhando os filhos na Escola, gera um afrouxamento das redes de reciprocidade no campo, segundo Sônia: *"Mas meus pessegueiros estão muito feios já, eu tinha quantidade de pessegueiros então a gente fazia um mutirão assim antigamente, tinha um monte de mulher e todas tinham. A gente se juntava ali naquela casa, passava pêssego daquela casa e ia pra outra passava e assim todas ajudavam, só que foi terminando as mulheres foram embora e agora não tem mais ninguém pra trabalhar, e os pessegueiros foram morrendo e eu disse pro meu marido, tu não me planta mais nem um pé de pessegueiro, que eles vão terminar junto comigo porque eu não posso mais fazer sozinha, me vence porque ele passa do tempo, aí ele amadurece e não presta mais."*

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini</p>	<p>2013</p>	<p>F60</p>	<p>2</p>
---	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

SELEÇÃO DE LETRA DE MÚSICA QUE FALA SOBRE A CARNEADA, PARTE DAS LIDAS CASEIRAS

AÇOUGUEIRO

(Telmo de Lima Freitas)

O pulso é o fiel da balança
Empunhando a carneadeira,
Rude e guapa companheira
Para qualquer puxirão,
Corta da ponta ao gavião,
Cabo de pau falquejado,
Com três pinos remachados
Na empunhadura da mão.

Só vendo com que destreza
Sangra, coureia e desmancha.
E segue pedindo cancha
Na munheca do Zé Grande.
A experiência que comande
No seu jeitão de carnear,
Vai tirando o costilhar
No estilo do Rio Grande.

Golpeia um golpe daqueles
De afugentar mau-olhado,
Avental ensanguentado
Cheirando a chão de sangria,
Tapado de judiaria,
Vai coureando a própria vida,
Cheirando a alma na lida
Pra retalhar mais um dia.

E quem passa na Glorinha,
Bem logo ali, mais adiante,
Vai encontrar um gigante
Prestativo ao seu dispor,
Um gaúcho, sim senhor,
Zé Grande por apelido,
Graças a Deus, bem vivido,
Açougueiro e carneador.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2

9.3. CRONOLOGIA –

As atividades relacionadas ao manejo dos rebanhos – ordenha, carneada, etc. - que integram as lidas caseiras rurais no Rio Grande do Sul remetem à chegada dos colonizadores europeus, momento em que os rebanhos são introduzidos na região e, posteriormente, a instalação de propriedades rurais. Grandes extensões de terras necessitavam grande número de trabalhadores em todas as lidas. A lida caseira agregava um número expressivo de mulheres nas propriedades rurais. O ofício da parteira se instituiu, assim como o da lavadeira que percorre várias propriedades morando ao redor destas ou na vizinhança.

DATA	DESCRIÇÃO
Séc. XVII - 1626	Fundação dos Sete Povos das Missões.
Início séc. XVIII	Concessão de sesmarias; ocupação do Rio Grande do Sul
Séc. XVIII - 1750	Tratado de Madri.
Séc. XVIII	Consumo dos produtos da pecuária em razão do ciclo minerador nas Gerais.
Séc. XIX – 1809	Primeira divisão administrativa da Província de São Pedro: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre.
Séc. XVIII e XIX	Instalação das estâncias e de charqueadas em Pelotas e Bagé.
Séc. XX	Criação de associações e cooperativas de criadores de bovinos, equinos e ovinos, entre outros.
Séc. XX	Instalação de consórcio pecuária-agricultura de forma mais intensa.
Séc. XX	Instauração de cursos para aprimoramento dos trabalhadores rurais em instituições privadas e públicas municipais, estaduais e federais, como sindicatos rurais, associações de criadores, EMBRAPA, etc.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS

10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS

Lidas Campeiras

]

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
Preparação do chimarrão ou mate	O dia na estância começa com o acender do fogo a lenha e o esquentar da água para o chimarrão

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

Ordenha	Retirada do leite das vacas para consumo da propriedade e feitura de queijo.
Serviço da cozinha	Preparo dos alimentos para as refeições tanto dos peões como da casa (sede): café da manhã, almoço e janta, feitura de doces e pães.
Trato com os animais ao redor das casas	Hora de alimentar galinhas e porcos bem como recolher os ovos.
Limpeza dos galpões, ranchos e casas	Limpeza e organização de todas as dependências da propriedade e inclusive da área externa (ex: recolhimento de folhas caídas, concerto de aramados, corte de gramas e espinhos)
Corte de lenha	Corte de lenha para o fogão e lareira.
Pomar e Horta	Cuidados com o pomar e horta, limpeza, retirada de ervas daninhas, podas, colheita de frutas.
Esquila	Trabalho de esquila da ovelha que será carneada para a alimentação dos trabalhadores e proprietários.
Carneada	Carneada de gado, ovelha e porco para a alimentação interna da propriedade (geralmente executada cedo pela manhã ou à tardinha quando o sol está mais baixo e a incidência de insetos é menor)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
<p>Trabalhador caseiro (peão caseiro) e trabalhadora caseira</p>	<p>Manutenção doméstica e cotidiana da propriedade rural. Esses trabalhos encerram desde os serviços de cozinha e limpeza da casa – ou das casas, quando há casas de empregados – até a capina, a ordenha, o cuidado com os chiqueiros, galinheiros, jardins e hortas. As lidas “da volta das casas” podem incluir, ainda, a carneada de algum animal, desde que para o consumo doméstico. Muitas vezes, quando há famílias de empregados morando na estância ou próximas a esta, acontece da esposa de algum funcionário se ocupar das lidas caseiras. Há também os casos em que são contratadas copeiras, cozinheiras (ou cozinheiros) e peões caseiros. Uma presença bastante lembrada quando se trata de lidas caseiras é a das lavadeiras, que percorriam estâncias e propriedades rurais, recolhendo roupas para lavarem em córregos ou arroios.</p> <p>Flávia Blanco falou da importância das atividades domésticas exercidas pelas mulheres, na estância e da invisibilidade dessa presença feminina no meio rural: <i>“eu sempre fiquei em casa, até porque a nossa família é muito masculina, tem muitos homens, eu sou a única mulher que tem; se vai pro campo, aí sim, a casa vira uma tapera, então tem que ter mais ou menos essa presença feminina, que eu acho que faz muita diferença; só, ela é muito invisível. [...] Tem uma cozinheira que é geral, assim, cozinha para todo o mundo, mas eu sempre fui assim de fazer pão, fazer massa, fazer doce, fazer queijo, fazer toda essa parte; assim, sempre fui eu que fiz, aí também sempre, horta, estas “coisa” assim; eu sempre tive, assim, essa questão de lidar com essa coisa que faz muita diferença, a gente está na zona rural e ao mesmo tempo providenciar bastante da subsistência, não ter que comprar tudo de fora; então, produto industrializado até, hoje aqui entra, mas bem pouca coisa; a gente compra mais a farinha, o açúcar, o arroz, e eu compro algumas outras coisas principalmente quando eu estou trabalhando muito, se eu não estou, a gente sempre tenta fazer tudo em casa”.</i></p> <p>Segundo Flávia Blanco: <i>“Muitas vezes a mulher, não só a do proprietário rural, as mulheres de pequenas propriedades, que os maridos iam para as estâncias trabalhar, elas ficavam em casa fazendo toda a lida [...] cortando lenha, tirando leite, cuidando dos filhos [...]; tem a mulher administradora da propriedade, tem a mulher que cuida da casa [...]. Tem a cozinheira e a lavadeira, hoje já não existe, mas, também existia bastante. As lavadeiras normalmente eram essas mulheres dos arredores que também marcavam como atividade econômica, e tem as que fiam lã, e até hoje tem”.</i></p>

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	<p>O conjunto de edificações da propriedade rural que é abrangido pelas lidas caseiras é composto basicamente pela casa sede, casas dos empregados, galpões, cocheiras para cavalos, chiqueiros para porcos, galinheiros, pomar, horta; a manutenção e limpeza de todo e qualquer prédio, cerca ou outra edificação erguida próxima às casas são de responsabilidade dos “caseiros” e “caseiras”.</p> <p>A configuração da propriedade rural pode ser alterada em razão do tipo de exploração econômica, do tamanho da propriedade, da quantidade de funcionários, quantidade de animais, entre outros.</p>
QUEM PROVÊ	Proprietários rurais.
FUNÇÃO	Manutenção doméstica e cotidiana da propriedade rural. Moradia dos proprietários e empregados, galpões para guardar artefatos de uso cotidiano e para execução de múltiplas tarefas, cocheiras (ou baias) para pernoite de cavalos, encerra para animais,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	Todos os artefatos necessários ao preparo de alimentos e limpeza das casas e da volta das casas.
QUEM PROVÊ	Proprietários rurais.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Manutenção doméstica e cotidiana da propriedade rural
DISPONIBILIDADE	Os alimentos são geralmente produzidos dentro da propriedade rural, tal como carne de gado bovino, ovino e suína. Também são feitas hortas e pomares para colheita de legumes, verduras e frutas. Os equipamentos necessários para a feitura das refeições tais como panelas, louças, fogão à lenha, instrumentos de limpeza, facas para a carneada de animais e utensílios para a ordenha são disponibilizados pelo proprietário rural.

10.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	As refeições são geralmente à base de carne, arroz, feijão e saladas, doces caseiros e sucos.
QUEM PROVÊ	O proprietário
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Alimentação dos trabalhadores e proprietários.
DESCRIÇÃO	Chimarrão ou mate.
QUEM PROVÊ	O proprietário rural ou os próprios funcionários.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Bebido enquanto a alimentação está sendo preparada, seja café da manhã, almoço ou janta. Tem, também, a função de sociabilidade: em uma "roda de mate" entre as mulheres ou os peões se reúnem para conversar sobre a lida cotidiana ou contar causos.

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

Não há

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.8. TRAJES E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	Avental
QUEM PROVÊ	Proprietário rural ou o próprio funcionário.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Proteção da roupa do trabalhador e da trabalhadora
DESCRIÇÃO	Botas de borracha
QUEM PROVÊ	Proprietário rural ou o próprio funcionário.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Proteção para trabalhador e para trabalhadora em algumas lidas externas, como alimentar os porcos, carnear, ordenhar. Cabe salientar que não são trajes obrigatórios das lidas.

10.9. DANÇAS	
NÃO HÁ	
DESCRIÇÃO	
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
Durante a execução da lida não há. Sobre a Música do ofício da lida caseira ver Item: 9.2 Narrativas e Representações	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
NÃO HÁ	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
NÃO HÁ ATIVIDADE ESPECÍFICA	
EXECUTANTE	ATIVIDADE

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO <input checked="" type="checkbox"/>	VENDE <input type="checkbox"/>	TROCA <input type="checkbox"/>	OUTRO <input type="checkbox"/>	ESPECIFICAR
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM <input checked="" type="checkbox"/>	NÃO <input type="checkbox"/>	PRINCIPAL FONTE DE RENDA <input type="checkbox"/>	COMPLEMENTO <input type="checkbox"/>
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO <input checked="" type="checkbox"/>	INTERMEDIÁRIO <input type="checkbox"/>	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO <input type="checkbox"/>	

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Não há

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Lidas Campeiras - Pastoreio	F60-1
Lidas Campeiras - Esquila	F60-3
Lidas Campeiras - Doma	F60-4
Lidas Campeiras - Ofício do Guasqueiro	F60-5
Lidas Campeiras - Aramado	F60-6
Lidas Campeiras - Tropeada	F60-7

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Ver item 7 da Ficha de Identificação: Sítio – F10

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL
Não há

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

F1 –A2 – 2: 7.

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

F1 – A2 – 1 – 374-353; 578-587; 370-435; 1173; 1373-1375.

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Ver ficha F10-1, item 9.2.

Discutir o dado da masculinização do campo em que – face à formalização dos contratos de trabalho e, conseqüentemente os encargos trabalhistas que daí surgiram, acarretou a diminuição dos empregados nas fazendas – há preferencialmente o emprego de homens para conjugar as lidas caseiras e campeiras.

Flávia Blanco menciona ainda a precariedade dos serviços públicos no campo – educação e saúde - como fator que ocasiona o êxodo familiar. As mulheres acompanham os filhos que vão estudar na cidade, onde ingressam no mercado de trabalho. Associado às dificuldades de manutenção da propriedade rural / permanência das pessoas no campo, discutir também: a atração que o modo de vida urbano exerce sobre os jovens; desvalorização do campo; envelhecimento.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

NÃO HÁ

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES**17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA**

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q60 – 13, 25, 26, 29		
PESQUISADOR(ES)	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues e Daniel Vaz Lima.		
SUPERVISOR	Flávia Rieth e Marília Floôr Kosby.		
REDATOR	Liza Bilhalva Martins da Silva e Marta Bonow Rodrigues	DATA	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	2
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Flávia Rieth	17.04.2013
-----------------------------	--------------	------------

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER		CÓDIGO DA FICHA			
		RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013
UF	sítio-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Região de Bagé/RS e entorno (Pampa Sul-Rio-Grandense - Antigos Caminhos das Tropas)
LOCALIDADES	Prática de esquila etnografada em Aceguá (Minuano) e Herval (Boa Vista), com ocorrência em todo o sítio inventariado.
MUNICÍPIO / UF	Bagé, RS Herval, RS

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Lida Campeira - Esquila		
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Tosquia		
CONDIÇÃO ATUAL	X VIGENTE / ÍNTEGRO	<input type="checkbox"/> MEMÓRIA	<input type="checkbox"/> RUÍNA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	3

3. EXECUTANTE

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER ANEXO 4: CONTATOS.

NOME	Edson Rodrigues	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	42
OCUPAÇÃO	Empreiteiro e esquilador da comparsa que realizava a esquila na Estância Minuano; Proprietário da máquina de esquila, sócio do <i>Mantiaca</i>	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	66 anos, 1946
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> OUTRO	<input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> VENDEDOR	<input type="checkbox"/> PÚBLICO X EXECUTANTE
NOME	Paulo Perez Siqueira	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	43
OCUPAÇÃO	Atador/levantador de velo, pagador da comparsa (realiza o controle do número de ovelhas esquiladas por esquilador) que realizava a esquila na Estância Minuano; Peão campeiro, trabalhador rural.	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1970
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> OUTRO	<input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> VENDEDOR	<input type="checkbox"/> PÚBLICO X EXECUTANTE
NOME	Nélio Pereira	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	44
OCUPAÇÃO	Cozinheiro e embolsador da comparsa que realizava a esquila na Estância Minuano; Trabalhador rural.	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> OUTRO	<input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> VENDEDOR	<input type="checkbox"/> PÚBLICO X EXECUTANTE
NOME	Zé Mário	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	45
OCUPAÇÃO	Trabalhador rural, peão que realizou a esquila de ovelhas e a carneação de uma delas para o consumo interno da Estância Boa Vista, Herval /RS	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> OUTRO	<input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> VENDEDOR	<input type="checkbox"/> PÚBLICO X EXECUTANTE

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de	Arroio Grande,	2013	F60	3
		Bagé/RS e entorno	Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini			



Imagem 01 – Tosa a martelo
Herval – Estância Boa Vista



Imagem 02 – Tosa a martelo, Seu Zé Mario
Herval – Estância Boa Vista

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	3
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---



Imagem 03 – Esquila à máquina, Seu Edson Rodrigues Estância Minuano - Aceguá



Imagem 04 – Comparsa de esquila à máquina Estância Minuano - Aceguá

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de	Arroio Grande,	2013	F60	3
		Bagé/RS e entorno	Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini			

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

Atividade que integra a lida campeira executada pelo esquilador em comparsa; A comparsa para o trabalho de tosa das ovelhas se compunha: além do esquilador, pelo o empreiteiro e/ou proprietário da máquina que negocia com o dono do rebanho e paga os peões; pelo agarrador, responsável por manear as ovelhas; pelo cancheiro, responsável pela limpeza da cancha suja com os excrementos do animal; pelo descascarreador que limpa a região posterior da ovelha em que a lã fica suja de fezes; pelo o atador dos velos; pelo levantador que alcança os velos para o embolsador, que organiza os fardos e, pelo cozinheiro responsável por carnear a ovelha e esquentar a água do chimarrão. Conforme o número de integrantes da comparsa, do grupo de homens trabalhando, e do tamanho do rebanho a ser esquilado, algumas destas funções podem ser executadas por uma só pessoa.

A tosa de ovinos é realizada com os animais vivos e a lã extraída é utilizada para feitura de artefatos – em que se destacam os instrumentos de trabalho: arreios, laços, etc. - e roupas. Esta atividade é realizada “por safra”, de outubro a dezembro, após o inverno; e, é executada no galpão.

Na região de Bagé predomina a raça Corriedale que tem bom peso de lã e carne.

5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

As ovelhas ficam reunidas do lado de fora do galpão, em uma mangueira, local onde o agarrador vai buscá-las para a Tosa. A Esquila é realizada no interior do galpão.

Inicialmente se tosa o dorso do animal, do velo de lã limpa, de melhor qualidade; depois das patas soltas, com a ovelha de barriga prá cima é tosado o ventre onde a lã acumula alguns resíduos, as patas e o quarto do animal, na região posterior, são tosados ao final, nesta região a lã é considerada de baixa qualidade, em função dos resíduos de fezes, urina e do barro.

Na Estância Minuano, em Bagé, as ovelhas depois de tosadas foram soltas em campo aberto. Já na Estância Boa Vista, em Herval, as ovelhas voltaram para a mangueira para serem conduzidas para o potreiro que estavam.

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

GALPÃO

A esquila é realizada no interior do galpão. A edificação pode ser um “rancho”, coberta de palha santa fé ou telhas, com paredes de torrão ou um prédio de alvenaria situada próximo à sede da propriedade rural; é o local onde os peões guardam os arreios e instrumentos de trabalho. Em dias de chuva, o trabalho campeiro se desloca para o interior do galpão e os peões ocupam-se de lidas que complementam o serviço de campo; nesses dias, os trabalhadores “aproveitavam para conferir as fichas, consertar alguma peça dos arreios, renovar o estoque de carvão de corticeira, embolsar lã, lavar algumas peças de roupa com a água que caía dos beirais de zinco dos galpões e trançar alguma corda.” (MATTOS, 2003 p.40).

O restauro dos arreios também é um dos trabalhos no galpão, e os campeiros manuseiam a matéria-prima e os artefatos, “sovando couros, tirando tentos, trançando cordas, passando tentos em um laço ‘ramalhado’, tramando barrigueiras, afiando esporas e outras ferramentas, costurando uma carona, consertando alguma peça dos arreios, arrumando uma cancela, fazendo cangalhas para porcos e guaxos ovinos, etc.” (MATTOS, 2003 p.40).

Também no galpão acontece a roda de chimarrão, contam causos em torno do fogo de chão.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de	Arroio Grande,	2013	F60	3
		Bagé/RS e entorno	Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini			

PROPRIEDADE RURAL DE CRIAÇÃO DE REBANHOS

A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado bovino, ovino e equino. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas: os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007). Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e também por agricultura, em meados do século XIX passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escrava ou assalariada e com uma arquitetura contando com sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (RAHMEIER, 2007; LUCCAS, 1997). Em geral, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não será a base econômica principal. Dessa forma, propriedades menores anteriormente também chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem “indígena” que significa plantação (SAINT-HILAIRE, 1987) ou por designações locais, utilizadas até a atualidade, como “campo” e “sítio”. A estância atual corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde se mantém os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou invernadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém, devido ao seu tamanho podem não ser consideradas como estâncias.

RANCHO

Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé e a taquara (tipo de bambu) eram cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e janelas (sem vidros) as paredes eram preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresentava uma espessura aproximada de 50 cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustentava as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim (LESSA, 1986; VAZ MATTOS, 2003). O chão é de terra batida e podem haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundos e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986). Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados, até fins do século XVIII e início do XIX, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas, portanto predominavam as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana (ISABELLE, 1983; LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 1978).

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

Preferencialmente, a esquila é realizada no período de sol alto, até por volta das 16 horas da tarde para não submeter os ovinos a grandes mudanças de temperatura. A ovelha é apresentada como um animal frágil, facilmente pode morrer submetida ao rigor das temperaturas de inverno, ou “se quebrar”, com isso a lida com ovelhas é tida como difícil.

Na estância do Minuano, a esquila, no ano de 2012, foi realizada no final da safra, em dezembro, cumprindo-se uma jornada de 8 horas por dia: das 08 às 12 e das 14 às 18, não acompanhando o horário de verão vigente. Já na estância Boa Vista, observou-se o cair da tarde para finalizar o trabalho, realizado no horário do “sol alto”.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de	Arroio Grande,	2013	F60	3
		Bagé/RS e entorno	Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini			

6. Tempo

6.1. PERIODICIDADE	<p>O tempo de tosquia, a “safra”, é de outubro a dezembro, findo o rigor do inverno.</p> <p>As ovelhas são esquiladas todos os anos, nesse período.</p> <p>A tosa dos cordeiros, animais jovens de até um ano de idade, ocorre, geralmente em fevereiro, em razão da época do nascimento e do crescimento da lã.</p>
---------------------------	--

6.2. O CORRÊNCIA EFETIVA – As lidas com ovinos remete a introdução dos rebanhos trazidos pelos colonizadores europeus na América.
--

7. BIOGRAFIAS

<p>Edson Rodrigues. Exerceu a lida por 29 anos, há 15 não tosava mais: <i>E, agora, faltou esquilador, os outros não puderam vir. Aí eu tive que pegar aqui.</i> Parou de esquilar em razão de problemas de saúde – <i>meu mal é a cintura.</i> Antigamente também lidava com doma e carreiras, conforme ele as carreiras - corridas de cavalo - não acontecem mais. Aprendeu a esquilar com 12 anos: <i>Eu aprendi com os mais velhos, eu era guri (...) me entusiasmei e fui pegando, foi seguindo o bolero e fui pegando.</i> Trabalhava como esquilador na região. Tem filhos.</p> <p>Paulo Perez Siqueira. Nasceu em 1970, na cidade de Aceguá. Mora na cidade, na localidade do Minuano. Atador/levantador de vela, pagador da comparsa que realizava a esquila na Estância Minuano. Peão campeiro, trabalhador rural. Paulo é neto de esquilador; é irmão do Marcos Peres (Neco).</p> <p>Nélio Pereira. Natural de Aceguá, localidade da Colônia Nova. Cozinheiro e embolsador da comparsa que realizava a esquila na Estância Minuano. Trabalhador rural.</p> <p>Zé Mário. Trabalhador rural na Estância Boa Vista, no município de Herval / RS.</p> <p>Minga Blanco. Proprietário da Estância Minuano. Executa as atividades da lida campeira, participa em festas de rodeio como ginete e é conhecido na região como mantenedor das “tradições” relacionadas ao conhecimento das lidas campeiras que envolvem o Rio Grande do Sul e suas fronteiras com Uruguai e Argentina. Durante os períodos de folga de seus trabalhos principais, executa artesanato em couro e desempenha todo o processo, desde a extração do couro do animal (coureada), passando pela raspagem do pelo, estaqueamento do couro, retirada dos tentos e finalizando com o trançamento dos mesmos. Além da produção de cordas, faz artefatos variados em couro animal.</p> <p>Eliezer Sousa. Poeta, técnico em administração rural na Universidade da Região da Campanha em Bagé/RS. Reside na cidade de Bagé e possui propriedade rural em Mei'água - Hulha Negra.</p> <p>Eron Vaz Mattos. Eron trabalhou na lida campeira enquanto morou na pequena propriedade rural da família, na localidade de Olhos D'Água - Bagé. Aprendeu o trabalho do campo com o pai. Músico, poeta e pesquisador. Funcionário público aposentado. Proprietário de pequena propriedade rural.</p> <p>SANTA CÉLIA PEREIRA DA SILVA. Antes de aprender a fiar e tecer lã de ovinos, dona Célia foi aramadora, trabalhava com o pai consertando alambrados. Aprendeu a fiar e tecer com uma tia, que trabalhava com dois irmãos espanhóis, os Ourique, em Bagé. Dos 14 filhos, apenas dois trabalham com lã. Ela e os filhos participam da cooperativa de artesanato em lã da comunidade de Tamanduá. <i>"Diz-se da Comunidade Quilombola de Tamanduá. Próximo a essa comunidade há a colônia de alemães. Dona Célia diz que no tempo de seus avós negro não casava com branco: 'os brancos pegavam os negros para escravos. E negro é gente muito orgulhosa! Não gostavam de misturar. Deus o livre!'. Conta que sua avó tinha as costas marcadas por mordidas de cachorro, que esta foi criada por uma família branca, e depois casou-se com seu avô. Segundo ela, o reconhecimento da comunidade como quilombola ajudou na organização dos moradores. Há uma cooperativa que trabalha com artesanato em lã. Antes de aprender a fiar, trabalhava como aramadora junto com o pai.</i></p>

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	3
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

8. ATIVIDADE

8.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

Em princípio, os esquiladores eram chamados em grupos para efetuarem a tosa nas estâncias. As chamadas “comparsas” muitas vezes eram compostas por mais de 50 homens, que tosavam centenas de ovelhas usando uma tesoura específica para esquilar, prática chamada de “tosa a martelo”.

No contexto de modernização surge a máquina de tosa, aparelho que dinamiza esta atividade. As transformações no processo de trabalho acarretam a diminuição da mão de obra especializada do tosador e sua comparsa, fazendo com que a tesoura a martelo e o seu manipulador se tornem figuras raras no pampa sul-rio-grandense.

Na Estância Minuano foram esquiladas à máquina, por volta de 700 ovelhas, cruza das raças Corriedale e Merino. Na Estância Minuano, no tempo do avô de Minga Blanco o rebanho de ovelhas tinha em torno de 6.000 animais.

Antigamente a criação de ovelhas era uma atividade rentável podendo ser até a fonte econômica principal da propriedade.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de	Arroio Grande,	2013	F60	3
		Bagé/RS e entorno	Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini			

8.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

A esquila é descrita como uma **atividade “dura”, como toda a lida campeira** exige esforço físico em razão do manejo repetitivo da tesoura, pelas horas em que o peão permanece com o corpo curvado e pela necessidade do uso da força para levantar/trabalhar o animal. Nesse sentido, os peões usam uma faixa na cintura para proteger as “cadeiras” (região do quadril) e uma tira de pano atada no pulso - da mão que maneja a tesoura - para “não se abrir”. Outro cuidado, conforme Vaz Mattos (2003), é aguardar para tomar banho, pois a cera da ovelha é quente e a água do banho sendo fria pode ocasionar um “pasma”. Outro esquilador não trabalha se não estiver com a “tavinha de sorro” na cintura, protegendo as “cadeiras”. A “tavinha de sorro” é um osso de graxaim/ sorro (*Pseudalopex gymnocercus*) que se crê proteger as “cadeiras” na lida.

Destaca-se também a **sociabilidade pelo trabalho ser executado em grupo**, na comparsa, em que se descreve o contar causos, conversas sobre peleias, carreiras, gineteadas, tropas, bailes, caçadas, assombrações, conversas que se intensificam após o término do trabalho, no ambiente do galpão. (MATTOS, 2003).

SELEÇÃO DE LETRAS DE MÚSICAS SOBRE A ATIVIDADE DA ESQUILA:

ESQUILADOR

(TELMO DE LIMA FREITAS)

Quando é tempo de tosquia já clareia o dia com outro sabor;
As tesouras cortam em um só compasso enrijecendo o braço do esquilador;
Um descascarreia, o outro já maneia e vai levantando para o tosador;
Avental de estopa, faixa na cintura e um gole de pura pra espantar o calor.

Alma branca igual ao vello, tosando a martelo quase envelheceu;
Hoje perguntando para a própria vida pr'onde foi a lida que ele conheceu;
Quase um pesadelo, arrepia o pelo do couro curtido do esquilador;
Ao cambiar de sorte levou cimbronaço ouvindo o compasso tocado a motor.

A vida disfarça lembrando a comparsa quando alinhavava o seu próprio chão;
Envidou os pagos numa só parada, 33 de espada, mas perdeu de mão;
Nesta vida guapa vivendo de inhapa, vai voltar aos pagos para remoçar;
Quem vendeu tesouras na ilusão povoeira, volte pra fronteira para se encontrar;
Volte pra fronteira para se encontrar.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	3
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

DESCASCANDO OVEIA**(MANO LIMA)**

Aí, vem chegando s safra de esquila
Vou dando um jeito e vou arrumando minha mochila
Eu sou um índio que de tudo entende um pouco
E gosto muito de perseguir o velho pila

Sou tosador, sou maneador, sou levantador
Sou atador sou embolsador, sou curador
Nos dias de chuva eu tenteio minha cordeona
Lido com corda e também sou domador.

Começa a safra e eu sempre largo na ponta
Devo bastante, preciso pagar minhas contas
E vou botando com dois cabos e uma vela
Se me sobrar algum trocado dou um chinelinho pra ela

Eu gosto muito é de tosar de tolda folha
Quadro-lhe o corpo e vou botando os barbatão
Se o patrão tá perto eu toso baixinho e parelho
Cuido demais pra não dar um beliscão.

Ela viras costas e eu largo de marretada
"Tosito" guapo enraizado neste chão.

Bueno patrão me pegue as fichas que tosei
Tem mais a bolsas que embolsei entre véu e guerra
De tosas aveia já ando "descaderado"
E cada vez tô mais pelado, não consigo arrumar nada.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	3
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

COPLAS DE TOSADOR

(CESAR OLIVEIRA)

Tá chegando as esquilas!!!
 Já sinto cheiro de cera e as comparsas de fronteira!!!
 Já andam reculutando a indiada flor de tesoura!!!
 Que grude de toda folha e couro, fique alumiando!!!

Já desaguachei a moura
 Afiei bem as tesouras
 Tô pronto pro que vier
 Ferro com as folha benzida
 E os braços pra ganhá a vida
 No cabo desses talher

Vou me enturmar na comparsa
 Que vai lá pra Paz das Garças
 Tosar miles de capão
 Corriedale sem escolha
 De mete de toda folha
 Acolherando as duas mãos

Sendo pra lotá ficheira
 Me tapo de lã e cera
 Pouco me importa o calor
 Se resolvo soltá o braço
 Quase mato no cansaço
 Quem se mete a agarrador

(É dois pulsos no martelo
 Tchaque-tchaque e atiro o velo
 Por cima do atador
 Ferro e folha e não tem nada
 Vai embora guacha pelada
 Berrando pra o tosador)

Grudo a marca santaninha
 Solto lisa e rosadinha
 Porque o braço não se micha!
 E n'alguma escapada
 Boto cortiça queimada
 Garanto que não abicha!

Se me topo com as merina
 Apelo pra cangibrina
 Arrolhadita atrás da porta
 E no couro murcilhado
 Sigo de ferro embuchado
 Nas rugas campeando as volta

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	3

A pobreza é igual capacho
E só biqueando por baixo
Que um pobre cristão se safa
Quando largo da tesoura
Nas patas da minha moura
Prossigo espichando a safra!

É dois pulsos no martelo
Tchaque-tchaque e atiro o velo
Por cima do atador
Ferro e folha e não tem nada
Vai embora guacha pelada
Berrando pra o tosador)

8.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Séc. XVII - 1626	Fundação dos Sete Povos das Missões.
Início séc. XVIII	Concessão de sesmarias; ocupação do Rio Grande do Sul
Séc. XVIII - 1703	Primeiro caminho de tropas oficial: "Caminho da Praia" – ligava Colônia do Sacramento à Laguna
Séc. XVIII - 1728	Segundo caminho de tropas oficial: "Caminho dos Conventos" ou "Caminho de Sousa Farias" – ligava Araranguá, passando pelos Caminhos de Cima da Serra até Curitiba
Séc. XVIII - 1730	Terceiro caminho de tropas oficial: "Caminho das Tropas – origem em Viamão, passando pelos Campos das Vacarias, pelo rio Pelotas, Campos de Lages, Campos Curitibanos, rio Negro, rio Iguazu, Campos Gerais de Curitiba, chegando em Sorocaba.
Séc. XVIII - 1750	Tratado de Madri.
Séc. XVIII	Consumo dos produtos da pecuária em razão do ciclo minerador nas Gerais.
Séc. XIX – 1809	Primeira divisão administrativa da Província de São Pedro: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre.
Séc. XVIII e XIX	Instalação das estâncias e de charqueadas em Pelotas e Bagé.
Séc. XIX	Introdução do arame para cercamento das propriedades.
Séc. XIX (final) – Séc. XX (início)	Instalação dos primeiros frigoríficos
Séc. XX	Criação de associações e cooperativas de criadores de bovinos, equinos e ovinos, entre outros.
Séc. XX	Introdução do transporte de rebanhos por caminhões.
Séc. XX	Instalação de consórcio pecuária-agricultura de forma mais intensa.
Séc. XX	Instauração de cursos para aprimoramento dos trabalhadores rurais em instituições privadas e públicas municipais, estaduais e federais, como sindicatos rurais, associações de criadores, EMBRAPA, etc.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	3

Década 1980 / 1990	Crise no mercado internacional de lã em razão da entrada de tecido sintético.
Após 1990	Cenário econômico favorável com a abertura para a comercialização internacional dos produtos brasileiros provenientes da ovinocultura ; estabilidade financeira.

9. PRODUTOS PATRIMONIAIS

9.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS
Lidas Campeiras

9.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO	
ETAPA	ATIVIDADE
Atividades realizadas concomitantemente pelos integrantes da comparsa	Juntar os animais na mangueira para a esquila;
	Buscar cada ovelha na mangueira, maneá-la e organizar a ordem da esquila.
	Tosa das ovelhas.
	Limpeza da cancha.
	Amarrar os velos e jogá-los para o embolsador.
	Arrumar/ costurar os fardos de lã.
	Separar e carnear uma ovelha, esquentar a água para o chimarrão ou café, nos intervalos de descanso da lida.

9.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	FUNÇÃO
Chefe da comparsa ou empreiteiro	Esquilador; proprietário da máquina de esquila e/ ou ferramentas.
Esquilador	Tosar a lã das ovelhas e curar os ferimentos – cortes ou picões – sofridos durante a esquila.
Agarrador	Buscar os animais na mangueira, trazê-los para o galpão, deixando-os maneados para serem esquilados. Os animais eram postos em ordem, um ao lado do outro.
Cancheiro	Limpeza da “cancha” - piso do galpão onde era realizada a esquila – que consiste na secagem da urina da ovelha com saco de estopa e recolhimento do esterco com pá ou vassoura; e, recolhimento da lã da garra da ovelha que ficava espalhada na cancha.
Descascarreador	Limpeza das fezes do animal acumuladas na lã na traseira do animal – cascarra -, por vezes, esta limpeza era realizada pelos peões da propriedade dias antes da chegada da comparsa.
Cozinheiro	Encarregado de carnear a ovelha para a refeição, esquentar a água para o mate e lavar pratos, talheres e canecas.
Atador	Atar os velos
Levantador	Levantar/jogar os velos para serem embolsados.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	3

Embolsador	Organiza os velos de lã nos fardos, faz a costura para o fechamento dos fardos. Nas pontas, é colocado um punhado de lã de menor qualidade para formar as <i>orelhas</i> por onde se agarra o fardo.
Pagador	Pagar por ovelha esquilada, processo que consiste em colocar uma moeda por ovelha nas latas coletoras de cada esquilador a fim de realizar a contagem, ao final do dia, do número de animais esquilados. De acordo com esta contagem, ocorre o pagamento do serviço realizado pelo chefe da comparsa a cada esquilador. Esta conta também é conferida pelo proprietário dos animais que contrata a comparsa.
	Obs: conforme o número de integrantes da comparsa e do tamanho do rebanho, um peão pode acumular várias funções: atar os velos, jogá- los para o embolsador, fazer a conferência das ovelhas esquiladas; limpar a cancha e agarrar os animais na mangueira fora do galpão.

9.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	O chefe da comparsa é o proprietário da máquina e, é quem negocia com o proprietário do rebanho a execução do serviço no estabelecimento rural.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural
FUNÇÃO	Serviço Especializado

9.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	TESOURA da “tosa a martelo”
QUEM PROVE	O empreiteiro da comparsa, o esquilador ou o proprietário rural
FUNÇÃO/ SIGNIFICADO	Tosar o animal
DISPONIBILIDADE	Ainda se encontra para a venda no comércio especializado.
DESCRIÇÃO	MÁQUINA DE TOSA
QUEM PROVÊ	Chefe da comparsa
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Tosar o animal
DISPONIBILIDADE	Conforme seu Edson Rodrigues, a máquina de esquila de sua propriedade deve ter “ <i>mais de noventa anos, isso deve ter mais de cem anos, foi uma das primeiras máquinas que entrou no Brasil, é exportação isto é da Alemanha, na época que havia [...], agora já tem pouco, mas a máquina continua a mesma. Depois tem máquinas novas já inventaram, mas não ta dando resultado. Continuam as antigas.</i> ” As máquinas de tosa industrial são comercializadas em lojas agropecuárias.
DESCRIÇÃO	BOLSA DE LÃ
QUEM PROVÊ	Proprietário Rural
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Embolsar a lã retirada na tosa do animal. A bolsa de lã é um tipo de saco de estopa retangular com tamanho aproximado de 1 metro por 2 ou 2,5 metros, com três lados costurados com barbante de algodão e um dos lados aberto, que será costurado após a lã estar depositada em seu interior. Nas pontas, é colocado um punhado de lã de menor qualidade para formar as <i>orelhas</i> por onde se agarra o fardo.
DISPONIBILIDADE	Estão disponíveis no comércio especializado, como lojas de venda de produtos agropecuários e indústria de produção desse material.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de	Arroio Grande,	2013	F60	3
		Bagé/RS e entorno	Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini			

9.6. COMIDAS E BEBIDAS .

DESCRIÇÃO	CARNE - A alimentação preferencial dos campeiros consiste em carne ovina ou, algumas vezes, bovina.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Alimentação dos trabalhadores e proprietários rurais.
DESCRIÇÃO	CHIMARRÃO ou MATE.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural ou os esquiladores.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Bebido enquanto a alimentação está sendo preparada, seja café da manhã, almoço ou janta. Tem, também, a função de sociabilidade: em uma "roda de mate", em geral no galpão, onde após o trabalho, os peões se reúnem para conversar sobre a lida cotidiana ou contar causos.

9.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS : NÃO HÁ

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

9.8. TRAJES E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	A Pilcha é a vestimenta utilizada pelos homens campeiros. Compõe a pilcha: botas (calçado próprio para andar a cavalo, feito de couro, que envolve o pé e a perna), bombacha (calças presas por botões no tornozelo), lenço (feito de tecido e geralmente utilizado amarrado ao pescoço), alpargata, chapéu (feito de couro ou feltro); é <i>pilcha</i> todo objeto de valor ou adorno que faz parte da montaria do gaúcho.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural e peão campeiro
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Vestimenta
DESCRIÇÃO	Avental de esquilador
QUEM PROVÊ	O esquilador, o chefe da comparsa ou o proprietário rural.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Proteger as roupas do trabalhador do contato com a lã da ovelha (e do sebo natural que se encontra na lã).

9.9. DANÇAS Não há

DESCRIÇÃO	
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	3
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

9.10. MÚSICAS E ORAÇÕES

Durante a execução da lida não há. Sobre a Música do ofício do esquilador ver item: 9.2 Narrativas e Representações

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	3

9.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS : Não há	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

9.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
Cozinheiro	Carnear uma ovelha para a refeição da comparsa, esquentar água para o chimarrão ou café
Comparsa	Sociabilidade de galpão

10. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO <input type="checkbox"/>	VENDE X	TROCA <input type="checkbox"/>	OUTRO <input type="checkbox"/>	ESPECIFICAR
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM X	NÃO <input type="checkbox"/>	PRINCIPAL FONTE DE RENDA <input type="checkbox"/>	COMPLEMENTO X
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO <input type="checkbox"/>	INTERMEDIÁRIO X	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO X	

11. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

A remuneração do trabalho segue tabela estabelecida pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, conforme informações dos esquiladores da comparsa na Estância Minuano – Aceguá.

12. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Lidas Campeiras - Pastoreio	F60-1
Lidas Caseiras	F60-2
Lidas Campeiras - Doma	F60-4
Lidas Campeiras - Ofício do Guasqueiro	F60-5
Lidas Campeiras - Aramado	F60-6
Lidas Campeiras - Tropeada	F60-7

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de	Arroio Grande,	2013	F60	3
		Bagé/RS e entorno	Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini			

13. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Ver item 7 da Ficha de identificação: Sítio – F10.

14. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**14.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

Não há

14.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

F1 – A2 – 2: 6.

14.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

F1 – A2 – 1. 373 a 400, 402 a 435, 578 a 587, 890 a 995.

15. OBSERVAÇÕES**15.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Ver ficha F10-1, item 9.2.

15.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA**ARTESANATO EM LÃ:**

Dona Santa Célia Pereira da Silva fia com uma roda com eixo, não usa máquina. Não tem tear, usa gravetos tirados do mato perto de sua casa. Cria ovelhas. A lã das costas é a melhor para fazer fio. Tem uma filha, a mais nova, que segue o trabalho com lã. Um dos filhos também. Teve 14 filhos, e criou-os em 1 hectare. Aprendeu a fiar e tecer com uma tia, que trabalhava para dois irmãos espanhóis, os Ourique, que lhes ensinaram a atividade. Participa de cooperativa de produção de artesanato em lã.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de	Arroio Grande,	2013	F60	3
		Bagé/RS e entorno	Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini			

15.3. Outras observações :

Panorama geral da ovinicultura no mundo e no Brasil

VIANA, João Garibaldi Almeida, 2008.

Conforme Viana, a ovinicultura está presente na Ásia, África, Oceania, Europa e América do Sul, criação de ampla difusão com exceção da América do Norte. Os rebanhos de ovinos na América do Sul são mistos, para a produção de lã e carne de qualidade para o mercado internacional. O Brasil possui 15,5 milhões de cabeças ovinas por todo o país, no Rio Grande do Sul e no nordeste ocorre uma concentração dos rebanhos, embora se observe o crescimento da criação em São Paulo, Paraná e na região centro-oeste. Na região nordeste do Brasil, os ovinos pertencem às raças deslanadas, para carne e leite, adaptadas aos trópicos. A criação ovina no Rio Grande do Sul é de raças de carne, laneiras e mistas, adaptadas ao clima subtropical.

No Rio Grande do Sul, em meados da década de 90, ocorreu um decréscimo acentuado do número de animais nos rebanhos, em razão da crise internacional e aumento da área cultivada de grãos. Já na região nordeste do Brasil observa-se um crescimento contínuo do número de animais nos rebanhos.

Conforme o autor, a produção de carne se tornou o principal objetivo da ovinicultura no Brasil, houve um incremento no consumo de carne de cordeiro. Os maiores frigoríficos para abate de ovinos estão no RS. O Brasil importa do Uruguai carne ovina para abastecer o mercado interno. Mercado em expansão.

16. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q60 – 5, 6, 14 e 32		
PESQUISADOR(ES)	Flávia Rieth, Marta Bonow Rodrigues, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Daniel Vaz Lima		
SUPERVISOR	Marta Bonow Rodrigues e Marília Kosby		
REDATOR	Flávia Rieth.	DATA	10/04/2013
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Flávia Maria Silva Rieth		

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CÓDIGO DA FICHA					
	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
	UF	sítio-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Região de Bagé/RS e entorno (Pampa Sul-Rio-Grandense, Antigos caminhos das tropas)
LOCALIDADE	Prática da doma etnografada nas localidades abaixo, embora tenha ocorrência em todo o sítio inventariado: Bagé (Sede), Aceguá (Vila da Lata), Pelotas (Estrada da Barbuda).
MUNICÍPIO / UF	Bagé/RS, Aceguá/RS e Pelotas/RS.

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Lida campeira - Doma de cavalos		
OUTRAS DENOMINAÇÕES			
CONDIÇÃO ATUAL	<input checked="" type="checkbox"/> VIGENTE / ÍNTEGRO	<input type="checkbox"/> MEMÓRIA	<input type="checkbox"/> RUÍNA

3. EXECUTANTE

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER ANEXO 4: CONTATOS.

NOME	Pedro Mógliã	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO		1
		<input type="checkbox"/> FEMININO		
OCUPAÇÃO	Ginete	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE	<input type="checkbox"/> PRODUTOR	<input type="checkbox"/> PÚBLICO	
	<input type="checkbox"/> APRENDIZ	<input type="checkbox"/> VENDEDOR	<input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE	
	<input type="checkbox"/> OUTRO _____			

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini</p>	<p>2013</p>	<p>F60</p>	<p>4</p>
---	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------

<p>NOME</p>	<p>Nelson Garibaldi</p>		<p><input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO</p>	<p>5</p>
<p>OCUPAÇÃO</p>	<p>Domador</p>	<p>DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO</p>		
<p>RELAÇÃO COM O BEM</p>	<p> <input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____ </p>			

<p>NOME</p>	<p>Minga Blanco</p>		<p><input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO</p>	<p>19</p>
<p>OCUPAÇÃO</p>	<p>Produtor rural, Domador e Ginete</p>	<p>DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO</p>	<p>1962</p>	
<p>RELAÇÃO COM O BEM</p>	<p> <input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____ </p>			

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4

NOME	Marcos Peres	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	20
OCUPAÇÃO	Peão	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1972
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____		
NOME	Juan Carlos Rodriguez	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	25
OCUPAÇÃO	Ginete/Domador	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____		

NOME	Roberto Larrosa	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	32
OCUPAÇÃO	Domador e Guasqueiro	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

NOME	Antônio Vilson Martins	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	33
OCUPAÇÃO	Domador e Guasqueiro	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> OUTRO _____	<input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> VENDEDOR	<input type="checkbox"/> PÚBLICO <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE

NOME	Claudio Fernandes	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	34
OCUPAÇÃO	Treinador de Cavalos Crioulos	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> OUTRO _____	<input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> VENDEDOR	<input type="checkbox"/> PÚBLICO <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE

NOME	Paulo Sérgio Borges Fontoura	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	38
OCUPAÇÃO	Domador e administrador de sua Hospedaria	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	19/03/1974
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> OUTRO _____	<input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> VENDEDOR	<input type="checkbox"/> PÚBLICO <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

NOME	Lucia Wachholz	<input type="checkbox"/> MASCULINO <input checked="" type="checkbox"/> FEMININO	39
OCUPAÇÃO	Veterinária e administradora de sua Hospedaria	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	07/04/1973
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO		

NOME	Eliezer Dias de Souza	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	7
OCUPAÇÃO	Poeta e professor universitário	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	20.11.1950
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input type="checkbox"/> EXECUTANTE <input checked="" type="checkbox"/> OUTRO – PROPRIETÁRIO DE UM SÍTIO DE VERANEIO POSSUINDO ALGUNS CAVALOS.		

NOME	Lilian Müller	<input type="checkbox"/> MASCULINO <input checked="" type="checkbox"/> FEMININO	61
OCUPAÇÃO	Veterinária	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	22/ 03/1970
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input checked="" type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input type="checkbox"/> EXECUTANTE <input checked="" type="checkbox"/> OUTRO – Fez um curso de doma racional onde aprendeu algumas técnicas. Lilian doma seus próprios cavalos por lazer, não constituindo um ofício.		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.



Imagem 01 – Condução do cavalo para o local que será realizada a prática da doma.



Imagem 02 – quebrando o queixo



Imagem 03 – Primeiro galope

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini</p>	<p>2013</p>	<p>F60</p>	<p>4</p>
---	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

O ofício de domador tem como principal intuito preparar o cavalo para que este aceite a montaria. As diferentes formas de domar são operacionalizadas conforme o temperamento do cavalo e a finalidade para a qual será montado. Dentre outras finalidades, os equinos podem ser domados para a lida no campo, para gineteadas, corridas de carreiras, para provas de equitação gaúcha (como as do Freio de Ouro), mas a técnica usada vai depender da aprendizagem e preferência do domador.

Os domadores classificam os tipos de doma segundo as graduações de força bruta utilizada para a “sujeição” do cavalo, que é tida como inversamente proporcional à racionalidade empregada para tal fim. Assim, há a doma chamada de tradicional, que é baseada no uso da força e de técnicas de reforço para submeter o animal. No sentido contrário, existem aquelas domas conhecidas como racionais (“doma índia”, “bachiana”, entre outras), que se valem de técnicas de adestramento, de observação e mimese do comportamento animal, sem o uso da força e sem machucar o bicho.

No entanto, essas oposições se tornam menos cristalizadas quando, por exemplo, na doma tradicional o domador considera o temperamento do animal. Segundo alguns adeptos deste tipo de técnica, a violência empregada pelo domador é recíproca à violência com que o cavalo reage às tentativas de dominação por parte dos homens. Ou seja, tanto a doma classificada como tradicional quanto aquela tida como racional, são saberes e práticas construídos e desenvolvidos a partir da observação da intencionalidade e agência de homens e animais.

Geralmente, quem doma costuma saber produzir os utensílios utilizados neste ofício, como maneias, rédeas, buçais, relhos, laços, cuja matéria-prima principal é o couro cru (mais resistente que o curtido). Para isso, é preciso ter conhecimentos, mais ou menos aprimorados, na feitura do artesanato em couro, no qual os especialistas são chamados de guasqueiros.

Aliado aos saberes a respeito da doma está o trabalho do ferrador. O ferrador é responsável pela colocação das ferraduras ideais para que cada cavalo mantenha o aprumo desejado no andar, ou necessárias para a correção de defeitos nos cascos do animal, que possam prejudicar seu desempenho tanto na lida quanto nos esportes e provas. No contexto da lida campeira, geralmente, as ferraduras são utilizadas quando o cavalo vai andar na cidade ou em chãos muito duros. Não é uma regra, mas muitos ferradores são também ferreiros, produzindo as ferraduras artesanalmente.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

A doma ocorre nas propriedades rurais e atualmente, nas hospedarias e centros de treinamento localizados nos centros urbanos. Geralmente as primeiras etapas da doma são feitas dentro de uma mangueira ou curral.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

RANCHO

Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé e a taquara (tipo de bambu) eram cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e janelas (sem vidros) as paredes eram preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresentava uma espessura aproximada de 50 cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustentava as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim (LESSA, 1986; VAZ MATTOS, 2003). O chão é de terra batida e podem haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundos e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986). Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados, até fins do século XVIII e início do XIX, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas, portanto predominavam as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana (ISABELLE, 1983; LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 1978).

MANGUEIRA DE PEDRA

As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com pau-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Não há comprovação da origem histórica dessas edificações, porém sabe-se que eram utilizadas pelos tropeiros (homens que levam o gado de um local a outro) para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (vigiar os animais). Acredita-se que as mangueiras não eram usadas para prender o gado com fins de manuseio como curar, medicar, contar e marcar. Esses serviços eram, em geral, feitos nos rodeios, atividade que consiste em juntar os animais no campo, somente com o auxílio do cavalo, sem o uso de cercas ou similares. O formato circular da mangueira propõe-se a evitar arestas ou cantos que poderiam levar o animal a se “embretar”, ficando sem saída e atirando-se contra as paredes (JACQUES, 2008). A entrada da mangueira é chamada de porteira. Nela eram colocadas duas “tronqueiras”, que são objetos verticais de pedra ou madeira postos um em frente ao outro com perfurações em que eram encaixadas e dispostas varas (madeiras retas) atravessando a porteira evitando a fuga dos animais. Essas construções são bastante encontradas nas rotas ou Caminhos das Tropas que iam em direção às antigas charqueadas e, posteriormente, aos matadouros e frigoríficos.

PROPRIEDADE RURAL DE CRIAÇÃO DE REBANHOS

A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado bovino, ovino e equino. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas: os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007). Apesar de, em sua origem, a estância está ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e também por agricultura, em meados do século XIX passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escrava ou assalariada e com uma arquitetura contando com sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (RAHMEIER, 2007; LUCCAS, 1997). Em geral, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não será a base econômica principal. Dessa forma, propriedades menores anteriormente também chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem “indígena” que significa plantação (SAINT-HILAIRE, 1987) ou por designações locais, utilizadas até a atualidade, como “campo” e “sítio”. A estância atual corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

(local onde se mantêm os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou invernadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém, devido ao seu tamanho podem não ser consideradas como estâncias.

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

As atividades da doma são executadas durante o período diurno. As tarefas são deixadas de lado quando as condições climáticas são desfavoráveis como frio intenso e chuva.

O espaço ocupado pelas atividades abrange mangueiras tanto na sede das estâncias quanto das hospedarias

7. Tempo

7.1. PERIODICIDADE

O ofício da doma é praticado geralmente nas épocas da primavera, verão e outono.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
X	X	X	X	X	X	X

8. BIOGRAFIA

Pedro Mógliã – Reside em Bagé/RS. Estudou equitação e hipismo em Porto Alegre até escolher começar a participar das provas do Freio de Ouro. Hoje compete nas provas e gineteadas todos os anos, sendo ginete premiado em vários concursos.

Nelson Garibaldi - Desde os 16 anos exerce a função de domador. Nunca foi vinculado a patrão e a uma única propriedade. Hoje mora na cidade de Bagé no bairro Ivó Ferronato, entretanto, ainda é contratado para realizar a doma.

Minga Blanco – Reside em Aceguá/RS. Herdou a Estância Minuano de seu pai. Administra a propriedade e trabalha na lida com o gado possuindo exemplares de gado chamado “crioulo”. Cria cavalos sendo domador e conhecido ginete. Também é artesão, produzindo utensílios de trabalho, como laços, relhos, talas e o tradicional chapéu “Pança de burro”. É membro e fundador do Movimento Tradicionalista de Aceguá.

Marcos Peres – Peão na Estância Santa Leontina (propriedade de moradores de Bagé, Carlos Mário Suñe) – Aceguá/RS. Neco realiza toda a lida campeira, trabalhando com os rebanhos. Começou a trabalhar na Estância com 12 anos, de jardineiro.

Juan Carlos Rodriguez – Reside em Aceguá/RS. Participou de gineteadas em diversos lugares, como: Uruguai, Argentina, São Paulo, México e até Estados Unidos. Descendente de índios Charrua.

Roberto Larrosa - Roberto vive na Vila da Lata, Aceguá/RS em um rancho de santa fé e barro. É solteiro, domador e produtor de artefatos em couro (guasca) para o serviço da lida com o cavalo.

Antônio Vilson Martins – Reside em Bagé/RS e aprendeu a domar cavalos com o tio. Trabalhou com doma tradicional e gentil no Parque do Gaúcho localizado na mesma cidade. Quando contatado estava desempregado e sem local para trabalhar. É genro de Dirceu Silveira, esquilador e artesão em lã.

Claudio Fernandes - Claudio habita e trabalha em um Centro de Treinamento na cidade de Montevidéu – Uruguai. Há 10 anos ele realiza o treinamento dos cavalos crioulos do Centro de Treinamento onde reside como também dos cavalos que pertencem a alguns integrantes do Núcleo de Criadores de Cavalos Crioulos da cidade de Bagé/RS, que participam e concorrem nos concursos envolvendo o cavalo crioulo.

Paulo Sérgio Borges Fontoura - Tem uma hospedaria e um centro de treinamento e doma de cavalos na periferia de Pelotas/RS.

Lucia Wachholz - Veterinária, tem uma hospedaria e um centro de treinamento e doma de cavalos na periferia de Pelotas/RS.

Eliezer Dias de Souza - Poeta, técnico em administração rural na Universidade da Região da Campanha em Bagé/RS. Reside na cidade de Bagé e possui propriedade rural em Mei’água - Hulha Negra.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

O ofício de domador caracteriza a pecuária que se desenvolveu no pampa. A configuração social, econômica e cultural que se desenvolveu está originalmente associada à introdução, pelos conquistadores europeus, de gado bovino e cavalos nesse território. A pecuária configurou o modo de vida, as relações entre objetos, animais e humanos e a paisagem¹. Os cavalos chegaram à América através das Antilhas e foram introduzidos no pampa no século XVI quando a primeira expedição para a fundação de Buenos Aires fracassou ficando para trás, diversos cavalos que se procriaram naturalmente encontrando um clima, solo e campo favoráveis. Tornaram-se importantes tanto para o comércio que era realizado pelos conquistadores europeus, como também para os nativos da região. Em campo vê-se a estreita relação entre o gaúcho e o cavalo estando este presente em todas as entrevistas. Segundo Eliezer Souza “cavalo mantém o vínculo com o campo. Esse contato com o cavalo é o que te leva ao campo. Tirou o cavalo do gaúcho ele não é mais nada.” Esse contato mantém o vínculo do campeiro com o meio rural quando este vai residir no meio urbano.

Jacques (2008, p. 41) entende que essa configuração histórica que se desenvolveu no pampa possibilitou o nascimento de uma “Escola de Equitação Gaúcha”. Essa escola, que chegou à América com os europeus, surgiu no movimento das Cruzadas que foram movimentos militares, sob o comando da Igreja Católica da Europa Ocidental, que entre os séculos XI e XIII objetivou recuperar a Terra Santa (hoje território da Palestina). Segundo o autor foi nesse movimento em que se capacitou o uso do cavalo como arma de guerra. Antes considerado o “motor da vida dos povos” sendo o principal meio de transporte torna-se principal arma de guerra proporcionando o desenvolvimento da escola de equitação. Essa escola de equitação que se desenvolveu na Europa Ocidental chamava-se “brida” que tinha um cavalo grande, pesado, protegido por uma armadura, sendo montado por um cavaleiro também cheio de armaduras além de lanças e escudo sendo essa equitação voltada para o choque da carga. Pelo lado dos mouros, que invadiram a península ibérica como resposta aos ataques dos cruzados, tinha-se a “escola gineta”, termo que vinha de Xenetes, povos do norte da África que tinham esse tipo de cavalo. Por sua vez, estes montavam cavalos pequenos e ágeis usando o arco, a flecha e a espada. Assim, enquanto a escola brida tinha como tática de guerra o embate frontal com pouca mobilidade lateral, a escola gineta recusava o ataque frontal, atacando pelos flancos e retaguarda fazendo uma guerra de grande mobilidade. A entrada da escola gineta na Europa transformou a escola de equitação brida sendo, de acordo com o autor, a hibridização dessas duas escolas que chegou à América trazida pelos conquistadores europeus. “O cavaleiro usava um cavalo enérgico, que praticava as escaramuças das escolas vigentes da época, uma armadura leve que lhe abrigava o peito, um elmo que não lhe tapava o rosto, que lhe permitia obrar com velocidade e agilidade.” (JACQUES, 2008, p. 26). A doma gaúcha consiste na integração da Escola de Equitação Ibérica, voltada para a guerra, e Escola Índia que entendia o cavalo como “continuação de seu ambiente”. De acordo com o autor a sociedade que se formou no pampa, sociedade de pastores e guerreiros, desenvolveu o que chama de “cultura do cavalo” que se reflete hoje nos diversos tipos de provas e eventos onde o cavalo é o elemento central.

De acordo com Minga Blanco a doma que se desenvolveu na região platina é uma doma de guerra sendo uma doma rápida, apurada, diferente da doma indígena baseada na paciência e calma. Nas guerras havia uma demanda muito grande de cavalos para o deslocamento das colunas, dos exércitos e nesse sentido tinha-se a necessidade de arrebanhar cavalos. Assim, as tropas de cavalaria enviavam os chamados “potreadores” (JACQUES, 2008, p.40), que arrebanhavam cavalos selvagens para a tropa. Os cavalos de combate iam ao lado, “de tiro”, pois eram cavalos usados somente no momento do combate. Esses cavalos eram encerrados dentro de uma mangueira onde eram pegos e já se colocavam os arreios e bocal e esses iam sendo domados no andar da marcha.

¹ REICHEL, Heloisa Jochims. **Fronteiras no Espaço Platino**. In: História Geral do Rio Grande do Sul: Colônia. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 43 – 63.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

Essa forma de domar é vista como bruta, pois o cavalo é adestrado através da imposição, da força, da violência e foi onde, de acordo com Minga Blanco, surgiram as ginetiadas. O cavalo, segundo Minga Blanco, possibilitou ao indígena explorar o pampa, pois estando a pé não era possível. Nesse sentido, o indígena criou um modo próprio de domar, onde através da paciência e calma, o animal é conquistado. De acordo com Jacques (2008) os indígenas enxergavam o cavalo como continuação de seu ambiente. Essas duas formas de domar não se opõem, estando interligadas, e conviveram e convivem juntas até os dias atuais.

A doma em primeiro momento era feita em campo aberto, onde os cavalos selvagens eram arrebanhados, caçados através das boleadeiras e presos ao palanque onde eram trabalhados. Com o surgimento das estâncias passou-se a usar a mangueira para prender os cavalos a serem domados. No interior desta, no que chamam de “praia da mangueira”, eram laçados e levados ao palanque para serem “amanuciados” (amansados, aproximando a presença e ao toque do humano) ou já eram maneados (presos por uma manieira nas patas), encilhados, embocalados, e tirados para fora da mangueira para serem montados. Assim o domador percorria de estância em estância domando cavalos sendo estes voltados para a lida na estância, para transporte, deslocamento das pessoas no campo e para a guerra. Tinham-se os tropilheiros que levavam diversos cavalos de mesmo pêlo amadrinhados pela égua madrinha que era um animal já domado, manso, experiente que usava uma sineta no pescoço sendo que o som desta fazia com que os demais cavalos ficassem em volta dela, não se dispersando. Seu Nelson era um domador que andava assim e se orgulha de dizer que sempre “foi livre”, nunca tendo patrão. Nas tropeadas também eram levados cavalos para serem domados. Com as transformações da pecuária no pampa o ofício da doma se modificou. Howes Neto (2006) mostra que a doma hoje raramente se faz nas estâncias. Com a especialização das técnicas a atividade se transferiu para ambientes próximos dos centros urbanos sendo reelaborada e relacionando de forma diferente o homem e seu universo de trabalho. Exemplo disso é a doma para competição em eventos (provas de freio-de-ouro, ginetiadas) que se fazem nas hospedarias para cavalos ao redor dos centros urbanos e as “cabanhas” que são estabelecimentos especializados na criação e desenvolvimento da genética de uma determinada raça ou linhagem.

Essas transformações no ofício da doma tem relação com o fato de, em 1931, os estancieiros criarem a ABCCC (Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Crioulo) na busca de padronizar a raça do Cavalo Crioulo que abrange animais descendentes dos cavalos da península ibérica que vieram para a América com os conquistadores europeus, trazidos do velho mundo por serem considerados os mais resistentes. Em 1982 criou-se a prova do Freio de Ouro como forma de incentivar a criação da raça sendo o primeiro vencedor o cavalo Itaí Tupambaé, da Cabanha Tupambaé localizada em Dom Pedrito, montado pelo ginete Vilson Charlat de Souza. Em entrevista ao jornal Diário Popular de 26 de agosto de 2012, o então ex-ginete mostra que guarda o couro do cavalo que morreu dois anos após ter sido o campeão. Vilson no dia da entrevista com 78 anos, diz que “muita gente achou loucura guardar o cavalo que já tinha morrido, mas é uma lembrança muito grande, não só pra mim, mas para todo o pessoal do Cavalo Crioulo”. Nas provas do Freio-de-Ouro é avaliada a “habilidade campeira do cavalo”. (Jornal Zero Hora de 29 de agosto de 2011).

Portanto, a doma é um ofício das lidas campeiras que se atualizou, difundiu-se para os ambientes urbanos. Em campo diversos domadores foram encontrados assim como treinadores como Pedro Mógliã, que preparam cavalos para se apresentarem em eventos. Cabe salientar que estes animais quando são encaminhados para o treinamento, já estão domados. Segundo os entrevistados domar é um ofício em que é preciso vocação, coragem e força sendo um trabalho predominantemente masculino. Com o advento da doma racional as mulheres também passaram a dedicar-se a doma como é o exemplo de Liliã, que doma seus próprios cavalos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

O naturalista Charles Darwin, em sua viagem à América no século XIX, descreveu o ofício do domador em localidade próxima a Mercedes, no Uruguai: *“Uma noite um **domidor** veio com o propósito de domar alguns potros. Vou descrever os passos preparatórios, pois acredito que eles não foram mencionados por outros viajantes. Uma manada de jovens cavalos selvagens é levada para dentro do curral, ou uma grande área cercada de postes, e a porteira é fechada. Vamos supor que um homem sozinho tenha que pegar e montar um cavalo que nunca sentiu rédea ou sela. Imagino que, não fosse executado por um gaúcho, tal feito seria totalmente impraticável. O gaúcho escolhe um potro bem crescido e, enquanto o animal corre ao redor do picadeiro, ele atira seu laço para pegar as patas dianteiras. Instantaneamente o cavalo rola com um golpe pesado, e enquanto ele se debate no chão, o gaúcho, segurando firme o laço, faz um círculo para pegar uma das patas traseiras perto do casco e então puxa para perto das patas dianteiras dele. Nesse momento, ele aperta o laço, para que as três fiquem presas juntas. Então, sentado no pescoço do cavalo, ele fixa uma forte rédea, sem bocado de freio no maxilar inferior. Consegue isso fazendo passar uma correia estreita pelo orifício da extremidade das rédeas e dando várias voltas em torno da mandíbula e da língua do cavalo. As duas patas dianteiras estão agora amarradas juntas firmemente com uma forte tira de couro, apertadas por um nó de correr. O laço, que prendia as três patas juntas, assim que afrouxado, permite que o cavalo se levante com dificuldade. O gaúcho, agora segurando firme a rédea presa no maxilar inferior, leva o cavalo para fora do curral. Se um segundo homem está presente (de outra forma o trabalho é muito maior), ele segura a cabeça do animal, enquanto o primeiro lhe põe os arreios e a guarnição completa e amarra tudo junto. Durante essa operação, o cavalo, assustado e surpreso por ser assim amarrado pela cintura, atira-se no chão várias vezes até que, cansado, recusa-se a se erguer. Finalmente, quando o encilhamento está completo, o pobre animal mal consegue respirar de medo e está coberto de suor e espuma branca. O homem agora se prepara para montar, apertando fortemente os estribos para que o cavaleiro não perca seu equilíbrio. No momento em que ele lança sua perna sobre o lombo do animal, puxa o nó corredeço, soltando as patas dianteiras da besta, que fica livre. Alguns **domidores** puxam o nó enquanto o animal ainda está deitado no chão e, montados na sela, esperam que o animal se ponha em pé. O cavalo, transfigurado pelo terror, dá os mais violentos saltos e então parte em disparada. Assim que o animal atinge a exaustão, o homem, com paciência, o traz de volta ao curral, onde, esfumaçando de calor e quase morta, a pobre criatura é libertada. Esse processo é tremendamente severo, mas após duas ou três vezes o cavalo está domado. Não é, contudo, senão algumas semanas depois que o cavalo é montado com o bocado de ferro e anel sólido, pois ele deve aprender a associar a vontade do cavaleiro com a sensação da rédea, uma vez que, antes disso, mesmo a mais poderosa brida não serviria para nada”.* (DARWIN, 2010. pp. 183-184)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

MÚSICAS:**ESPANTANDO BAGUAL**

(MANO LIMA)

Temo domando

Temo aprendendo, temo ensinando.

O homem é igual ao cavalo quando é bom já nasce pronto
 Mas a vida é que dá o pealo para deixar de ser potro
 O cavalo se ajeita no freio e o homem na luta em que passa
 Um se conhece em rodeio e o outro na causa em que abraça.

Temo domando

Temo aprendendo, temo ensinando.

O mundo é que doma o homem e o homem é quem doma o cavalo
 Uns atropelam no laço e outros já nascem domados
 Não sou xucro, nem domado sou manso só de selim
 Se me botarem no arado quebro a coice o balancim.

Temo domando

Temo aprendendo, temo ensinando.

DOMA GAÚCHA

(JOCA MARTINS)

A primavera vem trazendo no seu manto
 Viço pra o campo e pêlo novo pra manada
 Um manso que vai, um xucro que vem
 Um potro que cai na armada
 Dia a dia a serventia é comprovada.

O queixo atado, a velha doma gaúcha
 "Son cosas brujas" qual ponteio de guitarra
 O tempo se vai, um costeio mais
 No bagual que sai e esbarra
 Outra sova e já se tem pingo pras garras.

A minha gente segue firme campo a fora
 Tinindo esporas por Rio Grande se traduz
 Alma de campo na amplidão do pampa largo
 Um descampado que o bom Deus banhou de luz.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

Num valseado... O potro dança "escramuçado"
Sem ressábios pra um aparte de rodeio
Por "domero" sei de cordas e cavalos
Sovados de arreio, de freio "costeados"
"Muy" bem "rendados".

Mansos de baixo e do lombo nem se fala
Feito uma bala num estampido de trovão
Num upa se foi a terra levanta
Pecha no boi e então
Esta lida é de paciência e vocação.

Fazer cavalo pras precisão do serviço
É o compromisso de quem nasce sendo alguém
Um homem se vai, um outro que vem
Herança de pai que tem
Bocal e rédeas pra ensinar o que convêm.

DOMA TRADICIONAL (WALTHER MORAIS)

Entre patas e relinchos
E alguns manojos de crina
É que vive esse ginete
Entre o rio grande e a argentina
Pra entrega o cavalo manso
Só quando a doma termina
Do potro me fiz escravo
Tropilhas buenas de bravo
Que um índio taura arrocina.

Forma potros na mangueira
Pealo e bota o buçal
Em seguida a maneia
Depois enfio o bocal
Sempre tive este cuidado
Domo pra não puxar mal
É a forma que aprendi
A doma tradicional
É a forma que aprendi
A doma tradicional.

Bem orelhado o ventena.
Bota a carona e o socado
Cincha no osso do peito
E deixo bem apertado
Pelego, cinchão e rabicho.
Monto o que já tá encilhado
Se o maula sair berrando
As rosetas vão cortando
E eu vou batendo cruzado.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

Gosto do urco veiaço
 Que saiba corcovear
 Desses que dobra o espinhaço
 Fazendo um arco no ar.
 Que se brandeie lá em cima
 Tenteando me derrubar
 Deixo o maula cortado
 Depois de queixo quebrado
 Aprende a me carregar.

CADELA BAIA

(MANO LIMA)

A minha doma é na base do “iá há há”
 Deixo que corra a vontade embalo o corpo pra golpear
 Dou-lhe um tirão lá no fundo da invernada
 E outro aqui na chegada e nesse já faço esbarrar.

Conto com a sorte e com minha cadela baia
 Que às vezes a pobre me ajuda e outras vezes me atrapaia
 Eu mesmo pego, eu mesmo encilho, e eu mesmo espanto
 Depois que eu salto pra arriba nos arreios eu me garanto.

Depois que eu boto a curva da perna no arreio
 Pode frouxar minha cadela só que rache pelo meio
 A minha cadela sai pegando pelas ventas
 E afirmo na soiteira e abraço nas ferramentas.

Pra quem não sabe meu apelido é polvadeira
 E desde que vim da fronteira dou pau em égua aporreada
 Meu professor foi o maragato Antenor
 Que mora ali no corredor pra diante da encruzilhada.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

AMADRINHADOR

(LUIZ MARENCO)

Quem pensa que em si se basta não conhece o mandamento
 Não hay tormenta sem vento e nem cambona sem alça
 Uma guampa sem cachaça, cabelo negro sem flor
 E nem tropilha machaça sem ter bom amansador.

Se o potro baba a flexilha, da própria sorte se olvida
 Como se embaixo mandinga viesse apertando as virilhas
 Num transe de vida e morte, o bagual e o domador
 Tem anjo da guarda e sorte nas mãos do amadrinhador.

Assim com verso crioulo bebido em laje de sanga
 Bem quando a flor da pitanga beija o remanso do arroio
 Verte a água da parede denunciando um nascedor
 Pra mim que nasci com sede, de lá mostrou um payador.

Eu sigo a filosofia daquele andejo e errante
 Que deixou impresso o semblante do canto na geografia
 Viu a gruta dos assombros e o rastro do boi barroso
 E nos trouxe sobre os ombros, versos que a bruxa escondia.

O GAÚCHO E O CAVALO (OS MONARCAS)

Me cansei de patacoadas
 E fandango sem rodeios
 Tardes de falsos campeiros
 E montão contra o confreio.
 Chega de brutalidades
 De rasgar cavalo ao meio
 Porque cavalo e gaúcho
 Desta pátria são esteio.

Quem sou eu sem meu cavalo
 O que será dele sem mim
 Talvez dois seres perdidos
 A vagar pelo capim.
 Quem sou eu sem meu cavalo
 O que será dele sem mim
 Porque quando morre um cavalo
 Morre um pedaço de mim.

O que será dele sem mim
 Porque quando morre um cavalo
 Morre um pedaço de mim.
 Foi feita sobre o cavalo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

Quem sou eu sem meu cavalo
 O que será dele sem mim
 Talvez dois seres perdidos
 A vagar pelo capim.
 Quem sou eu sem meu cavalo

Nunca se monta num potro
 Sem antes amanuncia-lo
 Parceiro a gente conquista
 Não prende a força de pealo.
 Tem que respeitar o amigo
 Que nos serve de regalo
 até nossa independência

Um gaúcho sem cavalo
 É um arreio sem estribo
 É igual a um pajé solito
 Sentindo a falta da tribo.
 É mutante sem destino
 Que não acha lenitivo
 É um ser sem ideal
 Que não honra o chão nativo.

Quem sou eu sem meu cavalo
 O que será dele sem mim
 Talvez dois seres perdidos
 A vagar pelo capim.
 Quem sou eu sem meu cavalo
 O que será dele sem mim
 Porque quando morre um cavalo
 Morre um pedaço de mim.

Quem sou eu sem meu cavalo
 O que será dele sem mim
 Talvez dois seres perdidos
 A vagar pelo capim.
 Quem sou eu sem meu cavalo
 O que será dele sem mim
 Porque quando morre um cavalo
 Morre um pedaço de mim.

PREÇO DA DOMA
 (LEONEL GOMEZ)

O preço da doma no 5º Distrito de Piratini
 É o mesmo que pagam na costa do mato do Palmaroti.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

Não há diferença de São Gabriel para o Cacequi
O preço é igual do Rio Jaguarão até o Quarai.

Pra agarrar de campo, tironear dos queixo, sacar cóska e balda
É sempre um salário não importa o bruto de cada pegada.

Pra adoçar de boca, amansar de cincha, cabresto e garupa
Ninguém mais pergunta, um salário basta pra esta lida bruta.

O que não se sabe é quanto cobra a doma para o domador
A peso de ouro nos pulsos e no couro do amansador.

A doma que engana, quando empresta a fama respeito e altura
Vai cobrar no cerno a dor dos invernos pelas quebraduras.

Ofício antigo, de corda e coragem, de ferro e linhagem,
De braço e nobreza, ofício de campo, de campo e pobreza.

9.3. CRONOLOGIA	
DATA	DESCRIÇÃO
Séc. XVII - 1626	Fundação dos Sete Povos das Missões.
Séc. XVII até princípio do XIX	Caça ao gado selvagem no pampa para retirada do couro.
Início séc. XVIII	Concessão de sesmarias; ocupação do Rio Grande do Sul
Séc. XVIII - 1703	Primeiro caminho de tropas oficial: "Caminho da Praia" – ligava Colônia do Sacramento à Laguna
Séc. XVIII - 1728	Segundo caminho de tropas oficial: "Caminho dos Conventos" ou "Caminho de Sousa Farias" – ligava Araranguá, passando pelos Caminhos de Cima da Serra até Curitiba
Séc. XVIII - 1730	Terceiro caminho de tropas oficial: "Caminho das Tropas – origem em Viamão, passando pelos Campos das Vacarias, pelo rio Pelotas, Campos de Lages, Campos Curitibanos, rio Negro, rio Iguaçu, Campos Gerais de Curitiba, chegando em Sorocaba.
Séc. XVIII - 1750	Tratado de Madri.
Séc. XVIII	Consumo dos produtos da pecuária em razão do ciclo minerador nas Gerais.
Séc. XIX – 1809	Primeira divisão administrativa da Província de São Pedro: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre.
Séc. XVIII e XIX	Instalação das estâncias e de charqueadas em Pelotas e Bagé.
Séc. XIX	Introdução do arame para cercamento das propriedades.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

Séc. XX	Criação de associações e cooperativas de criadores de bovinos, equinos e ovinos, entre outros.
Séc. XX	Instalação de centros de doma e treinamento de cavalos nos núcleos urbanos
Séc. XX	Instauração de cursos para aprimoramento dos trabalhadores rurais em instituições privadas e públicas municipais, estaduais e federais, como sindicatos rurais, associações de criadores, EMBRAPA, etc.
1931	Criação da ABCCC (Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Crioulo).
1981	Criação da Prova de Freio de Ouro.
2002	O Cavalo Crioulo é adotado como spimbolo do estado do Rio Grande do Sul.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS

10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS
Lidas Campeiras

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO	
ETAPA	ATIVIDADE
Amanunciação	<p>Segundo os entrevistados a preparação do cavalo para a doma, chamado de “amanunciar o potro”, começa a partir de quando este completa quatro meses momento em que este já pode ser desmamado. Amanunciar significa domesticar o animal acostumando-o este com os humanos e com os instrumentos utilizados para a montaria e trabalho para que no momento de “quebrar o queixo” o animal esteja manso e acostumado com esses instrumentos facilitando o trabalho dos agentes envolvidos. Algumas praticas desta etapa são escovar o pêlo, “palmear” que significa tocar, acariciar com as mãos, dar ração, ensinar a cabrestear, entre outros sendo que o cavalo pode ser “amanunciado” pelo domador ou já vem manso tendo sido preparado pelo dono. Segundo Sérgio, antigamente não se fazia esse trabalho de amanunciar, ou seja, o potro era pego “xucro” (não domesticado) para a doma o que demandava muito mais força de trabalho. Esses cavalos eram então colocados na mangueira e interior desta, no que chamam de “praia da mangueira”, eram laçados e levados ao palanque para serem “amanuciados”. No palanque deixavam este por algum tempo para se amansar ou, como diz Jacques, (2008) impor limites ao potro, começar o processo de sujeição. Por outro lado não se fazia esse processo e os cavalos eram laçados ou pealado, maneados (presos por uma maneia nas patas), encilhados, embocalados, e tirados para fora da mangueira para serem montados. O ato de amanunciar facilita muito o trabalho do domador.</p>

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini</p>	<p>2013</p>	<p>F60</p>	<p>4</p>
---	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------

<p>Quebrar o queixo ou puxar o cavalo.</p>	<p>Após a preparação do animal (“amanunção”) vem à etapa denominada “quebrar o queixo” onde simboliza o principal momento de dominação deste pelos humanos. De acordo com as descrições de Lucia e Sérgio esta etapa ocorre da seguinte maneira: Dentro da mangueira leva-se o cavalo para ser trabalhado. Neste local ele é derrubado e depois “maneado” (preso nas patas e mãos por uma corda de couro ou náilon chamado “maneia”), para não se “debater”, ou seja, se agitar com violência visando resistir à ação numa tentativa de se desprender. Feito isso, amarra-se e aperta o bocal no queixo do cavalo. No bocal está anexado as rédeas na qual os agentes colocados atrás do cavalo irão puxar o queixo na direção do peito dando alguns “tirões” e depois ficar puxando a corda até este “patear” que significa dizer que esta demonstrando resistência. Puxa-se três vezes para cada lado sendo que é o domador quem determina a quantidade e intensidade dos “tirões”. De acordo com Sérgio, sabe-se que “está pronto” (os objetivos da ação foram conseguidos) quando o animal “pateia”. Eliezer chama essa maneira descrita anteriormente de puxar de baixo onde em vez de serem pessoas que puxam, utiliza-se outro cavalo. Também o entrevistado descreve como era a maneira mais antiga onde os cavalos pegos na mangueira eram levados para fora desta já com as encilhas e montado e após o domador fazia o cavalo sair para frente (o que se chama “espantar”), corcoveando e correndo e em determinado momento “leva as duas mãos e dá aquele tirão e vai lá pra trás [...] na anca do cavalo e puxa de cima, se chama “puxar de cima”. O objetivo do ato de “quebrar o queixo” ou “puxar o cavalo” é deixá-lo “sensível de boca” e assim nas próximas etapas este já esteja atendendo aos comandos do domador. Se o cavalo fosse “duro de boca”, não se sensibiliza-se, puxava-se de cima e de baixo. Os métodos assim, são determinados conforme o temperamento do cavalo podendo ser “manso” ou rebelde, “velhaco”. Na doma racional não se quebra o queixo, ensina-se o cavalo através do bridão.</p>
<p>1º Galope</p>	<p>A terceira etapa consiste em montar no cavalo que, segundo Sérgio, é a etapa mais perigosa da doma. Montar significa subir no animal, que esta com os arreios, e trabalhar ele para que se acostume. Já na amanunção são colocados os arreios no cavalo visando habituá-lo o que se chama “tirar as coscas”. Ao ser montado o cavalo começa a corcovear. O domador tem de ficar em cima mostrando-o que deve acostumar-se com esse fato. Nesse momento é acompanhado pelo “amadrinhador” sendo quem acompanha montado num outro cavalo, auxiliando o domador. É no cavalo do amadrinhador que está preso o animal a ser domado. Após esta etapa o cavalo segue sendo trabalhado e treinado (nos primeiros ainda acompanhados do amadrinhador) todos os dias. A intensidade do trabalho é determinada conforme o animal vai ficando “sujeito” e atendendo os comandos do domador. O conjunto dessas primeiras etapas eram chamadas “primeira sova” onde após esta os cavalos eram soltos no campo para descansar. A próxima etapa consiste em enfrenar.</p>
<p>Enfrenar</p>	<p>O processo de adestramento do cavalo é contínuo e demora alguns anos. Embora fique manso de bocal e montaria em alguns dias, nas entrevistas viu-se que para o processo ficar completo demora mais de um ano, como por exemplo, o cavalo para correr a prova do Freio-de-Ouro, que é a etapa máxima da equitação gaúcha (Jacques, 2008), deverá no mínimo estar a três anos sendo trabalhado. Pode considerar o momento de enfrenar o cavalo como a etapa final do processo de adestramento. A submissão total do cavalo acontece quando este passa a atender o freio. Eliezer diz que “a ciência da doma” esta no freio e o domador tem que saber o momento certo, de acordo com o aprendizado do cavalo, para enfrenar. No início bota-se o freio sem montar no cavalo e o deixa mangueira, “mascando o freio”, pode ser com a rédea ou sem a rédea, com as rédeas cruzadas por cima, cruza as rédeas e ata por baixo na barriga do cavalo. Faz-se isso para ele ir “mascando o freio”, pra ele conhecer o freio, “calejar” a boca. Depois anda-se com ele do lado com o freio, sujeita, puxa, sempre com cuidado pra não machucá-lo, para não feri-lo, pois ele já esta sensível da boca.</p>

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Domador	Adestrar o cavalo.
Amadrinhador	Acompanha o domador no momento de montar, montado num cavalo já domado. Na cincha do cavalo do amadrinhador está preso um laço que prende o cavalo a ser domado para controlar este e não causar acidentes.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	MANGUEIRA - Cercas de arame, madeira ou pedra de formato circular e de tamanhos variados.
QUEM PROVÊ	O proprietário da hospedaria ou da estância.
FUNÇÃO	Espaço onde os cavalos ficam presos durante os processos de iniciação da doma.

DESCRIÇÃO	COCHEIRA - Na hospedaria de Sérgio e Lucia a cocheira consiste num estabelecimento constituído em parte de madeira e em parte de tijolos dividido em 15 baias tendo forragem, em geral, de casca de arroz que chamam cama.
QUEM PROVÊ	O proprietário da hospedaria ou da estância.
FUNÇÃO	Abrigo para cavalos.

DESCRIÇÃO	PALANQUE - Tipo de "poste" feito de tronco de árvore de aproximadamente 2 metros de altura, podendo, esta medida, ser variada. Possui, próximo à sua extremidade superior, um entalhe na madeira ao redor de toda a circunferência, local onde apoia-se e amarra-se o cabresto do cavalo. Em geral, localiza-se em mangueiras próximas ao brete ou em poteiros ou piquetes.
QUEM PROVÊ	O proprietário da hospedaria ou da estância.
FUNÇÃO	Sujeitar, prender os cavalos a serem domados.

DESCRIÇÃO	REDONDEL – tipo de mangueira redonda, com piso de chão batido ou areia, feita de madeira para trabalhar com o cavalo na doma e treinamentos.
QUEM PROVÊ	O proprietário da hospedaria ou da estância.
FUNÇÃO	Local para trabalhar com os cavalos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	ARREIOS - Conjunto de peças de couro para montaria. Em geral compõem-se de: buçal, baixeiro ou xergão, carona, lombilho, cincha, pelego e sobre-chincha.
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Essas peças são utilizadas para arrear o animal para montá-lo.
DISPONIBILIDADE	A maioria das peças de arreios pode ser encontrada em casas especializadas; alguns artefatos podem ser confeccionados por artesãos ou pelos próprios domadores.

DESCRIÇÃO	XERGÃO: é um artefato confeccionado em lã crua, em geral produzido artesanalmente, através da fiação e tear. Seu formato é aproximadamente um retângulo e deve cobrir todo o lombo do animal, caindo pelos lados do mesmo, não chegando a cobrir toda a região das costelas do cavalo. Todos os outros artefatos que fazem parte dos arreios de montaria apóiam-se sobre o xergão.
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Serve para proteger o lombo do animal contra o atrito do basto/sela/serigote.
DISPONIBILIDADE	O xergão pode ser confeccionado na própria estância, porém, em geral, é comprado de mulheres que trabalham com a fiação da lã e a confecção do artefato com o tear.

DESCRIÇÃO	CARONA – em geral é feita de couro. Atualmente é confeccionada artesanalmente ou industrialmente. Suas matérias-primas, além do couro, podem ser materiais sintéticos como esponja forrada com tecidos de algodão ou poliéster. É posta sobre o xergão e suas medidas são aproximadamente as mesmas deste.
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	É utilizada para minimizar o impacto dos arreios sobrepostos no animal.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionada na própria estância, ou ser adquirida através da compra de terceiros, diretamente com o fabricante, ou em lojas especializadas.

DESCRIÇÃO	BASTO/SELA/SERIGOTE – artefatos de formatos diferentes, confeccionados em couro e materiais sintéticos, como vinil imitando couro. Porém o couro é a matéria-prima de preferência. Pode ser feito artesanalmente ou industrialmente, o que, nos dias atuais, é mais comum.
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	São utilizados para a mesma função: que o cavaleiro monte o cavalo com maior equilíbrio e segurança.
DISPONIBILIDADE	Comumente, adquirem-se esses artefatos em lojas especializadas, com recursos próprios.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4

DESCRIÇÃO	CINCHÃO (OU CINCHA) E BARRIGUEIRA - É uma tira de couro de um palmo e meio de largura (aproximadamente), duplo (duas trias costuradas juntas), que contém duas argolas de metal em suas extremidades mais compridas (mais ou menos 50 cm de comprimento). Nessas argolas, a BARRIGUEIRA é presa. Este é um artefato confeccionado com várias tiras de barbantes grossos (em torno de 8 ou 10 tiras), em cujas extremidades são colocadas argolas de metal, que servem para unir este objeto ao cinchão. Enquanto o cinchão fica sobre o basto, a barrigueira passa por baixo da barriga do cavalo. A união entre o cinchão e a barrigueira, ocorre através de LÁTEGOS.
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O cinchão serve, junto com a barrigueira, para segurar os arreios anteriormente descritos, sobre o lombo do cavalo.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas. O couro pode ser produzido na própria estância, porém as argolas de metal e o barbante são comprados com recursos do entrevistado em lojas comerciais. As argolas podem ser compradas diretamente de ferreiros - especialistas em trabalhar com metais.

DESCRIÇÃO	LÁTEGOS - são tiras de couro de dois dedos de largura (couro cru) que podem ter até 2 metros de comprimento
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	São enrolados nas argolas do cinchão e da barrigueira, concomitantemente, unindo esses dois artefatos e mantendo o basto sobre o cavalo, evitando que os arreios fiquem soltos durante a montaria.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas.

DESCRIÇÃO	LOROS - são artefatos confeccionados, em geral, em couro. Os loros são feitos, comumente, de duas tiras de couro, de dois dedos de largura, unidos por costuras em fios de couro (tentos) ou, industrialmente, por fios de barbante reforçados. O loros têm aproximadamente um braço de comprimento, (as tiras de couro dos loros são de aproximadamente dois dedos de largura). São unidos ao basto/sela/serigote através de látegos - em um local específico do basto (em argolas de couro ou de metal que estão presos ao basto para passar os látegos).
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Servem para prender os estribos ao basto/sela/serigote.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas.

DESCRIÇÃO	ESTRIBOS - Os estribos têm formato variado, porém parece-se com argolas grandes, com a porção inferior, onde o cavaleiro apoiará o pé, podendo ser de formato achatado ou arredondado. São feitas de metal (ferro, inox) e são postos nas laterais do cavalo, para o cavaleiro calçar o pé e firmar-se quando está montando o cavalo. São presos ao basto/sela/serigote por meio dos LOROS. Os estribos ficam presos aos loros e esses, são presos ao basto/sela/serigote, através dos látegos. Cada estribo fica de um lado do cavalo e seu comprimento de uso depende do comprimento das pernas do cavaleiro
------------------	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Artefatos utilizados para apoio dos pés do cavaleiro, permitindo maior equilíbrio na monta.
DISPONIBILIDADE	São comprados de ferreiros especializados, ou em casas comerciais.

DESCRIÇÃO	PELEGOS – São feitos da pele inteiriça de ovinos, a parte “carnal” é a de contato com a carne do ovino <i>in vivo</i> . A parte externa é a lã do ovino sem que este tenha sido tosado (tosa: retirada do excesso de lã dos ovinos para venda desse material e para aliviar os animais do calor do verão). Os pelegos são colocados sobre o basto/sela/serigote, com a parte externa (lã) voltada para cima. Pode ser utilizado um ou mais pelegos sobrepostos.
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Minimiza o atrito das pernas do cavaleiro com o basto/sela/serigote. É para proteção do cavaleiro.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas.

DESCRIÇÃO	BADANA – artefato de couro, praticamente bidimensional, É o artefato que fica sobre todos os outros (com exceção da cincha e barrigueira) e nem sempre é utilizado (opcional). Tem o tamanho aproximado dos pelegos, em geral, um pouco mais curto e estreito que esses.
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Serve para proteger as pernas do cavaleiro do contato direto com os pelegos.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionada na estância ou comprado em lojas especializadas.

DESCRIÇÃO	CINCHA (OU SOBRE-CINCHA) E BARRIGUEIRA – São praticamente os mesmos artefatos “cinchão e barrigueira”, porém a cincha (sobre-cincha) nesse caso é de aproximadamente 10 cm de largura e 60 a 70 cm de comprimento, mais ou menos). A barrigueira que faz parte desse conjunto, também costuma ser um pouco mais comprida, ainda que sua largura possa ser a mesma da primeira barrigueira (que faz parte do cinchão).
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Têm a função de manter os pelegos em seu lugar para a montaria do cavaleiro, evitando quedas.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas. O couro pode ser produzido na própria estância, porém as argolas de metal e o barbante são comprados com recursos do entrevistado em lojas comerciais. As argolas podem ser compradas diretamente de ferreiros - especialistas em trabalhar com metais.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

DESCRIÇÃO	CABEÇADA e RÉDEAS – A cabeçada é um artefato em couro que envolve a cabeça do animal com o objetivo de manter o FREIO na boca do cavalo. A cabeçada pode ser de couro liso, quase bidimensional, de largura variável, ou trançada, com vários tentos (finas tiras de couro). As RÉDEAS são presas nas “pernas” do freio. As rédeas são tiras de couro compridas (podem ser lisas, bidimensionais) ou trançadas, com as mais diversas tranças. As rédeas podem ter a espessura de um pouco menos de um dedo (quando trançadas) até quase dois dedos de largura, em geral lisas, de couro chato e cru (quase bidimensionais). Têm, em torno de 2 metros de comprimento, mas essa medida pode ser variada.
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Através das rédeas o cavaleiro consegue comandar o cavalo, pois cada uma (são duas), fica de um lado do pescoço do cavalo, em contato com essa parte do corpo do animal. Mas, principalmente, o comando ocorre porque o freio (que está na boca do animal) preso às rédeas através das “pernas”, pode ser ativado de acordo com o movimento que o cavaleiro faz com as rédeas. Através desse conjunto, juntamente com o freio, o cavaleiro pode levar o animal para os lados e pode “sofrenar” o cavalo (fazê-lo parar, puxando as rédeas para trás).
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas.

DESCRIÇÃO	BUÇAL e CABRESTO – O buçal, a exemplo da cabeçada, é um artefato de couro trançado tridimensional (com vários tentos) ou liso e chato, que envolve a cabeça do animal. Porém, ao contrário da cabeçada, não se prende ao freio, e sim, envolve o focinho do cavalo. O cabresto é uma tira de couro chato comprida. Pode ser quase bidimensional, de couro chato, ou trançado com vários tentos (tridimensional). Possui, em geral, mais de 2 metros de comprimento e largura variável (2 a 3 cm, podendo ter mais ou menos).
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Serve para guiar o cavalo (puxando-o, como uma guia) quando este não está sendo montado.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas.

DESCRIÇÃO	BOCAL: O bocal é uma gasca sovada, desquinada, que se ata ao queixo dos potros.
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Sua utilização esta relacionada à questão de sensibilizar a boca do cavalo fazendo com que aprenda a atender os comandos do cavaleiro.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas.

DESCRIÇÃO	FREIO – embocadura de ferro, metal, madeira, borracha que se compõem de barra, parte que vai dentro da boca, sem articulações. Compõem-se da barbeta que é uma corrente presa as argolas do freio que cruza por trás da queixada, e da cabeçada que é uma peça de couro, também presa as argolas, que cinge a cabeça do cavalo passando por trás das orelhas e que segura o freio na boca do cavalo.
------------------	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4

QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O freio exerce uma pressão na boca do cavalo fazendo obedecer aos comandos do cavaleiro.
DISPONIBILIDADE	São comprados de ferreiros especializados, ou em casas comerciais.

DESCRIÇÃO	LAÇO. Corda trançada, feita de couro, nylon ou outros materiais, com uma argola de metal em uma das extremidades. A outra extremidade passa por dentro da argola, formando um anel com acorda, que é girada no ar, jogada sobre o animal, e esticada quando enlaçando este, até derrubá-lo. O laço é um instrumento manual, que pode ser usado pelo homem montando cavalo, bem como, no chão, quando em espaços cercados.
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Prender e conduzir o cavalo no trabalho da doma.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas.

DESCRIÇÃO	REBENQUE/MANGO/ RELHO – são variações do mesmo artefato. Em geral, confeccionado em couro, possui cabo rígido, de madeira ou material sintético (cano de PVC, por exemplo). O cabo é forrado de couro, podendo apresentar vários tipos de desenhos de forração, podendo ser de couro liso ou trançado. Do cabo, sai uma porção de couro chato e comprido, com mais ou menos 5 cm de largura. Pode ter em torno de um metro de comprimento total variando para mais ou menos. Pode ter esse prolongamento trançado, a exemplo de outros artefatos confeccionados artesanalmente. O relho, em geral é bem mais comprido que o rebenque/mango, e pode ser bem semelhante a um chicote.
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Servem para instigar o animal a andar mais acelerado, batendo-se no mesmo com o artefato
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas; também pode ser adquirido diretamente dos artesãos (guasqueiros).

DESCRIÇÃO	BRIDÃO - embocadura de ferro, metal, madeira, borracha que se compõem de barra, parte que vai dentro da boca, ligada por articulações. O bridão é seguro pela cabeçada que é uma peça de couro, ligada através da argola, que cinge a cabeça do cavalo passando por trás das orelhas.
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O bridão exerce uma pressão na boca do cavalo, que é menor do que a do freio, fazendo obedecer aos comandos do cavaleiro.
DISPONIBILIDADE	São comprados de ferreiros especializados, ou em casas comerciais.

DESCRIÇÃO	MANEIA - Peça constituída por dois pedaços de couro, ligados por uma argola.
------------------	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Prender as patas do cavalo para este não fugir ou corcovear.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas; também pode ser adquirido diretamente dos artesãos (guasqueiros).

DESCRIÇÃO	MANEADOR - Peça de couro inteiriço para amarrar o animal, “puxando”o queixo e acostumando o cavalo com o contato com os arreios.
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Prender o cavalo.
DISPONIBILIDADE	Pode ser confeccionado na estância ou comprado em lojas especializadas; também pode ser adquirido diretamente dos artesãos (guasqueiros).

DESCRIÇÃO	ESPORAS - Apesar de serem usadas nos pés do cavaleiro, é parte da monta, portanto é apresentada juntamente com os arreios. É um artefato tridimensional e consiste de uma armação de metal (em geral ferro) em forma de “U”. Na sua volta externa (volta do “U”), uma “roseta” se encontra acoplada à armação, por meio de uma extensão (“papagaio” – de 3 a 4cm ou mais) do próprio metal. A parte interna da volta do “U” fica encaixada no calcanhar da pessoa que usa a espora; Uma corrente de metal ou o tento de couro faz um outro “U” que é acoplado por baixo do pé, firmando a espora no taco (salto) da bota do campeiro. Tentos de couro são utilizados fazendo voltas pela frente do pé, passando pela extensão de metal onde se encontra a “roseta”, com o objetivo de evitar que a espora se solte do pé. A “roseta” é um artefato de metal (em geral ferro ou latão) quase bidimensional, circular, achatado, de 2cm de diâmetro ou mais, com pontas agudas em toda a sua volta (pontas também variam de tamanho e de quantidade, de acordo com o tamanho da roseta). As esporas são utilizadas nos calcanhares dos trabalhadores campeiros, entretanto são entendidas como parte dos arreios e não do vestuário, pois atuam auxiliando no controle dos cavalos que estão sendo montados pelos peões.
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Incitar o animal a alterar a andadura (“apressar, apurar o passo”).
DISPONIBILIDADE	Adquirido em lojas especializadas ou direto com os ferreiros

DESCRIÇÃO	BOLEADEIRA – Instrumento, hoje em desuso, que constituía-se de três pedras redondas retovadas com couro e ligadas entre si por cordas trançadas chamadas “sogas” sendo duas pedras maiores ligadas por uma sogas de um metro e meio de comprimento e a terceira pedra, menor, ligada através de outra sogas ao meio da que liga as duas pedras maiores, com metade do comprimento.
QUEM PROVÊ	O domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Apreender os animais em campo aberto.
DISPONIBILIDADE	Aquirido diretamente dos artesãos (guasqueiros) ou confeccionados pelo próprio domador.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

10.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	As refeições são geralmente à base de carne, arroz, feijão e saladas, doces caseiros e sucos.
QUEM PROVÊ	O proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Alimentação dos trabalhadores campeiros e proprietários.

DESCRIÇÃO	Chimarrão ou mate.
QUEM PROVÊ	O proprietário ou domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Bebido enquanto a alimentação está sendo preparada, seja café da manhã, almoço ou janta. Tem, também, a função de sociabilidade: em uma "roda de mate" entre as mulheres ou os peões se reúnem para conversar sobre a lida cotidiana ou contar causos.

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

Não há.

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.8. TRAJES E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	A Pilcha é a vestimenta utilizada pelos homens campeiros. Compõe a pilcha: botas (calçado próprio para andar a cavalo, feito de couro, que envolve o pé e a perna), bombacha (calças presas por botões no tornozelo), lenço (feito de tecido e geralmente utilizado amarrado ao pescoço), alpargata, chapéu (feito de couro ou feltro); é <i>pilcha</i> todo objeto de valor ou adorno que faz parte da montaria do gaúcho.
QUEM PROVÊ	Proprietário ou o domador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Vestimenta.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

10.9. DANÇAS
 Não há.

DESCRIÇÃO	
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES
 Durante a execução da lida não há; Ver item 9.2: Narrativas e representações.

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS
 Não há.

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO
 Não há atividade específica.

EXECUTANTE	ATIVIDADE

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO <input checked="" type="checkbox"/>	VENDE <input type="checkbox"/>	TROCA <input type="checkbox"/>	OUTRO <input checked="" type="checkbox"/>	ESPECIFICAR – O produto destina-se a quem contratou o serviço.
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM <input checked="" type="checkbox"/>	NÃO <input type="checkbox"/>	PRINCIPAL FONTE DE RENDA <input checked="" type="checkbox"/>	COMPLEMENTO <input type="checkbox"/>

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4

MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO <input checked="" type="checkbox"/>	INTERMEDIÁRIO <input type="checkbox"/>	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO <input type="checkbox"/>
--------------------------------	--	--	---

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Não participam.

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Lidas Campeiras - Pastoreio	F60-1
Lidas Caseiras	F60-2
Lidas Campeiras - Esquila	F60-3
Lidas Campeiras - Ofício do Guasqueiro	F60-5
Lidas Campeiras - Aramado	F60-6
Lidas Campeiras - Tropeada	F60-7

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Ver item 7 da Ficha de Identificação: Sítio F10.
--

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL
Não há

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS
Não há

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
F1 – A2-1: 1181-1227; 645-696

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

16. OBSERVAÇÕES

16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Ver ficha F10-1, item 9.2.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

OFÍCIO DO FERREIRO - O ofício de ferreiro caracteriza-se pelo trabalho na confecção de ferros. No processo, o ferro é aquecido numa fornalha ou forja e logo após é moldado com um martelo na bigorna. Após estar confeccionado o artefato da marca, do sinal, ou da ferradura, é mergulhado em água fria ou óleo para ganhar as qualidades desejadas.

OFÍCIO DO CANTAREIRO – Artesão que trabalha com pedras na construção ou restauro de mangueiras, cercas, casas, galpões erguidos com essa matéria-prima. O trabalho do cantareiro inicia com a busca das pedras no leito de arroios e sangas e em pedreiras escondidas nas coxilhas dos campos¹. Para essa busca é necessário todo um saber, da extração das pedras em sua jazida, da forma de transporte utilizando alavancas e o próprio corpo, do trabalho nas rochas. Além da exigência das técnicas, é preciso força física para lidar com as pedras. É um ofício herdado de pai para filho e é raro atualmente; nas localidades inventariadas há informação sobre esse ofício ainda vigente em Herval e, também, na localidade de Capão do Leão, emancipado do município de Pelotas em 1982.

¹ GONÇALVES, Jussemar Weiis; FERREIRA, Letícia de Faria. O pampa , o cavalo, a pedra e o trabalho. Curitiba: IX Reunião de Antropologia do Mercosul, 2011. (Artigo apresentado no GT 15: Antropologia do Trabalho e Memória dos Trabalhadores).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Tabela de doma elaborada em reunião realizada com domadores no dia 28/01/1990, revisada em reunião ocorrida em 25/10/1993 e atualizada conforme a vigência da convenção coletiva de trabalho 2012/2013 do sindicato dos trabalhadores rurais de Bagé, Hulha Negra, Candiota, Aceguá e Pedras Altas, juntamente com o sindicato rural de Bagé que passou a vigorar em 01/03/2012 até 28/02/2013:

- **CAVALO DE SERVIÇO:** R\$ 678, 00 (Seiscentos e setenta e oito reais) por animal;
- **CAVALO DE CABANHA OU ÉGUA DE CABANHA:** R\$ 980,00 (Novecentos e Oitenta Reais) por animal;
- **CAVALO PURO SANGUE:** R\$ 678, 00 (Setecentos e setenta e oito reais) por animal, mais um proporcional aos dias em que o domador ficar à disposição;
- **CAVALO BULIDO OU DE TRAÇÃO – LIVRE NEGOCIAÇÃO;**
- **REPRODUTOR DE CAMPO OU ÉGUA REGISTRADA –** R\$ 690, 00 (Seiscentos e noventa reais) por animal;

A cada lote de cavalos domados, o domador terá direito a:

- Um couro vacum e um pelego;
- O domador deverá receber do proprietário dos cavalos a serem domados, um cavalo para o desempenho dos mesmos, devendo este ser devolvido assim que concluídos os trabalhos da doma;
- Cinquenta por cento (50%) dos valores acima estipulados deverão ser pagod separadamente na pegada do serviço e cinquenta por cento (50%) na entrega dos cavalos domados;
- Estes valores serão reajustados pelos maiores índices do reajuste normativo da categoria dos municípios de abrangência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bagé.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	4
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q60 – 6, 22, 30 e 31	
PESQUISADOR(ES)	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues e Daniel Vaz Lima.	
SUPERVISOR	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva e Marta Bonow Rodrigues	
REDATOR	Daniel Vaz Lima	10/04/2013
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Flávia Rieth	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CÓDIGO DA FICHA					
	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5
	UF	sítio-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Região de Bagé/RS e entorno (Pampa Sul-Rio-Grandense - Antigos Caminhos das Tropas)
LOCALIDADE	Prática do guasqueiro etnografada nas localidades abaixo, embora tenha ocorrência em todo o sítio inventariado: Aceguá - Corredor Brasil-Uruguai, Minuano, Vila da Lata Pelotas- Sede.
MUNICÍPIO / UF	Aceguá/RS, Pelotas/RS

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Lida Campeira – Ofício do Guasqueiro
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Artesanato em couro – Trabalho em corda
CONDIÇÃO ATUAL	<input checked="" type="checkbox"/> VIGENTE / ÍNTEGRO <input type="checkbox"/> MEMÓRIA <input type="checkbox"/> RUÍNA

3. EXECUTANTE

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER ANEXO 4: CONTATOS.

NOME	Roberto Larrosa	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	32
Ocupação	Guasqueiro e domador	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	
RELAÇÃO COM O BEM	<input checked="" type="checkbox"/> MESTRE <input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input checked="" type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5

NOME	Abelardo Augusto da Silveira Meireles		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	47
OCUPAÇÃO	Guasqueiro	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	59 anos	
RELAÇÃO COM O BEM	<input checked="" type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> APRENDIZ OUTRO	<input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> VENDEDOR	<input type="checkbox"/> PÚBLICO <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE	

NOME	Ginêz Costa		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	18
OCUPAÇÃO	Trabalhador rural aposentado e Guasqueiro	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1936 aprox.	
RELAÇÃO COM O BEM	<input checked="" type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> APRENDIZ OUTRO	<input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> VENDEDOR	<input type="checkbox"/> PÚBLICO <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE	

NOME	Minga Blanco		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	19
OCUPAÇÃO	Proprietário rural da Estância Minuano – Aceguá/RS; domador; ginete; conduz tropas;guasqueiro amador.	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	49 anos.	
RELAÇÃO COM O BEM	<input checked="" type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> APRENDIZ OUTRO GUASQUEIRO AMADOR	<input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> VENDEDOR	<input type="checkbox"/> PÚBLICO <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE	

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---



Imagem 01 - Guasqueiro tirando tentos do couro cru (Pelotas)



Imagem 02 - Seu Abelardo – guasqueiro na oficina (Pelotas)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---



Imagem 03 – Mesa de trabalho de Minga Blanco (Aceguá)



Imagem 04 – Minga Blanco com bota de garrão de potro (Aceguá)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5



Imagem 05 – Ginês Costa com seus artefatos em couro em frente ao seu rancho de moradia (Vila da Lata – Aceguá)



Imagem 06 – Roberto Larrosa mostrando o trabalho em couro (rebenque) (VILA DA LATA – ACEGUÁ)

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

O artesanato de uso campeiro tendo como base o couro cru é conhecido como trabalho em corda ou ofício do guasqueiro, nome pelo qual é conhecido o artesão que se dedica a este tipo de atividades.

Variados artefatos de uso campeiro e de artesanato “decorativo” e de vestuário são produzidos a partir do trabalho em couro. Destacam-se as “cordas” (rédeas, laços, cabrestos, etc.) feitas de couro bovino e “corredores” (revestimentos) em geral feitos de couro eqüino. Outros couros animais também podem ser utilizados de acordo com a disponibilidade e autorização dos órgãos competentes como: couro de cabra, couro de capincho (capivara), couro de veado, couro de lagarto, entre outros (COELHO, 1978; MATTOS, 2003). A plasticidade de tais artefatos transcende a lida campeira, compondo roupas, chaveiros, bainhas de faca, calçados, chapéus, carteiras, mateiras (bolsa para carregar mate e acessórios) e souvenirs em geral.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

Na zona rural é comum que a atividade seja desempenhada no galpão da propriedade ou na própria casa do artesão. Na cidade geralmente é executada em oficinas junto à casa do guasqueiro.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Quando a atividade é um complemento aos trabalhos da lida campeira é realizada comumente nos galpões da propriedade rural, como é o caso do Sr. Minga Blanco da Estância Minuano em Aceguá. Quando desempenhada como atividade principal do executante é geralmente realizada em oficinas, como é o caso do guasqueiro Aberlado na cidade de Pelotas ou em ranchos de moradia, caso do Sr. Ginês Costa na Vila da Lata em Aceguá.

GALPÃO

A edificação pode ser um “rancho”, coberta de palha santa fé ou telhas, com paredes de torrão ou um prédio de alvenaria situada próximo à sede da propriedade rural; é o local onde os peões guardam os arreios e instrumentos de trabalho. Em dias de chuva, o trabalho campeiro se desloca para o interior do galpão e os peões ocupam-se de lidas que complementam o serviço de campo. O restauro dos arreios é um dos trabalhos no galpão, e os campeiros manuseiam a matéria-prima e os artefatos, “sovando couros, tirando tentos, trançando cordas, passando tentos em um laço ‘ramalhado’, tramando barrigueiras, afiando esporas e outras ferramentas, costurando uma carona, consertando alguma peça dos arreios, arrumando uma cancela, fazendo cangalhas para porcos e guaxos ovinos, etc.” (MATTOS, 2003 p.40).

Também no galpão acontece a roda de chimarrão, contam causos em torno do fogo de chão.

PROPRIEDADE RURAL DE CRIAÇÃO DE REBANHOS

A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado bovino, ovino e equino. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas: os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007). Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e também por agricultura, em meados do século XIX passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escrava ou assalariada e com uma arquitetura contando com sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (RAHMEIER, 2007; LUCAS, 1997). Em geral, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não será a base econômica principal. Dessa forma, propriedades menores anteriormente também chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem “indígena” que significa plantação (SAINT-HILAIRE, 1987) ou por designações locais, utilizadas até a atualidade, como “campo” e “sítio”. A estância atual corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde se mantém os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou internadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém, devido ao seu tamanho podem não ser consideradas como estâncias.

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini</p>	<p>2013</p>	<p>F60</p>	<p>5</p>
---	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------

RANCHO

Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé e a taquara (tipo de bambu) eram cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e janelas (sem vidros) as paredes eram preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresentava uma espessura aproximada de 50 cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustentava as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim (LESSA, 1986; VAZ MATTOS, 2003). O chão é de terra batida e podem haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundos e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986). Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados, até fins do século XVIII e início do XIX, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas, portanto predominavam as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana (ISABELLE, 1983; LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 1978).

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

Quando o trabalho em couro se constitui como atividade principal é realizado durante todo o período diurno. Quando realizado como complemento do trabalho campeiro usa-se os períodos de descanso ou em que há impossibilidade da execução das tarefas principais como, por exemplo, em dias de chuva em que não se faz o trabalho de campo.

7. Tempo

7.1. PERIODICIDADE O ano todo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA – O trabalho em couro para as lidas campeiras remete à introdução dos rebanhos trazidos pelos colonizadores europeus na América.

8. BIOGRAFIA

Roberto Larrosa - Vive na Vila da Lata em um rancho de santa fé e barro. É solteiro; domador e produtor de artefatos em couro (guasca) para o serviço da lida com o cavalo.

Abelardo Augusto da Silveira Meireles – Guasqueiro desde os 8 anos de idade. Aprendeu a lida com seu pai e avô. Executa a atividade na cidade de Pelotas e atende clientes de toda a região. Faz artefatos para a lida campeira e também artigos decorativos e para vestuário.

Ginês Costa – Era domador e aprendeu a atividade deguasqueiro em razão da necessidade do trabalho, uma vez que as cordas tem tempo de uso reduzido devido ao grande manuseio nas lidas campeiras, desta forma é preciso que se restaure constantemente esses artefatos. Após a aposentadoria se dedicou exclusivamente a atividade deguasqueiro tendo em vista que não pôde mais montar a cavalo e assim executar a atividade de domador.

Minga Blanco – proprietário da Estância Minuano. Executa as atividades da lida campeira, participa em festas de rodeio como ginete e é conhecido na região como mantenedor das “tradições” relacionadas ao conhecimento das lidas campeiras que envolvem o Rio Grande do Sul e suas fronteiras com Uruguai e Argentina. Durante os períodos de folga de seus trabalhos principais, executa artesanato em couro e desempenha todo o processo, desde a extração do couro do animal (coureada), passando pela raspagem do pelo, estaqueamento do couro, retirada dos tentos e finalizando com o trançamento dos mesmos. Além da produção de cordas, faz artefatos variados em couro animal.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

O trabalho em couro para as lidas campeiras remete à introdução dos rebanhos trazidos pelos colonizadores europeus na América e os artefatos são produzidos a fim de auxiliar no trabalho campeiro. As peças feitas pelos guasqueiros são geralmente utensílios para a lida campeira: laços, arreios para a montaria em equinos, peças do vestuário e demais objetos que são necessários à execução das atividades na pecuária. Em geral, todo trabalhador que lida com rebanhos, sejam de ovinos, bovinos ou equinos, faz ou reforma seus utensílios de trabalho, utilizando técnicas do ofício de guasqueiro - mais ou menos aprimoradas -, por razões econômicas, utilitárias e também pela satisfação de saber fazer objetos esteticamente bonitos.

Além da funcionalidade, os elementos estéticos incorporados pelos guasqueiros em seus trabalhos seguem padrões peculiares, como, por exemplo, a trançagem dos tentos (tiras finas de couro). A plasticidade de tais artefatos transcende a lida campeira, compondo roupas, chaveiros, bainha de facas, carteiras, calçados, chapéus, mateira (bolsa para carregar mate e acessórios) e souvenirs em geral.

A origem do trabalho de extração e comercialização de couro, no atual Rio Grande do Sul, vincula-se às instalações dos rebanhos, primeiramente selvagens, remanescentes da constante mobilidade das Missões Jesuíticas até o início do século XIX e, posteriormente, decorrentes dos criatórios já estabelecidos nesse estado.

Com a chegada dos colonizadores europeus na América, o couro, muito utilizado para artefatos diversos pelos habitantes nativos, constitui a matéria-prima de uma série de utensílios como sacos para transporte de grãos e ervamate, arreios, cordas, embarcações e acessórios de moradias (móveis, portas, janelas, tetos, dobradiças) (MAESTRI In: MAESTRI, 2009; SAINT-HILAIRE, 1987).

O valor do couro, em tempos anteriores à instalação das primeiras charqueadas, era superior ao valor da carne, pois não havia forma de conservar por muito tempo esse alimento; além dos caçadores de gado selvagem, alguns proprietários de estância promoviam a matança apenas para extrair o couro, os sebos, os chifres e os cascos, ficando as carcaças expostas aos animais carnicheiros ou à deterioração no campo (MAESTRI In: MAESTRI, 2009; DARWIN, 2010). Cavalos também eram abatidos para a retirada do couro, mais fino e maleável que o do bovino, e dos cascos e as manadas de equinos eram as preferidas para o abastecimento de exércitos no pampa, pois além de fornecerem transporte e alimentação, transpunham grandes distâncias mais rapidamente que os rebanhos bovinos (DARWIN, 2010). Portanto, desde o tempo da preia ao gado selvagem até a chegada dos abatedouros atuais, o couro passou de produto primordial do abate no início dos criatórios, a artigo secundário à extração da carne após a instauração das charqueadas.

O ofício do guasqueiro remete, assim, aos tempos em que o couro era produto principal de comercialização da pecuária sulina e, ainda que essa mercadoria fosse, em sua grande maioria, destinada à exportação para Europa (MAESTRI In: MAESTRI, 2009), parte dos utensílios e artefatos de uso cotidiano no Rio Grande do Sul e países da região do Prata era fabricada com dessa matéria-prima.

Alguns guasqueiros participam de todo o processo de fabricação dos objetos em couro, desde o abate do animal, passando pela extração e estaqueamento do couro e o preparo do mesmo para que seja manipulado durante a feitura dos artefatos, estando mais vinculados ao trabalho complementar às lidas nas propriedades rurais. Porém, a grande maioria dos artesãos profissionais recebe o couro já preparado de fornecedores específicos. É necessário que o produto seja cru, sem passar pelas técnicas industriais de curtume, para que possa ser manuseado de forma correta e resulte em artefatos resistentes às lidas campeiras.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5

Os procedimentos pelos quais o couro cru passa praticamente não sofreram mudanças significativas desde seus primórdios, assim como o ofício do guasqueiro.

Houve a tentativa, na segunda metade do século XX, principalmente na década de 1990, por parte dos guasqueiros, de utilizarem o couro proveniente de curtumes ou couro “meio-curtume”, modo artesanal de curtir o couro, mas que deriva da forma industrializada. O “meio-curtume” é adquirido já limpo de pelos, de coloração branca, sem tantas imperfeições e de mais fácil manuseio (mais maleável), o que significa uma confecção mais rápida dos artefatos. Nessa época, o ofício do guasqueiro popularizou-se e vários interessados passaram a aprender e profissionalizar-se, atraídos pela facilidade da manipulação da matéria-prima. Entretanto, os artefatos produzidos com esse couro industrializado não são resistentes e, para os trabalhadores campeiros, não eram ideais devido à sua baixa durabilidade e difícil restauração. Os guasqueiros tornaram a usar o couro cru, apenas retirado do animal e estaqueado. Alguns artesãos nunca deixaram de utilizar o couro cru para fabricação dos objetos. Cabe salientar que há uma indústria dedicada à fabricação massiva de artefatos campeiros cuja matéria-prima é o couro, porém, os trabalhadores campeiros que lidam diariamente com esses objetos, preferem-nos fabricados artesanalmente, com couro cru.

Apesar de o couro bovino ser o mais utilizado na maioria das confecções, o equino e o suíno são, também, bastante trabalhados pelos guasqueiros. Com o fechamento dos grandes abatedouros de cavalos, esse tipo de couro é de difícil obtenção atualmente.

Outros animais domésticos e selvagens também fornecem couros e peles usadas pelos artesãos.

Uma mudança significativa ocorrida foi no ambiente de trabalho do guasqueiro, pois, enquanto os trabalhadores mantinham-se nas propriedades rurais os galpões eram os locais em que se exercia o ofício. Com a mobilidade desses campeiros para a cidade, as oficinas são estabelecidas em casa e passam a configurar um elemento essencial na sociabilidade desses peões; a casa dos guasqueiros profissionais ou amadores reportam aos galpões de estâncias, com rodas de mate e contadores de causos.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

O OFÍCIO DO GUASQUEIRO É ESPECIALMENTE ARTESANAL E É PRECISO PACIÊNCIA PARA EXERCÊ-LO. QUANTO ÀS MATÉRIAS-PRIMAS UTILIZADAS, O SR. ABELARDO MEIRELES, GUASQUEIRO EM PELOTAS, APRESENTANDO SEU OFÍCIO, MOSTRA OS TIPOS DE COURO: “[...] ESSE AQUI É DE VACA. [...] TEM BÚFALO, TEM... TEM ESSE AQUI, É UM COURO MAIS FINO, TEM DE CABRITO. EU TRABALHO COM COURO DE PORCO PRA FAZER CINTA, ESSAS COISAS. [...], DEPENDE O QUE O CLIENTE QUER.”

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

DÉCIMA DO TRANÇADOR

(RODRIGO BAUER, JOCA MARTINS E JOÃO MARCOS NEGRINHO MARTINS)

Aprendi a lidar com couro
 Quando um franqueiro aluado
 Pranchou cruzando um lajeado
 E se quebrou num estouro...
 Já nem se ergueu mais o touro
 Quando eu apeei, me cuidando!
 Olhando o pobre berrando,
 Saquei a cabo de osso
 E fiz sumir, no pescoço,
 A folha inteira, alumiando!
 Tirei-lhe o couro com jeito,
 Fui descascando aos "poquitos";
 Nada, sem ser despacito,
 Se aproxima do perfeito...
 Depois do serviço feito,
 Ganha as estacas cravadas
 Sessenta e quatro - estiradas
 Num terreno decrescente,
 Deixando a parte da frente
 Para o lado da baixada!
 Só depois de bem curtido
 Com o mormaço lhe ardendo,
 Foi que a coqueiro, lambendo,
 Lhe recortou o tecido...
 O seu pêlo enegrecido,
 Com a pitoca, eu fui raspando,
 Tento por tento, tirando
 Pra rédeas, buçais e relhos,
 Tento por tento, parelhos,
 Um por um, os desquinando!
 Aprendi a lidar com lonca
 Quando um lobuno do meio
 Me despejou de um arreio
 E se atirou numa estronca...
 Eu saí liso da bronca!
 Mas o lobuno, coitado!
 Além de ser retalhado,
 Quebrou a mão e, lutando,
 Se degolou, pataleando,
 No velho arame farpado!
 Aprendi a lidar com trança
 Quando um baio, sem pretexto,
 Arreventou o cabresto
 Sentando que nem criança!

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5
--	----	--------------------------------------	--	------	-----	---

Eu danço conforme a dança,
 Seguindo o antigo adágio...
 Trancei outros nesse estágio,
 Pra um sentador que mereça,
 Fugir, deixando a cabeça
 Para pagar o pedágio
 Por isso é que trago os dedos
 Picados de tantos talhos,
 O coração em frangalhos
 De tanto trançar segredos...
 Sovei o couro do medo
 Com o macete da dor...
 No aço do cravador
 Abri caminhos da história
 Escrita com a trajetória
 Das mágoas do trançador!

9.3. CRONOLOGIA – O OFÍCIO DO GUASQUEIRO SEGUE OS CICLOS ECONÔMICOS DO ATUAL ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	
DATA	DESCRIÇÃO
Séc. XVII - 1626	Fundação dos Sete Povos das Missões.
Séc. XVII até princípio do XIX	Caça ao gado selvagem no pampa para retirada do couro.
Início séc. XVIII	Concessão de sesmarias; ocupação do Rio Grande do Sul
Séc. XVIII - 1703	Primeiro caminho de tropas oficial: “Caminho da Praia” – ligava Colônia do Sacramento à Laguna
Séc. XVIII - 1728	Segundo caminho de tropas oficial: “Caminho dos Conventos” ou “Caminho de Sousa Farias” – ligava Araranguá, passando pelos Caminhos de Cima da Serra até Curitiba
Séc. XVIII - 1730	Terceiro caminho de tropas oficial: “Caminho das Tropas – origem em Viamão, passando pelos Campos das Vacarias, pelo rio Pelotas, Campos de Lages, Campos Curitibanos, rio Negro, rio Iguazu, Campos Gerais de Curitiba, chegando em Sorocaba.
Séc. XVIII - 1750	Tratado de Madri.
Séc. XVIII	Consumo dos produtos da pecuária em razão do ciclo minerador nas Gerais.
Séc. XIX – 1809	Primeira divisão administrativa da Província de São Pedro: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre.
Séc. XVIII e XIX	Instalação das estâncias e de charqueadas em Pelotas e Bagé.
Séc. XIX (final) – Séc. XX (início)	Instalação dos primeiros frigoríficos
Séc. XX	Criação de associações e cooperativas de criadores de bovinos, equinos e ovinos, entre outros.
Séc. XX	Instauração de cursos para aprimoramento dos trabalhadores rurais em instituições privadas e públicas municipais, estaduais e federais, como sindicatos rurais, associações de criadores, EMBRAPA, etc.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS

10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS

Lidas Campeiras

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

Observação: as etapas elencadas abaixo referem-se ao trabalho completo de manuseio com o couro. Alguns guasqueiros já recebem o couro tratado para a feitura do artesanato.

ETAPA	ATIVIDADE
Coureada	Se diz "courear" ao ato de despegar o couro do animal morto
Raspagem do pelo	Esta operação se chama lonqueamento. Lonca é o couro desprovido de pelos. Lonqueamento é feito com o couro "verde" ainda úmido. Em alguns casos, o couro, depois do estaqueamento, é enviado com pelos, para o guasqueiro, que os raspa em sua oficina. Cabe salientar, ainda, que alguns artefatos podem ser produzidos em couro apresentados os pelos.
Estaqueamento	É o ato de esticar o couro com estacas para secagem.
Macetear ou sovar o couro (amolecer para manipulação)	Ato de manusear o couro amolecendo-o para posterior confecção dos artefatos.
Obtenção das loncas (no couro equino)	Retirada das porções do couro equino para obtenção de tentos finos para costura e detalhes nos artefatos..
Obtenção dos tentos	A retirada dos tentos é feita com faca e sua largura depende do trabalho a ser realizado pelo guasqueiro.
Desborde dos tentos	Chama-se "desquinar" o ato de cortar os cantos ou "costados" do tento. Isso é realizado a fim de que os tentos se ajustem uns aos outros no conjunto da trança.
Tranças	É o conjunto de tentos entrelaçados. São feitas de vários tamanhos e comprimentos dependendo do artefato a ser fabricado. Existem tranças com variadas quantidades de tentos e formas.
Artefatos em geral (vestuário e peças decorativas)	Além dos artefatos para a lida campeira, o guasqueiro produz peças para vestuário, tais como: botas, chapéus, cintos, tirador. Outros objetos como chaveiros, bainhas de facas, carteiras, mateiras e peças decorativas em geral também são fabricados.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Guasqueiro	Aquele que faz todo o processo do artesanato em couro.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	As instalações fazem parte da propriedade rural onde trabalha o guasqueiro ou é de posse do próprio executante.
QUEM PROVÊ	Proprietários rurais, o próprio guasqueiro, e casas comerciais
FUNÇÃO	Confecção do artesanato em couro.

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	Couro cru, faca, furador, jacaré (suporte que prende o couro para o trabalho de tirar o tento ou trançar), sebo de rinhonada (sebo da volta do rim de animais que serve para amaciar o couro e não deixá-lo ressecar), peças em metais utilizadas juntamente com o couro na confecção dos artefatos. Também, para a confecção das cordas, é utilizada uma máquina na qual se prende uma ponta da corda trançada e se puxa com as mãos a outra ponta, para que seja espichada. Isso é feito para que as tranças fiquem bastante unidas e espichadas, evitando que cedam e rebentem conforme sua utilização.
QUEM PROVÊ	Proprietários rurais, o próprio guasqueiro, e casas comerciais.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Confecção do artesanato em couro.
DISPONIBILIDADE	O couro pode adquirido em propriedades rurais onde ocorre o abate de animais. Os instrumentos para manusear o couro podem ser fabricados pelo próprio guasqueiro ou obtido em casas comerciais do ramo. O sebo de rinhonada é fornecido por abatedouros ou por propriedades rurais onde ocorre o abate de animais.

10.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Mate ou chimarrão
QUEM PROVÊ	O guasqueiro
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Bebida sorvida pelo guasqueiro enquanto desempenha a atividade. A bebida é associada a todas as lidas campeiras, pois está presente, se não no momento da atividade, antes ou após a execução da mesma.

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

Não há

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5

10.8. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	Avental de couro
QUEM PROVÊ	O guasqueiro
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Proteger a roupa e o corpo do trabalhador.
DESCRIÇÃO	Luvas de couro
QUEM PROVÊ	O guasqueiro
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Proteger as mãos no trabalho de espichar o laço.

10.9. DANÇAS	
NÃO HÁ	
DESCRIÇÃO	
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
Durante a execução da lida não há. Sobre a Música do ofício do guasqueiro ver Item: 9.2 Narrativas e Representações	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
NÃO HÁ	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

NÃO HÁ ATIVIDADE ESPECÍFICA

EXECUTANTE	ATIVIDADE

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO <input checked="" type="checkbox"/>	VENDE <input checked="" type="checkbox"/>	TROCA <input checked="" type="checkbox"/>	OUTRO <input type="checkbox"/>	ESPECIFICAR
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM <input checked="" type="checkbox"/>	NÃO <input type="checkbox"/>	PRINCIPAL FONTE DE RENDA <input checked="" type="checkbox"/>	COMPLEMENTO <input checked="" type="checkbox"/>
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO <input checked="" type="checkbox"/>	INTERMEDIÁRIO <input checked="" type="checkbox"/>	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO <input type="checkbox"/>	

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Não há

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Lidas Campeiras - Pastoreio	F60-1
Lidas Caseiras	F60-2
Lidas Campeiras - Esquila	F60-3
Lidas Campeiras - Doma	F60-4
Lidas Campeiras - Aramado	F60-6
Lidas Campeiras - Tropeada	F60-7

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

VER ITEM 7 DA FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO – F10.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

Não há

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Não Há

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

F1 – A2 – 1 – 208 à 216, 225 à 229, 230 à 237, 485 à 497, 499, 501, 511, 512, 514 à 518, 731 à 742 e 779.

16. OBSERVAÇÕES

16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Ver ficha F10-1, item 9.2.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

FERREIRO - responsável pela confecção de artefatos em ferro. Alguns arreios e produtos finais do guasqueiro utilizam objetos de ferro confeccionados pelo ferreiro.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q60 – 6, 7, 25.		
PESQUISADOR(ES)	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues e Daniel Vaz Lima.		
SUPERVISOR	Flávia Rieth e Marília Floôr Kosby.		
REDATOR	Liza Bilhalva Martins da Silva e Marta Bonow Rodrigues	DATA	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	5
--	----	--------------------------------------	--	------	-----	---

RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Flávia Rieth	17.04.2013
--------------------------------	--------------	------------

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CÓDIGO DA FICHA					
	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	6
	UF	sítio-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Região de Bagé/RS e entorno (Pampa Sul-Rio-Grandense, Antigos Caminhos das tropas)
LOCALIDADE	Prática do aramador etnografada na localidade abaixo, embora tenha ocorrência em todo o sítio inventariado: Aceguá (Espantoso)
MUNICÍPIO / UF	Aceguá / RS

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Lida campeira - Aramador
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Alambrador
CONDIÇÃO ATUAL	<input checked="" type="checkbox"/> VIGENTE / ÍNTEGRO <input type="checkbox"/> MEMÓRIA <input type="checkbox"/> RUÍNA

3. EXECUTANTE

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER ANEXO 4: CONTATOS.

NOME	Ari Flores Pereira	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO	58	<input type="checkbox"/> FEMININO
OCUPAÇÃO	Alambrador	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	13/03/1942	
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____			

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	6

NOME	Leomar Garbaldi	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	40
OCUPAÇÃO	Peão Campeiro, Aramador	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1957
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____		

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini</p>	<p>2013</p>	<p>F60</p>	<p>6</p>
---	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------



Seu Ari fazendo aramados.



Acampamento de aramadores em Aceguá.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	6

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

A construção das cercas de fios de arame intercalados por piques ou “tramas” de madeira é o ofício dos chamados aramadores, ou *alambradores*, trabalhadores artesanais, geralmente sem padrão fixo. Além de evitar que os rebanhos se misturem com os animais dos campos lindeiros, o cercamento veio acompanhado do fracionamento das propriedades e de novas práticas de carneada (abate artesanal), atividade sobre a qual se tinha pouco controle antes, e que, desde então, passa a ser realizada para consumo doméstico, sendo aproveitadas praticamente todas as partes do corpo do animal. A prática ilegal da carneada, realizada por estranhos dentro dos limites da propriedade de outrem, para fins de roubo de carne, caracteriza-se como crime de abigeato.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

Na sede da propriedade são feitos as tramas e os moirões, ambos de eucaliptos, que são levados ao lugar em que vai ser construído o alambrado. No caso da Agropecuária Umbu, em que o ofício do aramador foi acompanhado, estes são levados de caminhonetes pick – up da sede até o local em que está sendo feito o alambrado. O alambrador e seus ajudantes acampam no local em que está sendo feito o alambrado, ficando em média vinte dias ali trabalhando sem folga.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

O Alambrado é feito no interior das propriedades rurais e serve para demarcá-la e dividir esta em poteiros, piquetes ou, no caso das grandes propriedades, em invernadas. O alambrado que estava sendo construído no momento da entrevista serviria para demarcar parte da propriedade.

PROPRIEDADE RURAL DE CRIAÇÃO DE REBANHOS

A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado bovino, ovino e equino. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas: os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007). Apesar de, em sua origem, a estância está ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e também por agricultura, em meados do século XIX passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escrava ou assalariada e com uma arquitetura contando com sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (RAHMEIER, 2007; LUCAS, 1997). Em geral, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não será a base econômica principal. Dessa forma, propriedades menores anteriormente também chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem “indígena” que significa plantação (SAINT-HILAIRE, 1987) ou por designações locais, utilizadas até a atualidade, como “campo” e “sítio”. A estância atual corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde se mantém os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou invernadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém, devido ao seu tamanho podem não ser consideradas como estâncias.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	6

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

A atividade é realizada no período diurno e, em geral, nas épocas mais quentes do ano. Não há preferência de horário de trabalho, pois, sendo um serviço terceirizado, por empreitada, o aramador procura desempenhar suas tarefas de maneira rápida para que possa atender outras propriedades. Ainda assim, procura-se evitar os picos de sol, o que nem sempre é possível. Os materiais e instrumentos a serem usados na feitura do aramado ou no seu restauro, são levados até o local onde a cerca será confeccionada ou arrumada por meio de caminhonetes, caminhões pequenos e carroças puxadas por cavalo.

7. Tempo

7.1. PERIODICIDADE

A atividade de alambrar ocorre em todos os períodos do ano.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

8. BIOGRAFIA

Ari Flores - Começou a praticar o ofício a partir dos sete anos de idade ajudando seu tio. Seu pai e tios eram alambradores e foi com quem ele, e alguns de seus irmãos, com quem aprenderam. Trabalha numa estância e, de vez em quando, é contratado para alambrar em outras propriedades. No trabalho é auxiliado por ajudantes.

Leomar – Foi alambrador durante grande parte de sua vida trabalhando em diversas estâncias. No dia da entrevista trabalhava em sua pequena propriedade onde fazia todo o serviço.

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

Desde que se instituiu a propriedade privada no pampa sul-rio-grandense, diferentes formas de delimitação das terras e rebanhos foram sendo adotadas.

Além das delimitações "naturais", feitas a partir de referências geográficas e paisagísticas - como coxilhas e cerros, matos ou árvores específicas, arroios, sangas ou pequenos córregos d'água -, algumas tecnologias de instituição de limites foram desenvolvidas para tais fins. Houve, por exemplo, a prática de marcar os rebanhos e estes traçarem a territorialidade das propriedades dos campos de seu dono, houve o empreendimento de construir-se cercas de pedra e de vegetação densa e espinhosa, as quais, embora sem a funcionalidade original, ainda fazem parte da paisagem da região pampiana em questão. No entanto, a tecnologia de cercar campos e rebanhos com fios de arame tornou-se o meio mais comum de evitar o extravio de animais e demarcar a posse da terra, seja por quem vive em menos de dez hectares, seja por quem possui cinquenta mil deles.

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini</p>	<p>2013</p>	<p>F60</p>	<p>6</p>
---	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

LETRAS DE MUSICAS NATIVISTAS

FIRMINO ALAMBRADOR

(Rui Carlos Ávila)

Escoltando corredores
 Também bordando invernadas
 Primorosas estiradas
 São marcas de um sofredor
 Seu Firmino, alambrador
 Nas dobras de encruzilhada

Alinhou o seu destino
 Como se estende *moironada*
 E nunca teve mais nada
 Do que a vida de teatino
 As ferramentas, o tino
 E a pampa como morada

Ao *empeçar* a jornada
 Aurora rubra incendeia
 Se a pá de corte *chispeia*
 Em pedras enterradas
 Junto às feridas cavadas
 No corpo da terra alheia

Escalava mãos e braços
 Sem tempo pra sentir dor
 Não lhe esgota o torpor
 Pois tem âmago de aço
 E o coração faz compasso
 Pra bater o *socador*

Dói-lhe um sonho insatisfeito
 Com retransas de dolência
 Espera o fim com descrença
 Pois, rude, não achou jeito
 De abrir porteiras no peito
 Pra ter família e querência

Ao *empeçar* a jornada
 Aurora rubra incendeia
 Se a pá de corte *chispeia*
 Em pedras enterradas
 Junto às feridas cavadas
 No corpo da terra alheia

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	6
--	----	--------------------------------------	--	------	-----	---

ALAMBRADOR

(Valdo Nóbrega, Lucio Yanel)

Ergue a pau o alambrador
E os buracos vão brotando
E os moirões se enfileirando
Que nem soldados pra guerra.

Um socado de capricho
Pra que ninguém se desgoste
Por grosso que seja o poste,
Não lhe deixa sobrar terra.

Gira a pua sai fumaça
Num moirão de guajuvira
E o alambrado se estira
Tal qual um pinho afinado.

O serrote marca os trastes
Já vem o atilho depressa
Se enroscando na promessa
De viver sempre abraçado.

Rabicho e morto de angico
Pra que o *cinbronaço* agüente
Amordaça, gruda os dentes
Espicha firme o arame.

A chave enrodilha a ponta
Como quem guarda um segredo
Quando escapa e dá nos dedos
Alamaula, dor infame!

À noite á beira da carpa
Ao ver a estrela cadente
Três pedidos, num repente
Faz depressa antes que apague.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	6
--	----	--------------------------------------	--	------	-----	---

E a cada alambrado firme
Tenha outro pela frente
E um *piazito* sorridente
Para ensinar-lhe o que sabe.

Rabicho e morto de angico
Pra que o *cinbronaço* agüente
Amordaça, gruda os dentes
Espicha firme o arame.

A chave enrodilha a ponta
Como quem guarda um segredo
Quando escapa e dá nos dedos
Alamaula, dor infame!

FAZENDO CERCA
(Binho Pires, Érlon Péricles)

Corta taquara pra alinhar a cerca
Que não tem perca essa porfia
Moceia as tramas, fura os palanques
Até de tarde atemos as guia.

Vou cavoucando na tabatinga
Essa restinga “ta” me judiando...
Lajeado brabo, fundão de passo
E eu vou no braço me sustentando...

A maderama toda de lei
Classifiquei na moda “*veia*”
Só puro cerne que eu vou socando
E vai ficando que é uma “*tetéia*”.

Vamos cortando cerro e *canhada*
Pouca risada, muita labuta
De noitezinha me vou pra vila
E deixo os pilas la no “*chicuta*”.

Cava que cava, soca que soca,
Fura que fura, bota que bota,
Que nem tatu, abrindo toca,
Fazendo cerca na *bossoróca*.

Estronca forte, mestre de angico
Firma o rabicho e vai tenteando
Mordente e gancho, braço e corrente
Ringindo os dentes vamos estirando.

É a *Bossoróca* velha *tronqueira*
Bem missioneira como ela só.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	6

São cinco liso e depois as “farpa”
 Que dão as cartas nesse *tirão*
 Cerca gaucha, campo e rodeio
 De dar costeio até em lebrão.

É timbaúva, rincão ipê
Oigaleitê, taquarembó,

9.3. CRONOLOGIA – O OFÍCIO DO ARAMADOR SEGUE OS CICLOS ECONÔMICOS DO ATUAL ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.	
DATA	DESCRIÇÃO
Séc. XVII - 1626	Fundação dos Sete Povos das Missões.
Séc. XVII até princípio do XIX	Caça ao gado selvagem no pampa para retirada do couro.
Início séc. XVIII	Concessão de sesmarias; ocupação do Rio Grande do Sul
Séc. XVIII - 1750	Tratado de Madri.
Séc. XVIII	Consumo dos produtos da pecuária em razão do ciclo minerador nas Gerais.
Séc. XIX – 1809	Primeira divisão administrativa da Província de São Pedro: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre.
Séc. XVIII e XIX	Instalação das estâncias e de charqueadas em Pelotas e Bagé.
Séc. XIX	Introdução do arame para cercamento das propriedades.
Séc. XX	Criação de associações e cooperativas de criadores de bovinos, equinos e ovinos, entre outros.
Séc. XX	Instalação de consórcio pecuária-agricultura de forma mais intensa.
Séc. XX – década de 1960	Introdução do Pastoreio rotativo científico “Voisin”
Séc. XX	Instauração de cursos para aprimoramento dos trabalhadores rurais em instituições privadas e públicas municipais, estaduais e federais, como sindicatos rurais, associações de criadores, EMBRAPA, etc.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS

10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS
Lidas Campeiras

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO	
ETAPA	ATIVIDADE

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	6

Fazer os buracos e demarcar a linha do alambrado	Se faz dois buracos, um em cada ponto de uma linha reta, onde vão ficar os moirões, chamados mestres, os quais vão segurar os fios do alambrado. Cava-se os buracos para os moirões com uma pá de corte retirando a terra do buraco com uma colher ou facenta. Estes tem que ter em média 50 cm de fundura. Após o buraco preparado coloca-se o moirão e coloca a terra socando-a com um instrumento chamado socador.
Estender o fio	Ata-se, utilizando a torquês, o primeiro fio (de cima para baixo) em um dos mestres e leva-se até o outro. Após se espicha o fio com a máquina atando-o no outro moirão definindo assim, a linha do alambrado. Em seguida colocam-se as tramas ou piques entre esses dois pontos. As tramas tem uma ponta as quais vão ser cravadas no chão e a distancia entre elas é, em média, 2m.
Cavar buracos e colocar moirões	Com a linha do alambrado demarcada, cavam-se os buracos dos moirões que ficarão entre os mestres. Com a linha do alambrado demarcada, cavam-se os buracos dos moirões que ficarão entre os mestres. A distancia entre eles não pode ser maior do que 10m.
Estender outros fios.	Esta etapa consiste em estender os demais fios passando-os por dentro das aberturas das tramas. Coloca-se um fio elétrico na frente da cerca, preso aos isoladores pregados nos moirões, para que os animais não "forcem" o alambrado afrouxando os fios.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Alambrador	Responsável pela construção do alambrado.
Ajudante Changueiro	– Auxiliar o alambrador.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	GALPÃO - A edificação pode ser um "rancho", coberta de palha santa fé ou telhas, com paredes de torrão ou um prédio de alvenaria situada próximo à sede da propriedade rural.
QUEM PROVÊ	O proprietário.
FUNÇÃO	É o local onde os peões guardam os arreios e instrumentos de trabalho. Também no galpão as vacas leiteiras podem ser ordenhadas, as ovelhas esquiladas, os animais abatidos e carneados. Em dias de chuva, o trabalho campeiro se desloca para o interior do galpão e os peões ocupam-se de lidas que complementam o serviço de campo. O restauro dos arreios é um dos trabalhos no galpão, e os campeiros manuseiam a matéria-prima e os artefatos, "sovando couros, tirando tentos, trançando cordas, passando tentos em um laço 'ramalhado', tramando barrigueiras, afiando esporas e outras ferramentas, costurando uma carona, consertando alguma peça dos arreios, arrumando uma cancela, fazendo cangalhas para porcos e guaxos ovinos, etc." (MATTOS, 2003 p.40). Também no galpão acontece a roda de chimarrão, contam causos em torno do fogo de chão. As Tramas, moirões e fios são guardados dentro do galpão.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	6

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	Moirão - Tora de madeira de eucalipto com altura de em média 2 m e grossura acima de 10cm de diâmetro.
QUEM PROVÊ	O proprietário.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Firmar o alambrado. Os que ficam nas pontas são chamados de mestre e são mais grossos e enterrados mais fundos, pois vão segurar os fios espichados.
DISPONIBILIDADE	Obtém através da compra ou pode ter uma mata de arvores especificado para esse fim.

DESCRIÇÃO	Fio de arame – fio de aço, com ou sem farpas, vendido em rolos de mil duzentos e cinquenta metros.
QUEM PROVÊ	O proprietário
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Constitui a cerca, impedindo que os animais bovinos, eqüinos e ovinos saiam da propriedade.
DISPONIBILIDADE	O proprietário obtém através da compra em comércios.

DESCRIÇÃO	Trama ou pique – instrumento de madeira com altura entre 1,5m e 2 m de altura com menos de 10cm de diâmetro. Possui um corte na parte de cima e cinco furos onde por dentro vai passar o fio do alambrado.
QUEM PROVÊ	O proprietário
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Segurar os fios e afirmar o alambrado.
DISPONIBILIDADE	Obtém através da compra ou pode ter uma mata de arvores especificado para esse fim.

DESCRIÇÃO	Pá de corte ou cavadeira – Instrumento constituído com cabo de madeira em que numa das extremidades fica anexado uma peça metálica de formato retangular.
QUEM PROVÊ	O alambrador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Cavar a terra no solo.
DISPONIBILIDADE	Obtém através da compra em comércios.

DESCRIÇÃO	Colher ou facenta - Instrumento constituído de dois cabos de madeira em que numa das extremidades de cada um fica anexado uma peça metálica de formato de colher. Estas são ligadas uma a outra por um eixo, que permite usá-las fazendo movimentos como o de um fórceps. As duas colheres são cravas no solo, arrancando leivas de terra, e deixando buracos onde são enterrados moirões ou piques.
QUEM PROVÊ	O alambrador.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	6

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Tirar a terra de dentro do buraco
DISPONIBILIDADE	Obtém através da compra em comércios.

DESCRIÇÃO	Socador - Instrumento constituído com cabo de madeira em que numa das extremidades fica anexado uma peça metálica de formato (?).
QUEM PROVÊ	O alambrador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Socar a terra apertando o moirão no buraco.
DISPONIBILIDADE	Obtém através da compra em comércios.

DESCRIÇÃO	Atilho – pequeno pedaço de arame.
QUEM PROVÊ	O alambrador. Obtém tirando pedaços do rolo de arame.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Amarrar o fio do arame nas tramas e moirões.
DISPONIBILIDADE	Obtém tirando pedaços do rolo de arame.

DESCRIÇÃO	Alicate ou torquês – instrumento de aço com mandíbulas com gumes. Alguns possuem borrachas isolantes no cabo.
QUEM PROVÊ	O alambrador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Cortar ou também manejar o fio de arame. Para cortar ou manejar fios elétricos utiliza-se os instrumentos que possuem revestimento de borrachas no cabo.
DISPONIBILIDADE	Obtém através da compra em comércios.

DESCRIÇÃO	Chave de arame – instrumento de ferro dobrado numa das pontas sendo que nessa dobra passa o fio para serem dobrados.
QUEM PROVÊ	O alambrador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Emendar o arame ou dar os arremates.
DISPONIBILIDADE	Obtém através da compra em comércios.

DESCRIÇÃO	Maquina de espichar – Instrumento constituído de máquina, corrente e mordança.
QUEM PROVÊ	O alambrador.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	6

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Esticar o alambrado.
DISPONIBILIDADE	Obtém através da compra em comércios.

DESCRIÇÃO	Martelo e grampos
QUEM PROVÊ	O alambrador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Martelo – usado para pregar os grampos que prenderão o arame na cerca.
DISPONIBILIDADE	Obtém através da compra em comércios.

10.6. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	As refeições são geralmente à base de carne, arroz, feijão e saladas, doces caseiros e sucos.
QUEM PROVÊ	O alambrador ou proprietário.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Alimentação dos trabalhadores campeiros e proprietários.

10.7. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Chimarrão ou mate.
QUEM PROVÊ	O alambrador ou proprietário.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Bebido enquanto a alimentação está sendo preparada, seja café da manhã, almoço ou janta. Tem, também, a função de sociabilidade: em uma “roda de mate” entre as mulheres ou os peões se reúnem para conversar sobre a lida cotidiana ou contar causos.

10.8. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
Não Há.	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	6

10.9. TRAJES E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	Pilchas – Compõe-se de botas (calçado próprio para andar a cavalo, feito de couro, que envolve o pé e a perna), bombacha (calças presas por botões no tornozelo), lenço (feito de tecido e geralmente utilizado amarrado ao pescoço), alpargata, chapéu (feito de couro ou feltro).
QUEM PROVÊ	O alambrador e os seus ajudantes.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A pilcha é a vestimenta utilizada pelos homens campeiros. No entanto, na entrevista o albrador usava pilchas enquanto os ajudantes não estavam usando pilchas, mas bermudas e camisetas.

10.10. DANÇAS

Não Há.

DESCRIÇÃO	
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.11. MÚSICAS E ORAÇÕES

Durante a execução da lida não há; Ver item 9.2: Narrativas e representações.

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.12. INSTRUMENTOS MUSICAIS

Não Há.

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.13. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
O alambrador junto com seus ajudantes.	Juntam as ferramentas utilizadas e levam para a barraca do acampamento.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	6

--	--

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO <input type="checkbox"/>	VENDE <input type="checkbox"/>	TROCA <input type="checkbox"/>	OUTRO X	ESPECIFICAR - Prestação de serviço.
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM X	NÃO <input type="checkbox"/>	PRINCIPAL FONTE DE RENDA X	COMPLEMENTO <input type="checkbox"/>
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO X	INTERMEDIÁRIO <input type="checkbox"/>	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO <input type="checkbox"/>	

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

<p>Não participam.</p>

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Lidas Campeiras - tropeada	F60-7
Lidas Campeiras – Lidas caseiras	F60-2
Lidas Campeiras - Doma	F60-4
Lidas Campeiras - esquila	F60-3
Lidas Campeiras – Ofício de guasqueiro	F60-5
Pastoreio	F60-1

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

<p>Ver item 7 da Ficha de Identificação: Sítio – F10</p>
--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio	2013	F60	6
			Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini			

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

Não há

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Não há

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

F1 – A2 – 1: 865 – 886; 748-776

16. OBSERVAÇÕES

16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO


Ver ficha F10-1, item 9.2.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não há

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região	2013	F60	6
		de Bagé/RS e entorno			

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES



SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE BAGÉ, CANDIOTA, HULHA NEGRA, ACEGUÁ E PEDRAS ALTAS

E-MAIL: strbage@fetags.org.br strbage@brturbo.com.br Fone/Fax (53)3242-9565

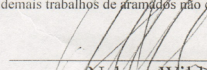
TABELA DE ARAMADOS

Tabela de Aramados dos municípios de Bagé, Hulha Negra, Aceguá e Pedras Altas, ajustada e reajustada por decisão de Assembléia Geral em: 17/06/2011, conforme aumento salarial da categoria em 01/03/2012.

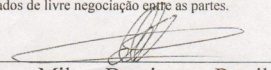
	Março/2012
Quadra de arame 100 metros - 07 fios	R\$ 256,00
Quadra de arame 100 metros - 06 fios	R\$ 233,00
Reforma de arame ¼ do valor de uma quadra	R\$ 192,65
Porteira de Arame escorada, valor de uma quadra e meia (com até 6 metros)	R\$ 384,00
Canto com 03 paus, 02 rabichos, valor de uma quadra	R\$ 256,00
Escora simples, valor de meia quadra	R\$ 128,00
Porteira de Arame poste alto, valor de uma quadra	R\$ 256,00
Desmanche valor de meia quadra de arame	R\$ 128,00
Cabresto simples, valor de ¼ da quadra	R\$ 64,00
Rede com mais de 20 metros, será cobrado o valor de uma quadra	R\$ 256,00
Rede com até 20 metros, será cobrado R\$ 2,64 por cada metro além dos vinte	XXXXXX
Baixador	R\$ 17,00
Rabicho de rede, valor de cabresto simples	R\$ 64,00
Limpeza (capina) valor de ¼ de quadra	R\$ 64,00
Limpeza de mato e chirca	LIVRE NEGOCIAÇÃO
Respaldo por metro	R\$ 4,50
Sobre cerca (dura), valor de ¼ de quadra	R\$ 64,00
Escavação	LIVRE NEGOCIAÇÃO
PREÇO MÍNIMO DO PEÃO POR DIA COM ALIMENTAÇÃO	R\$ 41,00
MANGUEIRAS	
Porteira de arame por metro	R\$ 37,41
Canto de mangueira, valor de uma quadra	R\$ 256,00
Mangueira redonda, 09 fios, 04 guias duplas, postes cada 04 metros por metro	R\$ 39,00
Rabicho de mangueira redonda, valor de cabresto simples	R\$ 64,00
Mangueira de tábuas, com 05 tábuas costuradas por metro	R\$ 39,00
Mangueira de tábuas, com 05 tábuas parafusadas por metro	R\$ 37,41
Pera com 05 tábuas por metro	R\$ 39,00
Curro com 05 tábuas por metro	R\$ 83,00
Porteira com 05 tábuas por metro	R\$ 69,21
Sentar cancela	R\$ 80,00
Sentar tronco novo	R\$ 692,00
Desmanche de tronco	R\$ 340,65
Desmanche de mangueira por metro	R\$ 18,35
Passeador (mesa) de brete por metro	R\$ 37,41
Parapeito de arame por metro	R\$ 37,41
CERCA ELÉTRICA COM ALIMENTAÇÃO por metro com um fio	R\$ 0,96
CERCA ELÉTRICA SEM ALIMENTAÇÃO por metro com um fio	R\$ 1,04
CERCA ELÉTRICA POR METRO COM 02 FIOS	R\$ 1,14

OBSERVAÇÃO: Na cerca elétrica, o moirão será colocado acima de 20 de metros e na cerca móvel isento do valor estipulado no acerto, os demais itens serão cobrados conforme a tabela original.

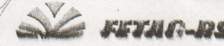
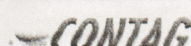

- > BRETE OVELHAS: 50% do valor do Brete de Gado;
- > Além desses valores os proprietários fornecerão aos aramadores uma ovelha a cada 03 quadras ou a cada 20 metros de mangueira;
- > Quem não fornecer carne aos aramadores, pagará 20% a mais sobre todos os valores da tabela;
- > Os valores acima estipulados serão ajustados pelos maiores índices do reajuste normativo da categoria dos municípios de abrangência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bagé e Base;
- > Os demais trabalhos de aramados não constantes nesta tabela serão considerados de livre negociação entre as partes.



Nelson Wild
Presidente



Milton Domingues Brasil
Secretário Geral

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	6
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q60 – 33		
PESQUISADOR(ES)	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues e Daniel Vaz Lima.		
SUPERVISOR	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva e Marta Bonow Rodrigues		
REDATOR	Liza Bilhalva Martins da Silva e Marta Bonow Rodrigues	DATA	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Flávia Rieth	17.04.2013	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CÓDIGO DA FICHA					
	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7
	UF	símo-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Região de Bagé/RS e entorno (Pampa Sul-Rio-Grandense, Antigos Caminhos das tropas)
LOCALIDADE	Prática da Tropeada informada a partir de entrevista na localidade abaixo, embora tenha ocorrência em todo o sítio inventariado. Piratini (Quinto Distrito)
MUNICÍPIO / UF	Piratini / RS

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Lida Campeira - Tropeada
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Tropa, tropeirismo.
CONDIÇÃO ATUAL	<input checked="" type="checkbox"/> VIGENTE / ÍNTEGRO <input type="checkbox"/> MEMÓRIA <input type="checkbox"/> RUÍNA

3. EXECUTANTE

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER ANEXO 4: CONTATOS.

NOME	Valdemar Góes	<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	46
OCUPAÇÃO	Seu Valdemar	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1925 (86 anos)
RELAÇÃO COM O BEM	<input type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> PÚBLICO <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> VENDEDOR <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE <input type="checkbox"/> OUTRO _____		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

NOME	Minga Blanco		<input checked="" type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO	19
OCUPAÇÃO	Proprietário rural, domador e ginete	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1962 (49 anos)	
RELAÇÃO COM O BEM	<input checked="" type="checkbox"/> MESTRE <input type="checkbox"/> APRENDIZ <input type="checkbox"/> OUTRO _____		<input checked="" type="checkbox"/> PRODUTOR <input type="checkbox"/> VENDEDOR	<input type="checkbox"/> PÚBLICO <input checked="" type="checkbox"/> EXECUTANTE

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini</p>	<p>2013</p>	<p>F60</p>	<p>7</p>
---	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------



Imagem 01 – Tropeada em curta distância. Estância Minuano – Aceguá
 FONTE: Acervo INRC.



Imagem 02 – Tropeada em curta distância. Estância Minuano – Aceguá
 FONTE: Acervo INRC.

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini</p>	<p>2013</p>	<p>F60</p>	<p>7</p>
---	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------



Imagem 03 – Carreta de bois usada para desfiles temáticos. Estância Minuano – Aceguá

FONTE: Acervo INRC.

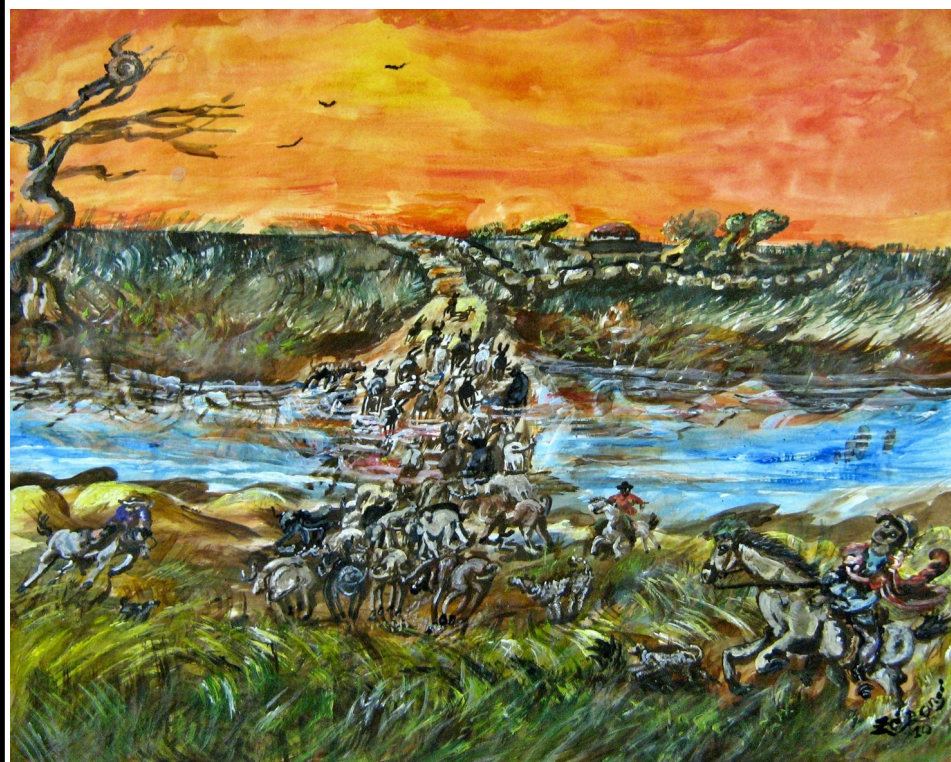


Imagem 04 – “A Tropeada” – pintura a óleo do artista plástico Zé Darci

FONTE: Acervo INRC.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

As tropeadas são a forma de conduzir os rebanhos entre propriedades em uma mesma região ou entre diferentes localidades. Os animais são levados dos criatórios nas propriedades rurais para outras propriedades ou para abatedouros. As tropeadas são formadas pelos rebanhos (bovino, equino, ovino, muar, etc.), pelos tropeiros, que são os peões campeiros responsáveis pela condução dos animais pelos caminhos, e, algumas vezes podem contar com a presença de cães pastores para ajudar na atividade de guiar os animais da tropa.

Por vezes, até o início do século XX, as tropeadas acompanhavam ou eram acompanhadas de carretas puxadas por parcerias de bois, que transportavam víveres para vender nas propriedades rurais por onde passavam. A quantidade de bois que compunham a força de tração da carreta dependia do tamanho da mesma. Essas carretas eram as principais fontes de fornecimento de produtos para consumo e tinham papel importante na comunicação entre as localidades.

No tropeirismo atual o transporte dos rebanhos é realizado em pequenas distâncias e em curtos espaços de tempo.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

A atividade é desempenhada nos caminhos entre os campos, propriedades rurais e abatedouros. Em geral, os caminhos usados pelos tropeiros são conhecidos previamente pelos mesmos. São estradas, campos, propriedades rurais, além de mangueiras para encerrar o gado e poteiros que servem, também, para o cuidado do rebanho, evitando que esse se disperse durante o descanso dos trabalhadores. Na região Pampa Sul-Rio-Grandense, existem caminhos de tropas há mais de dois séculos.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

PROPRIEDADE RURAL DE CRIAÇÃO DE REBANHOS

A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado bovino, ovino e equino. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas: os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007). Apesar de, em sua origem, a estância estar ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e também por agricultura, em meados do século XIX passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escrava ou assalariada e com uma arquitetura contando com sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (RAHMEIER, 2007; LUCCAS, 1997). Em geral, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não será a base econômica principal. Dessa forma, propriedades menores anteriormente também chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem “indígena” que significa plantação (SAINT-HILAIRE, 1987) ou por designações locais, utilizadas até a atualidade, como “campo” e “sítio”. A estância atual corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde se mantém os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou invernadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém, devido ao seu tamanho podem não ser consideradas como estâncias.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

RANCHO

Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé e a taquara (tipo de bambu) eram cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e janelas (sem vidros) as paredes eram preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresentava uma espessura aproximada de 50 cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustentava as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim (LESSA, 1986; VAZ MATTOS, 2003). O chão é de terra batida e podem haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundos e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986). Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados, até fins do século XVIII e início do XIX, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas, portanto predominavam as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana (ISABELLE, 1983; LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 1978).

MANGUEIRA DE PEDRAS

As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com paus-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Não há comprovação da origem histórica dessas edificações, porém sabe-se que eram utilizadas pelos tropeiros (homens que levam o gado de um local a outro) para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (vigiar os animais). Acredita-se que as mangueiras não eram usadas para prender o gado com fins de manuseio como curar, medicar, contar e marcar. Esses serviços eram, em geral, feitos nos rodeios, atividade que consiste em juntar os animais no campo, somente com o auxílio do cavalo, sem o uso de cercas ou similares. O formato circular da mangueira propõe-se a evitar arestas ou cantos que poderiam levar o animal a se “embretar”, ficando sem saída e atirando-se contra as paredes (JACQUES, 2008). A entrada da mangueira é chamada de porteira. Nela eram colocadas duas “tronqueiras”, que são objetos verticais de pedra ou madeira postos um em frente ao outro com perfurações em que eram encaixadas e dispostas varas (madeiras retas) atravessando a porteira evitando a fuga dos animais. Essas construções são bastante encontradas nas rotas ou Caminhos das Tropas que iam em direção às antigas charqueadas e, posteriormente, aos matadouros e frigoríficos.

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini</p>	<p>2013</p>	<p>F60</p>	<p>7</p>
---	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------

CHARQUEADA

As charqueadas, no Rio Grande do Sul Meridional, eram indústrias onde ocorria o abate do gado e a produção de charque (carne salgada) e de outros derivados bovinos. Em Pelotas, as propriedades que constituem o Sítio Charqueador Pelotense (GUTIERREZ, 2010), estavam dispostos em faixas de terras subdivididas em poteiros, hortas, pomares, olarias e o terreno ribeirinho. A casa, os varais e os galpões de produção de carne salgada, dos sebos e dos couros ficavam junto aos arroios e canais que serviam para despejar os dejetos, escoar a produção e importar sal e escravos (GUTIERREZ, 2010). Havia propriedades que dispunham apenas das indústrias e outras que contavam, também, com a criação do gado (GUTIERREZ, 2001; ROSA, 2012).

As charqueadas como estabelecimentos industriais, surgiram na região da atual cidade de em Pelotas a partir de 1780 e no século XIX tornaram-se o principal fomentador econômico da região. O produto primordial dessas indústrias era o charque bovino, utilizado, à época, principalmente para alimentação de escravos. Além do charque, outros derivados bovinos eram extraídos como sebos, graxas e couros, destinados ao consumo local e à exportação (GUTIERREZ, 2001; ROSA, 2011, 2012). Dezenas de estabelecimentos funcionaram às margens dos arroios que banham o município de Pelotas (ROSA, 2011, 2012) e utilizavam mão-de-obra escravizada (africanos e descendentes de africanos) até a década de 1880, quando ocorreu a abolição da escravidão no Brasil. Pelotas foi, dessa forma, o cerne da produção saladeril oitocentista.

Posterior ao surgimento das charqueadas pelotenses, essa indústria inicia, no interior do Rio Grande do Sul, em fins do século XIX e início do século XX, em um período de relevância econômica das regiões de fronteira brasileira com o Uruguai e a Argentina, principalmente devido à livre navegação dos rios e ao envolvimento político e comercial dos três países, consequências do fim das guerras por independência (SOARES, 2006). Essa abertura entre Brasil, Uruguai e Argentina impulsionou o município de Bagé a intensificar a produção de gado e a estabelecer charqueadas nessa região. Bagé firma-se, então, como o polo saladeril gaúcho da época (SOARES, 2006). Diferentemente das charqueadas pelotenses do período escravagista, em Bagé essa indústria operava com mão-de-obra assalariada, trabalho em série, utilização de máquinas no processo de fabricação do charque e maior utilização de sub-produtos derivados da carne bovina (SOARES, 2006). A forma de operação desse sistema está muito mais próxima a dos abatedouros e frigoríficos atuais. O fim das charqueadas ocorre na década de 1950, quando passam a ser adaptadas para que a carne salgada seja substituída pela carne frigorificada (LEITE, 2011).

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

Abrange todos os espaços geográficos por onde as tropas são levadas, desde o local de origem desses rebanhos até o local de abate ou propriedades rurais para onde esses animais serão transportados. Os animais são juntados na propriedade de origem pelos peões da propriedade ou pelos peões tropeiros; em geral esse serviço é realizado por campeiros a cavalo. Após os preparativos, os animais são levados por caminhos, estradas e campos até seu destino. A atividade pode ser desempenhada em todos os períodos do ano, usualmente no início do inverno e durante o dia. À noite, é o momento de descanso do rebanho e dos tropeiros.

7. Tempo

<p>7.1. PERIODICIDADE</p>	<p>Principalmente no início do inverno. Isto ocorre porque no inverno o animal emagrece muito, pois sofre bastante com o rigor do clima. Assim, os criadores vendem os animais gordos do rebanho para não perder o capital empregado no período de engorda (prévio ao inverno).</p>
----------------------------------	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA - O Trabalho da tropeada remete à introdução dos rebanhos trazidos pelos colonizadores europeus para a América.

8. BIOGRAFIA

Valdemar Góes - Aposentado e pequeno produtor juntamente com sua esposa, Dona Islair, a qual herdou a pequena propriedade de seu pai. Começou a atividade com dezoito anos, acompanhando o sogro que tropeava gado da região de Piratini para os abatedouros de Pelotas e região. Além da atividade de tropeiro, atuou plantando em pequenos espaços, além de fazer todo o tipo de lida campeira.

Minga Blanco: Proprietário rural, trabalha com criação de gado bovino (pecuária extensiva) e equino. A propriedade rural na qual trabalha é herança de família, seus pais moravam nessa estância. Possui ovinos para consumo. Além disso, faz tropeadas em curtas distâncias com seu gado. É domador e guasqueiro.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

As tropeadas surgiram no Rio Grande do Sul a partir do conhecimento da alta qualidade dos pastos para a atividade criatória no Brasil meridional, resultado das empreitadas colonizadoras das Coroas Portuguesa e Espanhola durante os séculos posteriores à chegada dos europeus na América.

A vinda da população luso-brasileira ao atual Rio Grande do Sul ocorreu quase dois séculos após essa instalação na costa do país (LUCCAS, 1997), e foi a partir da necessidade de abastecimento de alimentos e transporte para os povoadamentos da região das Minas que os campos meridionais passaram a ser fornecedores dessas mercadorias de origem animal em fins do século XVII. Os pastos sulinos propícios à criação de rebanhos impulsionou essa atividade, voltada principalmente à produção de mulas para transporte, de equinos e de bovinos. Portanto, após a ocupação pelos bandeirantes paulistas, desde a região dos Campos Gerais, os quais abrangiam do sudeste brasileiro até o sul do atual Paraná, o Rio Grande do Sul foi local de expansão dos criatórios por excelência (LUCCAS, 1997).

Como consequência dessa necessidade de fornecimento de rebanhos a partir do Rio Grande do Sul para outras localidades do Brasil, além de Uruguai e Argentina, tropeiros foram se especializando na atividade e, apesar de muitas vezes conhecerem toda a lida campeira, trabalhavam durante quase todo o ano traçando os diversos Caminhos das Tropas que interligavam regiões diversas.

As tropas antigas de bovinos, no século XVII, eram formadas por rebanhos selvagens originados do gado remanescente das Missões Jesuíticas Espanholas. Os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007).

“Eram tempos em que as fronteiras oscilavam, movendo-se ao ritmo das disputas territoriais dos impérios ultramarinos de Portugal e Espanha. Também naqueles tempos, como nos dias atuais, homens circulavam, com seus objetos e suas ideias, nas amplas áreas da região platina. Mas o faziam de modo inteiramente distinto. Cruzavam as campanhas, as planícies litorâneas, a serra e os Campos de Cima da Serra, atravessavam pradarias, serrados e planaltos. Deslocavam-se sobre o lombo de cavalos e mulas, conduzindo rebanhos de gado bovino, muar, ovino, suíno e equino, entre outros. Transportavam toda a sorte de mercadorias destinadas a suprir as necessidades de regiões localizadas a centenas de quilômetros.” (SILVA, 2010).

Os primeiros caminhos conhecidos para a passagem das tropas são registrados antes mesmo da chegada oficial dos luso-brasileiros ao Rio Grande do Sul. Em 1703, o “Caminho da Praia” ligava a Colônia do Sacramento (atualmente território uruguaio) a Laguna - SC; em 1728, o “Caminho dos Conventos” ou “Caminho de Sousa Farias” seguia de Araranguá - SC passava pelos Campos de Cima da Serra e chegava à atual Curitiba - PR; o “Caminho das Tropas”, estabelecido em 1730, originava-se em Viamão-RS, passava pelos Campos das Vacarias, no norte do atual Rio Grande do Sul, atravessava o rio Pelotas (antigo rio do Inferno), chegava aos Campos de Lages e aos Campos Curitibanos, cruzava o rio Negro e o rio Iguaçu, até os Campos Gerais de Curitiba até chegar à feira de Sorocaba-SP (SILVA, 2010). Com o passar dos anos, diversos outros caminhos foram abertos para a passagem das tropas de rebanhos.

Os caminhos das tropas contavam com mangueiras, geralmente de pedras, para a paragem dos rebanhos, principalmente à noite. Dessa forma, os tropeiros poderiam descansar, não necessitando rondar o gado durante o período de descanso (MATTOS, 2003).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

Segundo Mattos (2003), devido à ferocidade do gado selvagem, os tropeiros precisavam encerrar os rebanhos nas mangueiras de pedra, presentes em quase todo o trajeto das tropas e providenciar um enorme fogo na porteira, evitando a fuga, o rompimento da encerra da porteira e o avanço dos animais sobre os homens e cavalos.

Até a década de 1970, há uma intensa movimentação de rebanhos na região pampa sul-rio-grandense. Porém, com a introdução mais efetiva do transporte por caminhões, a maioria dos proprietários de gado bovino, equino e ovino passaram a utilizar essa via; há um desgaste menor dos animais em comparação às tropas tocadas a cavalo.

“As tropas tinham por objetivo conduzir os gados para as invernadas dos seus compradores onde permaneciam até engordar e, depois de gordos, eram levados para o abate nas charqueadas ou, ainda, as chamadas tropas de mudança, troca ou transferência de gados de um estabelecimento para o outro geralmente do mesmo proprietário e isso ainda acontece atualmente por entrega de campo arrendado, por venda de uma propriedade ou por manejo.” (MATTOS, 2003).

As tropeadas, anteriormente o único meio de transportar animais por terra, ao longo do século XX perdem a exclusividade em seu objetivo: com a chegada dos caminhões boiadeiros, os rebanhos são transferidos de um local ao outro de maneira mais rápida e com menores danos aos animais, configurando um maior retorno econômico para os proprietários e operando de forma mais segura.

As tropas sulinas não contam mais com grandes rebanhos, nem as distâncias percorridas exigem que os peões permaneçam muitos dias na estrada, mas ainda as tropeadas conservam suas raízes, cumprindo o trabalho de transportar gados pelos caminhos entre diferentes estabelecimentos e localidades.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

A atividade do tropeirismo caracteriza-se por ser essencialmente masculina. Há a narrativa do Sr. Valdemar Góes a respeito da atividade das mulheres dos tropeiros. *“As mulheres ficavam nas casas, quem tinha filhos, cuidando dos filhos. Outra, cuidando do seu cercado, da sua horta.”*

A lida na tropeada era difícil, perigosa, pois além das intempéries e dos riscos dos peões sofrerem machucados no momento em que estão lidando com o rebanho ou com os materiais, o que pode ocorrer em todo trabalho campeiro, os tropeiros não contavam com outro modo de segurança além de seus próprios companheiros e recursos.

“Perigo, assim, é a toda hora, o cavalo é muito perigoso, faca, o laço... O laço é muito perigoso, né, o laço... e com o rebento... muitas vezes ele pode rebentar, né? Tem gente que fica cego de bater aquele laço na cara, porque espicha, estica, estica, remalha, como eles dizem, assim, corta o laço no meio e vem com tudo”, narra Flávia Blanco, esposa de Minga Blanco, sobre as lidas no campo. Também ela fala sobre os perigos do uso concomitante da faca, do cavalo e do laço, na lida com o gado: “Tem perigo toda hora. Volta e meia eles (os campeiros) chegam contando uma coisa que quase aconteceu, e às vezes acontece, porque eles não tem muito, assim... É na verdade uma profissão assim, que tem risco, né? Claro, tem jeito de lidar, né, se pega de qualquer jeito é pior (falando dos instrumentos de trabalho). Mesmo lidando bem se tem riscos, não é muito fácil, é uma vida muito bruta...”

Sobre a forma de defesa dos tropeiros, o Sr. Valdemar Góes, em entrevista, fala: *“Fação era a arma do tropeiro, né? E carregava a faca na bota, não tinha perigo, né? E revólver, tinha que ter. [...] Porque, de primeiro, o pessoal era meio estúpido, né? Pensavam, porque tinham um carro, metiam por meio de uma tropa e tocavam tudo por diante. Então, o tropeiro tinha que desviar, tinha que parar, e ia acuando o gado, tirando o gado. [...] Mas os carros tinham que respeitar, porque o carro tem freio, mas a tropa não tem. [...] Mas, antes a coisa não era fácil, se metia o carro, a gente prendia o grito, e quando vê: ‘para, ou lhe toco bala’. Porque é que não ia parar?! E nós sapateava com o cavalo véio e ele parava. Nós não ia atirar. Era pra ele parar. Era só os carro que viessem, que avançassem, aí tu pensava que ia ter que dar um tiro, pra respeitar, não é? Porque o tropeiro, o capataz de tropa, ele leva um compromisso grande por cima, né? Então a gente tinha que assumir o que levava ali, né? É, e era assim que nós fazia.”*

Além disso, há a carência de locais para pernoitar, o que é feito ao relento muitas vezes, e junto ao rebanho.

Flávia Blanco destaca que seu marido costuma sair para tropear porque gosta dessa atividade, porém, há resistência, por parte dos proprietários dos campos, em ceder espaço para pouso das tropas. *“O Minga tem saído pra tropear, e sai assim por aí. Ele gosta de caminhar aí pra fazer tropa. E, aí, tem se deparado com lugares que não dão pouso, não dão comida, mas, num sistema assim, mais tradicional, a estância é... ela é acolhedora.”*

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

Seleção de letras de músicas referentes à atividade do tropeiro:

A BOA VISTA DO PEÃO DE TROPA

(Mauro Moraes)

Nos rincões da minha querência, arrabaleira conforme a vontade
 Me serve um mate, pampa minha, nesta vidinha que me destes;
 Antes que embeste a novilhada pr'a o mundo alheio das porteiras
 Saúdo a poeira destas crinas, que me arrocina sujeitando.

E na garupa do cavalo faço um regalo à ventania
 Que na poesia destas léguas tomo por rédeas e conselhos;
 Chamo no freio a coisa braba; o tempo é feio, mas que importa?
 Quando se engorda na invernada, não falta nada pra quem baba de focinho levantado e mais curioso.

A fim de ir, pra Estância do Passo,
 Na direção de casa costeando o arvoredado,
 O meu desespero porfia co'a tropa
 Fazendo o que gosta ao sul de mim mesmo.
 E todo o bem que havia, maneado ao destino
 Divide caminho com a rês que amadrinha
 O rio que eu não via, mimando de sede a minha vontade.

Na função dos meus afazeres, rememorados conforma a manada
 Vou ressabiando afeito à fadiga, nas horas mingas de sossego;
 Talvez melhore durante a sesteada, sou por demais igual à campanha
 Tamanha alma de horizonte, ali defronte, os cinamomos.

Já não habita a teimosia, atropelando meu rodeio,
 Quando me aguento no forcejo, pra erguer no laço os caídos;
 Não me lastimo, nem receio, vou pelo meio do sinuelo,
 Tocando manso os mais ariscos só pelo vício de, por quartos,
 Cuidar do gado, rondando o baio que amanunseio.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

DE TEMPO E TROPA

(Guilherme Colares e Zulmar Benites)

A lenta imagem da tropa
 Serpenteia estrada afora
 Sucessão de hora após hora
 Fundindo terra e peçunha
 Rigores de mesma alcunha
 Pro tropeiro linda estampa!
 Conduzindo couro e guampas
 Numa procissão terrunha.

Trago embebidos na imagem
 Os verões e as soalheiras
 Mastigando a polvadeira
 Da gadaria assolhada
 Trago no couro estampada
 A marca das invernias
 Poncho molhado faz dias...
 ...Até a alma gelada.

O mouro da mi'as confiança
 Tranqueia mascando freio,
 Carregando os meus anseios
 Nos rumos dos meus despontes.
 Companheiros de horizonte
 Bem mais que um simples vassalo...
 ...Porque tropeiro e cavalo
 São como a estrela e a noite.

A gadaria contesta
 Berro após berro a tristeza
 Ruminando as incertezas
 De cambear rumo e querência
 Longínquas reminiscências
 De tantas tropas de outrora
 Que rumbearam mundo afora
 Ensimesmada de ausências

Já gastei basto e carona
 Manguendo boiada "ajena"
 Plantei luzes nas canhadas
 Dos rincões por onde andei
 Muitas tropas entreguei
 Nessa sina de tropeiro...
 ...Voltei sempre repisando
 Os caminhos que trilhei.

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini</p>	<p>2013</p>	<p>F60</p>	<p>7</p>
---	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------

CANÇÃO DOS TROPEIROS

(Crioulo dos Pampas)

Antigamente minha querência era povoada
 A carreta era o transporte que cruzava nossa estrada
 Até a tropo era por diante repontada
 E o tropeiro ia cantando era boi, era boiada...

Era boi, era boiada
 Hoje só resta esta canção e mais nada.

Veio o progresso e trouxe dificuldade
 Levou o homem da campanha e morar la na cidade
 Hoje eu só vejo é tapera abandonada
 E carreta e o tropeiro sumiram igual pó da estrada.

Saia a tropa de são chico pra Rosário
 Da Estância pra o matadouro um verdadeiro calvário
 Quanto rigor o pobre tropeiro passava
 E a canção era do boi pra se distrair cantava.

Não vejo canga, corda de coice rejeira,
 Apetrecho da carreta, brocha, ajojo e tiradeira
 Só algum rodado em alguma estância atirado
 E canção do eira boi em algum disco gravado.

<p>9.3. CRONOLOGIA - AS TROPEADAS SEGUEM OS CICLOS ECONÔMICOS DO ATUAL ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL</p>	
<p>DATA</p>	<p>DESCRIÇÃO</p>
<p>Séc. XVII - 1626</p>	<p>Fundação dos Sete Povos das Missões.</p>
<p>Início séc. XVIII</p>	<p>Concessão de sesmaria ocupação do Rio Grande do Sul</p>
<p>Séc. XVIII - 1703</p>	<p>Primeiro caminho de tropas oficial: "Caminho da Praia" – ligava Colônia do Sacramento à Laguna</p>
<p>Séc. XVIII - 1728</p>	<p>Segundo caminho de tropas oficial: "Caminho dos Conventos" ou "Caminho de Sousa Farias" – ligava Araranguá, passando pelos Caminhos de Cima da Serra até Curitiba</p>
<p>Séc. XVIII - 1730</p>	<p>Terceiro caminho de tropas oficial: "Caminho das Tropas – origem em Viamão, passando pelos Campos das Vacarias, pelo rio Pelotas, Campos de Lages, Campos Curitibanos, rio Negro, rio Iguazu, Campos Gerais de Curitiba, chegando em Sorocaba.</p>
<p>Séc. XVIII - 1750</p>	<p>Tratado de Madri.</p>
<p>Séc. XVIII</p>	<p>Consumo dos produtos da pecuária em razão do ciclo minerador nas Gerais.</p>
<p>Séc. XIX - 1809</p>	<p>Primeira divisão administrativa da Província de São Pedro: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre.</p>
<p>Séc. XVIII e XIX</p>	<p>Instalação das estâncias e de charqueadas em Pelotas e Bagé.</p>
<p>Séc. XIX</p>	<p>Introdução do arame para cercamento das propriedades.</p>

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7

Séc. XX	Investimento no melhoramento genético dos rebanhos, incremento na importação e exportação da carne bovina.
Séc. XX	Introdução do transporte de rebanhos por caminhões.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS

10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS
Lidas Campeiras

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO	
ETAPA	ATIVIDADE
Preparação do rebanho para a tropeada	Os animais são reunidos na propriedade de origem
Tropeada	<p>Condução dos animais através dos caminhos entre o local de origem e o local de destino dos animais. O gado bovino e, às vezes outros rebanhos, eram comprados pelo capitão da tropeada. Assim o tropeiro poderia ser, também, o intermediador de compra e venda dos rebanhos. Juntava-se animais para formar uma tropa e esta era conduzida a cavalo para ser vendida ou entregue ao receptor.</p> <p>Comumente, os tropeiros faziam pausas para se alimentar e descansar, durante o dia e à noite. No entanto, era preciso ficar vigiando a tropa para que os animais não fossem roubados. Enquanto uns tropeiros preparavam a alimentação ou descansavam, os outros vigiavam o rebanho.</p>
Entrega ou venda dos animais	Finalização do processo de comercialização do rebanho.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES - Comitativa dos tropeiros	
STATUS	FUNÇÃO
Capataz ou Capitão	Responsável por todo o serviço da tropa; viajava na culatra (atrás) da tropa, entre os "culatreiros"
Culatreiros	Viajavam nas laterais do capataz
Fiadores	Viajavam nas laterais da tropa, fazendo com que o gado não se espalhasse durante a jornada e permitindo uma melhor movimentação dos animais através da manutenção dos mesmos por um único caminho, acelerando o andamento do rebanho ("afinavam" a tropa).
Ponteiros	Viajavam na frente da tropa, com a tropilha de cavalos ou mulas com cargas e/ou com cavalos para substituição das montarias desgastadas (quando a tropa seguia um longo percurso).

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini</p>	<p>2013</p>	<p>F60</p>	<p>7</p>
---	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------

<p>10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES</p>	
<p>DESCRIÇÃO</p>	<p>POTREIROS – Campos rodeado de cercas de piques de madeira e/ou fios de arame onde os animais ficavam presos durante o descanso dos tropeiros.</p>
<p>QUEM PROVÊ</p>	<p>No caminho utilizado pelas tropas havia estâncias que alugavam ou emprestavam esses espaços para o descanso da tropa.</p>
<p>FUNÇÃO</p>	<p>Evitar que os animais se dispersem e também servia como lugar para alimentação (pastagens).</p>
<p>DESCRIÇÃO</p>	<p>MANGUEIRAS DE PEDRA – locais de paragens dos rebanhos, evitando o extravio de algum animal; as mangueiras são feitas de pedras empilhadas, têm uma porteira composta de toras de madeira atravessadas perpendicularmente ao solo. As mangueiras também são feitas de madeira, árvores, cactos, dependendo da região e da disponibilidade de materiais.</p>
<p>QUEM PROVÊ</p>	<p>Ao longo dos Caminhos das Tropas existiam diversas mangueiras, principalmente de pedra, construídas anteriormente ao século XX, para serem utilizadas pelos tropeiros.</p>
<p>FUNÇÃO</p>	<p>A função das mangueiras é a mesma dos poteiros: evitar a fuga e o roubo dos animais, porém, em geral, não há disponibilidade de pasto para o gado nesses locais. Assim, o gado era levado primeiramente para um campo para ser alimentado e posteriormente era encerrado na mangueira para passar a noite ou outro período de descanso.</p>
<p>DESCRIÇÃO</p>	<p>AÇUDES – Estão nos campos por onde passam as tropas.</p>
<p>QUEM PROVÊ</p>	<p>No caminho utilizado pelas tropas havia estâncias que alugavam ou emprestavam os espaços de poteiros para o descanso da tropa que contavam com a presença de açudes.</p>
<p>FUNÇÃO</p>	<p>Fornecimento de água para os animais.</p>

<p>10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO</p>	
<p>DESCRIÇÃO</p>	<p>ARREIOS – para montaria do cavaleiro, tanto para a lida campeira, incluindo a tropeada, quanto para doma e gineteada. Há variações dos arreios conforme sua utilização.</p>
<p>QUEM PROVÊ</p>	<p>O tropeiro ou o contratante (vendedor ou comprador do rebanho).</p>
<p>FUNÇÃO / SIGNIFICADO</p>	<p>Para montaria do cavaleiro, tanto para a lida campeira, incluindo a tropeada, quanto para doma e gineteada. Há variações dos arreios conforme sua utilização, porém os itens básicos, utilizados para montaria, serão descritos de acordo com observação e entrevista. Os arreios estão dispostos na seguinte ordem de sobreposição, mais comumente usadas para as lidas campeiras: xergão - carona, - basto/sela/serigote - cinchão (ou cincha) e barrigueira – pelegos – badana (nem sempre é usada) – cincha (ou sobrecincha) e barrigueira. Fazem parte do conjunto, ainda, os estribos, a cabeçada com freio e rédeas e o bucal com cabresto (opcional). Pode-se considerar parte do conjunto, ainda, o rebenque/mango/relho (usado para instigar o animal a acelerar a andadura, ou, no caso do esporte de gineteada, para fazer o animal pular com o cavaleiro sobre ele. Os arreios podem sofrer variação, porém os relacionados acima, são os mais comumente utilizados na região.</p>
<p>DISPONIBILIDADE</p>	<p>A maioria das peças de arreios podem ser encontradas em casas especializadas; alguns artefatos podem ser confeccionados por artesãos ou pelos próprios tropeiros.</p>

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

DESCRIÇÃO	LAÇO - Corda trançada, feita de couro, nylon ou outros materiais, com uma argola de metal em uma das extremidades. A outra extremidade passa por dentro da argola, formando um anel com acorda, que é girada no ar, jogada sobre o animal. O laço é um instrumento manual, que pode ser usado pelo homem montando cavalo, bem como, no chão, quando em espaços cercados.
QUEM PROVÊ	O tropeiro
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Evitar que o animal dispare quando este se desgarrar da tropa.
DISPONIBILIDADE	Podem ser comprados em casas especializadas ou ser confeccionados por artesãos ou pelos próprios tropeiros.
DESCRIÇÃO	FACÃO – Tipo de adaga.
QUEM PROVÊ	O tropeiro
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Usada como arma pelo tropeiro e como instrumento para a alimentação e afazeres do dia-dia tais como defesa pessoal e trabalho, como para abrir caminhos através de matas.
DISPONIBILIDADE	Pode ser adquirido em casas especializadas com recursos próprios, ou herdado.
DESCRIÇÃO	REVÓLVER – arma de fogo.
QUEM PROVÊ	O tropeiro
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Utilizado como arma de defesa contra roubos e “injustiças” pelo tropeiro.
DISPONIBILIDADE	Comprada com recursos próprios ou herdada.
DESCRIÇÃO	FERRADURAS – ferros utilizados sob os cascos das montarias para evitar as machucaduras.
QUEM PROVÊ	O tropeiro ou o contratante da empreitada
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Evitar machucados na sola dos cascos da montaria (cavalo/ mula)
DISPONIBILIDADE	Adquirido em lojas especializadas ou direto com os ferreiros

10.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	CARNE - Durante a tropeada comia-se churrasco de carne principalmente de ovelha ao meio dia. À noite comia-se “arroizada” que era carne com arroz cozidos em uma panela. A carne picada com arroz é conhecido como “arroz carreteiro” ou “arroz de carreteiro”. O arroz carreteiro pode ser feito com restos da carne picada que sobra do churrasco anteriormente feito ou de charque (carne salgada). SALAME.
QUEM PROVÊ	O tropeiro provê sua alimentação levando de casa ou comprando em comércios durante a trajetória.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Alimentação dos tropeiros.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7

DESCRIÇÃO	CHIMARRÃO ou MATE.
QUEM PROVÊ	O tropeiro provê levando de casa ou comprando ou em comércios durante a trajetória.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Bebido enquanto a alimentação está sendo preparada, seja café da manhã, almoço ou janta. Tem, também, a função de sociabilidade: em uma “roda de mate” os peões se reúnem para conversar sobre a lida cotidiana ou contar causos.
DESCRIÇÃO	CANHA (cachaça)
QUEM PROVÊ	O tropeiro provê levando de casa ou comprando ou em comércios durante a trajetória.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Bebida alcoólica que é ingerida enquanto a alimentação está sendo preparada, seja esta café da manhã, almoço ou janta. Pode ser ingerida juntamente com o mate, intercalando essas duas bebidas.
DESCRIÇÃO	CAFÉ
QUEM PROVÊ	Bebido, em geral, depois da alimentação.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O tropeiro provê levando de casa ou comprando ou em comércios durante a trajetória.

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

NÃO HÁ

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.8. TRAJES E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	PONCHE – mesmo que poncho. É o agasalho tradicional do gaúcho. Consiste em uma capa de pano ou lã, com forma redonda, retangular ou ovalada, tendo uma abertura no centro por onde passa a cabeça. Assim, o tronco da pessoa que o está vestindo fica protegido (frente e costas).
QUEM PROVÊ	O tropeiro
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Proteger o tropeiro da chuva e frio. O poncho “baeta vermelha” ou “carnal vermelho” é o preferido pelos trabalhadores que necessitam prestar serviços durante os períodos de frio ou chuva, pois são confeccionados com duplos tecidos de “lã batida”. Nesse tipo de poncho, a lã do tecido é com tramas muito fechadas, o que evita a passagem de água e protege o peão do frio. O nome referencia a cor dos ponchos que, em geral apresentam o tecido de lã externo de cor preta ou azul marinho e o segundo tecido de lã, interno, de cor vermelha.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

DESCRIÇÃO	PILCHA CAMPEIRA
QUEM PROVÊ	A Pilcha é a vestimenta utilizada pelos homens campeiros. Compõe a pilcha: botas (calçado próprio para andar a cavalo, feito de couro, que envolve o pé e a perna), bombacha (calças presas por botões no tornozelo), lenço (feito de tecido e geralmente utilizado amarrado ao pescoço), alpargata, chapéu (feito de couro ou feltro). Além de fazer parte da indumentária campeira, também é <i>pilcha</i> todo objeto de valor ou adorno que faz parte da montaria do gaúcho.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O tropeiro. Em alguns casos, o tropeiro é peão de alguma propriedade rural, podendo receber os trajes do proprietário das terras.
DESCRIÇÃO	CHAPÉU DE ABAS LARGAS
QUEM PROVÊ	Proteger o tropeiro da chuva e do sol.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O tropeiro

10.9. DANÇAS	
NÃO HÁ	
DESCRIÇÃO	
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
NÃO HÁ	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
NÃO HÁ	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
Comprador e peões campeiros que recebem o gado	Pastoreio e todas as atividades que o envolvem.
Trabalhador dos abatedouros	Abate dos animais, quando esses são levados diretamente aos abatedouros (matadouros, frigoríficos e, antigamente, charqueadas).

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO <input type="checkbox"/>	VENDE <input type="checkbox"/>	TROCA <input type="checkbox"/>	OUTRO <input checked="" type="checkbox"/>	SERVIÇO, EM GERAL, TERCEIRIZADO. TRANSPORTE DE REBANHOS.
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM <input checked="" type="checkbox"/>	NÃO <input type="checkbox"/>	PRINCIPAL FONTE DE RENDA <input checked="" type="checkbox"/>	COMPLEMENTO <input checked="" type="checkbox"/>
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO <input checked="" type="checkbox"/>	INTERMEDIÁRIO <input type="checkbox"/>	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO <input type="checkbox"/>	

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

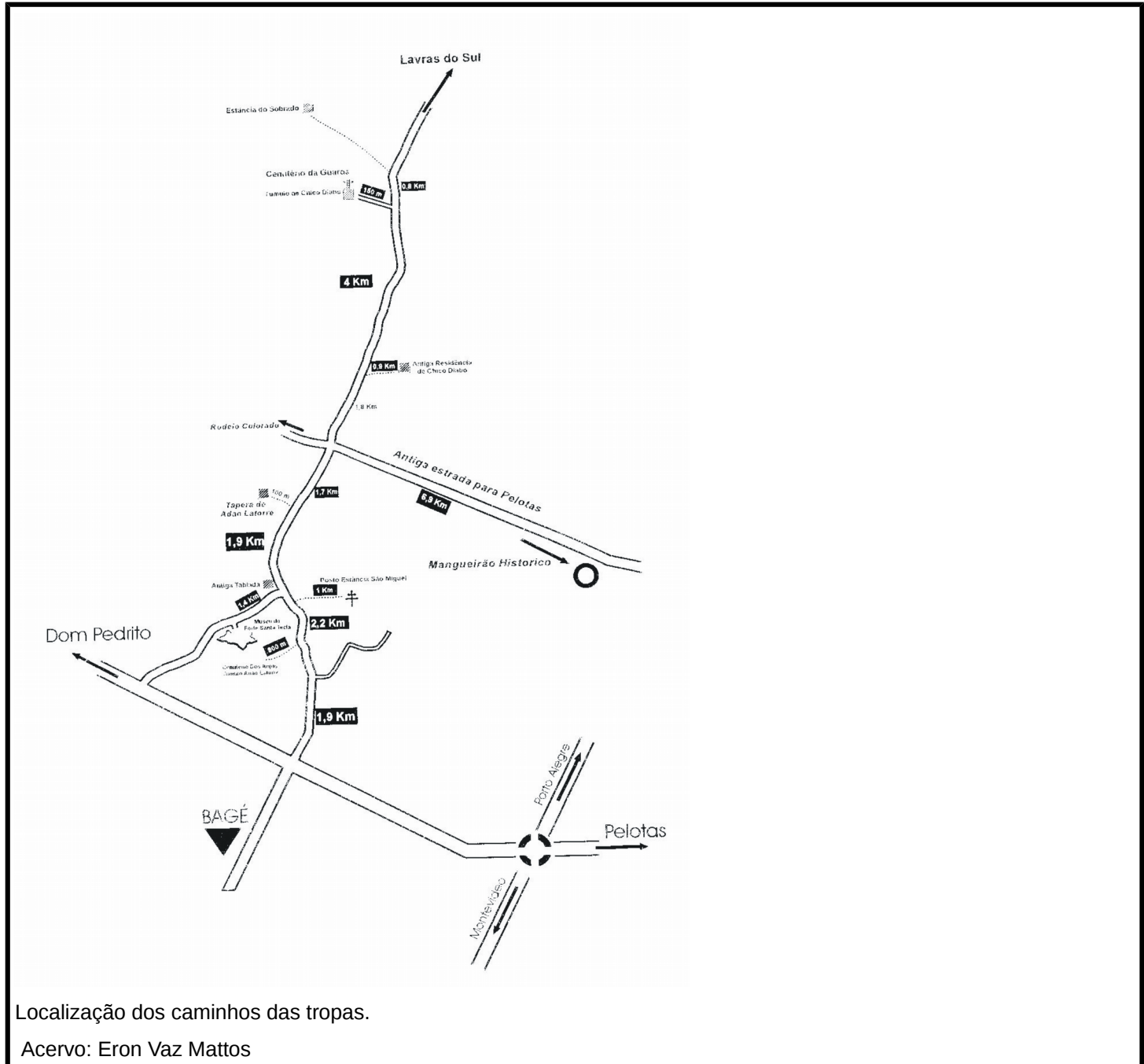
Não há

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Lidas Campeiras - Pastoreio	F60-1
Lidas Caseiras	F60-2
Lidas Campeiras - Esquila	F60-3
Lidas Campeiras - Doma	F60-4
Lidas Campeiras – Ofício de guasqueiro	F60-5
Lidas Campeiras - Aramado	F60-6

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini</p>	<p>2013</p>	<p>F60</p>	<p>7</p>
---	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7
--	----	-----------------------------	--	------	-----	---

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

Não há

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Não há

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

F1 – A2 – 1. 497, 498, 1051 a 1060, 1068, 1069, 1077 a 1082, 1084 a 1087, 1359, 1364, 1365.

16. OBSERVAÇÕES

16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Ver ficha F10-1, item 9.2.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

OFÍCIO DO CARRETEIRO – Os carreteiros eram os comerciantes que transportavam e vendiam víveres pelo interior do Rio Grande do Sul. Por vezes acompanhavam as tropeadas pelos Caminhos das Tropas. Eram conduzidas pelo carreteiro e contavam com a força de tração de juntas de bois que variavam em quantidade: tem-se notícias de carretas puxadas por seis, oito e até doze parelhas de bois. Há documentos que informam a presença da carreta no Rio Grande do Sul em 1781 (LESSA, 1986); em Bagé, MATTOS (2003) aponta para as carretas cruzando o interior do município por volta do ano 1970. Os produtos transportados pelos carreteiros eram variados: desde gêneros alimentícios até peças de vestuários, panelas, e outros utilitários (LESSA, 1986; MATTOS, 2003).

OFÍCIO DO AÇUDEIRO - atividade que integrava a Lida campeira, executada pelo açudeiro, que consistia na construção de açude. O Açude era construído na várzea, utilizando-se das depressões naturais do terreno, depois do local demarcado, a terra era escavada com um arado puxado por junta de boi. As leivas de pasto eram retiradas com a mariposa também puxada por junta de boi – um, duas ou três juntas de boi -, o pasto e o barro serviam de alicerce para a construção das taipas. Na medida em que a caixa do açude era escavada, a terra era carregada na mariposa e depositada sobre a taipa. Esta ferramenta de trabalho também servia para socar e emparelhar a terra usada na construção da taipa, esta terra era igualmente socada pelos cascos de boi. Avaliada a fundura da caixa do açude e a Estrutura da taipa, o açudeiro decidia onde seria o sangrador, ladrão ou vertedor, por onde escoaria o excesso de Água acumulada. O sangrador era aberto com uso da pá. (MATTOS, 2003).

O objetivo do açude é fornecer água para os animais, em locais em que não há a presença de arroios, sangas ou outros cursos d'água, ou em regiões com problemas de estiagem.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	RS	Região de Bagé/RS e entorno	Arroio Grande, Aceguá, Pelotas, Hulha Negra, Herval, Bagé e Piratini	2013	F60	7

OFÍCIO DO FERREIRO - O ofício de ferreiro caracteriza-se pelo trabalho na confecção de ferros. No processo, o ferro é aquecido numa fornalha ou forja e logo após é moldado com um martelo na bigorna. Após estar confeccionado o artefato da marca, do sinal, ou da ferradura é mergulhado em água fria ou óleo para ganhar as qualidades desejadas.

OFÍCIO DO CANTAREIRO – Artesão que trabalha com pedras na construção ou restauro de mangueiras, cercas, casas, galpões erguidos com essa matéria-prima. O trabalho do cantareiro inicia com a busca das pedras no leito de arroios e sangas e em pedreiras escondidas nas coxilhas dos campos¹. Para essa busca é necessário todo um saber, da extração das pedras em sua jazida, da forma de transporte utilizando alavancas e o próprio corpo, do trabalho nas rochas. Além da exigência das técnicas, é preciso força física para lidar com as pedras. É um ofício herdado de pai para filho e é raro atualmente; nas localidades inventariadas há informação sobre esse ofício ainda vigente em Herval e, também, na localidade de Capão do Leão, emancipado do município de Pelotas em 1982.

¹ GONÇALVES, Jussemar Weiis; FERREIRA, Letícia de Faria. O pampa, o cavalo, a pedra e o trabalho. Curitiba: IX Reunião de Antropologia do Mercosul, 2011. (Artigo apresentado no GT 15: Antropologia do Trabalho e Memória dos Trabalhadores).

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Havia a existência de vários caminhos de tropas dentro do Rio Grande do Sul e entre este estado e outros locais do Brasil, Uruguai e Argentina. Esses caminhos faziam a comunicação entre diferentes locais de criação e abate dos animais, além de serem as vias de comércio por onde os carreteiros passavam com seus produtos. Assim, nas épocas em que as informações não chegavam de forma tão rápida como ocorre atualmente, esses caminhos propiciavam a formação de uma rede de comunicações.

Cabe informar que o tropeirismo é uma atividade essencialmente masculina, ainda que em alguns casos, principalmente em curtas distâncias, ocorra a presença de mulheres nessa lida.

O galpão é, em geral, o local de pouso dos tropeiros. Se o galpão não fosse cedido pelos proprietários, os tropeiros costumavam fazer acampamentos junto às mangueiras em que o rebanho ficaria encerrado, ou nos poteiros onde pernoitaria. Há relatos sobre a resistência, nos dias de hoje, dos proprietários cederem pouso às tropas. É possível que essa resistência ocorra em função dos roubos de gado e pelo abigeato praticado nas propriedades rurais.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q60 – 19, 24 e 26.		
PESQUISADOR(ES)	Flávia Rieth, Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Marta Bonow Rodrigues, Pablo Dobke e Daniel Vaz Lima.		
SUPERVISOR	Flávia Rieth, Liza Bilhalva Martins da Silva e Marília Floôr Kosby.		
REDATOR	Marta Bonow Rodrigues.	DATA	17/04/2013
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Flávia Rieth		

<p align="center">INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS</p> <p align="center">FICHA DE IDENTIFICAÇÃO</p> <p align="center">CELEBRAÇÕES</p>		CÓDIGO DA FICHA			
		RS	Região de Bagé/RS e entorno	BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS	2013
UF	sítio..	Loc	ANO	FICHA	NO.

LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Região de Bagé/RS e entorno (Pampa Sul-Rio-Grandense, Antigos Caminhos das Tropas)
LOCALIDADE	Em todas as localidades inventariadas obtivemos relatos de festas de marcação, mas o trabalho de campo etnográfico foi feito em Arroio Grande (Localidade da Palma).
MUNICÍPIO / UF	Arroio Grande/RS

1. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Marcação		
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Jerra / Yerra		
CONDIÇÃO ATUAL	<input checked="" type="checkbox"/> VIGENTE / ÍNTEGRO	<input checked="" type="checkbox"/> MEMÓRIA	<input type="checkbox"/> RUÍNA

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	RS	Região de Bagé/RS e entorno	BAGÉ/RS,	2013	F20	2
			ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS			



Foto 1. Terneiro lançado, prestes a ser imobilizado, marcado, capado e assinalado. Arroio Grande, RS



Foto 2. Terneiro sendo assinalado e marcado. Arroio Grande, RS



Foto 3. Castração de terneiro. Arroio Grande, RS.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	RS	Região de Bagé/RS e entorno	BAGÉ/RS,	2013	F20	2
			ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS			



Foto 4. Testículo dos terneiros castrados assando nas brasas que aquecem o ferro de marcar. Arroio Grande, RS.



Foto 5. Churrasco para a festa da Marcação. Arroio Grande, RS.

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES</p>	<p>RS</p>	<p>Região de Bagé/RS e entorno</p>	<p>BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS</p>	<p>2013</p>	<p>F20</p>	<p>2</p>
--	-----------	------------------------------------	---	-------------	------------	----------

3. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

As marcações são referências quase que unânimes nas memórias e narrativas sobre sociabilidade na chamada vida campeira, universo de homens, mulheres, animais, paisagem e utensílios envolvidos na pecuária extensiva do pampa sul-rio-grandense. As “marcações” são festas anuais nas quais ocorrem a castração dos terneiros (bovinos jovens) que são apartados dos machos escolhidos para reprodutores, a assinalação (corte de parte da orelha do bicho) e aplicação com ferro quente, da marca do proprietário no couro dos terneiros e terneiras. São esses eventos uma celebração do rebanho, da estância e de seu dono, um rito cuja expressividade, não se refere apenas ao volume de gado, mas à possibilidade de atualizar as relações com aquilo que é tido como tradição na vida campeira, mais especificamente, na construção da pessoa do gaúcho.

Comparecem amigos, familiares e vizinhos da propriedade rural, trabalhadores e patrões. Em alguns casos, mulheres participam, geralmente acolhendo as famílias convidadas e administrando a festa, na qual a comida principal é o churrasco de carne bovina e/ou ovina – se o dono da festa mandar carnear uma ou mais vacas para assar durante a marcação, isso é sinal de fartura e celebração, pois carnear ovelhas é um ato de consumo cotidiano e mais trivial.

Quando os terneiros são colocados, um por um, para dentro da mangueira, os homens mais velhos encenam aos mais jovens como se atira o laço, como se assinala, como se “capa” ou “faz o serviço” (castra). Aos mais novos é permitido pealar (laçar o animal pelas mãos para derrubá-los), imobilizar os bichos e comer os testículos destes. No mesmo fogo em que as marcas aquecem são jogados os testículos recém extraídos dos terneiros, a carne gordurosa e suculenta não chega a assar e é disputada para ser comida quente, acompanhada de cachaça.

Durante o serviço, que é um híbrido de trabalho e brincadeira, debocha-se daqueles que têm pouca habilidade com o laço e não são ágeis nem fortes o suficiente para segurar os animais enquanto estes são castrados, cortados e marcados. Da mesma forma, desdenha-se e fazem-se chacotas dos terneiros fracos, que “não valem a pena” do esforço de serem derrubados e imobilizados.

Embora atualize relações ontológicas para aqueles homens cujo manejo com os bovinos é um eixo fundamental na sua formação, a grande maioria dos participantes da marcação já não reside mais no campo. No mesmo sentido, enfraquece-se o sentido utilitário de marcar o rebanho para assegurar a propriedade da terra e dos animais, visto o fracionamento das propriedades e o cercamento das mesmas.

A jerra - *yerra*, como a marcação é chamada no Uruguai e na Argentina, encerra, portanto, rituais de iniciação de homens e animais na vida campeira, e é abordada pelo Inventário Nacional de Referências Culturais – Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS, que visa o levantamento preliminar, e as consecutivas documentação e divulgação de dados bibliográficos e etnográficos sobre as relações envolvidas na produção pecuária no pampa sul-rio-grandense.

As marcações como descritas acima são eventos cada vez mais raros, eram muito comuns até 20 atrás. Atualmente, ainda se realizam marcações, mas estes eventos têm um caráter mais simbólico do que prático, sendo uma celebração do rebanho e de seu dono. Afirma-se isso, pois já existem utensílios que tornam a prática mais rápida e menos insalubre. Os animais são colocados em mangueiras de madeira ou arame, encaminhados para um tronco, onde são imobilizados pelo pescoço, assinalados com um corte na orelha (feito com o assinalador, uma espécie de alicate com as bordas afiadas contendo um desenho específico – em formato de “v”, flor, círculo, etc), e castrados com bisturi em lugar da faca (com prévia limpeza da região e com a ligadura, com fio, dos canais e vasos sanguíneos para evitar o sangramento) ou com um instrumento chamado “bordizo” (*Burdizzo*), espécie de alicate sem fio, que faz um corte interno nos canais de transporte do sêmen, acima dos testículos dos animais, esterilizando-os.

Não obstante, é importante ressaltar que o uso de práticas tidas como tradicionais também pode ocorrer de forma conjugada com os utensílios e a logística mais atualizada.

Atualmente, o caráter utilitário de marcar, capar e assinalar os animais tem se sobressaído em relação à festa. Além do esvaziamento do campo, o envelhecimento da população e a escassez de mão-de-obra residente nas propriedades rurais, contribuem para que o serviço da marcação seja feito da forma mais prática possível. Há relatos de *jerras* em que o serviço é feito pelo proprietário e alguns empregados, a marca é aquecida em fogo a gás, ou a macra pode ser com produto químico, a frio, e a castração é feita com *bordizo*.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	RS	Região de Bagé/RS e entorno	BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS	2013	F20	2
-------------------------------------	----	-----------------------------	--	------	-----	---

4. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO

4.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

A marcação ocorre na propriedade rural. O serviço da marcação, ou seja, a castração, a assinalação e a marcação com ferro quente, acontecem dentro das mangueiras, espaços circulares ou retangulares, cercados com aramado ou com cercas de madeira. A festa ocorre mais próxima à sede da propriedade, onde também é assado o churrasco, que pode ser feito em churrasqueira ou fogo de chão. Comparecem amigos, familiares e vizinhos da propriedade rural, trabalhadores e patrões. Em alguns casos, mulheres participam, geralmente acolhendo as famílias convidadas e administrando a festa, na qual a comida principal é o churrasco de carne bovina e/ou ovina – se o dono da festa mandar carnear uma ou mais vacas para assar durante a marcação, isso é sinal de fartura e celebração, pois carnear ovelhas é um ato de consumo cotidiano e mais trivial. O caráter festivo está cada vez mais raro, sendo priorizada a praticidade e utilidade dos serviços de marcar, castrar e assinalar os terneiros.

Quando se realizam as festas de marcações, estes eventos têm um caráter mais simbólico do que prático, sendo uma celebração do rebanho e de seu dono. Afirma-se isso, pois já existem utensílios que tornam a prática mais rápida e menos insalubre. Os animais são colocados em mangueiras de madeira ou arame, encaminhados para um tronco, onde são imobilizados pelo pescoço, assinalados com um corte na orelha (feito com uma espécie de tesoura), e castrados com um instrumento chamado “bordizo”, espécie de alicate sem fio, que faz um corte interno nos genitais dos animais, esterilizando-os.

Não obstante, é importante ressaltar que o uso de práticas tidas como tradicionais também pode ocorrer de forma conjugada com os utensílios e a logística mais atualizada.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	RS	Região de Bagé/RS e entorno	BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS	2013	F20	2
-------------------------------------	----	-----------------------------	--	------	-----	---

4.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

PROPRIEDADE RURAL DE CRIAÇÃO DE REBANHOS

A estância ou fazenda, no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural associado às atividades de criação de gado bovino, ovino e equino. Uma explicação recorrente para sua origem remete às Missões Jesuíticas: os padres transferiam os povoados de acordo com as exigências políticas – tratados entre as coroas portuguesa e espanhola -, deixando o gado bovino para trás (RAHMEIER, 2007). Esses animais multiplicavam-se nos campos e eram, posteriormente, incorporados aos domínios rurais de proprietários portugueses (RAHMEIER, 2007). Apesar de, em sua origem, a estância está ligada a qualquer espaço rural ocupado por criações e também por agricultura, em meados do século XIX passou a indicar as grandes extensões de campos destinados à produção de gado, com a presença de mão-de-obra escrava ou assalariada e com uma arquitetura contando com sede (casa do proprietário) e outras construções vinculadas à atividade criatória (RAHMEIER, 2007; LUCCAS, 1997). Em geral, nessa nova configuração do espaço não há agricultura em grandes áreas e, quando há, não será a base econômica principal. Dessa forma, propriedades menores anteriormente também chamadas de estâncias, em que há consórcio de várias espécies de produtos agrícolas e a criação de animais em uma escala menor, paulatinamente passam a não fazerem parte dessa classificação popular. São conhecidas por chácaras – nome de origem “indígena” que significa plantação (SAINT-HILAIRE, 1987) ou por designações locais, utilizadas até a atualidade, como “campo” e “sítio”. A estância atual corresponde a grandes extensões de terras e é formada, comumente, pela casa do proprietário, pelo galpão (local onde se mantém os materiais de uso cotidiano, além de ser o lugar de convivência dos peões), pela casa do capataz ou caseiro (quem administra a estância), pelos currais (mangueiras, brete, banheiro para gado – locais de manuseio dos animais), e pelos poteiros, piquetes ou internadas (campos divididos por cercas destinados à criação e engorde do gado). Pequenas propriedades são capazes de contar com essa mesma configuração, porém, devido ao seu tamanho podem não ser consideradas como estâncias.

RANCHO

Os ranchos são moradias construídas com torrão de barro ou pau-a-pique. A madeira, o capim santa-fé e a taquara (tipo de bambu) eram cortados na lua minguante e as leivas (ou torrões) retiradas da beira das várzeas. Construída a armação de taquara ou madeira de mato, projetadas as portas e janelas (sem vidros) as paredes eram preenchidas com os torrões de barro e, normalmente, apresentava uma espessura aproximada de 50 cm. A armação do telhado, chamada tesoura, sustentava as quinchas – camadas superpostas de capim santa-fé para a cobertura que, muitas vezes são dissimuladas pela técnica de aparar as pontas do capim (LESSA, 1986; VAZ MATTOS, 2003). O chão é de terra batida e podem haver uma ou duas divisões em seu interior, com couros ou cortinas de tecidos desempenhando a função de portas. Em média, a moradia é construída com 6 metros de frente por 4 metros de fundos e seu pé direito não ultrapassa os 2 metros de altura (LESSA, 1986). Os ranchos foram as primeiras moradias das estâncias; ainda que os proprietários fossem abastados, até fins do século XVIII e início do XIX, não havia, em larga escala, matéria-prima e mão-de-obra para a construção de casas de tijolos e telhas, portanto predominavam as habitações de pau-a-pique, barro e santa-fé na paisagem pampeana (ISABELLE, 1983; LESSA, 1986; LUCCAS, 1997; SAINT-HILAIRE, 1978).

MANGUEIRA DE PEDRA

As mangueiras, currais ou encerras são grandes construções circulares de paredes altas confeccionadas com pedras ou, onde era escasso esse material, com pau-a-pique, árvores ou, ainda, eram feitas com valas no chão. Não há comprovação da origem histórica dessas edificações, porém sabe-se que eram utilizadas pelos tropeiros (homens que levam o gado de um local a outro) para o descanso e a guarda dos animais. Dessa forma, os tropeiros poderiam repousar sem a necessidade de “fazer ronda” (vigiar os animais). Acredita-se que as mangueiras não eram usadas para prender o gado com fins de manuseio como curar, medicar, contar e marcar. Esses serviços eram, em geral, feitos nos rodeios, atividade que consiste em juntar os animais no campo, somente com o auxílio do cavalo, sem o uso de cercas ou similares. O formato circular da mangueira propõe-se a evitar arestas ou cantos que poderiam levar o animal a se “embretar”, ficando sem saída e atirando-se contra as paredes (JACQUES, 2008). A entrada da mangueira é chamada de porteira. Nela eram colocadas duas “tronqueiras”, que são objetos verticais de pedra ou madeira postos um em frente ao outro com perfurações em que eram encaixadas e dispostas varas (madeiras retas) atravessando a porteira evitando a fuga dos animais. Essas construções são bastante encontradas nas rotas ou Caminhos das Tropas que iam em direção às antigas charqueadas e, posteriormente, aos matadouros e frigoríficos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	RS	Região de Bagé/RS e entorno	BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS	2013	F20	2
-------------------------------------	----	-----------------------------------	--	------	-----	---

4.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO

O espaço da marcação é o espaço das mangueiras, onde geralmente se lida mais diretamente com os rebanhos, quando se quer proceder com um número maior de animais. Nos relatos a respeito de tempos pregressos, até finais do séc. XIX, as marcações aconteciam campo afora, nos chamados rodeios, onde o gado se territorializava, se reunia, já que os aramados eram raros, assim como os bretes. Utilizava-se laço para derrubar os animais, como ainda hoje, dentro das mangueiras, se usa. O uso das marcas no gado, além de determinar a posse dos rebanhos, também determinava ou demonstrava o interesse pela posse do território onde o rebanho se encontrava, já que, segundo Minga Blanco, o gado possui noções de territorialização. Quando dentre os convidados para a marcação estão mulheres e crianças, estas se reúnem em volta da casa da propriedade, onde é preparada a festa. Algumas mulheres e crianças assistem o processo de marcar, castrar e assinalar os terneiro, mas são minoria.

5. TEMPO

DATA	<input type="checkbox"/> DATA FIXA: <input checked="" type="checkbox"/> DATA MÓVEL: EM GERAL EM FINS DO INVERNO E COMEÇO DA PRIMAVERA.										
DURAÇÃO	UM DIA. DOIS, NO MÁXIMO.										
PERIODICIDADE	<input checked="" type="checkbox"/> ANUAL <input type="checkbox"/> OUTRA										
OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2001											
2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

6. HISTÓRIA

6.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

A marcação tem origem com o estabelecimento das estâncias e a necessidade de demarcação da posse de terras e de rebanhos. Com a formação dos rebanhos de criação de gado bovino e o estabelecimento do mercado de carne, a seleção de reprodutores se faz necessária, como medida de melhoramento genético das raças ou espécimes. Além disso, os machos castrados, por não estarem em “serviço de cobertura”, tendem a ganhar mais peso em um espaço de tempo menor, sendo abatidos mais precocemente. Aliados aos fatores utilitários, a questão simbólica de celebrar o rebanho e a propriedade são aspectos atualizados na festa, na reunião de parentes e vizinhos, no sentido de fazer com que o vínculo de propriedade com a terra e os animais não exclua a possibilidade de boas relações entre lindeiros. A marcação se estabelece num contexto de constante disputa e conflito por demarcação de fronteiras. Há relatos, em diário de campo, da latente animosidade entre vizinhos de propriedades rurais.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	RS	Região de Bagé/RS e entorno	BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS	2013	F20	2
-------------------------------------	----	-----------------------------------	--	------	-----	---

6.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	RS	Região de Bagé/RS e entorno	BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS	2013	F20	2
-------------------------------------	----	-----------------------------	--	------	-----	---

Sobre as transformações na marcação, Netinho Albuquerque diz:

“Uma coisa que existia, que era muito forte aqui, a questão da marcação, que era uma questão tradicional no período de setembro, onde todas as propriedades faziam as marcações dos animais. Hoje as coisas já estão mudando, esses processos já são mais pontuais, já são feitos os processos durante quase todo o ano, não tem aquela festança que existia na época; antes se reunia os vizinhos, as pessoas vinham de longe, era um dia de festa, a marcação era um dia de festa as propriedades eram muito maiores, hoje as propriedades estão praticamente subdivididas, não existem grandes estâncias; hoje existem algumas propriedades grandes, porque empresários novos se tornaram grandes, mas é que as grandes estâncias do passado hoje estão todas elas dividida, houve uma reforma agrária indireta na verdade.”

O pai do entrevistado contratava um castrador especialista, mas também fazia tal serviço, com sua faca especial. Netinho era o marcador, quem usava o ferro em brasa para marcar o couro dos animais. Depois do falecimento de seu pai, o serviço de marcar é feito de forma menos manual, e mais mecanizada e esterilizada, na propriedade de Netinho. Não há mais a grande mobilização de outrora.

Na versão chamada de “tradicional” das marcações, os homens mais jovens ou empregados pealam (laçam e derrubam o animal pelas mãos) e imobilizam os terneiros. O proprietário, geralmente o mais velho dos homens que participam, castra e assiná-la os animais com uma faca especial. Outro homem mais jovem, geralmente o possível herdeiro do rebanho, faz a marcação com ferro quente. Os demais homens auxiliam na desinfecção dos sangramentos dos animais, bem como, cuidam das brasas onde as marcas devem permanecer muito quentes, e onde se assam os testículos decepados.

No mesmo sentido, Sônia Carlota relata: *“Agora já não tem muito aquelas grandes coisas de marcação estão fazendo mais é no brete mesmo aquela coisa de laçar campo a fora já tem poucos que fazem já estão terminando com isso aí, já foi mais tradição agora já estão fazendo no brete pra fazer mais ligeiro, o mundo ta correndo sabe? Tudo correndo, tudo corre, tudo anda, tudo voa, a gente não tem tempo pra nada como diz o outro né então, a gente pra fazer mais rápido, mais ligeiro, então bota no brete e já sai prontinho bota no tronco marca o sinal e já sai prontinho, ai até largam pra laçar mas já esta pronto o serviço, de primeiro tiravam pra laçar se perdiam, aqueles tinham que sair atrás pra pegar, correr laçar pegar derrubar agora não precisa se não laçou deixa ir embora já esta pronto mesmo. Não tem mais aquela farra que ai não precisa, tem um vizinho aqui que faz porque eles tem bastante ainda e faz marcação. Tem o sogro da minha filha que faz também mas não aqui numa estância que eles arrendam.”*

BOTANDO UM PEALO

(Gujo Teixeira e [Luiz Marengo](#))

Um pampa-brazino mocho
Ganhou o mundo da porteira
Levantou terra por touro
E disparo na mangueira.
Eu ajeitava minha armada
Quatro rodilhas e um destino
Um doze braças, de oito
De couro de um boi salino.

Zunio o vento no céu...
Bateram bombos na terra...
Era um encontro ao acaso
Era um combate de guerra.
Cruzou o pampa-brazino
Meu laço seguiu seu rastro
“Tava” com fome de um pealo
Pois foi lambendo o pasto.

O pampa juntou as mãos

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	RS	Região de Bagé/RS e entorno	BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS	2013	F20	2
-------------------------------------	----	-----------------------------	--	------	-----	---

Pois quando boto um pealo
 Meu tirador nem faz conta
 “Quadro” o corpo e só escuto
 O estouro na outra ponta.
 Deixo assim, que se estenda
 Depois que espiche meu laço
 Que eu ainda me governo
 Seja com jeito, ou no braço.

Logo se vem o capataz
 Com a peonada apertando
 Firma a cabeça e coleia
 Por que a marca vem queimando.
 E a faca no serviço
 Por bem afiada se guia
 E deixa um risco de sangue
 Coloreando na "viria".

Depois foi um, e mais outro
 Serviço de tarde inteira
 Era um buraco no chão
 Na saída da porteira.
 Pra resumir essa história
 Vou lhes contar como foi:
 Quando caia era touro
 Depois do pealo era boi...

6.3. CRONOLOGIA	
DATA	DESCRIÇÃO
Séc. XVII - 1626	Fundação dos Sete Povos das Missões.
Séc. XVII até princípio do XIX	Caça ao gado selvagem no pampa para retirada do couro.
Início séc. XVIII	Concessão de sesmarias; ocupação do Rio Grande do Sul
Séc. XVIII - 1703	Primeiro caminho de tropas oficial: “Caminho da Praia” – ligava Colônia do Sacramento à Laguna
Séc. XVIII - 1728	Segundo caminho de tropas oficial: “Caminho dos Conventos” ou “Caminho de Sousa Farias” – ligava Araranguá, passando pelos Caminhos de Cima da Serra até Curitiba
Séc. XVIII - 1730	Terceiro caminho de tropas oficial: “Caminho das Tropas – origem em Viamão, passando pelos Campos das Vacarias, pelo rio Pelotas, Campos de Lages, Campos Curitibanos, rio Negro, rio Iguaçu, Campos Gerais de Curitiba, chegando em Sorocaba.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	RS	Região de Bagé/RS e entorno	BAGÉ/RS,	2013	F20	2
			ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS			

Séc. XVIII - 1750	Tratado de Madri.
Séc. XVIII	Consumo dos produtos da pecuária em razão do ciclo minerador nas Gerais.
Séc. XVIII – 1809	Primeira divisão administrativa da Província de São Pedro: Rio Pardo, Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre.
Séc. XVIII e XIX	Instalação das estâncias e de charqueadas em Pelotas e Bagé.
Séc. XIX	Introdução do arame para cercamento das propriedades.
Séc. XIX (final) – Séc. XX (início)	Instalação dos primeiros frigoríficos
Séc. XX	Investimento no melhoramento genético dos rebanhos, incremento na importação e exportação da carne bovina.
Séc. XX	Criação de associações e cooperativas de criadores de bovinos, equinos e ovinos, entre outros.
Séc. XX	Introdução do transporte de rebanhos por caminhões.
Séc. XX	Instalação de consórcio pecuária-agricultura de forma mais intensa.
Séc. XX – década de 1950	Fechamento da última charqueada em Bagé
Séc. XX – década de 1960	Introdução do Pastoreio rotativo científico “Voisin”
Séc. XX	Instalação de centros de doma e treinamento de cavalos nos núcleos urbanos
Séc. XX	Instauração de cursos para aprimoramento dos trabalhadores rurais em instituições privadas e públicas municipais, estaduais e federais, como sindicatos rurais, associações de criadores, EMBRAPA, etc.

7. ATIVIDADE

7.1. PROGRAMAÇÃO	
ETAPA	ATIVIDADE
Preparação (dia anterior)	Carneada e preparação da festa
Serviço (manhã)	Marcar, “capar” e assinalar os terneiros na mangueira

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	RS	Região de Bagé/RS e entorno	BAGÉ/RS,	2013	F20	2
			ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS			

Comensalidade (meio-dia)	Confraternização em volta do churrasco e da casa.
--------------------------	---

7.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	FUNÇÃO
PEALADOR	Laçar o animal pelas “mãos” (patas dianteiras) para derrubá-lo e imobilizá-lo.
CASTRADOR	Castrar (esterilizar para reprodução) o terneiro, extraíndo, através de corte no saco escrotal, os testículos.
MARCADOR	Marcar com ferro em brasa o “quarto” (parte superior externa do membro posterior) do terneiro. A marca é aplicada sempre no quarto esquerdo e a queimadura, após cicatrizada, permanece no couro, identificando a origem do animal. A marca de cada propriedade é exclusiva e registrada na Secretaria da Agricultura nas Prefeituras.
ASSINALADOR	Assinalar a orelha do terneiro. O sinal não é exclusivo de cada propriedade, mas, juntando-se a marca no quarto com o sinal, é possível identificar a quem o animal pertence. Isso é feito porque o terneiro pode passar por vários proprietários. Em geral, ainda que isso não seja uma regra, a marca a ferro é aplicada apenas pelo primeiro proprietário, enquanto as orelhas do animal podem apresentar mais de um sinal. O sinal também pode diferenciar os donos do gado quando o estabelecimento pertence a mais de um proprietário.

7.3. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Mangueiras. Cercas de arame ou madeira onde os animais ficam presos durante os processos de vacinação, cura, banho, castração e demais atividades de cuidado.
QUEM PROVÊ	O produtor compra o material com seus recursos próprios. Sua fabricação e manutenção também podem ficar por conta de alamedores ou empregados aptos para tais serviços.
FUNÇÃO	Evitar que os animais se dispersem pelo campo antes de serem manejados.
DESCRIÇÃO	Brete. Corredor de madeira por onde os animais passam para serem tratados, ou para serem presos no tronco.
QUEM PROVÊ	O produtor compra o material com seus recursos próprios. Disponível no mercado.
FUNÇÃO	Individualizar o tratamento dos animais, colocando-os enfileirados, um atrás do outro, sem que possam se deslocar.
DESCRIÇÃO	Tronco. Espécie de guilhotina na vertical, localizada no extremo de um corredor da mangueira. É formado por duas placas de madeira, com sinuosidades que formam um espaço oval onde é encaixado o pescoço do animal. Há um espaço na altura de um animal adulto e outro na altura de terneiros. O tronco é controlado por uma alavanca do lado externo da mangueira. Existem, atualmente, troncos mecanizados.
QUEM PROVÊ	O produtor compra o material com seus recursos próprios.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	RS	Região de Bagé/RS e entorno	BAGÉ/RS,	2013	F20	2
			ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS			

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Evitar que o animal dispare ou machuque alguém enquanto é tratado.
-----------------------------	--

7.4. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO:	
DESCRIÇÃO	Laço. Corda trançada, feita de couro, nylon ou outros materiais, com uma argola de metal em uma das extremidades. A outra extremidade passa por dentro da argola, formando um anel com acorda, que é girada no ar, jogada sobre o animal, e esticada quando enlaçando este, até derrubá-lo. O laço é um instrumento manual, que pode ser usado pelo homem montando cavalo, bem como, no chão, quando em espaços cercados.
QUEM PROVÊ	O produtor compra o material com seus recursos próprios. Ou o trabalhador confecciona seu próprio laço, segundo técnicas de trabalho com corda (couro cru).
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Imobilizar o animal.
DISPONIBILIDADE	Disponível nas lojas de correaria, de produtos agropecuários e com guasqueiros.
DESCRIÇÃO	Faca pequena de prata
QUEM PROVÊ	Pode ser herdada. O proprietário provê.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	É utilizada tradicionalmente com o intuito exclusivo de castrar os animais durante as marcações. Seu uso exclusivo e cuidado especial, tinha como objetivo evitar a ocorrência de infecções nos animais. O fato de ser pequena evita acidentes, quando o animal esperneia.
DISPONIBILIDADE	Disponíveis com ferreiros ou em lojas de artigos agropecuários.
DESCRIÇÃO	Bordizo (em espanhol). Alicate de metal sem fio, com cerca de 70 cm de comprimento.
QUEM PROVÊ	O proprietário.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Castrar os machos sem precisar cortar os testículos.
DISPONIBILIDADE	Em lojas de artigos agropecuários.
DESCRIÇÃO	Marca de ferro para marcação a quente ou a frio.
QUEM PROVÊ	O proprietário.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Marcar o couro do animal.
DISPONIBILIDADE	Em lojas de artigos agropecuários ou diretamente com ferreiros – artesãos.
DESCRIÇÃO	Assinalador.
QUEM PROVÊ	O proprietário.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	RS	Região de Bagé/RS e entorno	BAGÉ/RS,	2013	F20	2
			ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS			

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Assinalar a orelha do terneiro, como forma de auxiliar em sua identificação.
DISPONIBILIDADE	Em lojas de artigos agropecuários.

7.5. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Carne de ovinos e bovinos, mate, cerveja e cachaça.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Alimentação e sociabilidade

7.6. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
NÃO HÁ	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

7.7. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	A Pilcha é a vestimenta utilizada pelos homens campeiros. Compõe a pilcha: botas (calçado próprio para andar a cavalo, feito de couro, que envolve o pé e a perna), bombacha (calças presas por botões no tornozelo), lenço (feito de tecido e geralmente utilizado amarrado ao pescoço), alpargata, chapéu (feito de couro ou feltro);. é <i>pilcha</i> todo objeto de valor ou adorno que faz parte da montaria do gaúcho
QUEM PROVÊ	Proprietário rural e peão campeiro
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Vestimenta
DESCRIÇÃO	TIRADOR - Tipo de "avental" de couro, usado sobre a perna do pealador ou laçador, preso na cintura. Em geral, o tirador fica sobre a perna que corresponde ao braço que o pealador usa para trabalhar com o laço: se o pealador é destro, o tirador fica sobre a perna direita, se é canhoto, sobre a perna esquerda, porém isso nem sempre é regra.
QUEM PROVÊ	Proprietário rural e peão campeiro
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Proteger a perna do laçador contra o atrito do laço no exato momento seguinte em que o animal foi pego. Com o laço nas mãos ou guampas da rês, é preciso que se "firme" o laço, e isso é feito calçando-o na parte superior na perna do laçador.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	RS	Região de Bagé/RS e entorno	BAGÉ/RS,	2013	F20	2
			ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS			

7.8. DANÇAS

NÃO HÁ

DESCRIÇÃO	
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

7.9. MÚSICAS E ORAÇÕES

Não há

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

7.10. INSTRUMENTOS MUSICAIS

Não há

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

7.11. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
Proprietários, empregados e alguns convidados	Quando acontece de a marcação durar mais de um dia, à noite come-se mais carne e bebe-se bastante.
Empregados e/ou proprietários	Levar os terneiros para o campo e limpar o local da festa.
Empregados	Nos dias que se seguem à marcação, a recuperação dos animais castrados é acompanhada para

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	RS	Região de Bagé/RS e entorno	BAGÉ/RS, ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS	2013	F20	2

e/ou proprietários	que não ocorram enfermidades decorrentes do procedimento; medicamentos podem ser aplicados, feridas curadas. Para esse cuidado, normalmente os animais são deixados para pastoreio em poteiros próximos às casas.
--------------------	---

8. PÚBLICO

DESCRIÇÃO
Comparecem amigos, familiares e vizinhos da propriedade rural, trabalhadores e patrões. Em alguns casos, mulheres participam, geralmente acolhendo as famílias convidadas e administrando a festa.

9. BENS ASSOCIADOS:

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Lidas Campeiras - Tropeada	F60 - 5
Lidas Campeiras - Doma	F60 - 4
Lidas Campeiras - Ofício do Guasqueiro	F60 - 7
Lidas Campeiras - Esquila	F60 - 3
Lidas Campeiras - Aramado	F60 - 6
Lidas Caseiras	F60 - 2
Lidas Campeiras - Pastoreio	F60 - 1

10. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Não há

11. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

11.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL
Não há

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	RS	Região de Bagé/RS e entorno	BAGÉ/RS,	2013	F20	2
			ARROIO GRANDE/RS, HERVAL/RS, ACEGUÁ/RS, HULHA NEGRA/RS, PELOTAS/RS, PIRATINI/RS			

11.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Não há

11.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Consultar Anexos: Audiovisuais (F1-A2-42 a 50)

12. OBSERVAÇÕES**12.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

As marcações merecem estudo mais aprofundado sobre a construção da pessoa do gaúcho.

12.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Idem ao item 9 desta ficha.

12.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não há

13. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Ficha preenchida a partir de observação etnográfica do evento.	
PESQUISADOR(ES)	Marília Kosby, Flávia Rieth, Rafael Arnoni e Marta Bonow Rodrigues	
SUPERVISOR	Flávia Maria Silva Rieth e Marília Kosby	
REDATOR	Marília Kosby, Rafael Arnoni e Marta Bonow Rodrigues	DATA Abril de 2013
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Flávia Maria Silva Rieth	